Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Educação

Jonathan Douglas Pereira

"A primeira cousa que se deve ler depois das escripturas": A dimensão pedagógica de O Jornal Baptista (1901-1905)

Rio de Janeiro
2016

Jonathan Douglas Pereira

"A primeira cousa que se deve ler depois das escripturas": A dimensão pedagógica de O Jornal Baptista (1901-1905)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em educação.

Orientadora: Profª. Drª. Márcia Cabral da Silva

Rio de Janeiro

2016

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

P436 Pereira, Jonathan Douglas.
"A primeira cousa que se deve ler depois das escripturas": A dimensão pedagógica de O Jornal Baptista (1901-1905) / Jonathan Douglas Pereira. – 2015.
172 f.

Orientadora: Márcia Cabral da Silva
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação.

1. Educação – Teses. 2. Jornais brasileiros – Teses. 3. Protestantismo – Teses. I. Silva, Márcia Cabral da. II. Matt, Gustavo Corrêa. III. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. IV. Título.

es CDU 37:070

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

_____ _____
Assinatura Data

Jonathan Douglas Pereira

“A primeira cousa que se deve ler depois das escripturas”: A dimensão pedagógica de O Jornal Baptista (1901-1905)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em educação.

Aprovado em 10 de março de 2016.

Banca Examinadora

_____
Profª. Drª. Márcia Cabral da Silva (Orientadora)
Faculdade de Educação da UERJ

_____
Prof. Dr. José Gonçalves Gondra
Faculdade de Educação da UERJ

_____
Profª. Drª. Alessandra Frota Martinez Schueler
Universidade Federal Fluminense

_____
Profª. Drª. Sônia de Oliveira Câmara Rangel
Faculdade de Educação da UERJ

_____
Profª. Drª. Nailda Marinho da Costa Bonato
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro
2016

DEDICATÓRIA

À Kel, minha parceira, minha amiga, meu amor. Por tudo aquilo que posso pronunciar e por mais tudo aquilo que é impronunciável. Amor para a vida toda.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Eterno, a quem devo minha existência, e toda a força vital que me permitiu chegar até aqui.

Agradeço à minha esposa, pelo incentivo, pela companhia, pelo apoio, pela paciência e simplesmente por estar comigo. É por você...

Aos meus pais, Ivone e Valmir por sempre acreditarem em mim. Ao Daibert (Bim), meu querido irmão. À minha tia Vera, que foi imprescindível em momentos importantes.

À professora Dra. Márcia, por todo carinho, comprometimento, por toda a seriedade e compromisso com que me orientou, ensinou e cuidou. Sem o seu "jeito educadora" certamente não chegaria até aqui.

Ao professor Dr. José Gondra pela leitura do texto de qualificação e importantes sugestões, além da instrução em boa parte de minha formação como educador e pesquisador no campo da História da Educação.

Ao professor Dr. Roni C. Menezes, pela orientação em minhas pesquisas iniciais na graduação e pelas ricas sugestões, conselhos e amizade.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa *Infância, Juventude, Leitura, Escrita e Educação,* Cíntia, Mariane, Marianna Elena, Maria, Michele, Tamires, Carla Bispo, Aline Tasmerão, Aline Santos, Grabielle, Liana, Telma e Rosângela.

Ao professor Mestre Marcelo, pelo incentivo, sugestões e amizade.

À Primeira Igreja Batista em Jacarepaguá pelo carinho e ajuda. Ao pastor Elias Werneck pelo apoio e pelas indicações.

À amiga Denise Cavalcante, pela prestimosa ajuda em muitos momentos.

Ao querido Othon Ávila do Amaral, pela ajuda e atenção e pelas ricas indicações.

RESUMO

PEREIRA, Jonathan Douglas. “A primeira cousa que se dever ler depois das escritpturas”: a dimensão pedagógica de O Jornal Baptista (1901-1905) 180. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

Esta dissertação se insere no campo da História da Educação e tem como recorte histórico o período de 1901 a 1905. O objetivo desse trabalho é fazer uma análise dos exemplares de *O Jornal Baptista* buscando compreender sua dimensão educativa a partir das representações que construiu discursivamente sobre a realidade social, moral e religiosa do país, bem como a representação do coletivo religioso protestante batista, isto é, a representação que permitiu elaborar uma identidade do grupo religioso. Esses são os dois eixos de análise que buscam direcionar a pesquisa. A abordagem feita sobre *O Jornal Batista*, na pesquisa aqui apresentada, leva em consideração características que podem ser vistas nos impressos: seu poder coercitivo de classificar, nomear, definir, de construir uma imagem identitária de um grupo ou indivíduo a partir de representações. A principal escolha da análise desses documentos fundamenta-se no fato de entendermos que a educação não se reduz ao espaço escolar. Nesse sentido, pode-se apreender a dimensão pedagógico dessas práticas as quais têm a finalidade de transmitir, convencer, estabelece novos comportamentos. Para esse fim, os protestantes e, em especial os batistas, desejaram fazer com que seu discurso fosse compreendido, aceito e experienciado a partir dos discursos de *O Jornal Baptista*. Portanto, neste texto, o periódico batista é considerado objeto e fonte privilegiada de análise.

Palavras chave: Jornal Baptista. Protestantismo. Educação.

ABSTRACT

PEREIRA, Jonathan Douglas. “The first thing that must be read after the scritptures”: the extent pedagogical of O Jornal Baptista (1901-1905) 180. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

This study covers History of Education and focuses on the period between 1901 and 1905. The objective of this paper is to analyze issues from *O Jornal Baptista* periodical in order to understand its educational dimension, considering the many ways it portrayed social, moral, and religious reality in Brazil, as well as the depiction of the Baptist Protestant religious community, which allowed the development of that religious group identity in the country. Those are the main analytical parameters of this research. The approach on *O Jornal Baptista*, upon which this study is based, considers some features that can be perceived on the covered editions: its considerable influence to classify, name, define, and build the identity of a group or an individual through representations. In order to understand how those documents are examined in this particular analysis, it is important to interpret education as not being restricted to the school environment. In that sense, we can apprehend the pedagogical dimension of those practices, which aim to communicate, persuade, and establish new behaviors. To that end, Protestants – particularly the Baptist community – wished to make their discourse understood, accepted, and experienced through *O Jornal Baptista*. Therefore, it is considered the object of study and a privileged source of information on this article.

Keywords: Jornal Baptista. Protestantism. Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - O Jornal Baptista, 10 de abril de 1903. p. 5. 24
Figura 2 - O Jornal Baptista, 20 de dezembro de 1901, p.2. 32
Figura 3 - *O Jornal Bptista,* 9 de maio de 1901, p. 1. 51
Figura 4 - Primeira página do folheto *Três razões porque deixei a Igreja Católica,* de Antônio Teixeira de Albuquerque. 65
Figura 5 - *Echo da Verdade*, janeiro de 1887, p. 1. 66
Figura 6 - Publicidade da venda de literatura evangélica do jornal *Echo da Verdade.* Janeiro de 1887, p. 12. 67
Figura 7 - Recorte de cabeçalho de O Apostolo, janeiro de 1900. 70
Figura 8 - Inscrição em latim no cabeçalho de *O Apóstolo,* janeiro de 1900. 70
Figura 9 - Fotografia de Archiminia Barreto. In: 1969, p. 1. 73
Figura 10 - Jornal As Boas Novas, 31 de janeiro de 1900, p.1. 76
Figura 11 - Jornal As Boas Novas, 31 de janeiro de 1900, p.1. 78
Figura 12 - Fotografia do Dr. Willian Edwin Entzminger. O Jornal Baptista, 21 de fevereiro de 1902, p. 1. 79
Figura 13 - O Jornal Baptista, 1927, p. 2. 82
Figura 14 - O Jornal Baptista, 15 de julho de 1903, p.5. 86
Figura 15 - O Infantil, fevereiro de 1915. 87
Figura 16 - O Jornal Baptista, 10 de janeiro de 1901, p. 1. 88
Figura 17 - Sede onde foi impresso pela primeira vez *O Jornal Baptista,* na rua de Sant" Anna, número 25. O Jornal Baptista, 20 de fevereiro de 1901. p. 4. 89
Figura 18 - Capa do jornal presbiteriano *Imprensa Evangélica* em 5 de novembro de 1864. 91
Figura 19 - Primeira página de O Jornal Baptista, 20 de novembro de 1901. 100
Figura 20 - Recorte do aviso de O JORNAL BATISTA, 15 de maio de 1903, p. 2. 103
Figura 21 - Cabeçalho de O Jornal Baptista, 10 de março de 1901. 105
Figura 22 - Cabeçalho de O JORNAL BAPTISTA, 10 de janeiro de 1902, p.1. 105
Figura 23 - Recorte da Secção Infantil de O Jornal Baptista de 20 de dezembro de 1904, p.4. 108
Figura 24 - Imagem do edifício da Casa Publicadora Baptista em Philadelphia, EUA.O Jornal Baptista, 15 de julho de 1905. 109

Figura 25 - Reunião do *Rei Davi* com seus conselheiros.O Jornal Baptista, 10 de outubro de 1903, p. 2 (198). 110
Figura 26 - Imagem de James Gibbons, Cardeal Católico. JORNAL BAPTISTA, 20 de abril de 1901, p.1. 111
Figura 27 - Fotografia do Rv. Batista Paulo Besson. O JORNAL BAPTISTA, 10 de fevereiro de 1901. 112
Figura 28 - Alunos do Colégio Batista Egídio, O JORNAL BAPTISTA, 20 de março de 1901, p.1. 112
Figura 29 - *O Jornal Baptista*, 10 de março de 1902, p. 3. 142
Figura 30 - Recorte de O Apóstolo, 26 de janeiro de 1901. 143
Figura 31 - *O Jornal Baptista*, 21 de janeiro de 1901, p. 1 151

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Levantamento de artigos nas revistas Revista Brasileira de História da Educação e Revista Brasileira de Educação no período de 2001 à 2014. 17
Tabela 2 - Levantamento de artigos publicados nos anais do Congresso Brasileira de História da Educação no período de 2004 à 2014 18
Tabela 3 - Escolas protestantes criadas no Brasil entre o fim do século XIX e início do século XX. 59
Tabela 4 - Redatores-chefes de O Jornal Batista, 1901-1905 93
Tabela 5 - Ocorrência alguns dos articulistas de O Jornal Baptista de 1901 a 1905. 95
Tabela 6 - Seções de O Jornal Baptista, ano de 1901. 106
Tabela 7 - Seções de O Jornal Baptista de 1903. 107

SUMÁRIO

„**INTRODUÇÃO** 12

1 ***"OBEDIENTES À VISÃO CELESTIAL":*** **A INSERÇÃO DO PROTESTANTISMO BATISTA NO BRASIL DO SÉCULO *XIX*** 22

1.1 **Os irmãos que chegam do Norte** 26

1.2 **O momento dos Protestantes de Missão** 39

1.3 **"Ide e pregai": estratégias de conversão** 42

1.3.1 Pequenas agências: nascem as Igrejas 45

1.3.2 "Preparando o caminho": as escolas e a promoção do protestantismo 52

2 **"A INSTRUCÇÃO É O MELHOR AMIGO DE UM POVO": O JORNAL BAPTISTA COMO MEIO DE DIFUSÃO E ENSINO DA FÉ E DOS PRINCÍPIOS BATISTAS.** 63

2.1 **Os primeiros passos em direção à imprensa** 63

2.1.1 Do norte: as primeiras experiências editoriais 64

2.1.2 "Boas Novas" no Sul 74

2.2 **W. E. Entizminger e uma proposta para o século XX** 78

2.3 **Nasce a Casa Publicadora, nasce O Jornal Baptista** 83

2.4 **Uma elaboração de principiantes: a materialidade de *O Jornal Baptista*** 92

2.4.1 Comunicadores entusiasmados 93

2.4.2 Detalhes de um valente periódico 99

3 ***POR UMA ALMA COMPETENTE:*** **REPRESENTAÇÕES NOS DISCURSOS DE *O JORNAL BAPTISTA* E SEU VIÉS PEDAGÓGICO** 114

3.1 **Um jornal educativo** 114

3.1.1 "Ensinando-os a guardar todas as coisas": a dimensão pedagógica de O Jornal Baptista 115

3.2 **Uma "Boa Nova" moral** 120

3.3 **Um Evangelho da liberdade?** 135

3.4 **Sou batista: individualista e liberal** 140

3.4.1 "Dai a Deus o que é de Deus e a Cezar o que é de Cezar": a liberdade religiosa e as representações do "romanismo ultramontano" 141

3.4.2 "Como os irmãos americanos": modernidade, progresso e protestantismo 149

3.5 **Republicanismo e liberdade: aproximações e distanciamentos** 154

CONSIDERAÇÕES FINAIS 160
REFERÊCIAS 164

INTRODUÇÃO

Para eles, o catolicismo significava um imenso atraso e engodo, uma falsificação da mensagem evangélica de Jesus Cristo. Era preciso combatê-lo. Era preciso impedir a continuidade de seu domínio sobre a escravizada terra brasileira. Era preciso salvar, trazendo luz ao povo que andava em trevas sob os grilhões da grande enganadora. Todo esforço seria necessário, todo investimento valeria o ganho. Assim pensavam os missionários batistas que aqui aportaram no fim do século XIX[1].

Os batistas, grupo religioso de vertente protestante, vieram dos EUA inicialmente como imigrantes[2], mais precisamente, se estabelecendo na região de São Paulo, em uma colônia em Santa Bárbara D"Oeste. Lá organizaram a primeira igreja batista no Brasil[3], sendo, portanto, o início do trabalho batista no país. Após seu estabelecimento, os batistas dão início ao projeto de evangelização por meio da Junta de Missões Estrangeiras, entidade financiadora do trabalho missionário situado no sul dos EUA[4].

Muitas estratégias foram desenvolvidas para fazer conhecida a fé protestante em solo brasileiro. A preocupação com a saúde, a higiene e a educação foram grandes eixos norteadores das intervenções norte-americanas que, aos poucos, iam se espalhando pelo interior do país e alcançando também as capitais (NASCIMENTO, 2005). Dentre suas principais ferramentas para alcançar tais objetivos, podemos elencar a produção de impressos como catecismos, panfletos, revistas, livros e jornais periódicos.

Nessa pesquisa, analisei o periódico protestante *O Jornal Baptista,* criado em 1901, na cidade do Rio de Janeiro. Seu idealizador foi o Dr. Willian Edwin Entzminger, missionário

---

[1] Em uma edição de *O Jornal Baptista* de 10 de janeiro 1901, p. 2, o primeiro exemplar publicado, os autores se referiam ao catolicismo como uma doença que precisava ser erradicada, um "horrendo cancro" que por quatrocentos anos "ruiu os ossos d"esta nação".

[2] A Guerra de Secessão foi o principal motivo de migração de norte-americanos para regiões como o Brasil, em sua maioria protestantes e, principalmente, batistas do sul dos EUA. As tensões em torno do abolicionismo criaram muitas divisões, do ponto de vista ideológico, mesmo entre os batistas que prezavam pela unidade da denominação. cf. OLIVEIRA, 1985.

[3] Essa igreja fora organizada pelo pastor Richard Retcliff com um grupo de fiéis que variou de 23 a 30 pessoas. Entre os fundadores estão as famílias Bankston, Brodnax, Davis, Fenley, Ferguson, Meriwether, Minchin, Ratcliff, Rowe, Thomas e outras. A igreja funcionou durante aproximadamente 40 anos e teve como pastores colonos como Richard Ratcliff, Elias Hoton, Robert Poter Thomas e nomes importantes como Arthur Berriah Deter e James Jackson Taylor. cf. AMARAL; BARBOSA, 2007.

[4] A Junta de Missões Estrangeiras era órgão oficial da Convenção Batista do Sul dos EUA, mantenedor dos trabalhos missionários ao redor do mundo.

norte-americano enviado pela Junta de Missões Estrangeiras[5]. A trajetória que me levou a essa pesquisa remonta ao curso de graduação em Pedagogia. Até o momento final do curso, não sabia exatamente o que pesquisar. Em um primeiro momento, pensei em tratar de um assunto que, de certa forma, me interessava. Como se educavam os autodidatas? Estava, naquele momento, pensando em Luís Gonzaga Pinto da Gama, mais conhecido por Luís Gama, um abolicionista; jornalista; orador e poeta[6].

Tentei pensar nessa direção, para construir um projeto. Assim o fiz. Mas não era ainda algo que me arrebatasse e me motivasse a pesquisar. Pensei, então, em algo que fosse mais próximo a mim, aos meus interesses, algo que pudesse me motivar a um trabalho de pesquisa.

Reconheço que a religião sempre foi algo importante para mim. Não somente por ser religioso, mas pelos vários fenômenos sociais, culturais, políticos e pedagógicos que se dão na e pela religião, que sempre me intrigaram. Esse interesse me levou ao estudo da Teologia. Mas, o que estava em jogo era uma monografia de graduação em Pedagogia. Pensei que pudesse relacionar religião e educação. Após perceber que já havia algumas pesquisas que faziam essa relação, aventurei-me em um projeto.

E qual seria a fonte documental, já que a pesquisa se daria em História da Educação? Ao ler a dissertação sobre um periódico protestante batista, compreendi que esse poderia ser meu caminho. Fui então a procura dos documentos, das fontes, dos arquivos, a fim de tentar achar uma questão para iniciar meu trabalho. Ao manejar alguns exemplares de *O Jornal Baptista* pude notar sua importância para esse grupo protestante. Assim, orientado pelo professor Dr. José Gonçalves Gondra e pelo professor Dr. Roni Cleber de Menezes, levantei a hipótese de que o jornal poderia ter sido um veículo de proselitismo, por sua vez, proporcionava algum tipo de aprendizagem a partir de seu discurso[7].

Desejava me aprofundar mais nessa questão. Após concluir o curso de graduação, surgiu a oportunidade de cursar o Mestrado, na mesma instituição em que havia cursado a graduação, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Precisava então ter maior acesso às

---

[5] Willian Edwin Entzminger (1859-1930) foi um dos mais bem graduados missionários norte-americanos (possuía doutorado em teologia título raro entre os missionários). Chegou ao Brasil em 1891, contando 31 anos. Trabalhou na edição de *O Jornal Baptista* de 1901 até 1904 quando saiu de férias e descobriu estar doente. Voltou em 1907 e permaneceu até 1913 e logo retirou-se para mais um período de férias. Retornando em 1915, permaneceu na edição do Jornal até 1919, saindo após esse período para não mais retornar. cf. AZEVEDO, 1983.

[6] Luís Gama (1830-1882) foi um poeta e jornalista baiano. Era filho de uma escrava e um fidalgo português. Foi vendido como escravo, mas depois aprendeu a ler, escrever e contar com um hospede da casa onde servia como escravo. Estudou direito como autodidata e corroborou com a causa abolicionista.

[7] Esse foi o objeto de minha monografia. PEREIRA, 2013.

fontes para ter uma mais ampla dimensão do problema, qual seja, a relação entre Protestantismo, Educação e Impressos.

Na graduação tive muita dificuldade em acessar o acervo, visto que, à época, em 2012, os arquivos da Convenção Batista Brasileira, lugar onde estava reunida a coleção de jornais, não permitia acesso às fontes por parte de nenhum pesquisador naquele momento. Para a monografia, contei com a boa vontade de uma amiga que tinha cópias digitalizadas de *O Jornal Baptista*, as quais serviram para a pesquisa inicial.

Motivado pelos professores orientadores da graduação, consegui ingressar no mestrado, por meio de concurso, sendo aceito pela professora Marcia Cabral da Silva que prontamente se interessou em me orientar. Para o mestrado, contudo, precisava ter acesso a mais exemplares.

Soube, quando fui ao arquivo, que ninguém mais poderia entrar em contato com a coleção. Ninguém mais poderia manuseá-la. Foi o que me disseram. Entretanto, com a insistência e perseverança de um jovem e iniciante pesquisador, consegui cópias digitalizadas de um extenso período de publicações de *O Jornal Baptista* e, assim, pude iniciar o processo de análise das fontes.

As digitalizações não foram feitas da melhor forma, visto que muitas delas estavam pouco nítidas, o que pareceu demonstrar pouca preocupação em preservar os documentos para consultas e pesquisas por parte da instituição. Mesmo assim, tinha comigo uma coleção extensa da fonte principal de minha pesquisa e precisava lidar com essas dificuldades.

Foi difícil delimitar o período para o estudo. A coleção que consegui tinha vários exemplares, pois a circulação do periódico era semanal e o período que tinha em mãos era de 1901, desde o primeiro exemplar, até 1910. Em suma: tinha comigo cerca de 390 exemplares, visto que em alguns meses só foram preservados dois exemplares.

É necessário problematizar as condições das fontes no que se refere ao seu arquivamento. Os números de exemplares citados acima podem corresponder à totalidade real produzida nesse período. No entanto, cabe ao pesquisador questionar se porventura exemplares não foram perdidos, não foram computados ou, até mesmo, descartados indiscriminadamente. Mesmo com as muitas facilidades que a tecnologia proporciona, como a digitalização de fontes escritas, permitindo acesso sem muitas dificuldades práticas, os arquivos são elaborações construídas e são dotados de um “componente irredutível de subjetividade” bem como afirmou Henry Rousso:

> Escrito, oral ou filmado, o arquivo é sempre o produto de uma linguagem própria, que emana de indivíduos singulares ainda que possa exprimir o ponto de vista de um coletivo (administração, empresa, partido político etc.). Ora, é claro que essa língua e essa escrita devem ser decodificadas e analisadas. Mas, mais que de uma simples "crítica interna", para retomar o vocabulário ortodoxo, trata-se aí de uma forma particular de sensibilidade à alteridade, de "um errar através das palavras alheias", para retomar a feliz expressão de Arlete Farge. É esse encontro entre duas subjetividades o que importa, mais que o terreno sobre o qual ele se dá ou o tipo de rastro que o torna possível através do tempo (ROUSSO, 1996, p. 2).

Isso posto, cabia buscar um sentido para a delimitação. Dentre outros possíveis, escolhi o período de 1901 a 1905, no qual o Dr. Willian Edwin Entzminger, criador do jornal, permaneceu como seu redator, à época, chamado redator-chefe. Como fundador do periódico e como seu redator, Entzminger poderia dar a forma ao jornal, isto é, ele poderia conduzir como seriam os artigos, que tipo de matéria seria veiculada, como seria veiculada, quem seriam seus colaboradores, que tipo de notícia seria publicada, a quantidade de páginas, o tipo de escrita. Nesse sentido, a justificativa está em analisar o jornal sob o recorte cronológico, ou temporal, nos quatro primeiros anos em que seu criador esteve à frente do referido periódico.

De tal modo, esse período nos permitiria compreender a dimensão educativa de *O Jornal Baptista* no contexto de um grupo religioso no início do século XX, grupo esse que estava em expansão no período em questão. Ademais, cabe também nos aproximarmos do ambiente religioso e perceber as possibilidades de existência de práticas educativas constituídas no interior das relações e das práticas religiosas.

Os impressos podem ser considerados como “forças coercitivas, persuasivas” e formadores não só de opiniões, mas “de representações coletivas, aspirações e crenças” (CAMPOS, 2009, p.18). É por essa razão que nasceu o desejo de desenvolver uma pesquisa que buscasse compreender *O Jornal Baptista* como um instrumento pedagógico a serviço do proselitismo encampado pelos missionários batistas norte-americanos e brasileiros.

O objetivo desse trabalho é fazer uma análise dos exemplares de *O Jornal Baptista* buscando compreender sua dimensão educativa a partir das representações que construiu discursivamente sobre a realidade social, moral e religiosa do país, bem como a representação do coletivo religioso protestante batista, isto é, a representação que permitiu elaborar uma identidade do grupo religioso. Esses são os dois eixos de análise que buscam direcionar a pesquisa.

As representações sociais, também chamadas de representações coletivas, são, como bem afirmou Campos (2009):

> [...] verdade construída na relação entre o parecer e o ser, e também entre o eu e o outro, que é o que funda o homem como sujeito no mundo. Assim fica concebido o próprio mundo natural como objeto representado, ou como produto de representação: como construção cognitiva e perceptiva do homem posto no próprio mundo, ou seja, como produto de representação do homem considerado nas relações interpessoais: o homem como sujeito histórico e social, portanto, o homem constituído heterogênea e não homogeneamente (CAMPOS, 2009, p.27-28).

O conceito de representação, que nesse trabalho foi utilizado, principalmente, a partir da perspectiva de Roger Chartier (2011; 1991; 2009; 2004), possibilitou a análise dos jornais não somente como textos que registravam a história, mas como agentes da história. É o que defende Darnton (1996), ao falar sobre a importância dos impressos na Revolução Francesa. Segundo ele, "Os historiadores tratam em geral a palavra impressa como um registro do que aconteceu e não como um ingrediente do acontecimento. Mas a prensa tipográfica ajudou a dar forma aos eventos que registrava" (DARNTON, 1996, p. 15).

As representações que *O Jornal Baptista* construiu da sociedade brasileira, do protestantismo batista e, principalmente, da Igreja Católica, podem ser vistas, aquilo que garante coesão social em razão de sua autoridade autoinvestida, de sua força explicativa, de dar sentido ao mundo circundante de gerar comportamentos e exigências generalizadas (CHARTIER, 1991).

Nesse sentido, Chartier (1991) induz uma "dupla via" de compreensão a partir do conceito de representação:

> Uma dupla via abre-se assim: uma que pensa a construção das identidades sociais como resultando sempre de uma relação de força entre as representações impostas pelos que detêm o poder de classificar e de nomear e a definição, de aceitação ou de resistência, que cada comunidade produz de si mesma; outra que considera o recorte social objetivado como a tradução do crédito conferido à representação que cada grupo dá de si mesmo, logo a sua capacidade de fazer reconhecer sua existência a partir de uma demonstração de unidade (CHARTIER, 1991, p.183).

A abordagem feita sobre *O Jornal Batista*, na pesquisa aqui apresentada, leva em consideração essas características que podem ser vistas nos impressos: seu poder coercitivo de classificar, nomear, definir, de construir uma imagem identitária de um grupo ou indivíduo a partir de representações.

Entretanto, que tem a ver o jornal e a educação? De fato, a imprensa periódica tem sido usada como fonte para as pesquisas em História da Educação no Brasil. Sua ênfase, no entanto, tem sido perceber nos periódicos de pequena, média e grande circulação, desde o século XIX, temas educacionais, discursos políticos voltados às políticas educativas, à escola e à profissão docente (CAMPOS, 2012). Parece então que, de forma ampla, a centralidade das

pesquisas está posta sobre o que os jornais veiculam sobre educação, não considerando, entretanto, o próprio jornal/imprensa como partícipe dos processos educativos.

Em delimitado levantamento da produção no campo da História da Educação, pude perceber a limitada produção científica sobre educação protestante e periódicos protestantes. Na Revista Brasileira de História da Educação e na Revista Brasileira de Educação busquei, a partir de termos indexados, as palavras "Imprensa e Educação" "Imprensa Protestante", e "Educação Protestante" para saber quantos artigos foram produzidos. O resultado apresento na tabela abaixo:

Tabela 1 - Levantamento de artigos nas revistas Revista Brasileira de História da Educação e Revista Brasileira de Educação no período de 2001 à 2014.

	Imprensa e Educação	**Imprensa Protestante**	**Educação Protestante**
Revista Brasileira de História da Educação	12	0	1
Revista Brasileira de Educação	0	0	0

Nessas duas revistas, não utilizei um período determinado no recurso do site da revista, pois ao percorrer os títulos disponíveis, não percebi que constavam alusões ao tema pretendido. Sendo assim, decidi indexar os termos acima citados, a fim de alcançar algum resultado. Deste modo, percorri as primeiras edições desde 2001 até 2014 fazendo o mesmo procedimento na Revista Brasileira de Educação, nesta, percorrendo o período de 2000 à 2014.

Pode-se perceber a quantidade limitada de artigos relacionados à pesquisa sobre imprensa e educação, imprensa protestante e educação protestante. Na Revista Brasileira de Educação, por exemplo, nenhuma comunicação foi compartilhada nos termos indexados pesquisados. Na Revista Brasileira de História da Educação, revista essa mais específica do campo de pesquisa que se insere essa dissertação, há um número não muito expressivo de artigos que relacionam Imprensa e Educação[8] e somente um artigo sobre educação protestante.

[8] Os artigos encontrados na Revista Brasileira de História da Educação, são: **História da profissão docente no Brasil e em Portugal: Aspectos da imprensa periódica educacional em Lisboa e no Rio de Janeiro (1921-1963)** (Ana Lúcia Cunha Fernandes, Libânia Nacif Xavier, Luiz Miguel de Carvalho); **Das escolas mistas**

Nos anais do Congresso Brasileiro de História da Educação, de 2004 a 2013, encontrei uma maior quantidade de artigos que relacionam educação e imprensa, mas, ainda, uma não-expressiva quantidade de artigos sobre imprensa protestante e educação protestante. Esse recorte temporal está de acordo com o período delimitado das revistas anteriormente citadas, estabelecendo um tempo equivalente entre elas. Como se pode constar na tabela a seguir:

Tabela 2 - Levantamento de artigos publicados nos anais do Congresso Brasileira de História da Educação no período de 2004 à 2014

	Imprensa Protestante	**Educação Protestante**	**Imprensa e Educação**
CBHE III	1	1	6
CBHE IV	0	1	5
CBHE V	0	0	15
CBHE VI	2	0	30

Nos anais do CBHE III[9], CBHE IV[10], CBHE V[11] e CBHE VI[12] também se pode notar a pequena produção, principalmente, sobre imprensa protestante e educação protestante, não

---

industriais ao grupo escolar: a educação do operário viabilizada na Companhia Taubaté Industrial (CTI) e divulgada pelo CTI Jornal (1937-1941) (Mauro Castilho Gonçalves); **A questão da instrução/educação: uma leitura de A madrugada [1911-1918]** (Maria Teresa Santos); **Imprensa e instrução pública no império: o modo epistolar nos jornais do Rio de Janeiro e da Paraíba** (Fabiana Sena); **Memória do ensino de história da educação O jornal católico Novidades: sentido(s) do educar** (Maria José Remédios); **História da educação pela imprensa** (Cynthia Lushiuen Shieh); **Memória e apropriações da memória: perfis do educador Thales Castanho de Andrade (**Fernando Luiz Alexandre); **No rastro de velhos jornais: considerações sobre a utilização da imprensa não pedagógica como fonte para a escrita da história da educação** (Raquel Discini de Campos); **Verdadeiras glórias nacionais: a memória acerca das primeiras gerações de professores do Colégio de Pedro II através das páginas da 'Revista da Semana'** (Luciana Borges Patroclo, Ivone Goulart Lopes, Regina Lucia Ferreira Cravo); **Memória do ensino de história da educação: Uma história das leituras para professores: análise da produção e circulação de saberes especializados nos manuais pedagógicos (1930-1971)** (Vivian Batista da Silva); **Viagens de educadores, circulação e produção de modelos pedagógicos: Olhar o outro, ver a si: um professor primário brasileiro no "Velho Mundo" (1890-1892)** (Alessandra Frota Martinez de Schueler, José Gonçalves Gondra). Ainda, na RBHE, o único artigo relacionado a educação protestante é: **A influência da pedagogia norte-americana na educação em Sergipe e na Bahia: reflexões iniciais** (Ester Fraga Vilas-Bôas).

[9] Os artigos que aparecem no CBHE III são: **Mudanças na educação, mudanças na imprensa: a conversão do discurso educacional em opinião pública** (Bruno Bontempo Júnior**); O jornal a província de São Paulo como uma fonte para história do ensino de matemática do século xix** (Ivanete Batista dos Santos) ; **O universal no pensamento de Hipólito José da Costa no Jornal Correio brasiliense** (Marcília Rosa Periotto); **Educação na imprensa**: **o jornal como fonte para a história da educação operária no Piauí - 1889 A 1937** (Ana Maria Bezerra do Nascimento); **As falas do novo: a imprensa e a organização da educação do território do Acre (1930-1946) (**Andréa Maria Lopes Dantas**); Imprensa periódica curraisnovense: fonte privilegiada do ideário da modernidade (1920-1930)** (Eva Cristini Arruda Câmara Barros, Edilma da Silva Cortez); **Pentecostais e suas relações com a escrita (1950-1970)** (Sandra Batista de Araujo Silva Ana Maria de Oliveira Galvão); **O ensino religioso em pelotas na perspectiva do jornal estandarte cristão (1925-1935)** (Alessandro Carvalho Bica).

[10] Os artigos do CBHE IV são: **Em defesa da família: um estudo sobre a propagação do ideário educacional da Igreja Católica no boletim "Servir" (anos 1950/1960) (**Bárbara de Amorim**,** Fábio Luz**); Ação pedagógica e imprensa libertária no Rio de Janeiro – 1900/ 1920** (Andreia da Silva Laucas de Campos)**; Intelectuais na imprensa: contrastes, ideologias e significações nas crônicas de educação de Cecília Meireles.** (Bernadete de Lourdes Streisky Strang)**; O Jornal o Estado de São Paulo no processo de americanização: o inquérito de 1914 e o ensino moral e cívico.** (Bruno Bontempi Jr)**; Periódicos e educação: a participação de jornais e revistas no debate sobre a escola pública brasileira nos anos 50/60** (João do Prado Ferraz de Carvalho)**; Educação em Martim Lutero: contribuições protestantes para a história da educação** (Alvori Ahlert)**.**

[11] **A imprensa educacional licientas do Maranhão na Primeira República** (César Augusto Castro, Samuel Luis Velásquez Castellanos); **A imprensa periódica como fonte para a história da educação do corpo** (Luciana Bicalho da Cunha); **Associação e imprensa em Minas Gerais na primeira metade do século xix: instâncias educativas não escolares** (Marcilaine Soares Inácio); **Educação e imprensa: o flagelo analfabetismo e as relações de domínio no interior paulista (década de 1960);** (Sauloéber Társio de Souza); **Fontes para a História da Educação: a imprensa sergipana e uma lacuna a ser preenchida**; (Geane Corrêa dos Santos); **Imprensa e educação: a relação entre o ensino mútuo e o progresso material do Brasil no Jornal Correio Braziliense (1808-1822**) (Marcília Rosa Periotto); **Imprensa e educação: um estudo sobre a educação em Uberlândia através do jornal "A Tribuna" (1930 – 1942**) (Maria de Lurdes Almeida e Silva Lucena); **Impressos e História da Educação: as contribuições da revista "Cidade Nova" (1980-2005)** (Maria José Dantas); **Impressos, catolicismo e educação: uma estratégia de conformação do campo pedagógico**; (Evelyn de Almeida Orlando, Maria José Dantas); **Jornais: fonte de pesquisa da História da Educação da infância no século XIX** (Isabel Cristina de Jesus Brandão**); O jornal "O Dever": um espaço de múltiplos olhares para a história da educação na cidade de Bagé** (Alessandro C. Bica, Diego Ramires, Juliana Cougo, Luciano Fadel, Lílian Bittencourt, Marina Corrêa, Suiene Guimarães**); O jornal como fonte histórica para a escrita da História da Educação** (Eloiza Aparecida Silva Ávila de Matos); **O Jornal do Comercio como fonte para História da Educação** (Renata Soares**); O jornal o auxiliador da indústria nacional e a campanha pela fundação de instituições educativas (1833 a 1850)** (Celina Midori Murasse); **O uso dos impressos: como fonte e objeto de investigação para a história da educação** (Valdevania Freitas dos Santos Vidal).

[12] **Uma associação feminina nas páginas do Jornal a União nas décadas de 1930 e 1940** (Verônica de Souza Fragoso);**"Como ser mulher" no alvorecer do século XX em Pelotas: a veiculação de representações sociais de gênero no periódico Diario Popular (1909-1920)** (Rita de Cássia Grecco dos Santos)**; Uma associação feminina nas páginas do Jornal a União nas décadas de 1930 e 1940** (Verônica de Souza Fragoso)**; Os lugares e os meios de sociabilidade intelectual do jornal o sexo feminino (1873-1889): algumas considerações** (Roberta Guimarães Teixeira)**; Ofenísia Soares Freire: professora, escritora e jornalista sergipana - uma intelectual da educação (1941-1966)** (Ieda Maria Leal Vilela)**;A signatária Cecília Meireles: interfaces educacionais no discurso jornalístico (1930-1933)** (Rosângela Veiga Julio Ferreira); **O jornal Academvs e a Faculdade de Direito de Sergipe** (Marcia Terezinha Jerônimo Oliveira)**; Educação e Imprensa no Piauí** (Ana Maria Bezerra do Nascimento)**; "O Estudo": um exemplar da imprensa estudantil dos anos de 1920 e 1930** (Andréa Silva de Fraga)**; Doutrina e contra doutrina: uma análise acerca dos aspectos ideológicos presentes no Jornal Correio Mercantil da cidade de Pelotas-RS (1875-1880)** (Helena de Araujo Neves)**; A profissionalização do ensino de 2º grau nos artigos do jornal Folha de S. Paulo (1971-1982)** (Ritta Minozzi Frattin); **A imprensa como fonte para a história da educação no amazonas: a Revista de Educação da sociedade amazonense de professores** (Marcos André Ferreira Estácio)**; Impressos, Ciência e Educação: a contribuição dos periódicos de divulgação científica para a formação de uma cultura científica na sociedade (1948-1960)** (Catarina Capella Silva, Bernardo Jeferson Oliveira); **Imprensa e Discursos Educacionais: profissão docente no Piauí de 1910 a 1928** (Jane Bezerra de Sousa)**; Impressos e Saberes Pedagógicos: as apropriações no início do século XX no Espírito Santo** (Geciane Soares Nascimento)**; Impressos destinados à formação docente: textos e manuais de pedagogia utilizados nas escolas normais brasileiras (1886-1914)** (Sarah Jane Alves Durães)**; O processo de produção e circulação da opinião pública** (Eliane Lourdes Calsavara Lima)**; História da Educação e Imprensa: revisitando a educação do antigo norte de Goiás** (Jocyleia Santana Santos)**; Imprensa Escolar: uma demonstração de patriotismo no Estado Novo** (Valquíria Elita Renk)**; As epistolas nos jornais paraibanos: o discurso pedagógico no período imperial** (Fabiana Sena)**; O combate político-educativo no Jornal O Patriota (1813-1814)** (Marcilia Rosa Periotto); **A difusão da Educação Nova por meio dos impressos de um bandeirante do ensino paulista: José Scaramelli** (Débora Alfaro São Martinho da Silva Alessandra Arce Hai); **A representação da mulher portuguesa no jornal O Beijaflor (1838)** (Charliton José dos Santos

obstante, um aumento da produção de artigos que relacionam imprensa e educação. Contudo, se poderia inferir que a produção sobre impresso jornalístico é relativamente pequena, se considerarmos os veículos de circulação de conhecimento como as revistas citadas acima.

Parece, portanto, que a prerrogativa se mantém sobre a afirmação de Nascimento (2002) de que "poucos são os pesquisadores que se detiveram no tema" (NASCIMENTO, 2002, p. 2), ou seja, poucos pesquisadores do campo da História da Educação têm se aprofundado no tema relacionado às práticas educativas protestantes, bem como sua produção cultural.

Nesse sentido, a pesquisa que ora se apresenta nessa dissertação pretende contribuir com esse movimento de aproximação às práticas educativas no ambiente religioso protestante, em especial à produção de impressos. A dissertação conta com três capítulos. No primeiro capítulo busquei apresentar os batistas como grupo protestante vindo dos EUA na segunda metade do século XIX. Descrevi sua relação com a Reforma Protestante e, principalmente, com os separatistas Ingleses do século XVII, bem como a culminação de sua existência nos EUA, os quais vieram da região sul deste país, para fazer prosélitos em terras brasileiras. Procurei apontar as principais estratégias de proselitismo dos batistas, qual sejam, as igrejas e praças, as escolas e os impressos.

Em sequência, no segundo capítulo, busquei dar ênfase à análise da iniciativa dos batistas no que se refere à sua produção impressa e às condições de produção de *O Jornal Baptista*. Nesse sentido, abordei parte da produção impressa dos batistas no fim do século XIX, destacando a produção jornalística em duas regiões do país: norte e sul, a partir dos intentos dos missionários Zacharias Clay Taylor e Salomão Luís Ginsburg. Assim, busquei explorar, também, a materialidade do periódico *O Jornal Baptista*, trazendo a lume sua forma, circulação, edição, seu redator, bem como seu lugar de produção.

Machado, Fabiana Sena); **Discursos da pedagogia moderna em impressos não pedagógicos do Rio de Janeiro (1920 -1930)** (Giselle Baptista Teixeira); **Educação na imprensa: elementos para a escrita da história da escola primária do Maranhão no século XIX** (Joseilma Lima Coelho); **A imprensa espírita e elite letrada no Brasil oitocentista** (Alessandro Santos da Rocha, Cézar de Alencar, Arnaut de Toledo, Ana Paula Silva); **Impressos católicos e o debate educacional: conexões com a modernidade na década de 1930** (Adriana Duarte Leon); **"Malhadas e Remalhadas": Raul Gomes e o uso da imprensa em prol da educação e da cultura (1925-1971)** (Prof. Dra. Dulce Regina Baggio Osinski, Anna Carolina Brandalise); **O impresso escolar no ensino religioso brasileiro do século XIX** (Fábia Liliã Luciano); **O Jornal o Universal e a educação do tempo livre na província de Minas Gerais (1825-1842)** (Sarah Teixeira Soutto Mayor); **Periódicos e imprensa como fontes para o estudo da educação dos sentidos em Minas Gerais: o tempo livre como possibilidade de formação (entre as décadas finais do século XIX e as décadas iniciais do século XX)** (Luísa Cecília Belotti Oscar, Marcus Aurelio Taborda de Oliveira); **Circulação de impressos protestantes e a ação de Robert Reid Kalley no Brasil durante o século XIX** (Priscila Silva Mazêo, Marcus Aldenisson de Oliveira)**; Impressos Protestantes e Educação: uma investigação (im)possível(?)** (Sandra Cristina da Silva, Maria Ines Sucupira Stamatto).

No terceiro e último capítulo, procurei sinalizar a dimensão pedagógica do jornal impresso e, a partir dessa possibilidade, inferi sobre as representações construídas pelos artigos e discursos de *O Jornal Baptista*, entendo-as como estruturas simbólicas que intentavam estabelecer práticas e visões de mundo aos seus leitores.

A presente pesquisa situa-se no domínio da História Cultural do Impresso, bem como no campo da História da Educação. Tem como um dos principais aportes teórico os pressupostos do historiador francês Roger Chartier (1991/2011), para quem as representações contidas e veiculadas nos impressos podem indicar elaborações que ordenam a estrutura social e, portanto, são capazes de estabelecer novos comportamentos e percepções da vida social.

1 *"OBEDIENTES À VISÃO CELESTIAL":* A INSERÇÃO DO PROTESTANTISMO BATISTA NO BRASIL DO SÉCULO *XIX*

A liberdade, como princípio fundamental, parece ter sido seu pressuposto há séculos. Parece que, sob essa bandeira, buscaram-se diferenciar, ou, ao menos, construir sua identidade. A liberdade, articulada à responsabilidade individual e à competência do indivíduo em matéria de religião, bem como a democracia e a separação entre Igreja e Estado são denominados, em vários textos de seus principais representantes, como os princípios pelos quais os batistas construíram sua identidade religiosa. Isso parece ser um consenso entre os historiadores da denominação[13].

Os princípios batistas são identificados por Langston (1933) como *princípio de individualismo.* O teólogo define esse princípio como constituído ou expresso nos seguintes termos: liberdade individual, competência individual diante de Deus e responsabilidade individual. Esse princípio, segundo o próprio autor, deveria ser aplicado em todas as relações da vida. Esse é, segundo Langston, que disserta de forma enfática e com certo tom apologético em sua tese, "o princípio por excellência em que se aprofundam a vida e o pensamento batista" (LANGSTON, 1933, p.19).

Não obstante, os documentos mais antigos dessa denominação cristã, em especial as declarações de fé[14], serem fundamentados por esses princípios: a competência da alma; a liberdade religiosa, a liberdade de interpretação das escrituras; o governo democrático das igrejas e a separação entre Igreja e Estado.

Em 1933, o então deão[15] do seminário Batista do Rio de Janeiro, o teólogo A. B. Langston, ressalta a importância dos princípios batistas como algo que "define a posição dos batistas", isto é, aquilo a partir do que devem ser compreendidos (LANGSTON, 1933, p.17).

---

[13] *Denominação* é a organização de igrejas protestantes frutos de cisões dentro do ambiente de igrejas reformadas. Essas cisões começaram nas igrejas tradicionalmente europeias, como a luterana e anglicana, por exemplo. São resultantes de questões que tangenciam política, economia, cultura e múltiplas questões sociais, além de questões doutrinárias. Niebuhr (1992) afirma que nas cisões subsequentes do cristianismo protestante em solo norte-americano – ambiente que mais interessa à presente pesquisa – são resultantes "do insulamento à operação das forças sociais naturais ao novo ambiente". cf. NIEBUHR, 1992, p. 87.

[14] Azevedo (2004) registra várias elaborações de confissões de fé que, na verdade não pretendiam ser uma orientação normativa para todas as igrejas que se formariam, mas como algo que elas poderiam confessar em comum acordo, considerando sua liberdade e competência em formular sua própria expressão de fé. cf. AZEVEDO, 2004.

[15] *Deão* é geralmente um clérigo responsável por um conjunto de aspirantes ao exercício eclesiástico. No contexto batista, o Deão era o principal responsável pelos seminaristas, estudantes de teologia das instituições de formação de pastores e missionários.

Segundo Langston, os princípios, os quais tem como principal alicerce a liberdade – que também possuem a aquiescência dos líderes batistas em sua chegada ao Brasil em fins do século XIX – são anteriores às doutrinas professadas. Isso parece dizer que antes de confessarem quaisquer doutrinas cristãs gerais como salvação, pecado original, trindade, ressurreição de Jesus e as demais doutrinas que constituem o credo cristão, os batistas se orientam por meio de seus princípios.

Sem necessariamente querer explicar o mais próximo pelo mais distante[16], pode-se afirmar que os batistas vindos ao Brasil em fins do século XIX são devedores de uma tradição protestante que remete, em princípio, no caso desse grupo religioso em especial, ao ambiente da Inglaterra do século XVII, donde se poderia destacar a figura de John Smyth[17], primeiro líder da denominação considerado pelos historiadores batistas. Isso, por sua vez, significaria serem herdeiros de um movimento separatista que ora aspirava romper com a então religião oficial da coroa inglesa, a Igreja Anglicana, em função, principalmente, da defesa do princípio de liberdade religiosa.

O processo de constituição da identidade batista perpassa ainda as discordâncias entre as diversas compreensões das doutrinas das Escrituras[18], em especial, a doutrina do batismo infantil, uma vez que a concepção da doutrina da salvação elaborada pela Igreja oficial e ainda por muitos outros grupos protestantes como luteranos, anglicanos, congregacionais, presbiterianos, metodistas, incluía o ato do batismo assumido desde o nascimento. Isso parece ser o cerne das divergências entre os batistas e o anglicanismo na Inglaterra e essa será,

---

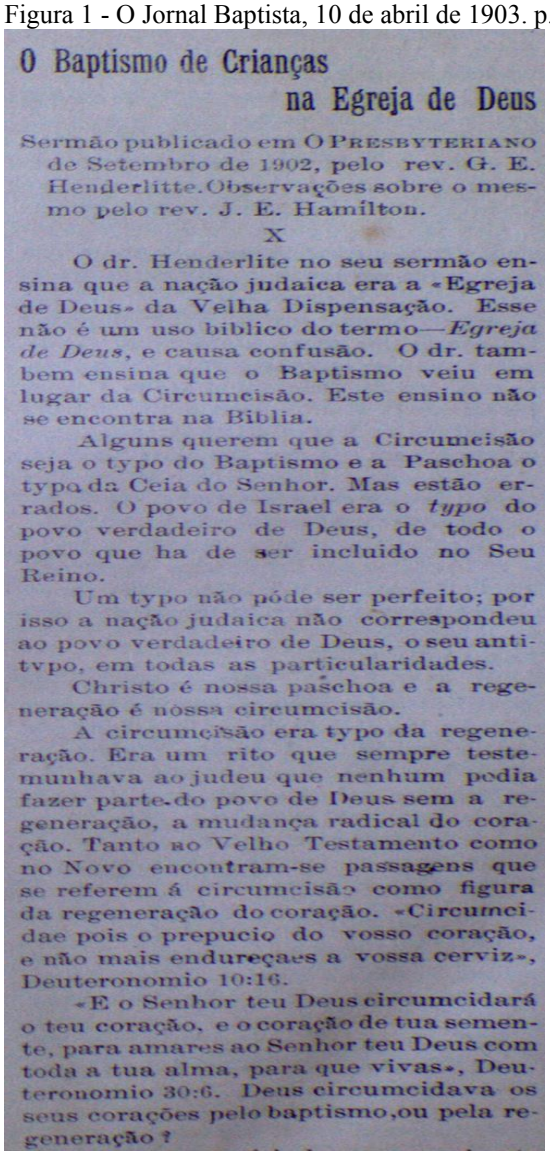
[16] Afirmação do historiador Marc Bloch para se referir a um certo modismo que ele denomina de "obsessão das origens", por parte dos historiadores. cf. BLOCH, 2001.

[17] John Smyth, clérigo da igreja oficial diplomado com grau de Mestre em 1593, após ter refletido por nove meses sobre a posição da Igreja da Inglaterra, a Igreja oficial, rompeu com esta para se unir a um grupo separatistas. Mas, inquieto e relutante, ainda com muitas questões a resolver, possivelmente influenciado pela teologia arminiana e pela concepção menonita de igreja, Smith escreveu um panfleto intitulado "O Caráter da Besta" no qual refuta a prática do batismo infantil que, para ele, não era autorizado pelas Escrituras. Após entender que o batismo se refere a pessoas que podem optar conscientemente para tanto, isto é, pessoas responsáveis a tomar a decisão do batismo, Smyth batiza a si mesmo e logo após a Thomas Helwys e mais trinta adeptos. Após a morte de Smyth que então vivia sua vida de fé com seus seguidores na Holanda, Thomas Helwys, de volta a Inglaterra, dá continuidade ao legado de Smith e organiza a igreja dos batistas gerais, um grupo que tinha como pressuposto teológico a salvação disponível para todas as pessoas, diferente de uma concepção mais particular professada por outros grupos[17]. Acredita-se que essa tenha sido a primeira igreja batista em solo inglês (VEDDER, 1934). No entanto, não há como saber, visto que muitas das congregações batistas naquele momento, reconheciam sua origem ainda mais primitiva como 1522, ou ainda em 1550.

[18] Faz-se importante destacar que as múltiplas divisões e as diversas vertentes que se formaram a partir da Reforma Protestante constituíram compreensões diversas do mesmo texto religioso, a bíblia. Nesse sentido, as diversas cisões do cristianismo que se constituíram denominações, presbiterianos, congregacionais, metodistas e batistas, cultivaram interpretações, muitas delas, conflitantes entre si. cf. MENDONÇA, 1990; MENDOÇA, 1995; AZEVEDO, 2004.

dentre outras, razão de disputas entre os batistas norte-americanos, o catolicismo brasileiro, e as outras vertentes protestantes.

Figura 1 - O Jornal Baptista, 10 de abril de 1903. p. 5.



O Baptismo de Crianças
na Egreja de Deus

Sermão publicado em O PRESBYTERIANO de Setembro de 1902, pelo rev. G. E. Henderlitte. Observações sobre o mesmo pelo rev. J. E. Hamilton.

X

O dr. Henderlite no seu sermão ensina que a nação judaica era a «Egreja de Deus» da Velha Dispensação. Esse não é um uso biblico do termo—*Egreja de Deus*, e causa confusão. O dr. tambem ensina que o Baptismo veiu em lugar da Circumcisão. Este ensino não se encontra na Biblia.

Alguns querem que a Circumcisão seja o typo do Baptismo e a Paschoa o typo da Ceia do Senhor. Mas estão errados. O povo de Israel era o *typo* do povo verdadeiro de Deus, de todo o povo que ha de ser incluido no Seu Reino.

Um typo não póde ser perfeito; por isso a nação judaica não correspondeu ao povo verdadeiro de Deus, o seu anti-typo, em todas as particularidades.

Christo é nossa paschoa e a regeneração é nossa circumcisão.

A circumcisão era typo da regeneração. Era um rito que sempre testemunhava ao judeu que nenhum podia fazer parte do povo de Deus sem a regeneração, a mudança radical do coração. Tanto ao Velho Testamento como no Novo encontram-se passagens que se referem á circumcisão como figura da regeneração do coração. «Circumcidae pois o prepucio do vosso coração, e não mais endureçaes a vossa cerviz», Deuteronomio 10:16.

«E o Senhor teu Deus circumcidará o teu coração, e o coração de tua semente, para amares ao Senhor teu Deus com toda a tua alma, para que vivas», Deuteronomio 30:6. Deus circumcidava os seus corações pelo baptismo, ou pela regeneração?

Fonte: Arquivo da Convenção Batista Brasileira

O Baptismo de Crianças na Egreja de Deus

Sermão publicado em O Presbyterino de Setembro de 1902, pelo ver. G. E. Henderlitte. Observações sobre o mesmo pelo ver. J. E. Hamilton.

O dr. Henderlite no seu sermão ensina que a nação judaica era a "Egreja de Deus" da Velha Dispensação. Esse não é um uso bíblico do termo – *Egreja de Deus*, e causa confusão. O dr. também ensina que o Baptismo veiu em lugar da Circumcisão. Este ensino não se encontra na Bíblia.

Alguns querem que a Circumcisão seja o typo do Baptismo e a Paschoa o typo da Ceia do Senhor. Mas estão errados. O povo de Israel era o typo do povo verdadeiro de Deus, de todo o povo que há de ser incluído no Seu Reiao no.

Um typo não póde ser perfeito; por isso a nação judaica não correspondeu ao povo verdadeiro de Deus, o seu anti-typo, em todas as particularidades.

Christo é nossa paschoa e a regeneração é nossa circumcisão.

A circumcisão era typo da regeneração. Era um rito que sempre testemunhava ao judeu que nenhum podia fazer parte do povo de Deus sem a regeneração. Tanto ao Velho Testamento como no Novo encontram-se passagens que se referem a circumcisão como figura da regeneração do coração. "Circumcisodae pois o prepúcio do vosso coração, e não mais endureçaes a vossa cerviz", Deuteronomio 10;16.

E o Senhor teu Deus circumcidará o teu coração e o coração de tua semente, para amares ao Senhor teu Deus com toda a tua alma, para que vivas". Deuteronômio 30;6. Deus circumcidava seus corações pelo baptismo, u pela regeneração?

Mesmo que alguns dos principais representantes dos batistas no Brasil tenham relacionado a origem de sua denominação e de seus princípios aos tempos bíblicos do Novo Testamento[19], poderíamos inferir, de forma mais plausível, que os batistas podem ser

[19] Podemos contar dentre os que defenderam a origem dos batistas e de seus princípios como gestados em "tempos bíblicos" ou "apostólicos" muito líderes brasileiros, como o pastor da primeira Igreja Batista do Rio, nas décadas de 1940-60, João Filson Soren, bem como missionários norte-americanos, como W. C Taylor. Todos esses, como afirmou Israel Belo de Azevedo (2004), receberam a influência do Landimarkismo e do Fordsmo, formuladores de uma narrativa que se pretendeu histórica na qual os batistas são descendentes diretos dos discípulos de Jesus Cristo, sob o pressuposto de serem seguidores dos mesmos princípios e doutrinas encontradas nos Evangelhos. cf. AZEVEDO, 2004.

considerados herdeiros dos cristãos separatistas da Inglaterra[20], que desejavam purificar a igreja estatal a partir de uma leitura supostamente mais fiel das escrituras, uma forma mais pura de liturgia e das práticas de fé cristã (AZEVEDO, 2004).

Essa perspectiva religiosa de protesto, de renovação de práticas e princípios religiosos, e os pressupostos teológicos constituídos nessa disputa entre clérigos insatisfeitos e igreja estatal foram acolhidas nas colônias inglesas da América do Norte. De fato, os EUA estão perpassados pela teologia protestante, logo, por toda a concepção teórico-política, cultural, econômica, social e religiosa advinda dessa religião.

Há uma grande influência do protestantismo como um tipo de religião civil, que, para alguns estudiosos, como Azevedo (2004) e Mendonça (1990), influenciou tanto a própria formação das colônias como também a independência do país, a educação escolar e universitária, o desenvolvimento tecnológico e a conquista do mercado mundial. Os norte-americanos mantinham em sua tradição o sonho da civilização cristã.

> Uma civilização cristã segundo o modelo protestante era a meta. Já foi visto como a teologia dos calvinistas foi ao encontro das peculiaridades de uma sociedade que busca [...] A esperança e a possibilidade aberta de se construir uma civilização cristã modelo e que pudesse desdobrar-se para além das fronteiras americanas tomou corpo após a independência e vai servir de base para a empresa missionária. Os componentes da nova civilização cristã seriam, de um lado, a desinstitucionalização eclesiástica (contra o *establishment*) e, de outro, a ordenação da vida segundo o tripé religião-moralidade-educação. A desinstitucionalização garantia o princípio do voluntarismo segundo o qual as igrejas se constituíam como associações e, ao mesmo tempo, prevenia a corrupção eclesiástica. O tripé religião-moralidade-educação cumpria o seu papel normativo e civilizador. Em outras palavras, garantia a estabilidade e o progresso social ao mesmo tempo (MENDONÇA, 1995, p. 59).

Talvez afirmações como essas podessem nos levar a ter sérias desconfianças, uma vez que parece privilegiar um fator possível como determinante, isto é, o fator religioso, dentre muitos outros fatores de influência possíveis. Ademais, afirmações como essas vão ao encontro da tese já levantada por Max Weber a qual também tem sido questionada[21].

---

[20] Conforme observa Carter Lindberg (2001) o termo puritano (em sua maioria separatistas) "passou a significar muitas coisas para muitas pessoas e mesmo historicamente é difícil dar uma definição precisa a essa designação [...] Os puritanos eram a epítome do protestantismo letrado, sendo, consequentemente, influentes na corte e nas universidades [...] aliás, não deveriam ser concebidos em termos da posterior moralidade vitoriana; eles eram puritanos nas acepções populares dessa palavra no sentido de moralistas e pudicos". cf. LINDBERG, 2001, p. 369.

[21] Refiro-me à tese desenvolvida no texto *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* na qual Weber discute sobre a racionalização do agir a partir da ascese intramundana advinda do protestantismo, resultando na otimização da categoria trabalho, como prova da qualidade da fé interior. cf. WEBER, 1981.

1.1 **Os irmãos que chegam do Norte**

Os batistas se constituíram no Brasil como uma das vertentes de uma nova religião – não bem recepcionada pela religião oficial[22] – podendo ser considerados também como devedores ao protestantismo de missão norte-americano cujo ímpeto de um ardor salvacionista[23], de uma teologia conversionista[24] e de pressupostos político-filosóficos liberais[25], se tornam matriz de um impulso missionário protestante no fim do século XIX.

A imersão do protestantismo no Brasil tem, inicialmente, um caráter imigratório e só posteriormente missionário. Com a abertura dos portos às relações comerciais, em especial com a Inglaterra já na primeira década do século XIX, e o incentivo governamental à imigração europeia, muitos dos que professavam a fé luterana, congregacional, episcopal se instalaram em algumas regiões do país e, nas dimensões possíveis, possibilitadas pela constituição de 1824, esses protestantes puderam exercer sua liturgia em terras brasileiras. O artigo 5º da constituição, propunha que:

> A Religião Catholica Apostolica Romana continuará a ser a Religião do Imperio. Todas as outras Religiões serão permitidas com seu culto domestico, ou particular em casas para isso destinadas, sem fórma alguma exterior do Templo (CONSTITUIÇÃO POLÍTICA DO IMPÉRIO DO BRASIL, 25 de março de 1824, art. 5º).

Acresce-se ainda o parágrafo 5º do artigo 179º a proposição de que "Ninguem póde ser perseguido por motivo de Religião, uma vez que respeite a do Estado, e não offenda a Moral Publica" (CONSTITUIÇÃO POLÍTICA DO IMPÉRIO DO BRASIL, 25 de março de 1824,

---

[22] Como será visto no decorrer do trabalho, a resistência da Igreja Católica, que foi a religião oficial do Brasil no período Imperial, foi combativa ao protestantismo, uma vez que a nova religião colocava em risco o monopólio da fé e a ortodoxia católica. cf. SILVA, 1998; ADAMOVICZ 2008; NASCIMENTO, 2005; MENDONÇA, 1990; AZEVEDO, 2004.

[23] Termo que se refere aqui à doutrina cristã da salvação dos pecadores/pagãos por meio da aceitação da fé em Jesus Cristo.

[24] Mendonça (1990) afirma que "A teologia conversionista, componente da tradição missionária repousa sobre o princípio de que, convertendo-se os indivíduos, a sociedade toda acabará se convertendo e mudando para melhor. " (MENDONÇA, 1990, p. 56).

[25] Esses pressupostos remetem ao liberalismo clássico inglês, conforme afirmou Israel Belo de Azevedo cf. AZEVEDO, 2004. Será discutido com mais acuidade no decorrer do trabalho.

art. 179º, paragrafo 5º). Isso claramente indica que as religiões novas no país, protestantes, bem como espíritas[26], deveriam ser respeitadas, não sofrendo perseguição.

Cabe salientar que mesmo sendo o século XIX considerado o século por excelência em que se dá efetivamente a presença do protestantismo no Brasil, desde o período colonial, no entanto, ouvem-se rumores da presença protestante no Brasil. Em 1555 – portanto, um pouco depois da colonização portuguesa em 1532 – a expedição francesa, comandada pelo vice-almirante Nicolas de Villegaignon aspirava construir uma França Antártica. Nesse sentido, seria a oportunidade dos huguenotes, os protestantes calvinistas franceses que, sob a perseguição de seu povo e, principalmente da coroa, fugiam da França, a fim de conquistarem um lugar seguro, uma terra onde pudessem estabelecer, segundo eles, o cristianismo em sua pureza original[27]

Dois pastores, Pierre Richier e Guillaume Chartier[28], enviados e recomendados pelo próprio reformador João Calvino[29], tentaram estabelecer o cristianismo reformado, isto é, protestante, a partir da colônia da Guanabara. Como Nicolas de Villegaignon, estava inclinado aos propósitos da fé protestantes:

> Apressou-se, pois, em appellar para os ministros da cidade de Genebra, fazendo-lhes sentir a imperiosa necessidade que tinham de evangelistas, por isso que fôra para lá com o único fim de ouvir as leis e ordenações do Senhor. E, accrescentando que de longa data formava a respeito deles e da Egreja Reformada o mais favorável conceito, pedia-lhes, como a irmãos em crenças, não lhe negassem conselho, beneplácito e socorro, pois deste modo participariam dos benefícios e da perdurável memoria que tal concurso certamente adviriam. Sob promessa do melhor dos acolhimentos, tanto no decurso da viagem como no paiz, rogava-lhes que com um ou dois ministros lhe enviassem também gente de officios [...] Ao receberem taes notícias, os pastores da Egreja de Genebra renderam graças a Deus, por abrir em paragens tão distantes uma porta á dilatação do reino de Jesus Cristo (CRESPIN, 1917, p. 24).

Mesmo que sua incursão tenha sido frustrada pela reação dos portugueses e da não complacência da Igreja Católica, os huguenotes puderam, ao menos, levar consigo a memória

---

[26] Os Espíritas também foram perseguidos, principalmente, no século XIX tornando-se alvos das críticas de periódicos católicos. cf. SILVA, 2015.

[27] Os calvinistas que estavam em companhia de Villegaignon, tinham do Brasil uma "visão do paraíso", lugar onde poderiam, pela pregação do Evangelho, implantar uma civilização protestante no país o que, de outro modo, significaria para eles a restauração de um cristianismo "puro", porque protestante. cf. MENDONÇA, p.24, 1995

[28] Dois pastores huguenotes, enviados pelo reformador João Calvino. cf. CRESPIN, 1917, p. 24.

[29] João Calvino, reformador francês nascido em Noyon a 10 de junho de 1509 e faleceu em 27 de maio de 1564 em Genebra. Inicialmente um humanista, Calvino, ao se converter ao protestantismo, se tornou um dos principais representantes desse movimento atuando principalmente em Genebra, por conta das perseguições ocorridas na França.

de ter realizado em terras latino-americanas o primeiro culto protestante, realizado a 10 de março de 1557:

> No dia 7 de março de 1557, um ano e três meses depois da primeira expedição, chegou a segunda leva de franceses: cerca de 300 colonos, católicos e sem religião em sua maioria. Com eles vieram quatorze huguenotes (nome que se dá aos reformados de língua francesa) de Genebra, enviados por João Calvino, a pedido do próprio Villegaignon. Entre estes estavam o doutor em teologia Pierre Richier, de 50 anos, o pastor Guillaume Chartier, o historiador Jean de Léry e dez artesãos. No dia 10 realizou-se o primeiro culto reformado debaixo da linha do Equador. Richier pregou em francês sobre o verso 4 do Salmo 27 [...] A cerimônia foi realizada no Forte Coligny, na ilha de Serijipe, hoje Villegaignon. Onze dias depois, 21 de março foi organizada a primeira igreja evangélica do Brasil e da América do sul. (CÉSAR, 2000, p. 38).

Não se pode ignorar também o investimento de protestantes reformados que se estabeleceram na região do nordeste brasileiro. Esse período, que se estendeu de 1630 a 1645, foi chamado por Antônio Gouvêa Mendonça (1995) como "período Holandês", um momento em que os protestantes que se instalaram, principalmente, em Pernambuco, reunindo flamengos, ingleses e franceses, constituíram uma comunidade religiosa. Essa organização havia se estabelecido com certa complexidade, uma vez que, seguindo os pressupostos do protestantismo genebrino, o qual seguia as estruturas eclesiásticas do protestantismo de vertente calvinista, constituiu presbitério e sínodos em Recífe e na Paraíba[30].

Essas organizações promoveram suas assembleias, onde eram discutidas questões pertinentes à regulação da vida religiosa e moral da comunidade, bem como ressaltou Jean Crespin (1917), um dos investigadores das atas de classe da colônia de protestantes, denominada por ele de colônia da "Egreja Reformada Neerlandeza". Essas atas, conforme ressalta o próprio Crespin, são documentos onde se diz que podem ser colidas "fartas informações sobre a instrucção, a moral e costumes daquela colônia" (CRESPIN, 1917, p.88).

Dos costumes, principalmente da noção de moral religiosa da referida colônia, pode-se destacar o caso de uma senhora, Sara Hendricks que, na interpretação do "Conselho da Egreja", uma espécie de grupo representativo que liderava a igreja, foi considerada adúltera. A respeito de sua situação:

> Os deputados da Classe são encarregados de solicitar dos srs. do Conselho que a referida Sara Hendricks, que ainda vive em adultério, seja trazida do acampamento, afim de ser mandada para a pátria [...] Depois de praticada a *Cesura Morum,* a

[30] O sínodo é a agremiação da liderança eclesiástica comum em algumas denominações protestantes como os luteranos. O presbitério é a reunião dos presbíteros (sacerdotes) da igreja presbiteriana que representam juridicamente a instituição.

> Assembleia dissolveu-se em paz e amor (Actas dos Synodos e Classes do Brasil, no século XVII durante o domínio hollandez. in CRISPIN, 1917, p. 88-89).

A colônia de protestantes construía um padrão comportamental regulado pela assembleia, um tipo de grupo representativo e coordenador da Igreja. Essa assembleia deveria ser formada por pessoas que representavam os interesses da igreja e prezavam pelo cumprimento das regras morais de acordo com a concepção de fé protestante.

Uma mulher, Sara Hendricks, foi considerada adúltera. Ela provavelmente vivia na colônia, mas, após seu delito, foi excomungada, isto é, foi retirada da comunhão da igreja pelo que havia feito. Esse relato, registrado em ata, pode, portanto, fornecer pistas sobre as práticas culturais dos primeiros grupos protestantes no Brasil no século XVII.

Retomando as questões de acomodação dos protestantes no Brasil, como pressupõe o objetivo desse capítulo, no século XIX, o contexto social, político e econômico que os receberia naquele momento seria completamente distinto do contexto colonial no qual se formava a colônia de Villegaignon. O século XIX é justamente um momento de transformações significativas no país.

Não se tratava mais de um país sob atmosfera de colonização. Era um país que acabara de declarar-se República (1889) e, um ano antes, havia estabelecido que a escravidão ficaria supostamente em seu passado, não sendo mais o regime estabelecido para homens e mulheres negras, isto é, decretou-se em lei o fim da escravidão em 1888.

Como aponta Lilia Schwarcz (2012), o Brasil vivia uma febre de renovações e vivenciava uma abertura que, em certo sentido, dava lugar a todo tipo de utopia e projeção. A República parecia impor uma trajetória quase obrigatória em direção a uma suposta modernidade – que se combinava ainda com a tradição, isto é, com as demandas específicas de uma sociedade oligárquica e ainda sob a sombra da escravidão – se tornando uma espécie de força para o soerguimento dos tempos de escravidão e abertura para novas expectativas de cidadania, e do fim de uma sociedade baseada em modelos de hierarquia social. Ainda, a autora afirma que após a abolição e a queda da Monarquia:

> O cenário que então se abriu era propício a todo tipo de utopia e projeção. A República surgiu alardeando promessas de igualdade e de cidadania – uma modernidade que se impunha menos como opção e mais como etapa obrigatória e incontornável [...] Todo o panorama otimista que antecedeu à República lembra o fenômeno que Hanna Arendt chamou de “a era da assimilação”, quando diferentes regiões do mundo [...] experimentaram uma espécie de suspensão das restrições de fundo legal, moral, político e social, tradicionalmente vigentes. Tal situação levou ao sentimento bastante generalizado de que era possível “erguer-se da escravidão”, sair do “gueto”, libertar-se do isolamento e acreditar na promessa da inclusão e da mobilidade ascendente (SCHWARCZ, 2012).

É em meio a uma série de mudanças e continuidades, de uma série de transformações, que protestantes imigram para as regiões interioranas do país: Nova Friburgo, no Estado do Rio de Janeiro, Vale do Rio dos Sinos, no Rio Grande do Sul, alguns estados do Nordeste, como Maceió, Bahia e Pernambuco.

Rupturas e continuidade são questões pertinentes à História, bem como à História da Educação. O trabalho histórico não pode prescindir da categoria da duração, do tempo, nem mesmo do paradoxo contínuo-mudança. Como apontou Bloch (2001):

> Ora, esse tempo verdadeiro é, por natureza, um continuum. É também perpétua mudança. Da antítese desses dois atributos provem os grandes problemas da pesquisa histórica. Acima de qualquer outro, aquele que questiona até a razão de ser de nossos trabalhos. Sejam dois períodos sucessivos, recortados na sequência ininterrupta das eras. Em que medida – o vínculo que estabelece entre eles o fluxo da duração prevalecendo ou não sobre a dessemelhança resultante dessa própria duração – devemos considerar o conhecimento do mais antigo como necessário ou supérfluo para a compreensão do mais recente? (BLOCH, 2001, p. 55-56).

Para a pesquisa em tela, a problematização do contínuo e da mudança também é importante. A questão que se coloca, por exemplo, sobre a continuidade da cultura protestante nas diversas congregações que aportaram no Brasil no século XIX teria o mesmo pensamento ou muitos aspectos foram mudados? De acordo com Bloch (2001) tanto mudanças como continuidades se entrelaçam, e talvez seja esse o caminho que se deva seguir aqui.

Nos locais citados acima, os protestantes estabelecem suas pequenas comunidades religiosas sem, aparentemente, manifestar uma preocupação necessariamente missionária. O problema é que não há como saber se os protestantes de imigração (alemães e ingleses especialmente) investiram de forma catequética em suas áreas de acomodação.

No entanto, o que se pode deduzir é que o fato de serem estrangeiros, possivelmente, mantiveram suas práticas religiosas voltadas aos seus iguais. Nesse sentido, portanto, seria questionável inferir que esses protestantes que se acomodaram em terras brasileiras, na condição de imigrantes, vieram a fim de deflagrar uma guerra contra a religião oficial, tampouco provocar transformações estruturais na realidade brasileira.

Os protestantes imigrantes encontraram, a partir de 1810, uma brecha na fortaleza da religião oficial que abriria, por sua vez, espaço para sua introdução, pois o catolicismo se encontrava em estagnação desde as primeiras influências do pensamento iluminista no século XVIII, por meio das intervenções políticas do Marquês de Pombal, representante de uma política que:

> De conformidade com os princípios do Absolutismo Ilustrado, Pombal vai editar, desde meados da década de 1750, um conjunto de medidas para afastar os jesuítas de seus cargos nas cúpulas administrativas e eclesiásticas do reino e instituir novas práticas culturais e pedagógicas nas instituições e no cotidiano da população (HILSDORF, 2005, p. 19-20.)

Somam-se a isso a presença do pensamento jansenista[31] no interior do próprio catolicismo e concomitantemente o crescente poderio das nações anglo-saxônicas protestantes (MENDONÇA, 1990).

Todavia, como se deu a inserção dos protestantes de missão, os missionários enviados principalmente pelos EUA, para evangelizar o Brasil? Se consideramos a trajetória de sua inserção no país, pode-se depreender que traziam em sua bagagem não somente sua fé e sua preocupação em transformar os "pagãos" – como eles afirmavam -, mas também sua visão de mundo, sua compreensão da vida social, política, econômica, moral e ética.

Em dezembro de 1901, *O Jornal Baptista* lançou, em um pequeno artigo, uma afirmação da importância da religião cristã – evidentemente, na concepção protestante baptista – que é um exemplo de como os batistas positivavam sua própria religião. A grandeza do cristianismo, segundo o periódico, é o fundamento de vários aspectos que correspondem à modernidade. A figura a seguir reproduz o artigo:

[31] O jansenismo, uma doutrina que no seio do catolicismo fora considerada herética. O termo deriva do nome Cornelius Jansen, um agostiniano que criticou os jesuítas por sua doutrina humanista da liberdade da vontade. A doutrina jansenista caracterizava-se por um profundo compromisso com a doutrina da predestinação, a moral a partir de uma piedade austera, ênfase nas Sagradas Escrituras e um certo movimento de independência com relação à Roma. Isso parece ter tensionado as relações entre o império português e a Igreja Romana. (TILLICH, 1988; MENDONÇA, 1990)

Figura 2 - O Jornal Baptista, 20 de dezembro de 1901, p.2.

OS EFFEITOS DO CHRISTIANISMO.

Os resultados alcançados pela Religião Christã — o novo espirito que tem implantado no mundo, sua influencia em purificar e elevar a vida social do homem — são unicos na especie e dão logar á evidencia de uma origem mais que humana.

E' bem cabido admittir que o mundo moderno deve alguma cousa aos elementos pre-christãos, e alguma á influencia da raça, tambem porque os representantes do Christianismo tem muitas vezes deixado de manifestar seu espirito. O Christianismo tem provado possuir um poder inexhaurivel quando outras religiões tem declinado e desapparecido.

O novo espirito introduzido pelo Christianismo é o da *Humanidade*, da fraternidade humana, em suas varias applicações

(1) O Christianismo ennobreceu a mulher, mais que qualquer outra philosophia ou religião; communicou nova santidade ao matrimonio, ergueu o estandarte da pureza pessoal e aboliu o infanticidio systematico.

O Christianismo não prohibiu immediatamente a *escravidão*, porém minou o systema pelo principio da fraternidade e gradualmente trouxe a sua abolição. Sob a influencia do Christianismo os combates dos gladiadores e outros divertimentos crueis e licenciosos forão abandonados. Os Christãos, desde o principio, manifestarão um espirito de *caridade* até para com os que não erão christãos, e provárão sua sinceridade por muitos actos de dedicação. Hospitaes e outras instituições de misericordia devemos ao Christianismo. Elle tende a abolir a *guerra* e tem tido bom exito em mitigar alguns de seus mais penosos accessorios. O Christianismo aboliu a tortura, animou o espirito da cavallaria, adiantou a educação, e deu nova vida e novo alcance á arte e á cultura geral alistando-as ao serviço de um grande ideal.

Comparando o Christianismo em certos aspectos com o ensino moral de outras religiões e philosophias, podemos ver quão superior lhes é em pureza e poder. Convém ainda uma cousa: mostrar não sómente que as verdades e os principios do Christianismo recommendão-se a nossos espiritos e a nossos corações por sua elevação, pureza, e universal applicação, que esta Religião tem executado tal obra no mundo, exercido tal influencia sobre a humanidade e sobre a historia que mostrão não ser uma bella theoria ou um sonho, mas poder pratico, provado que o é pelo testemunho irrecusavel da experiencia.

Friburgo-1901

Fonte: Arquivo da Convenção Batista Brasileira.

Como já comentado anteriormente, os protestantes de missão - cristãos que pensavam ser necessário converter os povos pagãos à verdade do evangelho de Jesus Cristo - , principalmente, metodistas presbiterianos e batistas, vieram ao país somente no século XIX, após os protestantes de imigração – luteranos, anglicanos, congregacionais, em sua maioria alemães e ingleses. Isso nos deixa uma lacuna de tempo entre sua breve presença aqui, ainda no século XVI, e sua efetiva inserção no século XIX. Mas quais seriam as razões desse suposto hiato?

Não seria simples mensurar e reunir dados para formular uma resposta satisfatória, no entanto, podemos apontar algumas possibilidades. A primeira, segundo Elbén Lenz César (2000), é a de que além dos protestantes morávios[32], não havia uma mobilização que pudesse se constituir numa "visão missionária", isto é, um tipo de motivação específica para enxergar a necessidade de levar a mensagem cristã protestante aos pagãos. A segunda se refere ao fato de não haver, no Brasil, reconhecida liberdade religiosa, visto que o país nesse período era colônia de um dos países supostamente mais católicos do mundo de então – somando-se à Espanha[33] - inibindo, portanto, a invectiva protestante.

Além dessas duas razões, somam-se, ainda, segundo Elbén Lenz César (2000), a preferência de protestantes europeus por países asiáticos e africanos, posto que se concebia o Brasil e outras colônias onde havia a presença católica como cristianizadas.

> Havia uma certa preferência pelo clamor missionário previamente da Ásia e da África, onde a presença cristã era quase nenhuma. Pensava-se que a América Latina, já cristianizada pelos espanhóis e portugueses, não deveria fazer parte do campo missionário protestante (CÉSAR, 2000, p.65).

Para esse autor, a situação começa a mudar, no que diz respeito às pretensões missionárias dos europeus, quando um jovem filho de tecelões de Northamptonshire, Willian Carey[34], sapateiro e, depois, pastor batista, escreve um livreto de 87 páginas intitulado *Investigação sobre a obrigação dos cristãos de empregar meios para a conversão dos*

---

[32] Os Morávios foram cristãos protestantes que impulsionaram o trabalho missionário de sua época. Viviam em uma colônia estabelecida pelo conde Nicolaus Zinzendorf que também fora missionário. A religiosidade desse grupo se fundamentava em uma experiência sentimental com a fé e seus pressupostos influenciaram as ideias de John Wesley, fundador do Metodismo.

[33] Há indícios de ser esta afirmação questionável. Estudos sobre a inquisição nos séculos XVII-XVIII denunciam a presença de protestantes na América Portuguesa. cf . DAVIES, 1990.

[34]Willian Carey nasceu em 1761 numa cidade no interior da Inglaterra. Foi um pastor batista com habilidades de evangelista, isto é, era inclinado a propagar a mensagem cristã aos chamados pagãos. Foi o principal motivador e avivalista (que promove o retorno à vitalidade espiritual dos crentes) do trabalho missionário inglês nos séculos XVIII início do XIX.

pagãos, na Inglaterra de 1792. Despertadas supostamente por esse livreto, e pelos discursos inflamados de Carey, as associações de igrejas fundaram sociedades missionárias que enviariam missionário por vários países a partir de meados do século XVIII e ao longo do XIX.

Nos Estados Unidos, a disposição expansionista do protestantismo está ligada, dentre outros fatores, a questões teológicas. A releitura das denominações protestantes de algumas doutrinas que implicavam a escolha, por Deus, de um determinado povo para restaurar a condição decaída dos demais povos pagãos[35], a Teologia do Pacto[36], resinificou-se como a doutrina do Destino Manifesto[37], que pode ser compreendida como o impulso de construir uma civilização cristã, desdobrando-se para além das fronteiras americanas, cujos fundamentos se colocam sobre a desinstitucionalização eclesiástica e a ordenação da vida, segundo a religião, a moralidade e a educação.

A desinstitucionalização cumpria, sob a compreensão dos protestantes norte-americanos, um papel normativo e civilizador, uma vez que assegurava o voluntarismo das associações comunitárias, isto é, das igrejas, princípio constitutivo das denominações protestantes. Para garantir esse caminho a um modelo civilizado de sociedade, era imprescindível, então, modificar a religião, a moralidade e a educação, as quais, também, poderiam garantir a estabilidade e o progresso (MENDONÇA, 1995).

É possível que os protestantes de missão almejassem a conversão dos brasileiros como meio de oferecer-lhes a porta de entrada para a civilização e para o progresso. Identificava-se uma condição de barbárie na sociedade brasileira e a principal responsabilidade recaía sobre a Igreja Romana, o catolicismo.

Em 1805, quando de passagem pela costa brasileira, na cidade de Salvador, o missionário Henry Martin (1781-1812), desejoso de levar a mensagem cristã aos indianos, refletiu sobre o estado espiritual da então colônia de Portugal em seu diário:

---

[35] Doutrina cristã relativa ao pecado original. Essa doutrina, elaborada mais efetivamente por Agostinho de Hipona, traduz a condição humana como totalmente e radicalmente pecadora e moralmente incapaz de se alterar, isto é, o ser humano é incapaz de alcançar por si mesmo a relação com Deus como originalmente se deu com Adão e Eva no paraíso do Éden.

[36] Segundo Antônio Gouvea Mendonça, a Teologia do Pacto "reside na insistência em que os decretos predestinantes de Deus não são parte de vasto esquema impessoal e mecânico, mas que, sob a dispensação do Evangelho, Deus estabeleceu um pacto de graça com a semente de Abraão. Isto deve ser apropriado pela fé e, por essa razão, é irredutivelmente pessoal" (MENDONÇA, 1995, p. 41).

[37] A chamada ideologia do "Destino Manifesto" foi propagada principalmente pelo protestantismo norte-americano. Se tratava de uma convicção disseminada entre esses protestantes de que a nação americana era escolhida para uma missão universal de redenção da política, da moral e da religião mundial. Essa ideologia, como afirma Mendonça (1995), está relacionado ao comissionamento outorgado aos judeus através de Abraão, o qual havia recebido de Deus o compromisso de "abençoar" todas as nações (MENDONÇA, 1995, p. 62).

> Que missionário será enviado para trazer o nome de Cristo a estas regiões ocidentais! Quando será que esta linda terra se libertará da idolatria e do cristianismo espúrio! Há cruzes em abundância; mas quando será levantada a doutrina da cruz! (REILY, 2003, p.49).

A relação que se cria, mesmo que em termos religiosos, com a Igreja Católica Romana, a religião oficial do império português – e ainda uma religião influente na República Brasileira – é a de que esta é o símbolo da restrição, da falta de liberdade. É o que fica traduzido nas palavras de outro missionário, S. Broadbent que, um ano depois, em 1816, aporta provisoriamente no Rio de Janeiro, encaminhando-se à Ceilão, um território também português – atualmente a região do Sri Lanka – para levar a mensagem cristã, sob a concepção protestante de vertente Wesleyana[38]:

> Padre Paulo, pois era esse o nome do sacerdote inglês, veio ao navio por diversas vezes. Mantivemos muita discussão sobre os pontos em que os protestantes e católicos diferem. Quanto mais ouço o papismo explicado, mais me provoca desgosto e abominação; e mais grato fico a Deus por ter nascido num país protestante, uma terra de liberdade e de Bíblia. Oh, feliz a Inglaterra! (REILY, 2003, p. 51)

Dois aspectos parecem ser relevantes nas palavras do missionário. O primeiro diz respeito à aversão do protestante wesleyano ao catolicismo, referido como algo abominável, talvez por ser uma religião cujo governo se estabelece hierarquicamente, visto que é chamada por ele de "papismo", referência à liderança do Papa sobre a Igreja Católica Romana.

Esta posição, portanto, parece ser um absurdo aos protestantes ingleses que já haviam rompido com o autoritarismo e clericalismo da Igreja Anglicana. Em segundo, pode-se perceber o incômodo sobre a questão da liberdade. Isto pode sugerir que seu pressuposto é demonstrado na relação contraditória entre Igreja Católica e liberdade, esta, no entanto, possível na Inglaterra, mas parece não ser possível no Brasil. Logo, o "papismo" é sinônimo de restrição de liberdade religiosa, segundo aquela concepção.

A questão da liberdade religiosa seria o *lócus* das disputas entre catolicismo e protestantismo no Brasil. A Igreja Católica seria representada, nas diversas construções discursivas advindas dos protestantes, como a corroboradora da retenção das liberdades, por sua vez, apareceria como símbolo de atraso e de obstáculo ao progresso da nação brasileira.

---

[38] S. Broadbent fazia parte do trabalho missionário pertencente à denominação Metodista, fundada pelo pregador inglês John Wesley.

Alguns dos trechos da petição do Sínodo Riograndense da igreja Luterana, que reivindicava a liberdade para a construção de templos com características de igrejas – com torre e sino, por exemplo - elucida esse contraste e disputa:

> A religião católica apostólica romana é a religião do Estado; estando no país adeptos de outras crenças, não devem dar publicidade a seu culto, nem por sinal exterior de edifícil, como se qualquer outro culto, senão católico, fosse vitupério, uma vergonha para esta terra [...] Senhores! Nós não pintamos quimeras fantásticas, e sim fatos reais e verdadeiros. Basta lembrar um caso recente, em o qual o sr. Delegado da polícia da cidade de Santa Maria da Boca do Monte, nesta província, por ordem do sr. dr. Chefe de polícia proibiu em ofício de 19 deste mês e ano, sob ameaça de um processo criminal, aos membros da comunidade evangélica do dito lugar a reunião no seu templo, porque se acha ornado de uma torre! [...] É indigno estar uma parte dos cidadãos brasileiros fora da lei, só vivendo da graça e da benevolência das autoridades. Contrasta como o espírito do nosso século, que uma certa religião seja privilegiada e as outras só toleradas com a condição de que o culto destas não se celebre em público. O que é que impede que Vós, que já concedestes generosamente igualdade políticas aos acatólicos (protestantes) com os católicos outorgais também igualdade religiosa, e abolis o artigo 5º da Constituição e o artigo 276 do Código Criminal! Estes artigos já obsoletos pelo espírito de nosso tempo, são prejudiciais ao progresso do país, à causa da imigração e ao bem-estar dos brasileiros acatólicos. [...] Por isso, Augustos e Digníssimos Representantes da Nação, confiando em vossa magnanimidade, pedimos que derrogueis estes artigos, como já fizeram outros países civilizados com disposições análogas (REILY, 2003, p.73-74).

Os luteranos foram uns dos que iniciaram a reivindicação da liberdade religiosa e se opuseram ao suposto privilégio da Igreja Católica nas províncias do sul do país. Na exposição acima, o Sínodo Luterano quer demonstrar a incivilidade de um país que permite o privilégio de uma religião em detrimento de outras que convivem num mesmo território. Fica evidente, assim, o discurso negativo protestante sobre a união entre Igreja e Estado, união essa que contradiz a marcha para o progresso e a civilização, segundo aquele ideário.

A culpabilidade da Igreja Católica sobre o atraso dos países latino-americanos também foi ressaltada em 1916, na Conferência do Panamá, uma reunião de líderes protestantes que discutiam os investimentos do trabalho missionário na América Latina. Robert Spencer, líder do movimento, justificou a presença missionária protestante na América do Sul pela razão de que a Igreja Católica não fora capaz de garantir:

> [...] educação e a moral do subcontinente; não dera a Bíblia ao povo na sua própria língua; não formaram um clero idôneo, intelectual ou eticamente; pregaram um evangelho deformado e não tinha recursos para evangelizar toda a América Latina. (MENDONÇA, 1990, p. 31-32.)

Com a movimentação mais intensa de missionários, a partir de 1855, muito se pode ver desses discursos e também muito se pode notar a partir das investidas para transformar o Brasil em uma nação civilizada, segundo os protestantes, genuinamente cristã. Os batistas,

bem como metodistas, congregacionais e presbiterianos, se dispuseram a investir em vários campos de atuação para cumprir esse projeto, qual seja, o de "salvar", no sentido da conversão religiosa, no sentido do atraso econômico-social e político, visto que o protestantismo assumiria a insígnia da democracia e do progresso:

> Como os primeiros Reformadores europeus, que queriam restaurar o mundo e a igreja, reiniciando-os numa nova era de liberdade e progresso, e os primeiros colonos norte-americanos, que queriam construir uma civilização sobre a colina abençoado por Deus, os primeiros protestantes brasileiros almejavam a conversão de todos os cidadãos como porta de entrada para a civilização, contra a barbárie do atraso. O Brasil foi pensado como tendo sido forjado pela ausência criada pela presença de uma Roma distante. A chegada do protestantismo foi interpretada como uma ação do espírito de Deus sobre esta cultura, para redimi-la e impulsioná-la ao progresso (AZEVEDO, 2004, p.149).

A pedagogia dos protestantes, ou seja, a forma com que procederam para disseminar suas crenças pode ser circunscrita a quatro espaços de atuação: o templo; a escola; as praças públicas e locais de ajuntamento popular ou de grande movimentação, e o prelo. Azevedo (2004) percebeu esses espaços como pilares de atuação dos protestantes em geral, com ênfases variadas. Os que mais se utilizaram do prelo foram os batistas, presbiterianos e metodistas. Quer isso dizer que entre os protestantes de imigração – luteranos, anglicanos – não havia grande preocupação missionária e, por sua vez, não seria necessário o investimento em um veículo de comunicação como os jornais impressos, por exemplo[39].

Para o autor, a escola serviria de meio para a colimação de um fim, a conversão. Já a praça seria o meio de atrair o público para o templo, este, considerado pelo autor como centro da vida religiosa protestante. Nesse sentido o prelo parece ser o lugar de "auto e hetero-evangelização" (AZEVEDO, 2004, p.153).

Pode-se sugerir que os protestantes missionários utilizaram várias estratégias em sua incursão, a fim de converter os brasileiros à sua fé. Os metodistas se destacaram por meio da educação, os presbiterianos e batistas, além de escolas, se destacam por seu investimento em publicações e a elaboração de pequenas tipografias[40]. Além desses pilares apontados da

---

[39] O fato de não se ter grande "preocupação missionária" não significa, todavia, que os Luteranos não empreenderam , em alguma medida, certo proselitismo.

[40] Os missionários presbiterianos e batistas aventuram-se em trabalhos tipográficos. Ashbel Green Simonton foi o primeiro presbiteriano a publicar um jornal, o Imprensa Evangélica, considerado o primeiro jornal protestante do país publicado pela primeira vez em 1864. Esse jornal, possivelmente, não tinha typografia própria, mas podia ser impresso em tipografias como a Tipografia Perseverança, localizada à rua do Hospício, nº 99, no Rio de Janeiro (NASCIMENTO, 2002). Zacharyas Taylor, missionário norte-americano de tradição batista, foi um dos que se propôs a publicar o próprio Jornal, a produzir panfletos doutrinários e traduzir livros. Mantinha em sua congregação uma tipografia e nela, além de seus panfletos, publicou os periódicos *O Écho da Verdade* e *A Nova Vida* (PEREIRA, 1985).

atuação protestante, houve também tentativas nas áreas da saúde, com a constituição de hospitais e clínicas no interior do país, institutos bíblicos e seminários[41].

Segundo alguns historiadores do protestantismo brasileiro (AZEVEDO, 2004; MENDONÇA, 1995; MENDONÇA; VELASQUEZ, 1990; CEZAR, 2000; REILY, 2003), as primeiras denominações a constituir uma igreja, isto é, uma comunidade reunida em espaço próprio de cultos, foram a anglicana, em 1822, e a luterana visto que o tratado econômico de 1810 entre Brasil e Inglaterra abria espaço para esse primeiro contato[42]. Reily (2003) observa que:

> [...] a fuga da família real e dos milhares de nobres e funcionários da corte, em navios portugueses escoltados por navios da marinha inglesa, prenuncia a preeminência inglesa sobre o Brasil, formalizada dois anos depois pela série de tratados de fevereiro de 1810. O Tratado de Comércio garantiu grandes vantagens aos ingleses e o privilégio da prática particular de cultos anglicano. O Tratado de Amizade e Aliança proibiu a implantação da Inquisição no Brasil (art. IX) (REILY, 2003, p. 45).

Logo após, pode-se demarcar os alemães como segundo grupo a instituir, efetivamente, um local de culto em Nova Friburgo, Rio de Janeiro, em 1824. Os alemães ainda instituem mais uma capela em 1844, na região de São Leopoldo no Rio Grande do Sul (MENDONÇA, 1990).

---

[41] A respeito dessa opção de atuação dos protestantes, Nascimento (2005) traz a lume o caso do interior da Bahia onde atuaram em fins do século XIX, protestantes presbiterianos. Sobre eles a pesquisadora afirma, por exemplo, que em um cenário de disputas religiosas, políticas e econômicas, a Missão Central do Brasil procurou se estabelecer no sertão baiano, apresentando-se como uma agência civilizadora, com hábitos, costumes e comportamentos que deveriam ser adotados por parte da população do Brasil tropical, forjando novos homens e mulheres. Para os missionários, era necessário fazer crer no poder da educação, fazendo-a funcionar como requisito necessário à construção de um novo campo religioso. No caso do *hinterland* baiano, é possível reconhecer três dispositivos utilizados pelos missionários no sentido de construir seu campo religioso de ação: o Instituto Ponte Nova, instituição de formação educacional; o Grace Memorial Hospital, lugar do restabelecimento da saúde; e a Igreja Presbiteriana, local de regeneração da alma. Para eles, a escola, o hospital e a igreja promoveriam a identificação e regeneração dos males sociais e espirituais que afligiam a população local. cf. NASCIMENTO, 2005, p. 58.

[42] Note, no entanto, que há uma tensão aqui, pois que ainda no período colonial um grupo de huguenotes – protestantes calvinistas franceses – enviados por João Calvino desembarcaram no Brasil realizando o primeiro culto protestante a 10 de março de 1557. Em 21 de março do mesmo ano, esses protestantes fundaram a primeira igreja protestante em terras sul-americanas. Todavia, os movimentos mais efetivos de missão protestante, se realizarão mesmo no século na segunda metade do século XIX. cf. CÉSAR, 2000; CRESPIN, 1917.

1.2 **O momento dos Protestantes de Missão**

Das denominações ditas missionárias, determinadas a transformar o Brasil, somente em 1855 se poderá contabilizar. A façanha foi realizada não por um norte-americano, mas por um escocês autônomo, com o nome de Robert Reid Kalley[43]. Trouxe para o Brasil o congressionalismo, ramo calvinista das igrejas livres da Inglaterra cuja diferença dos presbiterianos se dava na prática da democracia direta, no que se refere ao governo da igreja, e a autonomia das igrejas locais.

Em 1859, inicia a trajetória efetiva dos presbiterianos na cidade do Rio de Janeiro, com a chegada de Ashbel Green Simonton, um jovem missionário que, enviado pela Junta de Nova York[44], em 1862, inaugura a primeira igreja presbiteriana na cidade. Já os metodistas, depois de uma tentativa frustrada em 1836, no Rio de Janeiro, retornam com intensidade em 1886 com o trabalho dos missionários Junius E. Newman, John J. Ranson, J. W. Koger e James L Kennedy.

Os batistas chegam ao Brasil em 1881, vindos do sul dos EUA, uma região onde o protestantismo era bastante conservador do ponto de vista teológico, bem como do ponto de vista social, uma vez que muitos cristãos protestantes naquele momento possuíam escravos como suas propriedades[45]. Willian Bagby e Zacarias Taylor são os principais nomes dessa empreitada inicial. Um ano após terem se estabelecido no país, já haviam fundado a Primeira Igreja da Bahia.

No entanto, muito se discute sobre a fundação da primeira igreja Batista no Brasil. Se discursos oficiais são tencionados, muito se pode descobrir sobre as faces da realidade históricas a que esses discursos se referem, visto que a produção de um discurso é controlada

---

[43] Robert Reid Kalley, médico escocês e principal nome da Igreja Congregacional no Brasil do século XIX, além de ser supostamente o primeiro protestante a elaborar uma escola bíblica dominical para a evangelização de crianças no Brasil, foi também um dos que se envolveu na querela pela liberdade religiosa e pelo fim da escravidão. Em sua "Exortação sobre a Escravidão" formula a pergunta capciosa "Para o senhor, o Escravo é seu próximo; portanto está incluído na grande lei que diz: „Amarás o teu próximo como *a ti mesmo'*. Porventura o senhor gostaria de ser tratado por outro homem como *escravo*?" cf. REILY, 2003, p. 122.

[44] A Junta de Missões Estrangeiras funcionou como órgão mediador e organizador do trabalho missionário dos presbiterianos do sul dos EUA. Enviou e mediou a relação entre as igrejas nos EUA e cerca de 65 missionários no Brasil nos últimos 32 anos do século XIX, segundo CESAR, 2000, p.80.

[45] Os batistas que chegaram ao Brasil como imigrantes e se instalaram no interior de São Paulo além de possuírem terras, uma vez que sua vinda para o país também era motivada pelo fato de tentar reconstruir suas posses destituídas na Guerra de Secessão, possuíam escravos. Havia relatos, como o de Anne Bagby, missionária norte-americana, que em seu diário afirma ter sido recebida na colônia de Santa Barbara D'Oeste pelos serviços de um escravo. cf. SILVA, 2011, p.20.

e selecionada, e se estabelece a partir da dinâmica dos procedimentos de exclusão e interdição (FOUCAULT, 2010).

Nesse sentido, houve questionamentos sobre onde os batistas implantaram a primeira igreja. Seria mesmo na Bahia, ou em Santa Barbara D"Oeste? A questão ainda causa controvérsias entre os batistas, mas o que se pode refletir é que a primeira missão, no sentido de trabalho de catequese e de conversão de brasileiros à fé batista, se deu na Bahia, a partir do trabalho de Willian Buck Bagby e Anne Luther Bagby, Zacharias clay Taylor e Kate Stevens Crawford Taylor.

Em se tratando de igreja, enquanto espaço de cultos constituído, e o resguardo da identidade ética dos imigrantes, pode-se dizer que a congregação de americanos do Sul dos EUA tanto em Santa Barbaro D"Oeste quanto em Americana, no Estado de São Paulo, foram as primeiras igrejas batista do Brasil[46].

Os Batistas, bem como os outros protestantes em ação no Brasil, perseguindo um ideal de transformar a nação brasileira em uma nação de progresso e prosperidade, estabeleceram uma série de instituições para levar adiante esse ideal, uma vez que ao protestantismo estava ligado, como afirmou, ebulitivo, o senhor Rui Barbosa, em seu discurso sobre a secularização dos cemitérios:

> Ao protestantismo está associado, em toda parte, uma exuberância de prosperidade industrial, luxuriante e vigorosa como a vegetação dos trópicos, em contraste com os países onde os processos de governo católicos, aplicados em seu rigor, cansaram as almas e esgotaram a energia moral do povo (BARBOSA, 1950, p. 164).

Seu discurso, apologético em relação à ideologia liberal, foi apreciado por algumas vertentes políticas no período da Primeira República, o que demonstra o espírito de novidade que rondava a inserção dos protestantes no país, bem como a representação que se constituía a partir dos discursos de homens letrados como Rui Barbosa, sobre a Igreja Católica.

Uma questão que parece ser significativa é a intercessão de ideais do liberalismo, que era celebrado no ambiente republicano, e a chegada do protestantismo no Brasil. Os princípios defendidos pelo protestantismo como liberdade individual, separação entre Igreja e Estado e configuração democrática das congregações, principalmente defendida pelos batistas e congregacionais, além de outras questões como educação popular, rigor no agir privilegiando a moral, pareciam corroborar as expectativas de mudança e progresso da nação.

---

[46] Há certa divergência entre os historiadores batistas em se a primeira igreja fora a de Santa Barbara D"Oeste ou a da Bahia. cf. AZEVEDO, 2004; PEREIRA, 1985; VEDDER, 1934.

É importante observar com Carvalho (2009), que as vertentes políticas comprometidas com o liberalismo no Brasil republicano estavam, inicialmente, divididas em três compreensões de liberalismo. A primeira compreensão estava ligada aos interesses dos proprietários rurais paulistas para os quais o modelo de república ideal era o modelo americano, com sua concepção mais individualista do pacto social entendendo o público como a soma dos interesses individuais. Esse modelo, de acordo com o pesquisador, foi o modelo vencedor na constituição de 1891 (CARVALHO, 2009).

A versão jacobina do liberalismo via no império o símbolo do atraso, do privilégio e da corrupção e se preocupava mais com os ideais de liberdade igualdade e participação, sem, no entanto, deixar claro como essas ideias podiam ser operacionalizados. Isso fazia com que a vertente jacobina se expressasse de forma muito abstrata. Eram radicais e queriam a revolução em 1889 como o fora na França em 1789. A versão positivista parecia ser a mais propícia a levar a frente o projeto republicano. Era favorável ao progresso e, portanto, condenava a Monarquia no fim do século XIX. Era a favor da separação entre Igreja e Estado, mas mantinha o ideal de um Poder Executivo forte e uma intervenção ampla do Estado (CARVALHO, 2009).

Principalmente no desejo de separar a Igreja do Estado, que ambos, protestantes e liberais positivistas concordavam, criara-se uma intercessão de interesses. No caso do texto acima, Rui Barbosa criticava o catolicismo por sua relação com a estrutura social e política do país, pois, chamando a Igreja de "gangrena ultramontana", queria relacionar, supostamente a ela, toda a exploração da população rural, a charlataria com relação à saúde pública – utilizando-se de artifícios religiosos para tratar de questões, alegadamente, próprias das ciências médicas – e a condenação de casamentos acatólicos, estes considerados uma libertinagem (SANTOS, 2010).

Enfim, os protestantes pareciam trazer o símbolo das grandes nações modernas e capitalistas, como Inglaterra e os EUA, para deleite das elites governantes, mesmo que tal religião tenha sido também aceita entre as camadas mais pobres da população no interior do país (NASCIMENTO, 2005; SANTOS, 2010).

Igrejas, escolas, seminários, publicações, jornais, casas editoriais, essas foram as marcas deixadas pela atuação protestante no Brasil e muitas dessas instituições encontraram espaço para permanência na história da sociedade brasileira, posto que algumas delas ainda permanecem no tempo presente.

1.3 **“Ide e pregai”: estratégias de conversão**

A intenção de trazer a salvação ao povo brasileiro tangenciava também a implementação de formas viáveis de acessar o povo. Quando o missionário norte-americano Thomas Jefferson Bowen[47], após retornar ao seu país de um projeto missionário estabelecido na África, Nigéria, retorna ao seu país com o intuito de seguir para o Brasil, aqui encontrou uma série de dificuldades e resistências de donos de escravos – pois tentava convertê-los – além das muitas dificuldades de saúde. Talvez, por esses e outros motivos, como a incompatibilidade de seus próprios projetos e os projetos de seu órgão mantenedor, quando já em solo de seu país de origem, seu relatório sobre o Brasil era negativo, constando até mesmo ser impossível o trabalho nesta terra, o que levou o historiador batista A. E Hayes a afirmar que:

> Regressando à sua pátria em 1861, o missionário apresentou um péssimo relatório a respeito das possibilidades da extensão do reino de Deus no Brasil como o prova a sua correspondência archivada em Richmond. Eis como a falta de saúde póde prejudicar até o bom juízo de um servo de Deus (VEDDER, 1934, p. 472-473).

Como Hayes (1934) já indica, não era satisfatório para alguns batistas o posicionamento de Bowen, um missionário doente e com pouco juízo. Os imigrantes que aqui chegaram e fundaram as duas primeiras igrejas nas cidades de Santa Barbara e Americana[48] estavam desejosos da ampliação do trabalho batista no país, mas, apesar de terem condições de manter sua congregação e seu pastor, esperavam que seus irmãos do Norte enviassem apoio para o trabalho. Assim, a igreja de Santa Bárbara, doravante chamada Primeira Igreja Batista Norte-Americana do Brasil, enviou, por meio de três dos membros da igreja, um comunicado à junta de Missões Estrangeiras. Neste, constava a preocupação que se constituísse no país a fé batista e se ressaltava a grande capacidade dos sacerdotes,

---

[47] Foi o primeiro missionário batista a tentar instituir um trabalho de cunho missionário no Brasil. Pouca informação há sobre esse missionário. Sabe-se que teve dificuldades por causa de sua pregação, sendo até preso, mas sem muitos detalhes. Possivelmente há informações no órgão missionário em Richmonnd, Virgínia, EUA. Ver VEDDER, 1934; AZEVEDO, 2004; SILVA, 2011.

[48] Os imigrantes batistas norte-americanos, vindos do sul dos EUA após a Guerra da Secessão, fundaram duas igrejas a de Santa Bárbara d'Oeste que em 1871 contava com 23 membros, e uma menos, em *Station*, a estação da nova estrada de ferro, atual Americana, as duas no Estado de São Paulo. cf. REILY, 2003, p. 146. Havia entre esses imigrantes alguns pastores que percebia ser o Brasil o lugar para os sulistas que perderam suas posses nos EUA. Para homens como Ballard Smithy Dunn, ex-pastor da igreja de São Felipe em Nova Orleans, sul dos EUA, o país era a Nova Canaã do norte-americanos, uma vez que, aqui, poderia recuperar a prosperidade que haviam perdido, suas posses, suas propriedades, inclusive seus escravos. cf. SILVA, 2011, p. 15.

possivelmente católicos, talvez em um sentido de alertar aos norte-americanos sobre a importância de enviar missionário preparados. Assim argumentam:

> [...] não temos a possibilidade de enviar homens para pregar aos outros; não dispomos de homens nem de meios para esse propósito. Como o varão da Macedônia, nós "rogamos que passe à Macedônia e ajude-nos" se vier, sua recepção não será semelhante à do grande apóstolo, mas nossos lares estarão abertos, nosso progresso, nossa influência e nossos labores estarão com o Sr. e a seu favor. Esperamos que uma grande comunidade batista neste país será somada à grande família batista mundial, *ensinando, pregando e praticando* a fé que uma vez foi dada aos santos[49].

Conforme essas evidências, os norte-americanos, colonos em São Paulo, corroboraram para que logo viessem missionários para o Brasil. O que chama a atenção no texto é o desejo de que o país faça parte de uma "grande comunidade batista" e, esta, poderá fazer parte da "grande família batista mundial". Isso permite indicar que o projeto de converter brasileiros não significa somente vinculá-los à "fé que uma vez foi dada aos santos", mas também caracterizar essa comunidade de novos adeptos em terras brasileiras como parte dos batistas ao redor do mundo.

Se perguntarmos como essa "família batista" no mundo pensa sua identidade, sua ética, como conjunto racionalizado de normas explícitas, possivelmente notaríamos elementos culturais legitimados por esse grupo específico em outras culturas, isto é, elementos simbólicos que tendem a permanecer, independente de em qual cultura essa religião se inserir. A religião ganha força e função ideológica, prática e política, uma força simbólica que, mobilizada pelo grupo, permite a "legitimação de todas as propriedades características de uma vida singular" (BOURDIEU, 1974, p.46).

A questão é que os batistas norte-americanos foram os que proliferaram por toda parte, em fins do século XIX, enviando seus missionários, como se pode notar em países da África, do Oriente e alguns países da Europa. Com isso, poderíamos inferir que esse grupo pode ter legitimado em diversas partes de seu trabalho missionário seus princípios à medida em que pode ocupar uma posição determinada na estrutura social (BOURDIEU, 1974, p.46).

A ocupação do espaço na estrutura social brasileira foi se delineando aos poucos. Como o centro religioso dos protestantes está no culto litúrgico dominical, os primeiros empreendimentos dos batistas foram as missões, pequenos conglomerados de convertidos

---

[49] Este documento é parte do *Comunicado à missão* nos EUA realizada por três colonos e membros da Igreja de Santa Barbara do Oeste, Robert Meriwether, Robert Broadnax e David Davis, comissionados pela decisão da própria igreja de Santa Barbara em assembleia no dia 12 de outubro de 1872. Cf. REYLY, 2003, p. 147.

que, a partir da assimilação dos processos de governo, próprios ao ajuntamento batista, e dos princípios que a regem, tornam-se igrejas.

Após a intervenção dos imigrantes norte-americanos de Santa Barbara d'Oeste, a junta de Missões Estrangeiras envia ao Brasil o jovem missionário Willian Buck Bagby, um cristão protestante batista dos EUA, criado em uma família proprietária de terra e escravos. Formado em teologia pela Universidade de Baylor[50], foi pastor de uma congregação batista ao mesmo tempo em que lecionava em uma escola pública e em uma escola anexa ao templo de sua igreja. Era uma tradição dos batistas norte-americanos estabelecer centros educacionais, tradição essa, possivelmente, herdada da Reforma Protestante do século XVI (SILVA, 2011).

Depois de se casar com a filha do reitor da universidade onde estudou, Anna Luther, Willian compartilhava com ela a estima pelo trabalho missionário em terras estrangeiras. Sobre a possível influência dos imigrantes membros da Primeira Igreja Batista Norte-americana no Brasil, por meio de seu pastor, o reverendo Richard Ratcliff, e por motivação do derrotado sulista, General A. T. Hawthorne[51] a junta de missões então envia Willian e Anna Bagby ao Brasil.

Um outro casal também acompanhara a decisão missionário dos Bagby: Zacharias Clay Taylor e sua esposa Kate Stevens Taylor. O pastor Taylor estudou na Universidade de Waco e logo depois migrou para Baylor, mesma universidade em que estudou os Bagby. Casou-se com a noiva Kate em 1881, tendo como celebrante o General Hawthorne. Em janeiro de 1882 encaminham-se para o Brasil, no veleiro Selene, chegando ao Brasil em 23 de fevereiro do mesmo ano, a fim de exercer o ofício que pretendiam. Os Bagby, no entanto, parecem ter embarcado antes, em 1881, em um navio de comerciantes de café, o Yamoyden[52].

A cultura e a língua foram grandes desafios para os missionários que, afeitos à cultura anglo-saxã, tiveram de imprimir grande esforço em aprender a língua sem, necessariamente,

---

[50] Essa universidade, situada na cidade de Waco, no Texas, EUA, tem afiliação com a igreja batista do sul dos EUA. Foi fundada em 1845 e é a mais antiga do Estado do Texas.

[51] O General Hawthorne foi um dos principais motivadores da vinda de imigrantes, bem como de missionários batistas para o Brasil. Com relação aos imigrantes, pensava ser possível que esses reconstruíssem suas vidas em solo brasileiro, após terem sidos desapropriados e vencidos na Guerra entre americanos do Norte e sulistas nos EUA. Esses imigrantes poderiam retomar sua vida de latifundiários no Brasil. Com relação aos missionários, entendia que o Brasil poderia ser um solo fértil na propagação da mensagem cristã batista. cf. SOUZA, 2011 p.12; CRABTREE, 1962 p. 33.

[52] O fato da família Bagby ter vindo em um navio comercial de café pode indicar a relação comercial que nascia entre Brasil e EUA o qual celeremente instava ocupar um lugar nessas relações com o Brasil em disputa com a Inglaterra. cf. SILVA, 2011.

se desfazer de seus hábitos culturais[53]. Mesmo assim, o intuito principal era a conversão dos brasileiros. Willian e Anne Bagby inicialmente permaneceram em São Paulo, onde o jovem pastor se tornou o responsável pela Primeira Igreja Batistas de Santa Barbara d"Oeste.

Enquanto Willian se tornara o pregador, Anne se pôs como pianista. A prática de cultos seguia em firme propósito dominicalmente como era a tradição dos batistas nos EUA e assim se tornou prática comum entre os batistas brasileiros. No entanto, ainda os preocupava a propagação da fé batista por meio de suas doutrinas. Pensando estrategicamente sobre isso, após visitar a província de Minas Gerais, o missionário teve a ideia de implantar uma missão na Província da Bahia. Relatou da seguinte forma sua posição à junta de Missões nos EUA:

> Escolhemos a Bahia por diversas razões: primeiro por sua grande população, sendo o número de habitantes mais ou menos 200.000. Encontramos ali massas do povo ao alcance imediato. Segundo, a região que cerca a cidade é muito povoada. Terceiro, é ligada pelo mar com outros portos importantes, por bahias e rios com grandes cidades e vilas por duas linhas de estrada de ferro com muitos lugares no interior. Quarto, há também na Bahia um campo quase desocupado enquanto no rio se acham seis ou oito missionários de outras denominações evangélicas (CRABTREE, 1962, p. 73-74).

A Bahia seria o campo de disputas entre os batistas e os católicos, além das religiões africanas que, nas palavras de A. E. Hayes com grande ardor confessional, o "feiticismo grassava nos corações dos escravos e classes iletradas" (VEDDER, 1934, p.480). Como se pode notar, foram os missionários e o poder sacerdotal dos líderes batistas, que definiram a direção e a estruturação do trabalho relativo à implementação de igrejas no Brasil.

1.3.1 Pequenas agências: nascem as Igrejas

Das vinte e uma províncias, segundo o próprio Bagby, somente quatro contavam com a presença de missionário de denominações evangélicas[54]. Era necessário que esse investimento em converter brasileiros na Bahia e, dali, em outras localidades, desse certo. A primeira igreja batista formada por brasileiros foi fundada em 1882, a 15 de outubro desse mesmo ano. Provavelmente tenha começado com cinco membros: os dois casais de

[53] O pesquisador e jornalista Elben L. Cezar observa que os missionários protestantes que vieram ao Brasil em fins do século XIX não se preocuparam com a contextualização de sua abordagem, a partir de metodologias das ciências antropológicas. cf. CEZAR, 2000.

missionários Willian e Anne Bagby, Zacharias e Kate Taylor e o recém adepto da fé batista, o ex-padre Antônio Teixeira de Albuquerque[55].

O trabalho dos batistas aos poucos foi se estabelecendo e se estendendo a outras regiões do país. A Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro é organizada – termo usado pelos próprios missionários – pelo casal Bagby em 1884 e o trabalho missionário continua a se estender com a organização da primeira igreja de Maceió em 1885 e, em 1886, a primeira igreja de Recife.

Nas primeiras duas décadas de trabalho na Terra do Cruzeiro do Sul – termo usado muitas vezes pelos missionários norte-americanos – os batistas, enfrentando muita resistência por parte de líderes eclesiásticos em diversas paróquias em cidades do interior do Brasil, insistiram com seu ideal de organização de pequenas congregações. O líder batista Antônio Neves de Mesquita (1940) relata a situação dos primeiros tempos de trabalho efetivo de implantação das missões (congregações) como um tempo em que:

> Os primeiros vinte e cinco anos de atividade tinham consistido em espalhar a boa semente, fundar campos missionários, desbravar a selva, para depois se organizar... de experiência em experiência se procurava acertar o rumo ao futuro. Tinham sido os dias pioneiros em que destemor se requeria, muita abnegação e altruísmo eram necessários para entrar numa cidade, num Estado, e levar ao povo *uma nova de que nunca tinham ouvido falar*... Eramos ainda poucos, nossas igrejas estavam muito espalhadas, não tínhamos um Ministério educado e respeitável no meio católico, não tínhamos templos majestosos (MESQUITA, 1940, p. 17).

Note-se que, ao narrar sua interpretação a respeito dos primeiros passos dos batistas em solo brasileiro, Mesquita (1940), escrevendo muitos anos após o período narrado e comprometido que era com a denominação – uma vez que também foi um líder batista[56] – deixa claro algumas questões que são de relevância para o objetivo desse trabalho. Para ele, os batistas anunciavam uma *nova* mensagem da qual os brasileiros, onde alcançava o trabalho missionário, *nunca tinham ouvido falar.* Além disso, o *Ministério,* isto é, os lideres pastores ou responsáveis pelas pequenas congregações organizadas, não era *educado e respeitável* diante da Igreja Católica.

---

[55] Antônio Teixeira de Albuquerque (1840-1887) foi o primeiro pastor batista brasileiro. Era seminarista católico em Olinda, Pernambuco, e após ter se convencido de que o sacerdócio católico não mais o satisfazia, buscou ouvir os protestantes e com eles se envolveu. Primeiro se filiou aos metodistas em São Paulo, depois aos batistas em Santa Barba D"Oeste na qual denominação foi ordenado pastor. Foi o primeiro cooperador brasileiro a acompanhar os trabalhos dos missionários norte-americanos William Bagby e Zacharias Taylor.

[56] Pastor batista brasileiro, mestre em teologia e um dos principais nomes entre os batistas brasileiros do início do século XX.

Parece que se estabelece aqui alguns dos pontos que marcam a relação dos batistas com o contexto religioso daquele momento, como também o contexto político. Transmitir aos brasileiros uma mensagem que seria *nova*, isto é, distinta da religião oficial. Como se pode ler na primeira edição de *O Jornal Baptista*:

> Através do crepúsculo do recém-nascido século, avistamos risonha perspectiva do futuro do Evangelho em toda a parte. Cada dia deixa assignalado o enfraquecimento do papismo, horrendo cancro que por quatro longos séculos tem roído as d"esta nação (O JORNAL BAPTISTA, 10 de janeiro de 1901).

Isso correspondia ao discurso elaborado pelos missionários batistas sobre a mensagem cristã baseadas nos evangelhos a partir de sua tradição anglo-saxã. Se a Igreja católica queria manter vínculo com certo conservadorismo político-eclesiástico influenciando a sociedade a partir de sua áurea educadora, portadora de uma moral universal (ANJO; CARVALHO, 2010), os protestantes traziam em suas interpretações e discursos o liberalismo anglo-saxão norte-americano[57].

As congregações e igrejas que iam se formando traduziam os princípios que os batistas norte-americanos assumiam como seus. Israel Belo de Azevedo (2004) nos diz que os batistas são filhos do mesmo tempo ou período que constituiu o liberalismo. Não seria de admirar que os batistas fossem reconhecidos pela primeira vez na Inglaterra do século XVII, quando a efervescência do pensamento empirista inglês forjava as bases para as doutrinas liberais de pensadores como John Locke, cujo teor gestava, em suas esteiras, os princípios de secularização da sociedade na qual a hierarquia eclesiástica mantinha-se vigorosamente dominante.

Nasce a ideia do homem autônomo, do individualismo, em uma sociedade dessacralizada, fruto de consideráveis influências do renascentismo, onde as instituições perdem, aos poucos, seu *status*, onde propriedade privada, a democratização das esferas de poder e o indivíduo ganham forças (AZEVEDO, 2004).

Nesse contexto, os batistas se articulam e seus princípios são constituídos no interior dessa esfera, de tradição liberal, no âmbito inglês e, posteriormente, norte-americano. A forma com que os batistas organizavam a igreja, refletia, por exemplo, o ideal de democracia que eles mesmos propunham. Essa democracia no seio da igreja funcionava com tal gravidade para os batistas que, como resultado lógico do princípio de individualismo, isto é, a

[57] É importante ressaltar que, no que se refere a moral universal, os batistas também mantinham o discurso, visto que sua doutrina cristã sobre os comportamentos piedosos têm o mesmo fundamento, visto que são retiradas dos Evangelhos. cf. SILVA, 1998; ADAMOVICZ, 2008.

competência de cada indivíduo para governar-se a si em matéria de religião se constituía em elemento distintivo entre as outras vertentes do protestantismo. Em um texto clássico entre os batistas, *Os axiomas da Religião Cristã,* em sua segunda edição publicada pela Casa Publicadora Baptista, traduzida pelo Dr. Joseph Willian Shepard em 1925, o Dr. Edgar Young Mullins assim afirma:

> A democracia no governo eclesiástico é um inevitável corollario da doutrina geral da competência da alma em matéria de religião. A independência e autonomia da igreja local, por conseguinte, não é simplesmente uma interferência de um outro versículo da Escriptura. É inherente toda a filosofia do christianismo. Democracia no governo da igreja é simplesmente Christo animando o seu Corpo mediante o seu Espírito. As decisões da congregação local sobre assumptos eclesiásticos são o "consenso dos competentes" (MULLINS, 1925, p. 58).

De acordo com as afirmações de Mullins (1925), a relação entre a capacidade do indivíduo de decisão corresponde à vida congregacional democrática, visto que todos são responsáveis e competentes, as decisões devem ser tomadas entre iguais. Isso parecia já dissolver a hierarquia comum sustentada entre os católicos e poderia ser um dos motivos de atração de novos fiéis (MENDONÇA, 1995).

O teólogo e historiador dos batistas A. B. Crabtree relatou, em *História dos Batistas do Brasil* (1962)[58], que as pessoas aderiam aos cultos nas regiões da Bahia, Maceió e Recife, mesmo diante das perseguições aos missionários, como as que aconteceram em Niterói, no Estado do Rio de Janeiro.

> São três as classes de perseguidores: o povo, as autoridades políticas e os padres da Igreja Católica Romana. O povo é sempre induzido pelos padres que aproveitam, em geral, o pior elemento, os sadistas que gostam de praticar a crueldade em nome da religião. Há também fanáticos sinceros, porém mal orientados, que pensam estar servindo ao Senhor na perseguição de hereges [...] são muito poucas as autoridades públicas que cooperam com os padres na perseguição. A posição deles é difícil. Tem a obrigação de proteger os protestantes nos seus direitos, mas não querem desagradar aos padres politiqueiros, que têm muita influência e podem prejudica-los ou prestar-lhes auxílio aos planos políticos (CRABTREE, 1962, p. 77).

Em uma carta da missionária Anna Bagby, esposa de Willian Bagby, lê-se que:

> Ao chegarem perto do lugar designado para a cerimônia, encontraram-se com um grupo de homens e rapazes turbulentos que os acompanhou, assumindo uma atitude hostil e agressiva. Apesar do barulho, resolveram realizar os batismos, e a senhoras

[58] O livro, cuja 2ª edição é de 1962, é um relato memorialista, visto que o envolvimento e a intenção do autor em dar visibilidade e honra à história da denominação da qual fazia parte. Todavia, constitui-se em um riquíssimo material que no presente trabalho tratamos como fonte, uma vez que o texto nos fornece uma série de indício e detalhes que não teríamos acesso em outros documentos.

> que havia trazido lençóis começaram a fazer um esconderijo para proteger as batizandas da vista dos escarnecedores [...] rebentou de repente uma nova gritaria entre os perseguidores uma voz clamando mais alto que as outras contra os *hereges* [...] O chefe dos invasores era a polícia do bairro que viera as ordens do padre. [...] O padre desgostara-se e ficara furioso porque os batistas entraram nas casas de mulheres de sua freguesia, prepararam-lhes a suas heresias e elas iam batizar-se naquela noite. Ele persuadiu o povo a levantar-se contra os batistas e deu ordens ao oficial para impedir o batismo no lugar público e prender o chefe dos hereges (CRABTREE, 1962, p. 77).

Em 1886 a igreja na Bahia contava com 63 batizados, isto é, membros efetivos da congregação, tendo ainda outras dez pequenas congregações, chamadas "pontos de pregação" nas quais se anunciava a mensagem batista e propunha-se apelos à conversão. Relacionado a este trabalho, alguns membros, tendo sido orientados por líderes, como o missionário norte-americano Zacharias Taylor, alguns convertidos se tornavam pastores, muitas vezes ocupando a posição de condutores das congregações que iam se formando, outras vezes se tornavam itinerantes, com o ofício de colportores, distribuindo bíblias e literatura evangélica.

Parece que, até a proclamação da República, alguns avanços haviam sido realizados sob a ótica missionária desses protestantes. Contava-se, como resultado da missão batista em solo brasileiro, até o ano de 1889, 8 igrejas, 312 membros; 7 pontos de pregação (pequenos locais onde se anunciava a mensagem e apelava-se à conversão), 2 pastores nacionais e 8 obreiros leigos, homens que recebiam instrução dos missionário e pastores oficiais, a fim de exercerem alguns ofícios de liderança nas congregações.

O anúncio da república repercutiu positivamente nos ouvidos dos batistas. As pressões das ideias liberais, positivistas, anticlericais e republicanas incidiam sobre a monarquia portuguesa e os batistas teciam críticas contundentes ao regime. Agravaram-se as condições do então regime monárquico, dentre outros fatores, a publicação do *Manifesto Republicano* em 1870[59], a abolição dos escravos em 1888, assim como a proclamação da República em 15 de novembro de 1889.

Naquele momento, os batistas já se identificavam como uma comunidade religiosa com traços brasileiros, pois grande parte dos participantes da comunidade e alguns líderes eram nativos. No entanto, a condução de todo o projeto de catequização do país era mediado pelos norte-americanos. Crabtree (1962) anuncia de forma enfática o ambiente de transformação política percebendo, em sua perspectiva religiosa, que:

---

[59] Uma publicação dos partidários do Liberalismo político no Brasil na segunda metade do século XIX, os chamados "Luzias", liderados por Quintino Bocaiúva e Joaquim Saldanha Marinho. Assinaram o manifesto políticos, intelectuais e alguns protestantes.

> Ao nascer o regime republicano, ia-se arraigando a obra batista na sociedade brasileira. O povo na sua maioria ignorava esse fato relevante, mas o grupo de 312 batistas brasileiros constituiu por si uma prova de que havia espalhados, em toda a parte da República Brasileira, milhares de pessoas em condições de aceitarem a doutrina evangélica do Novo Testamento e abraçarem os princípios democráticos dos batistas, se lhes deparasse o ensejo de ouvir o evangelho CRABTREE, 1962, p. 101).

Na década de noventa, após a proclamação da República, com investimento financeiro da Junta de Richmond – órgão missionário americano e representação das igrejas batistas do sul dos EUA que mantinham financeiramente o trabalho missionário no Brasil – a chamada "missão da Bahia", ou a igreja da Bahia, congregação de fiéis brasileiros, comprou uma casa para suas reuniões com os 5.000 dólares recebidos da junta de Richmond. A missão do Rio de Janeiro também comprara uma casa, em 1894, com o valor de 10.000 dólares recebidos da junta.

O crescimento dos batistas parecia, então, florescer, ou, para usar uma metáfora de Crabtree (1962), as "cordas foram alongadas e seguras foram as estacas" (CRABTREE, 1962, p.101). Em 1895 já havia 4 igrejas organizadas na Bahia, com 278 membros, a missão pernambucana tinha 3 igrejas e 71 membros, 5 igrejas na Missão do Rio de Janeiro, com 187 membros; a missão de Campos (Estado do Rio de Janeiro) tinha 4 igrejas com 248 membros e contavam com 10 missionários e 6 pastores brasileiros (CRABTREE, 1962).

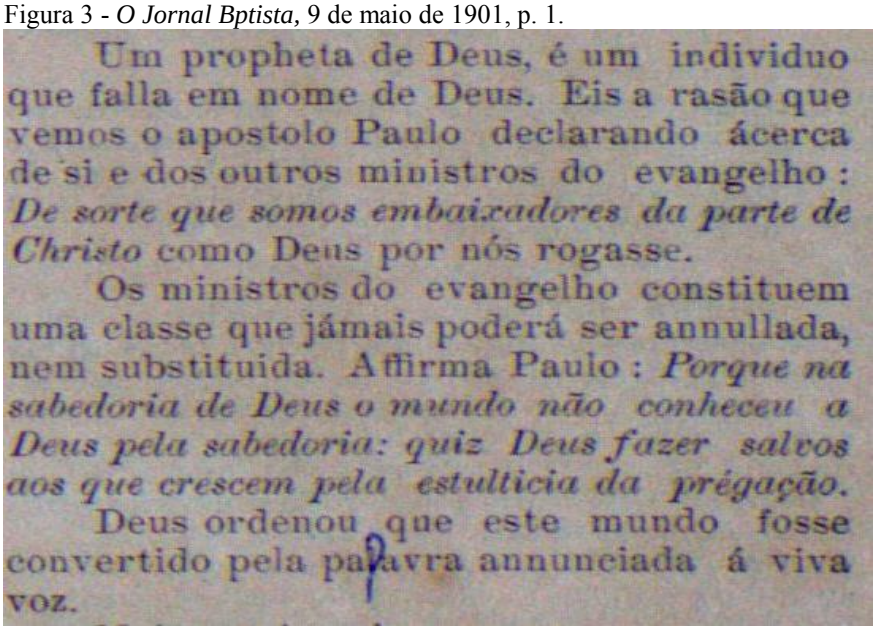
As igrejas eram o lugar de anúncio, o espaço onde as pessoas poderiam compreender a mensagem do evangelho conforme a interpretação dos missionários batistas norte-americanos e também brasileiros. Era o lugar próprio do ensino dos fundamentos batistas, um lugar, por excelência, de aprendizagem, onde a lógica do discurso e do expectador se configuram. Uma lógica que se estabelece segundo uma relação de poder e de exclusão[60], visto que os discursos buscavam exercer um poder de mudança de comportamento dos ouvintes a partir da conversão à fé batista, além de excluir todo discurso contrário a esta fé, compreendidos como desvios da verdade cristã protestante e batista.

Um exemplo do poder do discurso pela pregação do sermão na igreja é a colocação de Willian Edwin Entzminger, um missionário que foi um dos principais elementos da cultura de produção jornalística entre os batistas. Em um de seus sermões, intitulado "O Pregador e sua Mensagem", proferido na ocasião em que dois pastores assumem igrejas no Rio de Janeiro, afirmou sobre o ofício do pregador o qual relaciona com o ofício do profeta na antiguidade:

---

[60] Para maior discussão sobre a questão do poder e da exclusão nos discursos ver FOUCAULT, 2010.

Figura 3 - *O Jornal Bptista,* 9 de maio de 1901, p. 1.



Um propheta de Deus, é um individuo que falla em nome de Deus. Eis a rasão que vemos o apostolo Paulo declarando ácerca de si e dos outros ministros do evangelho: *De sorte que somos embaixadores da parte de Christo* como Deus por nós rogasse.

Os ministros do evangelho constituem uma classe que jámais poderá ser annullada, nem substituida. Affirma Paulo: *Porque na sabedoria de Deus o mundo não conheceu a Deus pela sabedoria: quiz Deus fazer salvos aos que crescem pela estulticia da prégação.*

Deus ordenou que este mundo fosse convertido pela palavra annunciada á viva voz.

Fonte: Arquivo da Convenção Batista Brasileira.

Nesse sentido, os pregadores que anunciam a mensagem nas igrejas batistas que vão se constituindo podem ser pensados como "a viva voz" de Deus. Deus parece funcionar aqui como um meio pelo qual se legitima a verdade do discurso e, por sua vez, permite a ação coercitiva da mensagem pregada. O caso da exclusão também é pertinente nos sermões que se ouviam nas igrejas.

A fala contra a Igreja Católica, ressaltando seus supostos defeitos e deficiências, buscava construir um imaginário de que a referida instituição era o grande problema da vida religiosa, social, política e econômica do Brasil. Talvez esse tenha sido um dos motivos pelos quais os batistas foram muito perseguidos, pois ainda no início de seu trabalho missionário se indispuseram diretamente em confronto com a Igreja Católica, quando outros protestantes se envolveram em conflitos religiosos com a religião oficial, a exemplo dos protestantes de imigração, anglicanos e luteranos (MENDONÇA, 1995).

O discurso coercitivo dos batistas, assim como de outros protestantes como os presbiterianos e metodistas, não se reduzia aos espaços dos cultos em suas congregações. Com o fortalecimento da denominação, a partir do aumento de membros e a organização dessas igrejas, a educação escolar e os impressos foram se tornando meios de articular, juntamente com a prédica nas igrejas, os objetivos de catequese e de transferência dos valores e ideais do protestantismo anglo-saxão para a sociedade brasileira. A relação entre essas duas matrizes de veiculação do discurso batistas e protestante em geral colocava a necessidade de contribuir também com a formação dos leitores.

1.3.2 "Preparando o caminho": as escolas e a promoção do protestantismo

A educação, bem como a instrução escolar, esteve bem próxima à história do protestantismo. Salvo engano, presumivelmente foi a principal ferramenta de sua disseminação[61]. Os protestantes que, se dispuseram a evangelizar o Brasil do século XIX, também trouxeram consigo a insígnia da educação como ferramenta de instrução dos fiéis, principalmente como possibilidade de disseminar os ensinamentos evangélicos e dos princípios protestantes.

A efetivação dos projetos estabelecidos para a nação-alvo da missão evangelizadora e as mudanças que se queriam alcançar na sociedade brasileira não correspondiam com alto índice de analfabetismo (RAMALHO, 1976).

Presbiterianos, batistas e metodistas foram as denominações que mais implementaram seus projetos educacionais no país. Dentre eles, Mendonça (1995) afirma serem os batistas os que, entre as três denominações, fizeram menos investimento em instituições de ensino, pois se propuseram, com maior empenho, a evangelizar os brasileiros (MENDONÇA, 1995).

Contudo, estava no horizonte de compreensão missionária dos batistas uma certa fé na educação, porquanto na tradição protestante norte-americana a educação faz parte de um todo em que, com ela, se aliam a democracia, a liberdade individual, a responsabilidade, isto é, os princípios batistas que se estendem às instituições para-eclesiásticas. Willian Bagby, o primeiro missionário batista incumbido de iniciar a campanha de evangelização do país, escrevendo à Junta de Richmond em 1882, observou que:

> Tais colégios prepararão o caminho para a marcha das igrejas... Colégios fundados nestes princípios triunfarão sobre todo o inimigo e conquistarão a boa vontade até dos nossos próprios adversários. Mandai missionários que estabeleçam colégios evangélicos, e o poder irresistível do evangelho irá avante na América do Sul e a

[61] Há um consenso entre os pesquisadores do protestantismo e da educação protestante sobre a preferência desses pela educação formal, isto é, pela educação escolar. cf. JARDILINO, 2009; NASCIMENTO, 2005; HILSDORF 2002; RAMALHO, 1976. Faz-se de extrema importância citar, no contexto de uma preocupação com o estabelecimento da instrução escolar, o fato de no século XIX haver uma importação de modelos norte-americanos para construir a instrução pública no Brasil, complementando o projeto civilizatório do país. Gondra (2002), ao analisar os relatórios sobre a instrução públicas redigidos por Celéstin Hippeau entre 1869 e 1881, percebe que o autor francês "caracteriza uma operação que constrói um programa a ser seguido pelas nações", isto é, pelos países latino-americanos, projeto esse, no qual a América do Norte é apresentada como modelo (GONDRA, 2002). O século XIX é o momento áureo de inserção do protestantismo de missão no país e, por sua vez, soma-se ao momento em que Gondra e Schueler (2008) chamam de "tempo de invenção e legitimação da forma escolar moderna no Brasil" (GONDRA; SCHUELER, 2008, p. 82). Sendo assim, pode ser relacionar a ênfase protestante na escolarização e a modernização escolar a partir do século XIX como movimentos que intentam trazer ao país a civilização e a modernidade.

> terra do Cruzeiro do Sul brilhará com a luz resplandecente do Reino de Cristo (CRABTREE, 1962, 69-70).

Fica delineada no argumento de Willian Bagby a relação estreita entre a intenção missionária e a educação. Mais especificamente, fica marcado no discurso do missionário norte-americano o uso da educação escolar para demonstrar a superioridade da posição dos batistas, conquistando, até mesmo, os "adversários" – que, suponho, sejam os católicos, pois, nesse caso, provavelmente queriam demonstrar que a proposta educacional protestante era superior à dos católicos – e também para ser mediadora na conquista de novos fiéis.

Além disso, pode-se perceber ainda a intencionalidade que subjaz a ideia de fazer com que a "terra do Cruzeiro do Sul" brilhe com a "luz do Reino de Cristo". Se, acaso soe como crítica tal afirmação, parece que, sob o controle da Igreja Católica, a qual mantinha laços estreitos com o Estado, não havia o "Reinado de Cristo". Ainda se poderia intuir, a partir da fala de Bagby, que a educação é um vantajoso meio de propaganda de suas crenças e princípios porque a constituição de colégios preparam "o caminho para as igrejas".

Isto parece sugerir que a preocupação com a educação do povo – principalmente, aos que estavam longe de alcançar a formação oferecida nos monastérios e nas escolas eclesiásticas – está ligada ao protestantismo desde os tempos da Reforma no século XVI e talvez a chave para a compreensão dessa relação esteja no fato de que o movimento protestante buscou vulgarizar as *Escrituras Sagradas* tendo, portanto, necessidade de oportunizar o acesso à leitura e, por sua vez, à instrução escolar.

Nesse sentido, reformadores do século XVI como João Calvino e, principalmente, o maior expoente da Reforma, Martinho Lutero, reivindicaram tanto uma ruptura do domínio da religião e da Igreja sobre a educação, como também exigiram dos Estados a responsabilidade de oferecer educação básica para as crianças, inclusive para os filhos de camponeses. (JADINILO, 2009).

Para Lutero, a educação perpassava o empreendimento que possibilitava as populações acesso direto às Escrituras, aspecto indispensável para uma experiência religiosa imediata e para a desconstrução da posição mediadora e monopolizadora da Igreja. A importância do acesso à educação pode ser percebida em uma das cartas de Lutero, a *Carta aos prefeitos e conselheiros das cidades alemãs,* de 1524, na qual o reformador apela aos governantes, enfaticamente, escrevendo que:

> Ainda que não houvesse alma, ou céu, nem inferno, seria necessário haver escolas para a segurança dos negócios deste mundo, como a história dos gregos e dos romanos nos ensinam. O mundo tem necessidade do homens e mulheres educados

> para que os homens possam governar o país acertadamente e para que as mulheres possam criar convenientemente seus filhos, dirigir seus criados e seus negócios domésticos (LUTERO, 2009, p. 12).

O primeiro impulso nessa direção na necessidade de educar o vulgo, bem como estabelecer uma cisão no monopólio da igreja sobre os processos educacionais no contexto alemão, implica em uma secularização do sistema de ensino, posto que o posicionamento reformador era o de que os Estados alemães deveriam assumir essa responsabilidade.

A intervenção do movimento protestante sobre as políticas de educação na Alemanha constituiu-se num traço marcante no estabelecimento de um sistema público de ensino, possibilitando, em 1642, sob o governo do duque Ernesto de Gotha[62], uma das primeiras tentativas de sistema de ensino estatal sob regime obrigatório que se sabe em território alemão (PINHEIRO, 2006).

Na Inglaterra do século XVII, o protestantismo não deixou de fazer da educação um instrumento de transformação da realidade social e espiritual do país, principalmente com o desenvolvimento do capitalismo que se expandia com exigências de transformações estruturais na sociedade da época. A ética puritana causou impacto e transformações significativas em favor do desenvolvimento das ciências e da tecnologia no contexto inglês.

A educação, influenciada pelo *ethos* puritano e pelo racionalismo da época, se servia dos princípios de *livre exame* protestante, pelo qual se valorizava o indivíduo como ser autônomo e capaz de interpretar – do ponto de vista religioso, as Escrituras e as normas do utilitarismo e do empirismo, correntes filosóficas marcadamente influentes na Inglaterra do século XVII. (TERUYA, 2004).

Teresa Teruya (2004) sinaliza que, enquanto os estudantes católicos preferiam os ginásios humanísticos, com sua formação clássica e teológica, os protestantes ingleses buscavam a formação mais pragmática em instituições que possibilitavam uma formação voltada para as ciências e tecnologia, bem como para os saberes comerciais e industriais, e isto, provavelmente, por ingerência do capitalismo que era gestado no ambiente inglês do século XVII.

Esse pragmatismo inglês e a preocupação com a fundação de uma civilização cristã nas Treze Colônias podem ter influenciado a estruturação de um rigoroso empreendimento educacional nas antigas colônias da Inglaterra. Segundo demonstrou Karnal (2011), o sistema educacional da Nova Inglaterra chegou a ser tão positivo que alcançou os mais baixos índices

---

[62] Um governante alemão responsável pela criação do sistema público de ensino influenciado pelas ideias do protestantismo.

de analfabetismo (ainda que os escravos, em sua maioria, fossem analfabetos) o que conferia aos EUA, ainda colonial, um nível de educação formal bastante superior à realidade dos séculos XVII e XVIII (KARNAL, 2011).

A educação na Nova Inglaterra, no entanto, não prescinde da base religiosa e dos princípios estabelecidos a partir da fé protestante. Em 1647, na região então chamada Massachusetts, foi publicada uma lei em que se obrigava cada povoado desta região, com a cifra acima de cinquenta famílias, a manter um professor para a instrução das crianças do povoado. As crianças deveriam aprender a ler e a escrever – e possivelmente contar – livrando-se assim dos "projetos de Satanás" o qual desejava "manter os homens distantes do conhecimento das Escrituras" (KARNAL, 2011, p. 48).

Vê-se que algo, aparentemente essencial na fundamentação de sistemas de ensino na ótica protestante, ao menos inicialmente, está relacionado à preocupação em viabilizar conhecimentos das coisas relativas à religião. Parece que em vários documentos sobre educação no ambiente norte-americano, desde o período colonial, do ensino primário ao superior, o conhecimento da Bíblia é de fundamental importância e pode ter orientado todo o projeto educacional das colônias inglesas (KARNAL, 2011).

Do mesmo modo, na Inglaterra da dinastia Tudor, o vernáculo da Bíblia era tomado como parâmetro para solucionar os problemas sociais, uma vez que diversos grupos sociais o liam e a partir dele liam também sua própria condição – como, por exemplo, os radicais do século XVII que afirmavam virem suas ideias da própria bíblia[63] – os norte-americanos buscavam inspiração na bíblia e nos princípios protestantes, em especial a separação entre Igreja e Estado, como esteios de um sistema educacional eficiente. Os protestantes norte-americanos foram forjados num ambiente excessivamente contrário ao tradicionalismo aristocrático que era cultivado na Inglaterra e, talvez, seja esse o motivo de seus princípios se diluírem e permearem a composição das demais instituições do país, como as instituições escolares.

Quando o educador brasileiro Anísio Teixeira esteve em viagem pelos EUA no ano de 1927, encantado com o progresso que podia ver, segundo ele, no valor que se emprestava ali à educação como "suprema função social", percebeu que a ênfase à democracia era algo vigente como princípio no seio do sistema escolar norte-americano. Segundo ele:

> Essa definição de democracia esclarece singularmente o destaque e o relevo que a

[63] Para maior discussão sobre a apropriação do texto bíblico por grupos sociais na Inglaterra do século XVII, cf. HILL, 2003.

> civilização americana põe nas suas instituições de educação. Só uma organização educativa verdadeiramente eficiente pode amparar e manter esse ambicioso projeto de vida social que a democracia americana está realizando. Essa vida social de plena e larga participação, sem barreiras e sem limitações, envolve uma perfeita confiança no homem comum, e só não resultará em desastre se a educação realmente aparelhar todo o cidadão americano para essa forma livre e superior e rica de vida em grupo. O alargamento da área de interesses partilhados em comum e a libertação de uma maior diversidade de capacidades individuais são característicos já existentes. Isso determina uma perpétua transformação social, absolutamente indefinida, que só não degenera em confusão porque a educação americana procura prover iniciativa pessoal e adaptabilidade social de sorte a criar um novo equilíbrio social, que é a surpresa e a maravilha de todo observador do mundo americano (TEIXEIRA, 2006, p. 50).

Considerando que há no discurso do educador brasileiro um considerável deslumbramento quanto ao que percebeu no sistema escolar norte-americano, e que suas observações têm o intuito de transmitir algo que pudesse corroborar as projeções para o contexto educacional brasileiro de seu tempo, trazer esse relato se faz importante por uma questão em especial: para ele, o projeto educacional ali é voltado para a formação social dos cidadãos. Essa formação se coloca sobre os princípios da democracia liberal.

O protestantismo norte-americano carrega consigo, entre outros pressupostos, também esse princípio: o ideal democrático[64]. As escolas abertas pelos missionários no Brasil tomam essa conotação. Elas são veículos de intervenção social, mesmo que tenham como finalidade, para grande parte dos missionários, a propagação da mensagem cristã. Elas são dispositivos de intervenção política e social e de tentativa de instaurar um regime democrático. John Clarke, considerado o fundador das escolas públicas dos EUA corrobora essa ideia quando afirma que:

> A escola pública é um dos esteios mais fortes da democracia americana e tem contribuído maravilhosamente para o progresso do povo americano. É por causa desta influencia que foi adoptada em vários outros países (CRABTREE, 1962, p. 181).

O "progresso do povo"; essa parece ser a meta. A democracia deveria ser aprendida a partia da educação escolar e isso pode indicar que a relação entre educação e sociedade é questão de interesse da cultura norte-americana. O protestantismo de missão se apropriou dessa perspectiva e as escolas passaram a fazer parte dos projetos de inserção do protestantismo em países como o Brasil.

---

[64] É claro que esse ideal de democracia deve ser questionado. Até que ponto democracia se tornava uma realidade em uma cultura política que, à época, mantinha uma dura segregação entre negros e brancos decorrentes de um regime de escravidão o qual trouxe sequelas graves que perduraram ao longo do século XX?

É importante notar o fato de que os primeiros movimentos em direção ao trabalho educacional pelos protestantes no ambiente brasileiro não fossem propriamente fruto do protestantismo de missão. Antes das escolas que surgiram no início do século XX, houve muitas iniciativas que correspondiam às demandas imigrantes protestantes.

Os batistas de Santa Barbara ao construírem sua capela, por exemplo, não deixaram de construir, ao lado do templo, uma escola na qual os próprios missionários, pastores e lideres leigos, instruíam os filhos dos paroquianos. Isso também foi comum entres os luteranos, os congregacionais e os anglicanos[65].

Esses espaços de instrução, mesmo que circunscritos aos limites do ajuntamento dos imigrantes, resguardavam-nos no que diz respeito à manutenção de sua cultura, língua e valores. As culturas mais conservadoras, como o caso da alemã, desejavam manter sua "germaneidade", isto é, a cultura alemã, ainda por muito tempo, o que aponta para uma forma de usar a instituição escolar – que nesse momento ainda não tem conotações formais e reconhecidas pelo Império – como veículo de manutenção das tradições alemãs e, por sua vez, protestantes. Era essa, provavelmente, a relação criada entre escola e templo pelos imigrantes luteranos no Rio Grande do Sul nos anos de 1880[66].

Alguns norte-americanos seguiram a mesma lógica. Os batistas de Santa Barbara D'Oeste, ao construírem sua pequena igreja e um cemitério[67] nos arredores do vilarejo onde se concentravam os colonos, estabeleceram uma casa de instrução onde um dos pastores da colônia orientava as crianças, provavelmente, com idades variadas[68]. Na região paulista, essas iniciativas protestantes se tornaram alvo de interesse das elites progressistas, pois, era

---

[65] Os pequenos espaços de instrução eram voltados para a educação dos filhos dos imigrantes, visto que necessitavam de que esta fosse na língua em que foram criados. Além disso, havia uma grande dificuldade de acesso às escolas católicas, pois todos esses imigrantes eram considerados *hereges*, isto é, um grupo que não faz parte da comunhão da Igreja. Esses imigrantes, normalmente construíam esses espaços de instrução ao lado de suas capelas de culto, posto que muitas vezes os pastores também eram os professores. cf. REILY, 2003.

[66] O historiador registra um documento, uma "Alocução de Rotermund" direcionado à *Assembleia Constituinte do Sínodo Rio-Grandense*, uma instituição que regulava as atividades da Igreja Luterana alemã no Brasil, no qual se relacionam a "pregação alemã, a instituição diligente dos "confirmandos" e sobretudo a escola, que tem sido uma inseparável companheira da Igreja Evangélica desde o nascimento dela e que está sendo protegida e favorecida pela Igreja, garantem às comunidades alemãs a existência da germanidade" (REILY 2003, p. 70).

[67] Era comum os protestantes estabelecerem parte de suas propriedades para o enterro de seus mortos, constituindo cemitérios que ficavam próximos à capela de cultos. Isso se deve as dificuldades dos mesmos em ter o aval da Igreja para enterrar seus parentes, visto que eram considerados como hereges. Essa será uma das querelas em que Rui Barbosa se envolverá nos debates políticos na Câmara dos deputados. cf. BARBOSA, Rui. *Obras Completas.* Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, v. VII, Tomo I, 1945.

[68] Elizabete Silva (2011) cita o nome do pastor Quillin, como instrutor das crianças quando da chegada dos missionários Wllian e Anne Bagby em Santa Bárbara D'Oeste. Provavelmente, outros pastores estiveram a frente do ensino nessa colônia, posto que era comum um pastor exercer essa função, pois se subentendia que tinham competências para tal encargo. SILVA, 2011, p.15-22.

entusiasmante para muitos o papel da educação no contexto de onde procediam esses imigrantes, isto é, a educação de acordo com o espírito norte-americano poderia ser um instrumental importante para "inculcar" nas crianças da região a "confiança em si e o apego à liberdade individual e de empresa" que havia promovido a "força da grande Nação Americana" (MESQUIDA, 1994, p. 48 e 66).

O olhar positivo das elites progressistas e liberais – as quais cultivavam apreço pelos protestantes na região paulista[69] – somado a abertura do governo às relações com os EUA, que implicavam em interesses econômicos e políticos[70], os protestantes foram encontrando as saídas para progredir com os investimentos em construção de escolas. Possivelmente, estariam respaldados pelas relações que se estreitavam entre Brasil e EUA, por sua "filosofia de vida" composta por atitudes expansionistas de uma suposta modernidade e progresso, cristianização do mundo, entendendo-se aqui como modelo político-econômico (SILVA, 2004).

Pode-se inferir, a partir da chegada de missionários presbiterianos e metodistas, cujo o intento de estabelecer instituições de ensino fazia parte também de suas intervenções proselitista, que as primeiras escolas protestantes que atenderam o público em geral – diferente das escolas anexas às igrejas de imigrantes – foram construídas a partir do ano de 1869, quando os presbiterianos inauguraram um educandário em Campinas, o Instituto Gammon[71]. Os metodistas têm sua primeira instituição criada em 1881, em Piracicaba, onde se estabeleceu o Colégio Piracicabano.

Os batistas, como os presbiterianos, escolhem lugares estratégicos para inserirem suas escolas, isto é, lugares populosos e grandes centros urbanos da época. A primeira tentativa, diferente daquelas que se iniciaram nas casas de alguns missionários[72], estabeleceu-se em

---

[69] Uma vez que os EUA era o símbolo de progresso, democracia e liberalismo para alguns republicanos e liberais brasileiros, os protestantes, como reivindicadores não somente de um cristianismo supostamente mais genuíno – diferente do católico, considerado por muitos missionários protestantes uma falsificação do cristianismo expresso nas Escrituras Sagradas – eram também comunicadores dos "American way of Life", o "Estilo de vida americano" o que fazia crescer, portanto, certa consideração e apreço para com imigrantes e missionários norte-americanos. cf. HILSDORF, 2002.

[70] Mesmo que na primeira metade no século XIX o Brasil sofra grande influência econômica da Inglaterra e cultural da França, o estreitamento entre Brasil e EUA acontece concomitantemente, uma vez que este é uma das grandes influências ideológicas na emancipação política do país e um de seus grandes parceiros econômicos, sendo um considerável comprador do principal produto de exportação do Brasil naquele momento, o café. cf. TAMMONE, 2013.

[71] Essa escola fora transferida definitivamente, por determinação de seus administradores, para Lavras, em 1893, quando o surto de febre amarela acometeu a população campinense.

[72] Foi o caso da tentativa da missionária norte-americana Maggie Rice que em 1888 buscou estabelecer uma escola na casa onde inicialmente funcionava a Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro. SILVA, 2004.

1894, na Bahia, uma Escola Industrial iniciada com 50 alunos, porém, com mínima duração. No entanto, seu diferencial era ter professores brasileiros: o Sr. Florentino da Silva como professor dos meninos e a Srta. Jacqueline Barreto como professora das meninas (CRABTREE, 1934; SILVA 2004).

Em 1870, os presbiterianos organizaram o MacKenzie College na cidade de São Paulo, o Ginásio Evangélico Agnes Erskine no Recife em 1904, o Instituto Ponte Nova na Bahia em 1906, Colégio Quinze de Novembro em Garanhuns em 1907, Instituto Cristão em Castro em 1915 e muitas outras instituições até o final da década de 1920: Colégio Evangélico Alto do Jequitibá (Presidente Soares – 1923), Colégio Evangélico de Buriti (1924), Instituto José Manuel da Conceição (Jandira – 1928) e Colégio Dois de Julho (Salvador – 1928).

É possível presumir que algumas dessas escolas protestantes atenderam a demanda tanto dos próprios fiéis protestantes, pois estes eram tratados com preconceito em instituições públicas e principalmente católicas, como também a filhos de republicanos e abolicionistas, por questão evidente de sua aproximação ideológica advinda dos pais. Nesse sentido, os presbiterianos elaboraram os princípios pedagógicos da escola, a fim de possibilitar a liberdade social, religiosa e política da instituição, como é o exemplo do Mackenzie College, uma escola que se afirmava isenta de preconceitos políticos (RAMALHO, 1976). Podemos traçar um panorama dessas instituições que foram se estabelecendo em algumas cidades do país:

Tabela 3 - Escolas protestantes criadas no Brasil entre o fim do século XIX e início do século XX.

DENOMINAÇÃO	**INSTITUIÇÃO**	**ANO DE CONSTITUIÇÃO E LOCAL**
Presbiteriana	Instituto Gammon	Campinas/Lavras (1869)
	Mackenzie College	São Paulo (1870)
	Ginásio Evangélico Agnes Erskine	Recife (1904)
	Instituto Ponte Nova	Wagner (1906)
	Colégio Quinze de Novembro	Garanhuns (1907)
	Instituto Cristão	Castro (1915)
	Colégio evangélico do Alto Jequitibá	Presidente Soares (1923)

	Colégio Evangélico de Buriti	Buriti (1924)
	Instituto José Manoel da Conceição	Jandira (1928)
	Colégio Dois de Julho	Salvador (1928)
Metodistas		
	Colégio Piracicabano	Piracicaba (1881)
	Instituto Grambery	Juiz de Fora (1890)
	Colégio Americano	Porto Alegre (1890)
	Instituto Metodista	Ribeirão Preto (1899)
	Colégio Isabela Hendrix	Belo Horizonte (1904)
	Instituto Central do Povo	Rio de Janeiro (1906)
	Instituto Noroeste	Birigui (1918)
	Instituto Educacional	Passo fundo (1919)
	Colégio Bennett	Rio de Janeiro (1921)
	Colégio Centenário	Santa Maria (1922)
	Instituto Porto Alegre	Porto Alegre (1923)
Batistas		
	Colégio Americano Taylor-Egídio	Salvador (1898)
	Colégio Batista Brasileiro	São Paulo (1902)
	Colégio americano Batista	Recife (1902)
	Colégio Americano Batista de Vitória	Vitória (1907)
	Colégio Batista do rio de Janeiro	Rio de janeiro (1908)
	Colégio Batista de Campos	Campos (1915)
	Colégio Batista Mineiro	Belo Horizonte (1918)
	Colégio Batista Alagoano	Maceió (1921)
	Instituto Industrial do Piauí	Corrente (1922)

Como se pode observar, houve uma considerável potencialização dos projetos educacionais protestantes no período em que marca o fim do século XIX e o início do XX. Nesse momento de transição entre dois períodos significativos da história brasileira, os protestantes puderam participar das transformações que iam ocorrendo, processualmente, no âmbito político, econômico, cultural e social do Brasil. Uma dessas transformações era excessivamente simbólica para os protestantes missionários norte-americanos, qual seja, as possíveis mudanças nos ventos da política brasileira.

Como na segunda metade do século XIX acentuou-se a crise do modelo político – e econômico – do Estado imperial, o que parecia acrescentar certo ânimo às expectativas dos protestantes, mesmo que para algumas denominações, como no caso dos batistas, o governo imperial não seria necessariamente antiliberal, como afirmava Zacharias Clay Taylor (CREBTREE, 1934).

Contudo, a proclamação da República, em 1889, trouxe uma renovação de forças aos protestantes, como celebrou a senhora Kate Taylor, então esposa de Zacharias Taylor, ambos missionários batistas:

> Nunca foi realizada tão dignamente uma grande revolução – sem violência e sem derramamento de sangue. O governo duma nação poderosa mudou dentro duma hora com perfeita paz e harmonia. Palpita de orgulho o meu coração por minha querida pátria adotiva que duas vezes nestes últimos anos deu exemplo duma grande revolução sem os horrores da guerra que inevitavelmente acompanha tais mudanças em outros países, isto é, a emancipação dos escravos e a proclamação da República. Esperamos em breve a separação da Igreja e do Estado, a liberdade religiosa, secularização dos cemitérios, casamento civil e outras reformas (CRABTREE, 1962, p. 91).

O grande interesse dos batistas, como também de presbiterianos e metodistas, denominações que desejavam a modificação do país no sentido religioso, mas também político, social e cultural, era a concretização de tal regime, isto é, do Republicano. Esse governo Republicano deveria ser conforme a nação norte-americana (SILVA, 2011).

Os batistas parecem ser uma das denominações na qual essa inclinação ao modelo liberal pode ser vista de forma bastante considerável. Tanto nas pregações públicas, as quais eram muitas vezes transformadas em folhetos ou eram veiculadas por jornais, como os princípios que norteavam os colégios, algumas vezes pronunciados por Joseph Willian Shepard, então diretor do Colégio Batista do Rio de Janeiro:

> O individualismo ensinado por Jesus é belamente ilustrado na parábola do Filho Pródigo, mostrando o valor da alma humana, veiu desabrochando e crescendo através dos séculos até que quebrou os laços do absolutismo na época moderna. A

> marcha da democracia tem sido uma marcha triumphal. Verdadeiramente estamos chegando ao tempo breve quando os princípios democráticos que professamos hão de estar espalhados por toda a parte. Não temos monopólio destas grandes doutrinas, mas cremos que nossa organização é o exemplo da democracia evangélica, a democracia que o Novo Testamento apresenta, que Jesus ensinou (O JORNAL BAPTISTA, 1921, p. 5)[73].

A "organização" que é "exemplo de democracia" a que se refere o Dr. Shepard é a instituição escolar batista. Ela, a escola protestante, seria, portanto, a grande promotora da "democracia que o Novo Testamento apresenta".

Os batistas usaram a igreja, bem como as praças – como lugares de aglomeração de pessoas – para anunciar sua mensagem. Estabeleceram as escolas para difundir seus princípios. Todavia, seriam esses os únicos meios de propagação dos batistas? Seriam esses os únicos meios de promover suas doutrinas e princípios? Seriam essas as únicas formas de possibilitar à nação brasileira uma porta de entrada à modernidade, à democracia e ao progresso? Os impressos, como os jornais, livros e folhetos, podem ter sido outro meio de informação, formação e coerção utilizados pelos batistas desde o fim do século XIX e, principalmente, a partir do século XX.

[73] SHEPARD, J. W. *Visão do futuro.* In O Jornal Baptista, Rio de Janeiro: 07/07/1921, p. 5.

2 "A INSTRUCÇÃO É O MELHOR AMIGO DE UM POVO": O JORNAL BAPTISTA COMO MEIO DE DIFUSÃO E ENSINO DA FÉ E DOS PRINCÍPIOS BATISTAS.

2.1 **Os primeiros passos em direção à imprensa**

Os batistas começavam a crescer em número em terras brasileiras. Lugares para além dos grandes centros contavam com novas congregações. Além da Bahia, Maceió, Belém do Pará, lugares como Amazonas foram visitados por pregadores insistentes como o ex-padre Antônio Teixeira de Albuquerque[74] e Eurico Alfredo Nelson[75]. Parecia ser importante o uso da palavra impressa não somente para defender-se dos ataques da Igreja Católica – a qual também se utilizou dos impressos para expor seus preceitos e opiniões, como veremos – mas também para fazer conhecida, de forma mais ampla e ligeira, a fé batista.

A tônica, no entanto, recai sobre a intenção evangelizadora e promotora da fé batista, pois, como afirmou um dos primeiros missionários batistas no Brasil, o norte-americano Willian Bagby:

> Os membros dessa missão estão convencidos de que o principal trabalho do missionário estrangeiro não é permanecer em um ou dois lugares e trabalhar aí exclusivamente ou principalmente, mas, sim, pregar o evangelho em muitos campos, fixando residência em certos centros, talvez, mas viajando nós mesmos de lugar em lugar e pregando. Não sentimos que Deus nos tenha enviado ao Brasil para sermos pastores tanto quanto missionários e evangelistas. Se nos tornamos, temporariamente, pastores das igrejas que organizamos, consideramos isso não nossa primária, mas, sim, nossa secundária tarefa. Nossa obra primária deverá ser sempre distintivamente missionária e evangelizadora (PEREIRA, 1985, p. 34).

Na filosofia de trabalho de Willian Bagby pode ser visto mais claramente o compromisso que os movia, isto é, a preocupação em evangelizar o Brasil. Quando constrói a diferença entre pastores e missionários quer o pioneiro demonstrar que os norte-americanos,

---

[74] Antônio Teixeira de Albuquerque (1840-1887), nascido na província de Alagoas. Foi padre em sua província, mas se converteu ao protestantismo, supostamente, após ler a Bíblia e perceber diferenças doutrinárias. Incomodado com sua relação com a Igreja Católica, procurou inicialmente os metodistas que o receberam. Depois, passou a seguir os batistas, sendo batizado por um pastor na colônia de Santa Barbara D'Oeste, no Estado de São Paulo. Foi o primeiro brasileiro a ser ordenado pastor batista no Brasil.

[75] Eurico Alfredo Nelson (1862-1939) é natural da Suécia, mas viveu nos EUA. Veio para o Brasil sem o sustento de qualquer organização missionária e desembarcou em Belém do Pará em 1891. Viveu inicialmente com sua esposa Ida Lundberg vendendo bíblias e somente após ter-se tornado pastor em 1897, foi nomeado missionário da Junta de Richmond e passou a receber um salário. Fundou a Primeira Igreja Batista de Belém.

enviados por uma organização missionária, não ficarão satisfeitos com a fixação de seus esforços delimitados a um único lugar, mas estarão no caminho certo enquanto anunciam em toda parte sua mensagem.

2.1.1 Do norte: as primeiras experiências editoriais

Zacaryas Clay Thaylor também era movido pelo mesmo compromisso e, em face dessa mesma preocupação, esmerou-se em promover a "causa baptista"[76] no então norte do país, na região da Bahia. Mesmo tendo sofrido com questões de saúde e a perda de sua primeira esposa, o missionário foi fundador de congregações nessa região e raramente saía de lá. Estava afeito ao trabalho missionário e não reduzia sua atuação à pregação congregacional, pois uma de suas grandes estratégias eram os impressos.

De acordo com Pereira (1985), Zacharyas Thaylor foi o primeiro missionário batista a investir nos impressos no Brasil, como meio de alcançar o público baiano atraindo-os à fé. Assim que lhe foi possível, empreendeu a compra de um imóvel, um edifício que fora um aljube da Inquisição. Era um salão de cultos que contava com um porão de 135m² onde Taylor pode iniciar os trabalhos de sua tipografia.

O salão não tinha feições de templo religioso, visto que desde a promulgação da constituição de 1824, os cultos protestantes deveriam ser domésticos e os lugares onde fossem realizados deveriam não ter aparência de templo (CONSTITUIÇÃO DE 1824, Art. 5, título. 1º). Talvez isso explique os mais diversos locais de cultos escolhidos pelos missionários, como casas, galpões e outros lugares que não oferecesse risco mediante a lei (CRABTREE, 1962).

Mesmo diante desse empenho e intenção, sendo norte-americano, não conseguiria dar um passo sem a ajuda de um nativo. Sendo assim, o missionário, bem como seus compatriotas, recebeu ajuda de novos convertidos. Um deles, o então ex-padre católico Antônio Teixeira de Albuquerque, foi um dos principais intermediários entre a pregação de língua inglesa e o povo brasileiro, em especial o povo baiano. O referido ex-padre escreveu panfletos, também chamados folhetos de evangelização como o "Treze razões porque deixei a igreja de Roma", folheto escrito em 1884.

---

[76] Termo usado pelos missionários e líderes em geral para se referir à mensagem pregada pelos batistas incluindo os princípios e práticas constitutivos da denominação religiosa.

Figura 4 - Primeira página do folheto *Três razões porque deixei a Igreja Católica*, de Antônio Teixeira de Albuquerque.

Três razões porque deixei a Igreja de Roma

Pelo ex-padre Antônio Teixeira de Albuquerque

MISSA OU TRANSUBSTANCIAÇÃO
CELIBATO OBRIGATÓRIO
CONFISSAO AURICULAR

As três razões que servem de epígrafe a êste livrinho foram as que primeiramente me fizeram vacilar sôbre a veracidade da Igreja de Roma, ainda que me achasse longe da Bíblia e sem conhecimento pleno dela.

Abalado na razão e na consciência, tive uma hora feliz; compenetrei-me do dever de estudar séria e cuidadosamente a Palavra de Deus, ora confrontando as diversas versões, para certificar-me se havia Bíblia falsa, ora meditando sôbre cada mandamento de Deus, ensinos e preceitos de Jesus Cristo. Fiquei surpreendido; pois tôdas as versões vinham do mesmo original (Grego) e eram iguais. Não havia Bíblia falsa. Estas coisas eram inteiramente novas para mim.

O véu dos mistérios do Papa foi se rasgando pouco a pouco ao passo que ia lendo a Bíblia, vendo a vontade de Deus revelada aos homens; e, de tal maneira, que pude descobrir muitas outras razões porque não devia mais me demorar em tal igreja.

As más doutrinas por si mesmas se condenam: erros, superstições, idolarias, contradizem-se à vista da Bíblia e da razão. Vi a condenação da igreja de Roma.

Fonte: Cópia de um exemplar de 1960.

A publicação desse folheto representava um argumento forte a favor dos protestantes diante das disputas com o catolicismo romano e inaugura a disputa no espaço das letras impressas a "guerra religiosa" entre batistas e católicos (AZEVEDO, 2004; ADAMOVICZ, 2008). Como afirmou Adamovicz (2008), por ser um ex-padre, fortalecia a causa dos batistas porque:

> A publicação de seu testemunho atraiu a atenção de muitos leitores e teve forte impacto entre os líderes da igreja católica devido a peculiaridade de sua experiência religiosa. Conforme pode-se observar em sua própria narrativa, não se trata somente da conversão de um fiel católico ao protestantismo, mas da fervorosa busca de um sacerdote por uma "experiência pessoal com Cristo", e por uma compreensão mais profunda sobre os preceitos do Cristianismo através do exame das doutrinas contidas nas Escrituras. (ADAMOVICZ, 2008, p. 60).

Os missionários davam muita importância à palavra impressa. Zacharyas Taylor expressou isso tão logo chegou à Bahia. Dedicou-se a editar folhetos para a evangelização. Eram impressos com uma curta mensagem ou sermão, destinados a convencer o leitor e atraí-lo para à conversão e um instrumento de crítica ao cristianismo católico.

Ele foi, de acordo com Pereira (1985), o primeiro batista a se empenhar na publicação de um jornal, saído do prelo em 1896, com o título *Echo da Verdade.* Variou o nome do jornal por algumas vezes, por motivos ainda desconhecidos, tomando os títulos *A Verdade* e *A Nova Vida* (PEREIRA, 1985). O pequeno jornal era redigido pelos próprios missionários[77]. Era publicado mensalmente e vendido por assinatura, ao preço de dois contos de réis[78].

Figura 5 - *Echo da Verdade*, janeiro de 1887, p. 1.

Echo da Verdade

Santifica-os na tua verdade : tua Palavra é a verdade.—CHRISTO.

Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.—CHRISTO.

A BIBLIA—O PULPITO—A IMPRENSA

VOLUME I — BAHIA—JANEIRO DE 1887 — NUMERO 9

ECHO DA VERDADE

A authoridade das Igrejas de Christo

As egrejas de Jesus Christo são governadas por suas leis, exactamente como Elle as tem dado; ellas não têm qualquer authoridade para mudar, reformar, revogar ou accrescental-as. O unico poder da egreja está em guardar e reforçar as mesmas leis, pela disciplina sobre os seus proprios membros. Sobre outras pessoas ella não tem poder algum, senão o poder de amar, que a Religião de Christo, naturalmente confere. Quando ella tem fielmente seguido e empregado todos os meios evangelisadores para a salvação dos peccadores, o seu dever para com elles e o seu poder sobre elles está consummado. «Não julgais vós dos que estão de dentro? Mas Deus julga os que estão de fóra. Cor. 5: 12-13.

Para prescrever rituaes, ditar artigos de fé e formas de adoração, açoitar, apedrejar e queimar herejes é somente a obra de Roma Papal e Pagã e outros estabelecimentos politico-religiosos. A egreja de Christo nunca teve por fim tal obra. Seu primeiro dever é pregar o Evangelho a toda a creatura, ensinando-lhe a obedecer a todos os mandamentos de Christo. Seu unico poder é executivo e não legislativo. Christo é o unico legislador para o seu povo. Elle concluiu a obra de legislação quando com seus discipulos habitou entre nós, adoptando a todas as nações e tribus. As leis que Elle nos tem dado continuarão até que Elle venha; nada se pode tirar, nada se pode mudar nem accrescentar. As Escripturas Sagradas são o nosso unico guia e estatuto, concluido quando o ultimo documento inspirado foi escripto.

A's decisões dos conselhos, senados e assembléas têm por titulo somente a importancia que se liga ás opiniões dos homens. A egreja não tem poder legislativo.

A passagem no verso 18 do capitulo 18 de S. Matheus, tantas vezes citado como authoridade para legislação: «Todas as cousas que ligardes sobre a terra, serão ligadas no céo», etc., se refere somente ao exercicio da disciplina, quando restrictamente conformada com as direcções do Senhor. Não ha nenhuma passagem nas escripturas autorisando a egreja para estabelecer leis. Ella pode somente executar os mandamentos do Senhor.

«Vós sereis meus amigos, se fizerdes o que eu vos mando.» João 15: 14. «Aquelle que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama» João 14: 21. «Se me amaes, guardai os meus mandamentos.» João 14: 15. «Pelo que, irmãos, estai firmes, e retendo as tradições que vos foram ensinadas, seja por palavra, seja por epistola nossa.» 2.° Thes. 2: 15.

Porque eu protesto a todo aquelle que ouvir as palavras da prophecia d'este livro, que, se alguem accrescentar a estas coisas, Deus lhe accrescentará as pragas que estão escriptas n'este livro. E se alguem diminuir das palavras do livro d'esta prophecia, Deus tirará a sua parte do livro da vida e da cidade santa e das cousas que estão escriptas n'este livro. Apoc. 22: 18-19. Estas ultimas palavras são admoestações dadas contra as invasões e usurpações do «homem do peccado.»

Mas ha organisações ecclesiasticas que tem as suas assembleas legislativas, que se reunem regularmente, e em forma parlamentar, estabelecem leis professadamente para o governo da egreja! E Roma Papal tem tido a audacia de exercer uma authoridade para mudar as ordenancias de Christo, mudando igualmente as

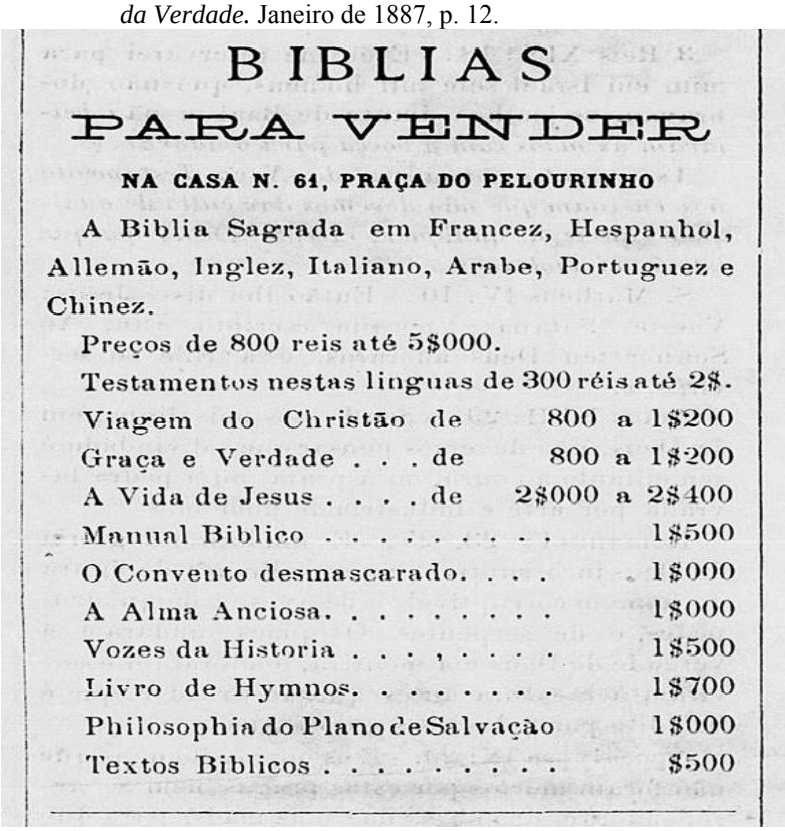
Fonte: Hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional

[77] Zacharyas Taylor certamente teve a ajuda de alguns de seus companheiros, como Antônio Teixeira de Albuquerque, que possivelmente o aconselhou com respeito ao idioma, e João Batista, um de seus cooperadores convertidos na Bahia.

[78] Com esse valor se comprava um "par de luvas pretas" e "gravatas de cetim, ponta larga, para homens". cf. O Paiz, 3 de outubro de 1884, p. 4.

Em seu cabeçalho, abaixo de duas citações bíblicas que representam bem o ardor proselitista dos missionários batistas, podia-se ver, centralizado, a tríade "A Bíblia – O Púlpito – A Imprensa", indicando as vias importantes de propagação da mensagem batista, as quais Zacharyas Taylor buscava utilizar com veemência. Vendia bíblias, pregava nos cultos e escrevia para seu jornal, além de traduzir livros de língua inglesa e francesa, todos, editados em sua tipografia.

Figura 6 - Publicidade da venda de literatura evangélica do jornal *Echo da Verdade.* Janeiro de 1887, p. 12.



BIBLIAS

PARA VENDER

NA CASA N. 61, PRAÇA DO PELOURINHO

A Biblia Sagrada em Francez, Hespanhol, Allemão, Inglez, Italiano, Arabe, Portuguez e Chinez.

Preços de 800 reis até 5$000.

Testamentos nestas linguas de 300 réis até 2$.

Viagem do Christão de	800 a 1$200
Graça e Verdade . . . de	800 a 1$200
A Vida de Jesus . . . . de	2$000 a 2$400
Manual Biblico	1$500
O Convento desmascarado. . . .	1$000
A Alma Anciosa.	1$000
Vozes da Historia	1$500
Livro de Hymnos.	1$700
Philosophia do Plano de Salvação	1$000
Textos Biblicos	$500

Fonte: Hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional.

No número "61" na "Praça Pelorinho", o missionário parecia fazer um pequeno comércio cristão, grosso modo. Livros, folhetos, bíblias em diversos idiomas, era o que Taylor se preocupava em divulgar e comercializar. Além de ser um pregador e usar o espaço de seu salão de cultos para reunir interessados aos domingos, ele buscava investir em grandes remessas de folhetos. O resultado de seus investimentos, tanto de sua pregação como da distribuição de seus impressos, parece ter surtido alguns efeitos consideráveis.

De acordo com a narrativa de Crabtree (1962), os baianos discutiam em toda a parte sobre os batistas. Segundo ele, o "predileto assunto das palestras semi-públicas dos bondes, dos trens, como dos cafés, das lojas e das casas particulares, é a Biblia, a religião e especialmente o evangelho" (CRABTREE, 1962, p. 80). Considerando o comprometimento

do narrador com a história que narra, deve-se problematizar suas colocações. Contudo, pode-se perceber o incômodo causado pela presença dos protestantes de missão, o que inclui os batistas, não somente na Bahia, como também no Rio de Janeiro no fim do século XIX. Esse mal-estar na ambiência religiosa da época pode ser detectado a partir dos discursos apologéticos presentes em periódicos como o jornal católico *O Apóstolo*[79].

A 8 de setembro de 1900, no raiar de um novo século, o referido jornal lança críticas ácidas aos pastores protestantes:

> Como nós brasileiros, usamos também o petróleo de Rockefeller, ficamos scientes de que somos nós mesmos que pagamos o opimo salário dos missionários anabatistas, que chegam às nossas plagas. A cousa prestar se-hia a humorismo, se não fosse eminentemente séria: pois estamos convencidos de que essas seitas constituem um grande perigo para o nosso povo simples que é taõ facilmente ludibriado pelas seductoras phrases e enganosos presentes desses impostores que são os verdadeiros – lobos rapaces que vem em pelles de ovelhas – e penetram sorrateiramente pelas portas a dentro das casas, perturbando a fé e a paz das consciencias corrompendo por vezes até com dinheiro o caracter do pobres. (O APÓSTOLO, 8 de setembro de 1900, p. 1).

Possivelmente, a referência a *anabatistas* no trecho acima tem a ver com os batistas, posto que em alguns momentos eles foram identificados por um vértice comum[80]. Note-se que eles eram tomados como "perturbadores da fé", uma fé conforme as concepções e orientações do magistério da igreja, pela qual também prezavam por manter em unidade. Nesse sentido, Zacharias Taylor e seus cooperadores eram grandes perturbadores.

Crabtree (1962) nos diz que na Bahia, em 1884, "aumentou rapidamente a venda de Bíblias" e que "de todos os lados vinham notícias e prova de progresso" dos objetivos de evangelização dos batistas (CRABTREE, 1962, p. 82). Segundo ele:

> A convicção e a certeza de que o Espírito Santo dirigia e orientava os batistas na evangelização era indubitàvelmente o segrêdo de seu poder e influência naqueles

[79] Limeira (2014) compreendeu esse periódico como uma "força" coercitiva da Igreja Católica no século XIX e pelo qual se podia compreender os "embates daquele tempo presente e perceber as estratégias da Igreja, o jogo dos confrontos internos, a ação dos bispos reformadores, o diálogo com possíveis aliados e o debate intelectual constante com os „inimigos da Igreja‟" e ainda que O jornal identificava o catolicismo aos aspectos positivos da história do país e associava, por exemplo, a fundação da cidade do Rio de Janeiro ao martírio de Estácio de Sá e de São Sebastião, o padroeiro" (LIMEIRA, 2014, p. 82-83). Sendo assim, segundo a pesquisadora, a função do jornal era demonstrar a importância da religião em vários países, respondendo àqueles que criticavam a relação estreita entre o "trono e o altar" e, o mais importante, demonstrar que o atraso do país não se devia ao catolicismo, mas ao anticatolicismo.

[80] Os batistas já foram identificados como descendentes dos anabatistas do século XVI, uma corrente do protestantismo que diferenciava das outras vertentes de religiosos protestantes pelo maior radicalismo doutrinário e litúrgico. O batismo adulto era a principal bandeira levantada por esses radicais dentre outras concepções que distanciavam em muito do catolicismo romano. Essas teses foram discutidas por vários estudiosos e, de certa forma, levaram a opiniões pouco conclusivas. Cf. PEREIRA (1985); CRABTREE (1962); AZEVEDO (2004); SILVA (1998); LATOURETTE (1977); VEDDER (1934).

> dias. Venderam durante o ano 1.300 exemplares das Escrituras e distribuíram 50.000 folhetos. Pregaram o evangelho em três cidade e dez vilas, com bons resultados (CRABTREE, 1962, p.82).

Não há como medir a qualidade dos resultados referidos por Crabtree. Podemos, no entanto, ter uma ideia da "perturbação" causada por Zacharyas Taylor e seus companheiros Willian Bagby, Antônio Teixeira de Albuquerque, o mexicano José Domingues e o nativo pastor João Gualberto Baptista, além de sua primeira esposa Kate Crawford Taylor[81]. Eles fizeram um grande esforço para converter o povo baiano e isso lhes custou a incompreensão da Igreja Católica. Na ótica dos batistas, a intolerância dos Católicos era perseguição religiosa. Na ótica dos católicos, a ação protestante se constituía no ludibriamento da população por um grupo de impostores.

O Jornal *Echo da Verdade*, depois chamado *A Nova Vida,* durou treze anos, somando-se os dez anos do primeiro e mais três anos do segundo. Em 1900 termina sua impressão. Como não foi possível recuperar a imagem de *A Nova Vida* para reproduzir no presente texto, podemos contar com a descrição apaixonada de Crabtree (1962), cujo texto é fonte para este trabalho:

> Se foram todos iguais ao volume 98 e 99, foi de fato um jornal de primeira ordem. Era ardentemente evangelístico. Impressas, imediatamente abaixo do título do jornal, eram as palavras de Jesus: *Necessário vos é nascer de novo*. Essas palavras se achavam destacadas em todas as páginas do jornal. Trazia diversos artiguetes que estabeleciam as doutrinas do evangelho, histórias de viagens bem escritas descrevendo os trabalhos do pregador, a fé e a alegria dos crentes o interesse do povo e a oposição dos inimigos. Sempre trazia artigos de valor. A *Mitologia Dúpla* foi publicada pela primeira vez como uma série de artigos neste jornal pela escritora talhada Profe. Achimínia Barreto, *Cinquenta anos em cativeiro*, por José Domingues Batista, é uma outra série de artigos que se destacou nesses números [...] Cartas, notícias, variedades, e outras discussões contribuiram para apresentar um jornal interessante, evangelístico, doutrinário, instrutivo e poderoso (CREBETREE, 1962, p. 165).

Nessa pesquisa as informações acima citadas são as únicas possíveis coletadas sobre a continuação do trabalho jornalístico e editorial de Zacharias Taylor no então norte do país. Possivelmente, nem mesmo os historiadores da denominação, como Crabetree (1962), tiveram acesso a essa documentação, como se pode ler no início de seu comentário. Parece que

---

[81] Willian Bagby era missionário norte-americano que viera antes de Zacharyas Thaylor fundando em Santa Barbara D"Oeste, no Estado de São Paulo, a primeira igreja batista de colonos norte-americanos. Antônio Teixeira de Albuquerque era vigário em Maceió e se convertera após ouvir a pregação de Bagby tornando-se pastor batista. José Domingues fora um mexicano que se convertera depois da leitura de um dos folhetos publicados por Taylor "Como orar". João Gualberto Batista foi um dos mais importantes auxiliares de Taylor e seu cooperador tanto na pregação como na editoração de seus impressos. Sua primeira esposa, Kate Crawford Taylor fora bastante envolvida com o trabalho missionário juntamente com seu marido até que um tumor cancerígeno tirou sua vida em 1894. (PEREIRA, 1985).

acessível ao autor somente haviam disponíveis dois exemplares, os números 98 e 99. Sua dedução é que desses exemplares poderia se ter uma ideia do que seria o jornal *A Nova Vida,* segunda fase do jornal *Echo da Verdade.*

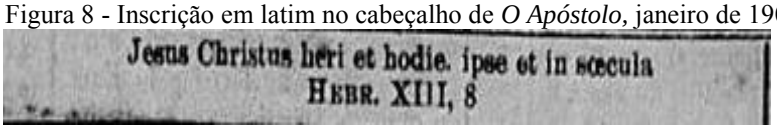
A frase marcadamente confessional[82] permeava as páginas do jornal, como um discurso deliberadamente repetido, em todas as páginas, como um convite à conversão[83] não muito diferente do que ocorria na fase anterior. No caso do *Echo da Verdade,* as palavras de Jesus eram duplamente inscritas abaixo do título na primeira página, um texto à direita e outro à esquerda como demonstrado acima e não pareciam se repetir em outras páginas, ao menos nos exemplares disponíveis. Essa prática de inserir um extrato de um texto bíblico era comum também aos católicos. O Jornal *O Apóstolo* também inseria em seu cabeçalho um texto dos evangelhos em latim.

Figura 7 - Recorte de cabeçalho de O Apostolo, janeiro de 1900.

O APOSTOLO
ORGÃO CATHOLICO
Com approvação e benção de S. Ex. Revma: Sr. Arcebispo
PUBLICA-SE AOS SABBADOS
Rio de Janeiro, 6 de Janeiro de 1900
Anno XXXV
egunda phase) ANNO II
Jesus Christus heri et hodie, ipse et in secula
HEBR. XIII, 8
Hæc est victoria, quæ vincit mundum, fides nostra
I JOAN. V, 4.
NUMERO 24

Fonte: Hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional.

Figura 8 - Inscrição em latim no cabeçalho de *O Apóstolo,* janeiro de 1900.


Jesus Christus heri et hodie. ipse et in secula
HEBR. XIII, 8

"Jesus Christus heri et hodie ipse et in scecula. Hebr. XIII, 8"
Fonte: Hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional.

O fato de estar em latim – na figura acima, uma referência ao texto do livro bíblico de Hebreus capítulo 13 versículo 8, onde se diz: "Jesus Cristo é o mesmo, ontem, e hoje, e

[82] Quer dizer, palavra que exprime uma confissão de fé.

[83] O texto do jornal *A Nova Vida* referido pela citação de Crabtree (1962) no qual lemos "Necessário vos é nascer de novo" faz parte das palavras de Jesus, registrado no Evangelho de João capítulos 3 versículos 7, no qual Jesus trava um diálogo com o Nicodemos, um dos mestres da sinagoga judaica. As palavras de Jesus neste texto foram sempre reproduzidas na tradição evangélica e protestante como um apelo a conversão à fé cristã.

eternamente" – a cria uma significativa diferença das práticas culturais entre protestantes e católicos e suas implicações no espaço da palavra impressa e essa questão faz-se importante destacar. A preocupação dos protestantes, inclusive os batistas, era a de proporcionar acesso às Escrituras Sagradas, isto é, ao texto bíblico, e esse acesso deveria ser a todos[84]. Essa preocupação cerca o movimento protestante desde seu início. Toda sua literatura era produzida ou traduzida para o português e a preocupação de se fazer entender se percebia no fato de as referências aos textos bíblicos serem na língua pátria.

Essa preocupação em traduzir a mensagem, tanto da bíblia como a de qualquer texto religioso para a língua pátria, pode apontar para o movimento de formação dos Estados Nacionais, cuja participação protestante, ligado ao capitalismo editorial, foi fundamental para abalar os regimes dinásticos europeus. Do ponto de vista religioso, a dessacralização de línguas antigas como o latim – usado nas liturgias católicas - poderia desestabilizar o poder da Igreja que detinha nas mãos de seus sacerdotes o acesso aos textos sagrados. Segundo Anderson (2008), a força do capitalismo editorial somando-se às descobertas de novas línguas de civilizações não-europeias fez com que:

> [...] as antigas línguas sagradas – o latim, o grego e o hebreu – foram obrigadas a se misturar em pé de igualdade ontológica com uma variada multidão plebeia de vernáculos rivais, num movimento que complementava sua anterior depreciação no mercado por obra do capitalismo editorial. Se agora todas as línguas tinham o mesmo estatuto (intra)mundano, então todas eram, em princípio, igualmente dignas de estudo e admiração. Mas de quem? Logicamente de seus novos donos, os falantes – e leitores – nativos de cada língua, pois agora nenhuma pertencia a Deus

[84] É claro que aqui se deve perguntar pelo alcance que as produções editoriais protestantes tiveram no Brasil de meados do século XIX início do século XX. Se considerarmos os índices da população leitora no país teremos condições de pensar sobre o alcance da propaganda protestante em relação aos leitores. Nesse sentido, ao analisar o Recenciamento populacional realizado em 1900, de acordo com os arquivos do IBGE, podemos perceber que somando-se os 20 Estados do país, com um total de 16.626.991 habitantes, o total de analfabetos era de 12.599.382 pessoas. Aqui é preciso fazer a diferença entre homens, mulheres, brasileiros, estrangeiros e ignorados, além de faixa etária (maiores ou menores de 15 anos). Sendo assim, temos:

- Homens brasileiros menores de 15 anos: 3.171.812
- Homens brasileiros maiores de 15 anos: 2.480.815
- Homens Estrangeiros menores de 15 anos: 89.613
- Homens Estrangeiros maiores de 15 anos: 163.805
- Homens de nacionalidade ignorada menores de 15 anos: 13.393
- Homens de nacionalidade ignorada maiores de 15 anos: 30.955
- Mulheres brasileiras menores de 15 anos: 3.062.723
- Mulheres brasileiras maiores de 15 anos: 3.294.186
- Mulheres estrangeiras menores de 15 anos: 82.883
- Mulheres estrangeiras maiores de 15 anos: 171.184
- Mulheres de nacionalidade ignorada menores de 15 anos: 12.411
- Mulheres de nacionalidade ignorada maiores de 15 anos: 25.602

O panorama era complexo. Apenas 4.027.609 da população de um total de 16.626.991 sabiam ler, sem especificar como liam. Demandaria um grande esforço dos protestantes de missão, o ter de alcançar os brasileiros por meio de seus periódicos. Além dos que sabiam ler, precisavam lidar com os 12.009.536 brasileiros analfabetos.

(ANDERSON, 2008, p.111).

Roger Chartier (2009), por sua vez, ressalta a relação do movimento protestante com a generalização das possibilidades de leitura na Europa do século XVI, embora a aprendizagem e leitura estivessem voltadas para a formação das elites pastorais e administrativas nos Estados luteranos. A educação religiosa do povo coabitava com o analfabetismo, posto que o povo recebia informações prontas, que deviam ser memorizadas e baseadas em ensinamentos orais.

O autor sinaliza ainda que a "Segunda Reforma", iniciada pelo pietismo, foi a principal responsável pelo desenvolvimento da leitura na Alemanha, pois enquanto a bíblia na Alemanha do século XVI "é um livro de pastores, de candidatos ao ministério, de bibliotecas paroquiais, na Alemanha do século XVIII ela se torna um livro de todos, produzido em massa e a baixo custo" (CHARTIER, 2009, p. 123).

A cultura letrada entre os batistas segue a tradição pietista[85], ao menos no que se refere à popularização do texto impresso, visto que a tradição religiosa do protestantismo batista sofre influência dessa mesma tradição que também se manifestou na Inglaterra (AZEVEDO, 2004). Talvez seja por isso que junto às outras formas de proselitismo, quais sejam, a pregação nos templos e nas praças, a imprensa se torna algo de profunda importância desde o início da atuação batista no Brasil.

Como se pode ler na citação acima, o corpo do jornal se constituía de artigos voltados à explicação das doutrinas cristãs. Era evidentemente um jornal religioso se comprometendo com a fé e suas narrativas demonstravam também o "trabalho do pregador". Possivelmente, esse "trabalho" seriam as aventuras de Zacharias Taylor e de outros missionários que nesse período se desdobravam para pregar sua fé em regiões distantes dos grandes centros.

O que chama a atenção ainda no trecho é a publicação de livros em forma de artigos e o espaço que os protestantes davam às mulheres. Archimínia de Meirelles Barreto (1845-1930, uma professora da instrução pública, convertida ao protestantismo, publicou um de seus livros A *Mitologia Dupla,* primeiramente no periódico *A Nova Vida.* Curiosamente era filha de um Padre, Fernando Pinto Meirelles Barreto, e do qual nunca ocultou a filiação.

---

[85] O pietismo foi uma corrente do protestantismo que se posicionava criticando o objetivismo da ortodoxia protestante considerada demasiadamente racionalista. Segundo Paul Tillich (1988) o pietismo é a "reação do lado subjetivo da religião contra o lado objetivo" (TILLICH, 1988, p.257). Pietistas como Filipe Jacob Spener foram os primeiros a influenciar a tradição protestante no que corresponde a uma *ética social,* fundando orfanatos e criando as primeiras empresas missionárias, que foram as principais influências do movimento missionário norte-americano, do qual os batistas participam.

Figura 9 - Fotografia de Archiminia Barreto. In: 1969, p. 1.

Fonte: Mitologia Dupla: ou religião Católica e sua máscara, 1969.

Foi educada pelo próprio pai, possivelmente em casa, e era versada em latim. Seu livro foi dedicado ao missionário norte-americano Zacharias Taylor, por se fazer amigo da escritora. Segundo ela, como consta na dedicatória que fez a Taylor, em agradecimento por seus conselhos, entendia que seu livro fazia parte de um "trabalho espiritual que pode um dia vir a libertar o nosso país da corrupção, com que os deuses falsos costumam entorpecer os nossos corações" (Biografia in *Mitologia Dupla*, 1969, p. 16-24).

Os livros de Achimínia, bem como os de outras personalidades que escreveram para os jornais batistas, eram basicamente textos de afirmação das doutrinas ou dogmas protestantes em detrimento das doutrinas católicas. As representações que esses textos construíam necessariamente vinculavam a compreensão católica da fé cristã um desvio da verdade. Os textos de Achimínia são um grande exemplo disso. Ela vinculou a devoção católica aos santos e as imagens à mitologia dos gregos e romanos. Sua crítica aos católicos se colocava sobre

essa suposta heresia, segundo ela mesma, doutrinas que são "contos da carochinha" e uma "abençoada moléstia" (BARRETO, 1969, p. 42-43).

O lugar da mulher nos escritos impressos era marcante no século XIX e não era privilégio do protestantismo. Todavia, esse lugar era constituído por uma série de esforços consideráveis, visto que, nesse período, muitos jornais haviam sido coordenados por mulheres ou, muitas dessas mulheres leitoras e escritoras contribuíam com jornais cujos editores e administradores eram homens. E talvez Achimínia Barreto tivesse o mesmo entusiasmo para escrever. Uma de suas contemporâneas, a escritora e poetisa Baiana Anna Theófila Figueiras Austran[86] era um exemplo de ousadia na imprensa. Foi uma das escritoras de periódicos do século XIX que lutou pelo direito das mulheres, pela abolição e pelo governo republicano.

Talvez Achimínia, como mulher pública que era, entendia a importância de se colocar também publicamente nas páginas dos jornais, ao menos nos jornais de sua própria religião. É fato que a estimada professora teve seu lugar louvado por muitos homens, tanto que os elogios tecidos a sua pessoa ecoaram nos textos de alguns representantes batistas como Crabtree, que a chamou "escritora talhada" uma "escritora de prestígio naquele tempo" (CRABTREE, 1962, p. 165).

Em suma, circularam "notícias, variedades" e era então "um jornal interessante, evangelístico, doutrinário" que abria espaço para escritoras e que se entendia como um jornal "instrutivo e poderoso". Aqui já podemos notar a utilização do impresso como meio de instrução, uma ferramenta para educar os leitores construindo valores e constituindo "modos de viver e de pensar" (CAMPOS, 2009, p. 19), prática essa que parece percorrer a produção impressa batista.

2.1.2 "Boas Novas" no Sul

O mesmo esforço fora exercido por Salomão Luis Ginsburg, um outro missionário que se dedicou à evangelização do Brasil pela pregação pública e também a partir dos impressos. Ginsburg se dedicou principalmente ao trabalho no então sul do país, escolhendo uma

[86] Anna Theófilas Figueiras Austran (1856-1933) era filha de aristocratas bahianos e poetisa. Escreveu para jornais como *Diário da Bahia* no qual travou disputa, em 1871, contra Belarmino Barreto (1840-1882) sobre direitos femininos, uma disputa que entrou para os anais da história da imprensa. cf. LEITE, 2006.

geografia próxima à capital Rio de Janeiro. Sua influência foi percebida, principalmente na região fluminense, em Campos dos Goitacazes.

Judeu convertido ao cristianismo, Ginsburg trouxe na bagagem de sua experiência de conversão ocorrida na Inglaterra o aprendizado da tipografia. Veio para o Brasil como missionário da igreja Congregacional e depois se tornou um batista. Sua primeira publicação foi um folheto intitulado *São Pedro nunca foi Papa* produzido quando esteve em Portugal, demonstrando a insistente contraposição com as doutrinas da Igreja Católica, uma marca da imprensa batista, principalmente de seus panfletos e de seus jornais.

Sua tipografia estabeleceu-a em Campos, Estado Rio de Janeiro, publicando, em 1894, o periódico *As Boas Novas".* Este periódico publicado, de início quinzenalmente, e, depois, "duas vezes por semana" (AS BOAS NOVAS, 1894, p. 4), se tornou o órgão de comunicação dos batistas na região sul do Brasil (CRABTREE, 1962), como o era o *Echo da Verdade* para os batistas do Norte. Contava com quatro páginas e essa quantidade parece ter sido frequente até o início do século XX. Abaixo do título do cabeçalho do pequeno periódico contava com uma frase sugestiva, retirada do evangelho de Lucas, onde se podia ler *Glória a Deus nas alturas; paz na terra; boa vontade para os homens.*

Figura 10 - Jornal As Boas Novas, 31 de janeiro de 1900, p.1.

ANNO VII CAMPOS (EST. DO RIO), 31-JAN-1900 NUM. 7

AS BOAS NOVAS

Gloria a Deus nas alturas; paz na terra; boa vontade para com os homens.

BIBLIOTECA NACIONAL S.L.R.
3.791/52

DAR DE COMER A QUEM TEM FÓME

A pequena Branca tem especial predilecção pelos seus cachorros, e suas caricias traduzem-se n'um tratamento fidalgo. Hoje, por exemplo, vemol-a bem preoccupada a trinchar uma ave, que constitue o prato do dia, dos felizes animaes.

Os meus pequenos leitores devem notar a correcção com que a carinhosa menina manobra o talher, e a paciencia com que os prestativos quadrupedes esperam a sua ração. Tanto ella como os cachorros, offerecem um bello contraste ao procedimento de certas creanças estouvadas e impacientes, além de perversas, pois, tambem, se habituam a maltratar os animaes o que é indicio de máu caracter.

Os animaes domesticos nos são sempre de grande utilidade e nos affeiçoamos a elles porque nos prestam muitos e bons serviços. O cão é um guarda fiel de seu dono e seus haveres; o gato espanta e destroça os damninhos ratos; as diversas aves, como gallinhas e patos que vêmos no plano inferior da nossa gravura dão-nos saboroso e util alimento. E assim successivamente com tudo o que de animado temos em nossa convivencia.

Ora, se nos são de tanta utilidade, como podemos castigal-os e maltratal-os immerecidamente? E quando merecem castigo, não é ás creanças que compete dal-o, mas a seus paes e superiores.

Fonte: Hemeroteca Fundação Biblioteca Nacional.

Os batistas admitiam que sua proposta religiosa era equivalente ao progresso do país, era a oportunidade de trazer as benesses da modernidade e tudo isso em nome da "glória de Deus", o que acarretava, por sua vez, uma "boa vontade sobre os homens". Quer isso dizer

que um verso da bíblia está carregado de intencionalidades da forma com que é representado aqui. Os batistas traziam em nome de Deus a benção do progresso, como boa notícia, como "As Boas novas", e essa intenção era representada nos detalhes de suas publicações.

Salomão Ginsburg pregava todos os domingos às onze horas da manhã e às dezenove horas da noite num sobrado na Travessa do Barroso, número 7, conforme consta em um anúncio de *As Boas Novas,* de trinta de março de 1894. Somando se às preleções e a edição do jornal, foi também o principal contribuinte para a compilação de um cancioneiro para a denominação, o chamado *Cantor Cristão*, escrevendo e traduzindo 102 hinos para a coleção. No que se refere às publicações efetuadas pelos protestantes batistas em fins do século XIX, o cancioneiro, ou hinário, tem sua importância do ponto de vista da doutrinação dos fiéis. Sua importância se deve ao fato de que boa parte da teologia batista e de seu pensamento religioso está contido na poesia de seus hinos (AZEVEDO, 2004).

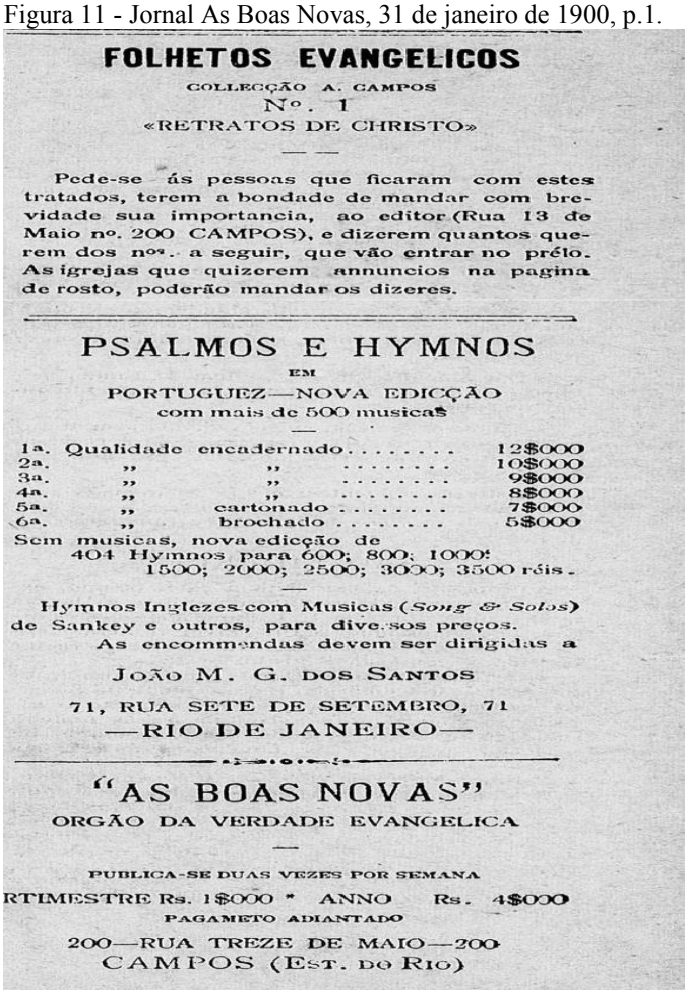
Apesar de não se referir diretamente à especificidade do cancioneiro batista, o sociólogo Antônio Gouvêa Mendonça (1995) ainda acrescenta sobre a relação entre o sistema de crenças do protestantismo, principalmente seu viés avivalista[87], tanto inglês quanto norte-americano, a seguinte consideração:

> Não nos resta, portanto, outro documento que expresse a resposta e organização da crença por parte do protestante comum a não ser o seu livro de cânticos sagrados. Eles eram cantados no culto, no qual a presença dos pastores e líderes podia talvez selecioná-los a partir do sistema teológico institucional. Mas mesmo assim é provável que eles procurassem atender, na escolha de cânticos, as predileções dos adeptos. No entanto, a regra geral era que os próprios fiéis selecionassem os cânticos preferidos, uma vez que ficavam longos meses sem a presença dos pastores. Além disso, o protestante não cantava seus hinos só nos momentos formais do culto, mas no cotidiano de seus afazeres e lazer. Isso ocorria como expressão de fé e, é certo, em substituição aos cânticos profanos que lhes ficavam interditados. Os cânticos profanos eram expressões mundanas e deveriam ser abandonados (MENDONÇA, 1995, p. 220)

O missionário Ginsburg também acreditava no valor dos folhetos e da venda de bíblias. Sua pequena tipografia editou livros e folhetos e, para os interessados, as informações de valores eram anunciadas na última página de seu jornal, funcionando como propaganda.

[87] Termo que se refere ao movimento de renovação religiosa ocorrido nos EUA no século XIX.

Figura 11 - Jornal As Boas Novas, 31 de janeiro de 1900, p.1.



FOLHETOS EVANGELICOS

COLLECÇÃO A. CAMPOS

Nº. 1

«RETRATOS DE CHRISTO»

Pede-se ás pessoas que ficaram com estes tratados, terem a bondade de mandar com brevidade sua importancia, ao editor (Rua 13 de Maio nº. 200 CAMPOS), e dizerem quantos querem dos nºs. a seguir, que vão entrar no prélo. As igrejas que quizerem annuncios na pagina de rosto, poderão mandar os dizeres.

PSALMOS E HYMNOS

EM

PORTUGUEZ—NOVA EDICÇÃO

com mais de 500 musicas

1ª.	Qualidade	encadernado	12$000
2ª.	"	"	10$000
3ª.	"	"	9$000
4ª.	"	"	8$000
5ª.	"	cartonado	7$000
6ª.	"	brochado	5$000

Sem musicas, nova edicção de 404 Hymnos para 600; 800; 1000; 1500; 2000; 2500; 3000; 3500 réis.

Hymnos Inglezes com Musicas (*Song & Solos*) de Sankey e outros, para diversos preços.

As encommendas devem ser dirigidas a

JOÃO M. G. DOS SANTOS

71, RUA SETE DE SETEMBRO, 71

—RIO DE JANEIRO—

"AS BOAS NOVAS"

ORGÃO DA VERDADE EVANGELICA

PUBLICA-SE DUAS VEZES POR SEMANA

RTIMESTRE Rs. 1$000 " ANNO Rs. 4$000

PAGAMETO ADIANTADO

200—RUA TREZE DE MAIO—200

CAMPOS (EST. DO RIO)

Fonte: Hemeroteca da fundação

A criatividade desses dois missionários parecia ser uma semente de algo ainda a surgir. Os jornais criados por Ginsburg, no Sul, e Taylor, no norte – somando-se a pregação pública nas praças e nos templos – convieram para levar a mensagem batista aos moradores das respectivas regiões, todavia, esperava-se mais. Os batistas queriam alcançar a nação com sua mensagem e, diante dessa necessidade, que para eles soava imperiosa, deveriam criar artifícios ainda mais abrangentes.

2.2 **W. E. Entizminger e uma proposta para o século XX**

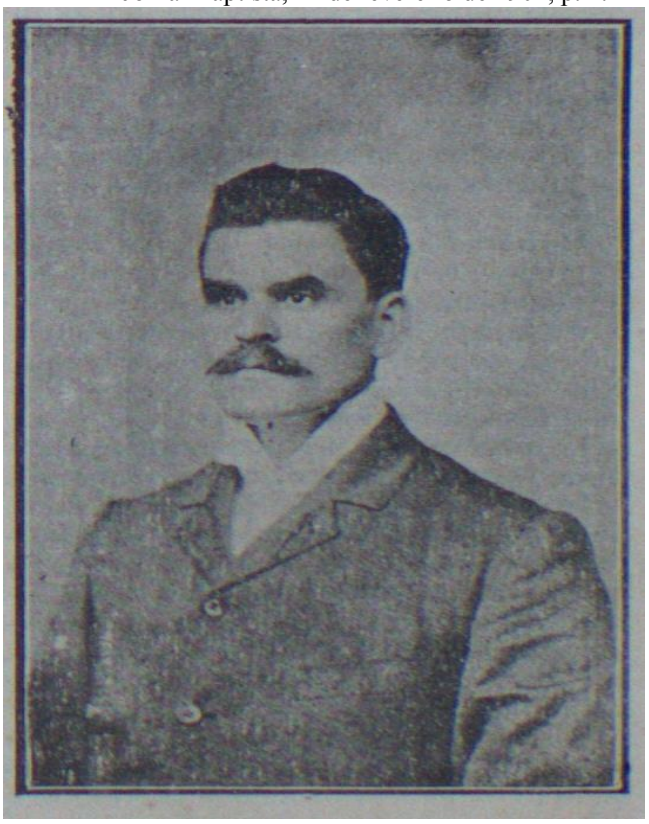
O século XIX se despede e os batistas estabelecem uma série de organizações que vão se desenvolvendo ao longo do século XX. A primeira sociedade feminina entre os batistas foi criada em 1893; em 1895 o primeiro grande templo; a primeira união de igrejas com fins de

cooperação para a realização do trabalho de evangelização surge com as igrejas do sul do país – a região sudeste daquela época – e um impresso valorizado pelos batistas, desde sua publicação em 1891, o *Cantor Cristão*, um hinário que já em 1927 contava com 517 músicas colecionadas. Além desses feitos, dois periódicos circularam pelas regiões norte e sul.

Rompe a aurora do século XX e os batistas continuam com o objetivo de avançar, isto é, de alcançar mais adeptos à fé. Um outro missionário, também afeito à palavra impressa e cooperador de Zacharias Taylor por algum tempo na Bahia, haveria de mudar o rumo dos impressos para os batistas. Seria ele o promotor de algumas mudanças cruciais.

Willian Edwin Entzminger era, entre todos os missionários batistas envolvidos com o trabalho missionário no Brasil, o mais gabaritado. Era doutor em Teologia, um título que somente ele galgara entre seus companheiros. Era formado pelo Seminário Batista de Louisville, onde se formavam muitos dos pastores batistas do sul dos EUA. Por mais que homens como Zacharias Taylor, Bagby e Ginsburg fossem habilidosos em palavras faladas e escritas, nenhum deles alcançara a posição acadêmica de doutor em Teologia. Entzminger Casado com Maggie Griffith, uma "ajudadora fiel" (CRABTREE, 1962, p. 168), filha de pastor, que cooperou com ele por mais de trinta anos em seu trabalho no Brasil.

Figura 12 - Fotografia do Dr. Willian Edwin Entzminger. O Jornal Baptista, 21 de fevereiro de 1902, p. 1.



Fonte: Arquivo da Convenção Batista Brasileira.

Lendo um folheto de Zacharias Taylor, intitulado "A Terra do Cruzeiro do Sul", ainda nos EUA, percebeu a necessidade de apoiar seus irmãos missionários. Veio logo ao Brasil, em 1891, onde, na Bahia, foi companheiro do próprio Zacharias Taylor, deixando-o depois de algum tempo por motivo de saúde[88]. Foi um perspicaz estudioso do português falado no Brasil e, devido sua facilidade em se comunicar por escrito, Entzminger se envolveu com polêmicas jornalísticas, como o fez também Zacharias Taylor[89].

Mesmo após ter perdido dois filhos na cidade do Recife, seu desejo de continuar era contundente, como uma espécie de ideal supremo que o impulsionava a perseverar. Em uma de suas correspondências dizia a seus compatriotas quando estes o impeliam a retornar aos EUA para tratar de sua saúde:

> [...] se uma ordem de retorno deve ser enviada aos nossos missionários, por favor, não me peçam isso, porque eu não voltarei. Mesmo que meu salário cesse, eu não voltarei. Confiarei que os corvos do Senhor me trarão meu pão e minha água (PEREIRA, 1985, p.42).

Transparece na fala do missionário o teor firme de sua posição. Citando um texto do Antigo Testamento Bíblico que se referia ao profeta Elias, quando foi sustentado por corvos numa caverna[90], refere-se ao comprometimento que deseja assumir com o trabalho no Brasil. Uma ideologia forte que o leva a planejar novos empreendimentos, em maiores escalas. Fundou igrejas, como a primeira igreja de Natal, no Rio Grande do Norte em 1896 e se apresentou para as autoridades em denúncia à suposta intolerância da igreja católica[91]. Diz-se que, em 1896, um jornal clerical em Pernambuco criou uma grande polêmica com os protestantes batistas, principalmente por causa das bíblias que eram distribuídas. Deixemos o próprio Entzminger contar o fato:

> *A Era Nova,* folha clerical em Pernambuco, tinha como redactor o padre Augusto, vigário da matriz da Boa Vista e um inimigo ferrenho dos evangélicos. A 2 de

[88] W. E. Entzminger contraiu febre amarela e depois uma doença de nome, à época, "impaludismo", uma espécie de malária transmitida por mosquitos de regiões tropicais.

[89] Esses missionários se colocavam a polemizar com os representantes da Igreja Católica e seus textos eram publicados em jornais locais, como o *Jornal do Recife*.

[90] Essa história faz parte da narrativa do livro de Reis, livro I, capítulo 17, versículo 1-9.

[91] Assim como fazia Zacharias Taylor, Entzminger também buscava polemizar em jornais que circulavam nas regiões onde atuavam. Crabtree (1962) sinaliza a polêmica em que Entzminger iniciou com o Cônego João Machado de Melo, indicado pelas autoridades eclesiásticas da época para pelejar com o missionário (CRABTREE, 1962, p. 143). Nessa pesquisa não foi possível encontrar nenhum registro de jornais que preservaram esses escritos, o que não significa que não foram preservados. Há, no entanto, o relato do próprio Entzminger em O Jornal Batistas no ano de 1927, onde ele reproduz um trecho em que o Jornal do Recife, de 1897, relata o resultado de uma de suas polêmicas.

> novembro de 1896, pelas columnas de seu jornal, elle lançou um tremendo libello contra as Bíblias Protestantes, taxando-as de falsas e indignas de leitura e aconselhando o povo a fugir delas como de uma peste assoladora. No numero da semana seguinte, estampou segundo artigo ainda mais temerario contra as nossas bíblias, afirmando que eram ellas *mutiladas, alteradas e corrompidas*, e, portanto, perigosa à fé dos leitores cathólicos (CRABTREE, 1962, p.143).

Nota-se que as publicações distribuídas pelos batistas e pelos protestantes em geral causavam real incomodo à liderança católica. Isto porque os missionários, como Zacharias Taylor, Willian Entzminger, Salomão Ginsburg e os brasileiros Teodoro Teixeira, Antonio Teixeira de Albuquerque e os demais novos convertidos que se agregavam, tinham costume fazer o trabalho de colportores[92]. De casa em casa e também nos comércios e nas praças, eles iam oferecendo seus folhetos e também comercializavam seus livros e bíblias. As Bíblias que vendiam eram traduzidas para o português e editadas a partir da mesma versão das bíblias católicas e, nesse sentido, não havia, segundo os missionários batistas, o *porquê* da acusação de falsidade.

Entzminger polemizou com a liderança católica de Pernambuco a partir de um opúsculo, uma coleção de artigos enviados ao periódico *O Jornal do Recife*[93], a fim de responder às provocações do periódico clerical *A Era Nova*. Como resultado, segundo nos relata Entzminger em sua coluna em O Jornal Batista de 1927, alguns jornais da região também noticiaram a polêmica que se instaurou. O missionário cita também o periódico *Lanterna Mágica,* um semanário de humor que usava caricaturas as quais Entzminger julgava "espirituosas e engraçadas", para demonstrar a importância da discussão

---

[92] Colportor são os vendedores de livros ambulantes. Aqueles que vão de casa em casa para vender literatura, em sua maioria, religiosa.

[93] O Jornal do Recife era um periódico semanal, de certa influência em Pernambuco, no século XIX. Sua primeira tiragem saiu a 1 de janeiro de 1859. Quando de suas primeiras manifestações ao lado da maçonaria, contava o ano de 1873, quando o jornal se volta para as questões religiosas. Nesse período, muitas críticas foram dirigidas aos padre e bispos católicos, mas ao mesmo tempo o próprio jornal resguardava o lugar da Igreja. Na década de 1880 jornal passa a dispor um espaço para o Partido Liberal condicionando as disputas entre liberais e conservadores. Sua guinada mais significativa acontece quando José Vasconsellos, seu antigo proprietário passa a uma associação anônima a administração do Jornal. Este passa então a figurar uma postura efetivamente liberal tecendo juízos sobre questões políticas e sociais a partir de uma "escola liberal" em política ou em economia. Com a Proclamação da República em 1889, os colaboradores e redatores posicionaram o periódico como a favor da República.
Sendo de vertente liberal e recebendo apoio da maçonaria, nutria uma simpatia pelos protestantes, não por acaso. Os protestantes correspondiam aos ideais do referido periódico, pois questionavam a hegemonia da Igreja oficial e supostamente lutavam pela liberdade religiosa, de consciência e pela separação entre Igreja e Estado. Talvez por isso, tenha aberto espaço para os batistas e para os discursos do Dr. Willian Entzminger. Sobre o periódico *O Jornal do Recife* cf. NASCIMENTO, 1966.

Figura 13 - O Jornal Baptista, 1927, p. 2.

Fonte: Arquivo da Convenção Batista Brasileira.

O embate entre protestantes e católicos manteve-se acirrado desde as primeiras manifestações de ambas as partes nos espaços da imprensa periódica. Haviam dois discursos que estavam em disputa utilizando-se de um importante veículo de informação, o jornal. Nesse sentido, tanto os protestantes como os católicos disputavam a aquiescência do público e ambas as partes construíam seus discursos a partir de seu desejo de verdade (FOUCAULT, 2010).

O período em que se davam essas disputas era também um período de certo desenvolvimento da imprensa no país. É o momento em que se vão estabelecendo as empresas que se tornam mantenedoras dos principais jornais. No Rio de Janeiro, periódicos como *O Jornal do Comércio*, *Gazeta de Notícias* e *Jornal do Brasil* podiam ser contados entre os maiores. Esses grandes jornais viviam, principalmente, de publicidade, de dar visibilidade às questões comerciais e, desse modo, mantinham-se mais ocupados com questões sem nenhum caráter polêmico, diferente dos pequenos jornais de vida mais efêmera que em sua maioria buscava opinar sobre tudo, além de intentar formar opiniões (SODRÉ, 1999).

Enquanto se dava a efervescência jornalística na capital do Brasil, os batistas se articulam para também encontrar seu espaço no mundo da imprensa, ou, de outra forma, para refinar sua proposta de um jornal periódico mais robusto e de maior alcance para a sociedade brasileira. Em 1892, alguns dos principais líderes haviam percebido a necessidade de

expansão do trabalho missionário e da doutrinação dos cristãos convertidos. Reuniram-se W. Bagby, Zacharias Taylor, Salomão Ginsburg e J. J. Taylor no Rio de Janeiro para discutir sobre novos métodos de trabalho. Entenderam que as tipografias da Bahia e de Campos prestaram bom serviço ao início dos trabalhos, mas, no entanto, eram limitadas às suas regiões, seu alcance se limitava às proximidades da Bahia e da região fluminense do Estado do Rio de Janeiro (CRABTREE, 1962).

Como o principal objetivo dos missionários, tanto brasileiros como norte-americanos[94], era o de alcançar mais pessoas para a conversão, desejaram estabelecer uma tipografia que continuasse a produzir literatura: folhetos, lições de Escolas Dominicais e um jornal que servisse de órgão oficial dos batistas no Brasil. Nesse momento, Entzminger surge com a ideia de um jornal que alcançasse toda denominação batista. Com sua esposa ainda sofrendo com problemas de saúde, ele decide migrar para uma região mais fria, próxima a um grande centro. Transfere-se então para Nova Friburgo e de lá reafirma o projeto de elaboração de um periódico que atendesse a toda a denominação batista (PEREIRA, 1985). *O Jornal Baptista* será o meio de comunicação por excelência dos batistas no brasil, sob a pena afiada do Dr. Entzminger.

2.3 **Nasce a Casa Publicadora, nasce O Jornal Baptista**

Uma casa publicadora era um meio eficiente de aumentar o poder de comunicação dos batistas. As tipografias de Zacharias Taylor na Bahia e a de Salomão Ginsburg em Campos dos Goytacases serviram como exemplo e endossam essa tese. Esses missionários que se aventuravam em edições e publicações, além de traduções, produziram muitos impressos significativos – do ponto de vista do embate que se colocaria entre católicos e protestantes – que davam a tonalidade de seus pressupostos.

Os impressos protestantes, não somente os batistas, mas também os de outras denominações – como os presbiterianos – podem ser considerados como uma nova intervenção no ambiente cultural da sociedade brasileira. Até 1892, a Igreja Católica era uma força de grande influência religiosa e cultural no país. Com a emergência de outras vozes, a

[94] Nessa época, anos 1890 -1900, os batistas contavam com vários missionários e pastores brasileiros. Nomes como Joaquim Lessa, Antônio Ferreira Campos; Tomás da Costa; Francisco Fulgêncio Soren, Teodoro Teixeira, para citar os mais enfatizados pelos historiadores dos batistas brasileiros, além de Melo Lins, Luis Wanderley, João Batista, Antônio Marques, CRABTREE, 1962, p. 130 ver também PEREIRA, 1985.

dos protestantes, instala-se um conflito de ideias e de interpretações da vida religiosa e social dos brasileiros (SANTOS, 2010).

Novos "modelos culturais" (CHARTIER, 2004, p. 91) são veiculados pelos discordantes, constituindo um ambiente sofisticadamente combativo. A imprensa era o veículo para dizer o que se queria dizer e fazer com que uma grande maioria ouvisse. Para tanto, era necessário organizar a produção de modo mais efetivo e uma tipografia em um grande centro, como a capital do país, o Rio de Janeiro, seria um projeto necessário.

As tipografias são reconhecidas no país, no sentido plural, isto é, tipografias além do monopólio do Império, a partir da primeira metade do século XIX. Com a suspensão da censura sobre a imprensa por parte da corte, cessa o monopólio da chamada Imprensa Régia, também denominada, já em 1821, de Tipografia Nacional. Hallewell (2005) nos informa que somente no Rio de Janeiro havia em 1808 uma tipografia. Em 1823 havia 7 tipografias e em 1890 já se podia contar 67 tipografias, sem contar as tipografias em outras "províncias" como Bahia, Minas, Pará e Pernambuco (HALLEWELL, 2005, p. 171).

A tipografia fundada por W. Entzminger se insere nesse contexto, de certo modo, produtivo da imprensa no Rio de Janeiro. A nova tipografia que se acomodara na cidade do Rio de Janeiro começa suas atividades modestamente, tendo recebido da tipografia de Salomão Ginsburg, em Campos, um prelo manual com algumas caixas de tipos e alguns folhetos. Zacharias Taylor vendeu toda a propriedade com a qual editava seus folhetos e jornais, dedicando toda a quantia à constituição da nova tipografia (CRABTREE, 1962).

A *Casa Publicadora,* como foi chamada, produziria literatura religiosa como o fizeram suas antecessoras. Somava-se, no entanto, o fato de a principal produção da casa ser *O Jornal Batista* que, inicialmente, seria um órgão oficial das igrejas batistas e também sustentado pelas ofertas dos membros dessas igrejas[95].

Quando Willian Entzminger chega ao Rio de Janeiro e trabalha interinamente[96] na Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro, à época, situada à rua Sant"Ana número 25 – depois

[95] É importante ressaltar aqui a centralidade da lógica cooperativa entre os batistas desde seu início. Quer isso dizer que as igrejas que se formavam no território nacional eram as principais mantenedoras dos diversos empreendimentos elaborados pelos missionários. Em sua autonomia, cada igreja batista se autorregula estabelecendo suas próprias leis. Sendo assim, voluntariamente e cooperativamente cada igreja comprometia-se com a colaboração, principalmente financeira, com toda a produção de materiais que serviam ao proselitismo batista. O Jornal Batista era uma dessas instituições que funcionaram a partir da cooperação das igrejas. Era seu órgão oficial e, após 1909, quando a Convenção Batista assumiu para si o referido periódico como seu representante oficial. (ANAIS DA CONVENÇÃO BATISTA, 1909, p. 26).

[96] O Trabalho interino nas igrejas batistas funcionava e ainda funciona como um pastorado provisório. Enquanto a igreja não tinha um pastor oficial, um pastor assumia a responsabilidade de conduzir a igreja até que outros, escolhido pelos membros em votação, pudesse assumir.

número 77 – logo se põe a organizar e iniciar os trabalhos da tipografia. Seu pastorado ali durou por volta de três meses, sendo substituído, após assembleia democrática entre os membros, por Francisco Fulgêncio Soren, um jovem pastor brasileiro recém-chegado dos Estados Unidos. Aos fundos dessa mesma igreja, havia quartos velhos os quais o missionário resolveu demolir e, ali mesmo, construir um espaço para o estabelecimento. Um cômodo foi construído para abrigar o escritório e a redação nos fundos da igreja.

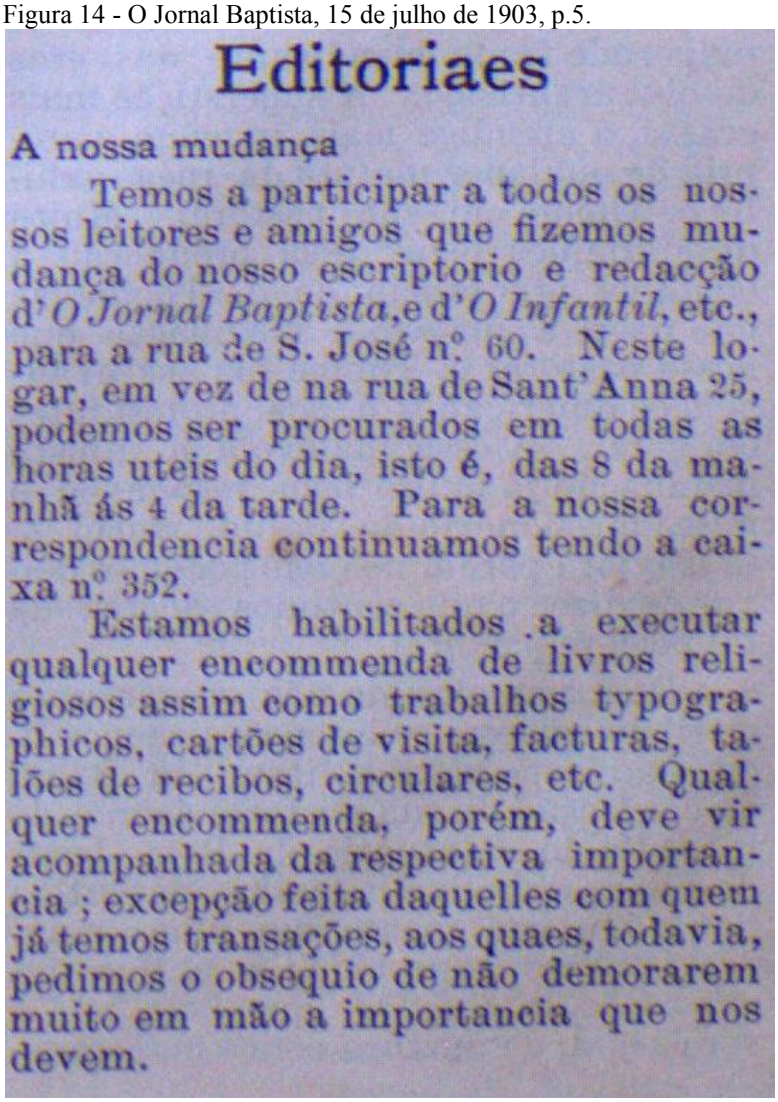
Contudo, provavelmente por falta de recurso material, de maquinário e estrutura mínima para o trabalho tipográfico, alguns materiais impressos, como *O Jornal Baptista*, eram impressos em outra tipografia. Isso poderia indicar a grande dificuldade de recursos para o novo empreendimento em uma cidade capital, uma vez que naquele momento as finanças se reduziam aos recursos que sobraram das duas tipografias anteriores e algumas ofertas das igrejas.

A *Casa Publicadora Batista,* quando constituída, mudou de endereço algumas vezes em seus primeiros anos, e seus endereços sempre se concentraram, ao menos em seus primeiros quatro anos de existência, na região central da cidade, onde também estavam as grandes livrarias. O escritório da Casa Publicadora passou pelas ruas São José, onde funcionou a Livraria Quaresma[97], pela rua da Quitanda e pela rua Sant"Ana.

Crabtree (1962) sinaliza que inicialmente *O Jornal Baptista* era impresso na tipografia de um senhor estrangeiro, um inglês, que não se sabe o nome. Em 1903, o periódico passa a ser impresso em uma tipografia presbiteriana, à época situada à Rua S. José e, logo depois, em 1904, o escritório da *Casa Publicadora Batista* se instala no prédio da *Associação Cristã de Moços*, que tinha o endereço à Rua da Quitanda, número 39, uma entidade protestante de vertente Metodista.

[97] A Livraria Quaresma, antiga "Livraria do Povo", foi comprada por Pedro da Silva Quaresma em 1879 e passa, então, a denominar-se pelo sobrenome de seu proprietário. Estava situada à rua São José no centro do Rio de Janeiro. É importante destacar aqui, a distinção de algumas ruas do centro do Rio de Janeiro à época, como a rua do Ouvidor, que se tornou um centro livreiro, o que se deveu à popularização dos livros, investimentos de livreiros e homens de comércio como Pedro Quaresma e outros nomes, como bem observou El Far (2006). Pode-se também conferir as pesquisas já levantadas pelo projeto orientado pela professora Dr. Márcia Cabral da Silva, intitulado "Livros em coleções: o caso da Biblioteca Infantil da Livraria Quaresma (1894-1960) – Fase I 2015-2018 o qual se insere na linha de pesquisa Instituições, Práticas Educativas e História do ProPEd – UERJ. Nas pesquisas inscritas nesse projeto, são discutidas as produções literárias voltadas para o público infantil, coordenadas por Figueiredo Pimentel, em um momento de efervescência de produção de livros populares, de custo mais baixo e mais acessível à população leitora.

Figura 14 - O Jornal Baptista, 15 de julho de 1903, p.5.



Editoriaes

A nossa mudança

Temos a participar a todos os nossos leitores e amigos que fizemos mudança do nosso escriptorio e redacção d'*O Jornal Baptista*, e d'*O Infantil*, etc., para a rua de S. José nº 60. Neste logar, em vez de na rua de Sant'Anna 25, podemos ser procurados em todas as horas uteis do dia, isto é, das 8 da manhã ás 4 da tarde. Para a nossa correspondencia continuamos tendo a caixa nº 352.

Estamos habilitados a executar qualquer encommenda de livros religiosos assim como trabalhos typographicos, cartões de visita, facturas, talões de recibos, circulares, etc. Qualquer encommenda, porém, deve vir acompanhada da respectiva importancia ; excepção feita daquelles com quem já temos transações, aos quaes, todavia, pedimos o obsequio de não demorarem muito em mão a importancia que nos devem.

Fonte: Arquivo da Convenção Batista Brasileira.

No destaque acima, cabe fazer uma digressão. Além de O Jornal Baptista, já em 1903, a Casa Publicadora, ainda em formação, produzia também uma literatura direcionada às Crianças. Provavelmente, continha instrução religiosa para os filhos dos assinantes ou subsídios que podiam ser usados nas chamadas Escolas Dominicais, encontros em que os batistas se dispunham a estudar suas doutrinas. Essa hipótese levanto a partir do fato de que o próprio O Jornal Baptista continha instruções e matéria voltada aos estudos das Escolas Dominicais. No entanto, pouco encontrei sobre o periódico publicado nesse período, a não ser o fato de Salomão Ginsburg, em 1915, ser o "redactor" e sua assinatura mensal custar a bagatela de 1.000 réis ou, quando se encomendava a quantidade de "cinco ou mais" o preço caía para 800 réis[98]. O que convida a um olhar mais atento é o fato de que em 1915 os temas

[98] Com esse valor se comprava, à época, se comprava 2 Kg de toucinho mineiro nas "vendas em grosso", ou atacado. cf. Gazetas de Notícias, janeiro de 1910.

abordados pelo missionário Ginsburg, em um jornal voltado para crianças, eram muito próximos aos que se dirigiam aos adultos.

Em seus textos ocorriam conselhos para não se enveredar para os caminhos tortuosos dos vícios do alcool e dos cigarros, evitando visitas às tabernas:

> "principia por beber, não por necessidade, mas para comprazer à vaidade dos que para lá o arrastam, e assim vai progressivamente até que o alcool lhe rouba as suas faculdades mentais. [...] Uma vez que perdeu o senso, o brio e a dignidade, facilmente contende com seus semelhantes e pode envolver-se em graves desordens e praticar um crime, premeditar um roubo, ou espesinhar a moralidade. Geralmente o homem que frequenta a taberna perde o amor ao trabalho. Entregue a ociosidade não pensa em si nem na família." (O INFANTIL, fevereiro de 1915, p. 21 (6)).

Essa parecia ser a compreensão que Ginsburg queria imprimir nos pequenos, certamente assim ele esperava, batistas. Os elementos se repetem nos discursos de *O Jornal Baptista*, matizado e salpicado pela moral cristã protestante, com o rigor e pragmatismo da perspectiva do protestantismo de missão.

Figura 15 - O Infantil, fevereiro de 1915.

O INFANTIL

Publicação Mensal para as Crianças das Escolas Dominicais das Igrejas Baptistas

Salomão L. Ginsburg, Redactor—Caixa 352, Rio de Janeiro

ANNO IV

NUMERO 2

Rio de Janeiro, Fevereiro, 1915

Assinatura por ano: 1.000; em pacotes de cinco ou mais para um endereço a 800 réis

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao redactor, Caixa 352 Rio.

«Eis-me aqui, porque tu me chamaste»... (I Sam. 3:5)

Fonte: Hemeroteca da Fundação da Biblioteca Nacional

Retomando a questão da publicação dos jornais, apesar da diferença e das discordâncias doutrinárias, o fato de os batistas usarem o espaço de outras denominações protestantes como os presbiterianos e metodistas para publicar seus impressos demonstra certa cordialidade nas relações. Isso parece ir de encontro à postura muitas vezes assumida nas disputas entre os jornais. Em alguns momentos os redatores de *O Jornal Batistas* entraram em discordância pública com um periódico presbiteriano *O Puritano*. Respondendo a uma polêmica levantada por um presbiteriano, Dr. Kely, o redator responde:

> Se o senhor se tivesse detido para nos mostrar a discrepancia da nossa pratica em relação ao Novo Testamento, e deixado de falar tanto do nosso "exclusivismo odioso á indole generosa e expansiva dos brasileiros" teria, de certo, adiantado muito mais. Por certo deve concordar conosco que na discussão de pontos doutrinaes *sentimentos* jamais poderão ser classificados como *argumentos.* Faz muito alarde de nosso "exclusivismo odioso" que não quadra " indole generosa e expansiva dos brasileiros", que e uma "raiz de amargura", etc. Mas fazendo assim esquece que isso não é lógica de argumentador, mas sim de um demagogo que pugna pelos interesse de seu partido antes do que pela verdade (O JORNAL BAPTISTA, 4 de abril de 1902, p. 2).

Argumentos ecoavam dos dois lados. Em contrapartida, pode-se notar divulgação dos trabalhos missionários somados a elogios, vindos do próprio *Jornal Batista*, por exemplo, a respeito dos metodistas. As primeiras publicações do periódico fazem muita referência ao trabalho de outras denominações, como se verá. O Dr. Entzminger, primeiro redator desse periódico, publicou, na primeira página e primeira edição do jornal, uma notícia da Associação Cristã de Moços com informações escritas por Myron A. Clark, fundador da A.C.M no Brasil em 1893.

Figura 16 - O Jornal Baptista, 10 de janeiro de 1901, p. 1.

Associação Christã de Moços no Rio

POR

MYRON A. CLARK

A mocidade em geral não tem tido até hoje a attenção e os cuidados que lhes são devidos; é, sómente neste ultimo meio seculo que se ha estudado as suas condições e circunstancias, que algo se ha feito para circundal-a de boas influencias, e ajudal-a a seguir o caminho recto.

Os dois factos, cujo conjunto constitue a obrigação da Egreja Christã para salvaguardar a mocidade, são os seguintes: Primeiro; que a esperança de qualquer nação está na sua mocidade. Os futuros legisladores, estadistas e governadores são os jovens de hoje, e sómente quando estes são moralizados pelo Evangelho pode resultar a felicidade da nação. Segundo; que em nenhuma outra época da vida do homem são tão graves os perigos e tão ferozes as tentações como durante a sua juventude.

Associação Christã de Moços no Rio

A mocidade em geral não tem tido até hoje a atenção e os cuidados que lhes são devidos; é, somente neste ultimo meio século que se há estudado as suas condições e circunstâncias, que algo se há feito para circunda-la de boas influencias e ajudal-a a seguir o caminho recto.

Os dois facto, cujo conjunto constitue a obrigação da Egreja Christã para salvaguardar a mocidade, são os seguintes: Primeiro; que a esperança de qualquer nação está na sua mo mocidade. Os futuros legisladores, estadistas e governadores são os jovens de hoje, e somente quando estes são moralizados pelo Evangelho pode resultar a felicidade da nação. Segundo; que em nenhuma outra época da vida do homem são tão graves os perigos e tão ferozes as tentações como durante a sua juventude.

Fonte: Arquivo da Convenção Batista Brasileira

No início, pelo que parece, não haviam muitas disputas entre protestantes batistas e outras denominações o que, no entanto, se poderá ver posteriormente. Parecia haver certa rede de sociabilidade em que um ideal único entre os protestantes, qual seja, o de evangelizar o Brasil, os unia como grupos proponentes de uma cultura religiosa. Com relação à Casa Publicadora, a utilização do espaço de seus compartes de missão foi provisória. Em 1905 o escritório retorna à Rua Sant‟Anna, nos fundos da Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro e, nesse momento, já conta com um novo arsenal de produção. O Dr. Entzminger havia recolhido uma quantia considerável dos batistas norte-americanos em uma de suas viagens de férias. Com esse valor, o missionário volta para o Brasil com um maquinário, um prelo antigo e alguns tipos.

Segundo Crabtree (1962), nesse momento em que a casa editorial tem uma sede própria, se é que poderíamos dizer assim, somente entre 1905 e 1906, *O Jornal Baptista* foi impresso no local propriamente batista. A Casa Publicadora Batista, segundo os relatórios da Convenção Batista de 1908, possuía até aquele ano, o de 1908 "Typographia, papelaria e Livraria no valor aproximado de trinta contos de réis" e ainda havia adquirido um "motor electrico da força de dez cavallos" (ANAIS DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA, 1908, p. 6).

Antes de 1906, seus primeiros volumes foram impressos em tipografias de propriedade não batista: a de um inglês, a presbiteriana e a metodista. Pode-se dizer então que suas primeiras edições foram publicadas sem uma tipografia própria.

Figura 17 - Sede onde foi impresso pela primeira vez *O Jornal Baptista,* na rua de Sant‟ Anna, número 25. O Jornal Baptista, 20 de fevereiro de 1901. p. 4.

Fonte: Arquivo da convenção Batista Brasileira

Essa dificuldade de produção de seus impressos foi enfrentada também pelos presbiterianos no século XIX. O primeiro órgão de comunicação presbiteriano fora fundado em 1864, portanto, bem anterior à primeira produção jornalística batista – visto que os presbiterianos como missionários antecederam os batistas. *A Imprensa Evangélica* fora criada por Ashbel Green Simonton[99] em 1864.

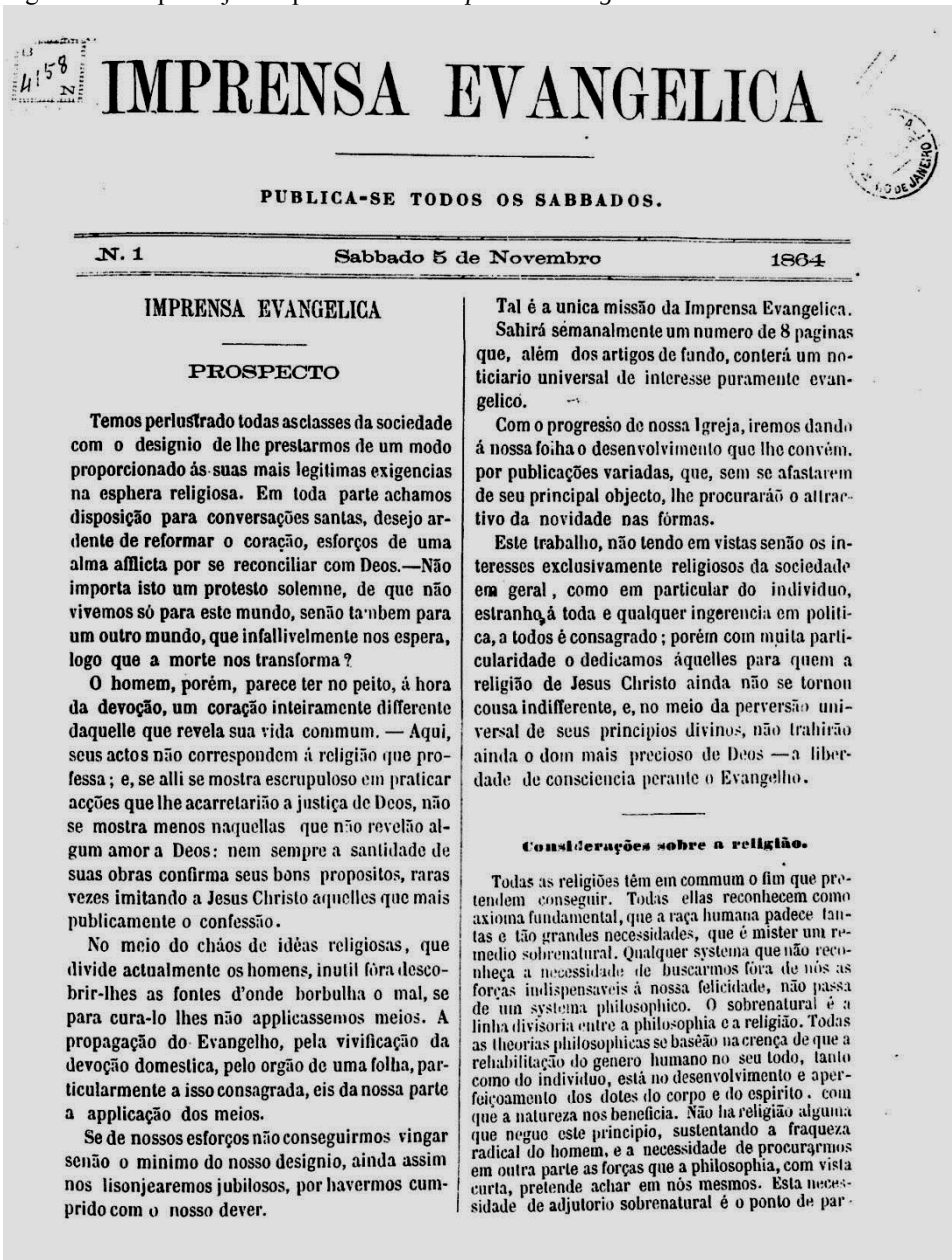
De acordo com Nascimento (2002), o periódico precisou ser impresso em tipografias que não pertenciam a espaços religiosos. Até mesmo a Tipografia Universal de Lammert foi preferência dos presbiterianos. A autora nos informa que:

> Com sua morte [a de Simonton] em dezembro de 1867, seu cunhado, o missionário Alexander Latmer Blackford assume a direção. Este pretendia publicá-lo na Tipografia Universal de Lammert. Entretanto, após os irmãos Lammert sofrerem ameaças, passou a imprimir na Tipografia Perseverança, localizada na rua do Hospício, nº 99, no Rio de Janeiro (NASCIMENTO, 2002, p.07).

Nessa direção, é possível inferir – como anteriormente já fora sinalizado - que os impressos protestantes, por questões de investimento e, esse, limitado à arrecadação de contribuintes voluntários e às doações de igrejas dos países de origem dos missionários, eram acometidos, ao menos inicialmente, por uma certa precariedade de recursos. Sem recurso financeiro adequado, a opção inicial dos protestantes, presbiterianos ou batistas, era imprimir seus periódicos em tipografias não religiosas. Isso, no entanto, demandava a disponibilidade da instituição, pois os impressos protestantes representavam uma ameaça à hegemonia da religião oficial. As ameaças citadas por Nascimento (2006) conduzem nossa atenção novamente às disputas entre católicos e protestantes. Exatamente dessa forma parece ter ocorrido no caso do periódico *Imprensa Evangélica.*

[99] Pastor e primeiro missionário presbiteriano no Brasil. Viveu no Brasil entre os anos de 1859 a 1867, sendo fundador e pastor da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro (Hoje, Catedral Presbiteriana do Rio de Janeiro) desde 1862.

Figura 18 - Capa do jornal presbiteriano *Imprensa Evangélica* em 5 de novembro de 1864.



IMPRENSA EVANGELICA

PUBLICA-SE TODOS OS SABBADOS.

N. 1 Sabbado 5 de Novembro 1864

IMPRENSA EVANGELICA

PROSPECTO

Temos perlustrado todas as classes da sociedade com o designio de lhe prestarmos de um modo proporcionado ás suas mais legitimas exigencias na esphera religiosa. Em toda parte achamos disposição para conversações santas, desejo ardente de reformar o coração, esforços de uma alma afflicta por se reconciliar com Deos.—Não importa isto um protesto solemne, de que não vivemos só para este mundo, senão tambem para um outro mundo, que infallivelmente nos espera, logo que a morte nos transforma?

O homem, porém, parece ter no peito, á hora da devoção, um coração inteiramente differente daquelle que revela sua vida commum. — Aqui, seus actos não correspondem á religião que professa; e, se alli se mostra escrupuloso em praticar acções que lhe acarretarião a justiça de Deos, não se mostra menos naquellas que não revelão algum amor a Deos: nem sempre a santidade de suas obras confirma seus bons propositos, raras vezes imitando a Jesus Christo aquelles que mais publicamente o confessão.

No meio do cháos de idéas religiosas, que divide actualmente os homens, inutil fôra descobrir-lhes as fontes d'onde borbulha o mal, se para cura-lo lhes não applicassemos meios. A propagação do Evangelho, pela vivificação da devoção domestica, pelo orgão de uma folha, particularmente a isso consagrada, eis da nossa parte a applicação dos meios.

Se de nossos esforços não conseguirmos vingar senão o minimo do nosso designio, ainda assim nos lisonjearemos jubilosos, por havermos cumprido com o nosso dever.

Tal é a unica missão da Imprensa Evangelica.

Sahirá semanalmente um numero de 8 paginas que, além dos artigos de fundo, conterá um noticiario universal de interesse puramente evangelico.

Com o progresso de nossa Igreja, iremos dando á nossa folha o desenvolvimento que lhe convém, por publicações variadas, que, sem se afastarem de seu principal objecto, lhe procurarão o attractivo da novidade nas fórmas.

Este trabalho, não tendo em vistas senão os interesses exclusivamente religiosos da sociedade em geral, como em particular do individuo, estranho á toda e qualquer ingerencia em politica, a todos é consagrado; porém com muita particularidade o dedicamos áquelles para quem a religião de Jesus Christo ainda não se tornou cousa indifferente, e, no meio da perversão universal de seus principios divinos, não trahirão ainda o dom mais precioso de Deos —a liberdade de consciencia perante o Evangelho.

Considerações sobre a religião.

Todas as religiões têm em commum o fim que pretendem conseguir. Todas ellas reconhecem como axioma fundamental, que a raça humana padece tantas e tão grandes necessidades, que é mister um remedio sobrenatural. Qualquer systema que não reconheça a necessidade de buscarmos fóra de nós as forças indispensaveis á nossa felicidade, não passa de um systema philosophico. O sobrenatural é a linha divisoria entre a philosophia e a religião. Todas as theorias philosophicas se basêão na crença de que a rehabilitação do genero humano no seu todo, tanto como do individuo, está no desenvolvimento e aperfeiçoamento dos dotes do corpo e do espirito, com que a natureza nos beneficia. Não ha religião alguma que negue este principio, sustentando a fraqueza radical do homem, e a necessidade de procurarmos em outra parte as forças que a philosophia, com vista curta, pretende achar em nós mesmos. Esta necessidade de adjutorio sobrenatural é o ponto de par-

Fonte: Hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional.

A Casa Publicadora tem seus alicerces firmados efetivamente somente após o ano de 1905, contando então com sua própria imprensa – trazida dos Estados Unidos pelo Dr. W. E. Entzminger – e um lugar próprio. A constituição de uma estrutura administrativa se deu efetivamente em 1907, quando foram nomeados W. B. Bagby (presidente); F. de Miranda Pinto (secretário); A. B. Deter como tesoureiro, gerente geral e redator (MESQUITA, 1940). O Dr. Deter assumiu a redação de *O Jornal Baptista* assim que Entzminger, então redator-chefe do jornal, voltou aos Estados Unidos por ocasião de uma doença grave que o acometeu. No entanto, *O Jornal Batista* parece ter sido a ancora da produção impressa no início do

século XX. É em função dele, principalmente, que as articulações da denominação batista se concentram.

Como o interesse dessa pesquisa é analisar a produção de *O Jornal Batista* no período que chamarei aqui de *primeira fase*, atenho-me a um recorte histórico que se circunscreve aos anos de 1901 a 1905. Nesse ínterim, se destaca a atuação de Entzminger como redator do jornal, bem como o hiato de sua ausência entre maio de 1904 e maio de 1905. Ocorreram nesse período algumas mudanças no periódico e a essas pretendo dar visibilidade, reconhecendo as limitações dessa tarefa.

2.4 **Uma elaboração de principiantes: a materialidade de *O Jornal Baptista***

Os jornais podem dizer muito mais do que os textos neles impressos. Sua elaboração traz consigo uma carga de informações que pode indicar uma série de sentidos, significados e intenções. Nos textos, a forma como são escritos, se com erudição de linguagem ou simplicidade do dizer, a forma como se dispõe as matérias, as figuras e ilustrações. Um exercício se faz necessário a fim de perceber as "senhas, explícitas ou implícitas, que um autor inscreve em sua obra a fim de produzir uma leitura correta dela" (CHARTIER, 2011, p.96-97).

No caso dos jornais, os redatores e editores são responsáveis, tanto quanto os autores dos textos, por deixarem marcas indutoras que se prestam a "garantir efeitos", muitas vezes "obrigatórios" colocados pelas formas tipográficas. Além de códigos de leituras inscritos pelo próprio autor, os editores produzem seus "protocolos de leitura" a partir da produção e organização dos textos (CHARTIER, 2011, p.96-97). Chartier (2011, p. 96-97) salienta ainda que além das senhas inscritas pelo autor do texto, o editor tem o papel de "uma segunda maquinaria, puramente tipográfica", que "sobrepõe seus próprios efeitos, variáveis segundo a época".

O periódico *O Jornal Batista* não foge à regra. Como um impresso periódico e material editado, planejado intencionalmente para ser um doutrinador, ou ainda um "agente de cultura" e um "mobilizador de opiniões" (PALLARES-BURKE, 1998, p. 146) estabelece também seus protocolos de leitura. A importância dos processos de produção de textos escritos, em especial de jornais periódicos, chama a atenção pela multiplicidade de elementos que estabelecem a relação estrita entre autor, editor e leitor.

Todavia faz-se importante a percepção das limitações dessas fontes. Os jornais periódicos, como fontes para a história e, na perspectiva deste estudo, para a história da educação não deveriam ser considerados, em sua materialidade, como acertado reflexo da realidade passada, isto é, um espelho do que aconteceu no passado. As fontes com as quais lidamos neste trabalho, bem como as fontes históricas em geral – sejam impressos ou não - são representações da realidade e, portanto, um acontecimento repleto de sedimentações e interpretações (CAMPOS, 2009).

Elementos constitutivos da impressa periódica precisam, portanto, serem destacados e analisados, pois eles fazem parte da representatividade da narrativa jornalistica. Nesse sentido, a autoria, a edição, a forma, o modo de impressão, a circulação, a distribuição, a venda, o público alvo, todos esses elementos se fazem igualmente importantes para a análise e a compreensão do complexo editorial que é o jornal periódico.

2.4.1 Comunicadores entusiasmados

O Jornal Batista, desde seu início, se propôs a ser um periódico religioso, de vertente cristã e protestante, um representante dos batistas brasileiros, mas especificamente, um representante das igrejas batistas no Brasil. Não se prestaria a outra tarefa que a de ser "evangélico por excelência", como salientou seu primeiro redator, o Dr. Willian Edwin Entzminger (O JORNAL BATISTA, 10 de janeiro, 1901, p. 2). Este missionário americano seria o editor-chefe até o ano de 1917, tendo, contudo, se ausentado por alguns períodos.

Tabela 4 - Redatores-chefes de O Jornal Batista, 1901-1905

Ano	**Missionário Redatores-chefes/Editores de *O Jornal Baptista***
1901	W. E. Entzminger
1904	Z. C. Taylor e A. B. Deter
1905	W. E. Entzminger; A. B. Deter; A. L. Dunstan

Os que teriam a oportunidade de expor seus escritos e pensamentos no jornal, portanto, não deveriam ser externos a esse grupo religioso, a não ser que houvesse aprovação da redação. Com exceção de notícias de outras fontes e recorte de discursos de algumas personalidades ou instituições que serviram de base para argumentação dos autores dos textos do jornal, nenhum escrito é de autor fora do círculo dos batistas.

Tendo sido criado por um missionário norte-americano, *O Jornal Baptista* não se limitou à publicação de autores estrangeiros. Talvez, isso se deva à presença de líderes brasileiros já atuantes: alguns fundadores de igrejas e responsáveis por uma considerável parcela do crescimento de igrejas em várias regiões do país. Dos nomes que já apareciam na primeira edição em janeiro de 1901, podemos contar alguns brasileiros: Antônio Ferreira Campos[100]; Florentino Rodrigues da Silva[101]; Antônio Marques da Silva[102], e depois outros que aparecem nos anos subsequentes: Joaquim Fernandes Lessa[103]; Francisco Fulgêncio Soren[104]; José Nigro[105]; Archimínia Barreto[106] e Teodoro Rodrigues Teixeira[107].

Para citar alguns dos missionários norte-americanos, temos Willian Edwin Entzminger[108]; Zacharias Clay Taylor[109]; James Jackson Taylor[110]; Arthur Beriah Deter[111];

---

[100] Segundo José dos Reis Pereira (1985), Antônio Ferreira de Campos fora convertido à fé batista sendo antes um católico. Foi um dos escritores da primeira edição do Jornal Batista em 1901. Depois de algum tempo retorna à fé Católica e se torna um "grande inimigo do Evangelho". cf. PEREIRA, 1985, p. 73. Essa atitude de retorno de Antônio Ferreira de Campos pode nos dar a dimensão de fidelidade e de aceitabilidade dos discursos dos batistas no Brasil. Coloca a questão sobre quantos dos que foram contados entre os convertidos – como constava nos relatórios da convenção a partir de 1907 e nas notícias sobre o trabalho missionário no próprio periódico – realmente permaneceram fiéis à nova religião.

[101] Um missionário ordenado, de origem baiana que trabalho na Missão do Sul em Paraíba do Sul, Rio de Janeiro.

[102] Pastor ordenado pelo missionário norte-americano Zacharias Taylor, na Bahia.

[103] Pastor batista, convertido em 1893. Foi um dos principais líderes batistas na região fluminense.

[104] Pastor batista convertido em 1891. Foi um dos principais pastores da Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro e o primeiro brasileiro a liderar essa igreja.

[105] Pastor Batista, e o primeiro presidente da Convenção Batista de São Paulo, em 1904, além de pastor da Primeira Igreja Batista de São Paulo.

[106] Professora e escritora, filha de um padre, Archimínia contribuiu significativamente para o Jornal Baptistas com seus artigos para a seção feminina, sendo uma das primeiras mulheres a escrever para o periódico.

[107] Foi pastor e jornalista que trabalhou em O Jornal Baptista por mais de quarenta anos. Primeiro como redator-auxiliar e depois como redator-chefe. cf. PEREIRA, 1985.

[108] Missionário e fundador de O Jornal Baptista.

[109] Um dos primeiros missionário batistas norte-ameicanos vindos ao Brasil após o casal Bagby. Fundador do periódico Echo da Verdade e a Nova Vida.

Albert Lafayette Dunstan[112]; Salomão Luis Ginsburg[113]; Jefther Hamilton[114]. Conforme tabela abaixo, podemos ter uma melhor visualização de alguns dos principais escritores do período de 1901 a 1905:

Tabela 5 - Ocorrência alguns dos articulistas de O Jornal Baptista de 1901 a 1905.

Autores norte-americanos	**Autores brasileiros**
Willian Edwin Entzminger	Antônio Ferreira Campos
Zacharias Clay Taylor	Florentino Rodrigues da silva
Salomão Luis Ginsburg	Antônio Marques da Silva
J. J. Taylor	F. de Araújo Lessa
A. B. Deter	Francisco Fulgêncio Soren
Jefther Hamilton	José Nigro
Willian Bagby	Archimínia Barreto
	Teodoro Rodrigues Teixeira

Apesar de contar com uma considerável presença de brasileiros, a redação do jornal ficava a cargo de uma direção norte-americana, ao menos em seus primeiros anos. Todos esses escritores eram líderes e atuavam direta ou indiretamente em algum campo de trabalho

[110] Missionário da Junta de Richmond e um dos mais preparados missionários juntamente com o Dr. Entzminger e Zacharias Taylor, de acordo com AMARAL; BARBOSA, 2007.

[111] Missionário da Junta de Richmond que chegou ao Brasil em 1901. Foi administrador da Casa Publicadora Batista e de O Jornal Baptista.

[112] Missionário da Junta de Richmond. Fundador da Primeira Igreja Batista Brasileira, no Rio Grande do Sul.

[113] Pioneiro do trabalho batista na região fluminense. Fundou igrejas em várias cidades no Estado do Rio de Janeiro e foi um dos principais articulistas de O Jornal Baptista. Publicou, em Campos dos Goytacazes o periódico *As Boas Novas*.

[114] Também Missionário da Junta de Richmond, fundador da Igreja Batista de Largo, em Maceió. Contribui com *O Jornal Baptista* como articulista.

dos batistas. Além disso, no espaço destinado à comunicação das igrejas, aparecem também muitos nomes, líderes de igrejas ou missionários itinerantes, pessoas que cooperam voluntariamente com a causa batista aparecem na sessão *Echos da Campanha*.

Muitos textos eram traduções de autores estrangeiros, geralmente personalidades importantes no meio protestante, principalmente batista, em sua maioria norte-americanos e ingleses. Alguns dos textos apareciam sem assinatura, o que pode indicar serem composições do próprio redator que dificilmente assinava os textos. Chama a atenção o fato de, a partir de 1903, as mulheres ganharem espaço no periódico: uma coluna só para as "nossas leitoras", como se lê em *O Jornal Baptista* de 10 de agosto de 1903, página 5.

A inclusão de uma coluna voltada para as mulheres pode dever-se ao fato de Achimínia Barreto já ser uma escritora da imprensa batista, uma vez que escrevia artigos para o periódico mantido por Zacharia C. Taylor na Bahia. A associação de mulheres já existia desde 1893[115], em Niterói, mesmo que timidamente, contando com um grupo pequeno de mulheres. No entanto, no *órgão oficial* das igrejas batistas brasileiras, *O Jornal Baptista*, um texto escrito por uma professora e escritora, convertida ao protestantismo – como já fora ressaltado acima – e destinado "às leitoras", pode ser motivo de destaque.

O espaço de escrita dado às mulheres em fins do século XIX e início do século XX já se fazia significativo, mesmo sendo um lugar destinado aos homens. Entretanto, boa parte dos textos, principalmente aqueles que eram destinados às leitoras, que traziam literatura, moda, beleza e regras de comportamento, eram publicados, até a primeira metade do século XIX, por homens (WOITOWICZ, 2012). Isso não significa que mulheres não tenham ocupado esses espaços, mesmo que de forma clandestina, usando pseudônimos, para que seus textos não fossem reconhecidos. Na segunda metade do século XIX, já se pode constatar a presença de impressos voltados para as mulheres e escritos – e muitas vezes dirigidos – por mulheres, nesse caso, uma literatura de engajamento político e ideológico, que pode ser identificado como feminismo (WOITOWICZ, 2012).

Boa parte dos textos publicados em *O Jornal Baptista*, tanto os artigos de variedades, como os sermões e lições bíblicas e até mesmo as traduções, tem a marca masculina. Parece que somente em 1903[116] surge um espaço destinado às senhoras e esse fato deve ser considerado, pois no ambiente religioso cristão protestante, as mulheres teriam seu lugar

[115] Emma Morton Ginsburg, esposa de Salomão Luis Ginsburg, era a presidente dessa associação que contava com Maria do Nascimento Trigueiro, vice-presidente; Isabel Costa, secretária; e Sarah Freitas, segunda secretária. Muitas dessas senhoras ocuparam lugares de liderança nacional entre os batistas nos anos que se seguiram. cf. PEREIRA, 1985, p.74.

[116] Isso, caso o trabalho arquivístico não tenha perdido algum exemplar que corrobore tese contrária.

delimitado, não sendo impedidas de se envolverem em atividades na igreja, mas restritas a algumas especificamente[117].

Como boa parte dos autores de textos eram líderes, isto é, pessoas que ocupavam uma função privilégiada na Igreja, cabe também ressaltar esse lugar, um espaço discursivo do qual se encarregam homens – e mulheres – *consagrados*[118], o que significa que são eles legitimados pelo próprio sistema simbólico religioso. Essa legitimação faz parte do campo de questões indiscutíveis, para o qual sinaliza Bourdieu (1974).

A religião parece criar sanções que estruturam, arbitrariamente, certas organizações sociais que são reforçadas pelas representações simbólicas e por ela mesma – a religião – cultivadas. Quer isso dizer que a religião mesma legitima o lugar da liderança religiosa e a confirma a partir de construtos simbólicos que os mantêm (BOURDIEU, 1974).

Essa construção simbólica, no entanto, parece se perpetuar a partir do esquema *desconhecimento dos limites do conhecimento* dessa mesma estruturação e através da *legitimação do arbitrário,* fazendo com que a problemática religiosa – seja qual for – não seja questionada. Como afirma o sociólogo francês:

> Os esquemas de pensamento e de percepção constitutivos da problemática religiosa podem produzir a objetividade que produzem somente ao produzirem o desconhecimento dos limites do conhecimento que tornam possível (isto é, a adesão imediata, sob a modalidade da crença, ao mundo da tradição vivido como "mundo natural" e do arbitrário da problemática, um verdadeiro sistema de questões que não é questionado (BOURDIEU, 1974, p. 47).

Portanto, esse lugar de legitimidade dos líderes era objetivado por uma lógica própria da religiosidade em questão e, nesse sentido, era inquestionável. O que os autores escreveram, possivelmente, significou uma força e influência nas práticas e na formação da consciência desse grupo religioso. Adentrar à fé era estar submetido à lógica do sistema simbólico religioso e assumir certa postura não questionadora. Não se pode, no entanto, afirmar que todos os que aderiram ou aderem a uma fé religiosa, enquanto sistema simbólico e dogmas estabelecidos, não venham a questioná-lo em algum momento. Se assim fosse, as muitas reformas religiosas na Europa a partir do século XVI não seriam possíveis (TILLICHI, 1988; LINDBERG, 2001).

---

[117] O lugar da mulher nas igrejas batistas só seria limitado ao trabalho pastoral. Não se viam mulheres pastoras no meio batista até os dias de hoje. Apesar disso, algumas mulheres atuavam como pregadoras. A professora Archimínia Barreto foi uma delas. cf. SILVA, 2011.

[118] Alguém que é reconhecido pela investidura de suas funções sagradas.

O que desejo ressaltar aqui é a força simbólica que será impressa nas páginas de *O Jornal Baptista*, força essa que vem, principalmente, das vozes de doutores e mestres em Teologia, como o Dr. Willian E. Entzminger, possivelmente o mais culto dos missionários e principal redator do periódico desde sua criação. Entzminger trazia consigo a tradição religiosa protestante norte-americana bem como Zacharias Taylor; J. J, Taylor, Salomão Ginsburg (apesar de não ser norte-americano, mas seguia bem a mesma direção discursiva que seus companheiros de missão) e todos os outros missionários vindos dos EUA[119].

Muitos dos brasileiros que escreveram foram formados segundo os discursos veiculados pelos missionários norte-americanos e todos, ou boa parte deles, foram instruídos na mesma tradição. Um exemplo aclamado por alguns historiadores batistas, como Pereira (1985), e que foi um escritor muito presente nas páginas do periódico, é Francisco Fulgêncio Soren.

Segundo nos conta Bratcher (1985) o jovem Soren, ao sair de um clube de dança – local onde era instrutor – à noite, ouviu um canto em uma casa e entrou para saber do que se tratava. Nesse dia o Dr. Bagby pregava no púlpito da Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro um sermão baseado no Evangelho de João, no terceiro capítulo e verso 36, onde se lê: *Quem crê no Filho tem a vida eterna; o que porém desobedece o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus.* Parece então que essas palavras ficaram gravadas na mente do jovem Soren, pois ele "não pôde continuar o mesmo" (BRACTCHER, 1985, p.18). A questão que nos importa aqui é a força do discurso vindo do púlpito de uma igreja, a mesma força que teriam as letras de *O Jornal Baptista*.

Além disso, importa dar visibilidade à relação entre os missionários norte-americanos e os pastores brasileiros. O pastor Soren é um dos que se converteram pelo discurso de missionários norte-americanos e, ao ser ordenado – ou consagrado – pastor, continuou a trilhar o mesmo caminho que seus predecessores: estudou em instituições de ensino teológico no EUA, retornando após oito anos (PEREIRA, 1985). Ele foi o primeiro pastor brasileiro que a Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro recebeu e, testemunhos há, de que sua prática se aproximava das práticas dos norte-americanos. João do Rio, em sua crônica sobre as "religiões do Rio" nos relata uma cena do pastor Soren em sua igreja:

> No seu gabinete, ao fundo, limpo e brunido, onde se move com pausa, tudo respira asseio e austeridade. Soren mostra a biblioteca, encadernações americanas de

[119] Nesse grupo se incluem o casal Willian Buck Bagby e Anne Luther Bagby; Zacarias Clay Taylor e Kate Stevens Taylor; Willian Edwin Entzminger; Arthur Beriah Deter, para citar alguns dos que escreveram para *O Jornal Baptista* em seus primeiros anos de publicação.

> percaline e couro, bate nos livros recordando as dificuldades do estudo, a aridez, o que certos autores custavam. – Para tudo isso há a compensação da verdade que conforta – diz (RIO, 1905, p.113)

Um pastor "austero" e que tem em sua estante "encadernações americanas" poderia sinalizar o apreço pelas informações adquiridas em seus oito anos de estudo na América do Norte. Além disso, um apego à "verdade que conforta" aponta para as semelhanças no discurso dos missionários no jornal: eles também queriam trazer suas verdades ao povo brasileiro, e isso era o mais importante. É o que revela o conselho de outro brasileiro, Antônio Ferreira Campos, ao redator de *O Jornal Baptista,* por ocasião da publicação de seu primeiro volume:

> Em suma: fazer o jornal methodico, leve, noticioso, atual, attractivo, e bem revisto; que traga sempre um convite para o peccador e uma exortação para o extraviado; um conselho para o ministro, uma bôa nova para o crente e uma refutação para o erro; a verdade, toda a verdade evangélica, sem argumentos nem diminuições, louvando o bem e reprovando o mal, e assim terás cumprido a espinhosa missão jornalística [...] (JORNAL BAPTISTA, 10 de janeiro de 1901, p. 3).

São somente dois exemplos de brasileiros que foram convertidos e instruídos pelos missionários americanos. Seus discursos são uma reprodução de seus mestres e seus posicionamentos seguem a mesma lógica: contra a igreja católica; defesa da liberdade religiosa; a favor do liberalismo político[120].

2.4.2 Detalhes de um valente periódico

O Jornal Baptista, quando surge em 10 de janeiro de 1901, inicia seus trabalhos como boa parte dos jornais o faziam à época: um texto de apresentação e saudação aos leitores, principalmente os batistas, saudação à pátria brasileira, saudação aos periódicos protestantes, com os quais não se dispõe, inicialmente, a polemizar. Veremos posteriormente que a paz entre esses periódicos não se deu continuamente, pois as polêmicas logo apareceriam.

---

[120] O liberalismo defendido pelos batistas precisa ser discutido com maior acuidade, o que se dará no capítulo seguinte. No entanto, cabe salientar com Azevedo (2004) que o liberalismo norte-americano, ou o da "outra américa", era considerado modelar para a América Latina e foi, de certa forma, propagandeado pelo O Jornal Baptista desde o início de sua publicação (AZEVEDO, 2004, p. 299-310). Outros estudiosos do protestantismo também afirmaram a relação dos batistas com o liberalismo, cf. LEONARD, 1963.; VIEIRA, 1980.

Figura 19 - Primeira página de O Jornal Baptista, 20 de novembro de 1901.

O Jornal Baptista

ΕΙΣ ΤΟ ΠΡΟΣΘΕΝ

ANNO I — CAPITAL FEDERAL 20 DE NOVEMBRO DE 1901 — N. 31

15 DE NOVEMBRO

(A seguinte poesia foi nessa dacta recitada no palacio do Cattete ante o sr. Campos Salles pela senhorita Indiana de Oliveira.)

A alma da juventude
Vem trazer-vos neste dia,
De que o Brazil se gloria,
Sua sincera saudação ;
Aceitai-a, que ella é filha
Dos sentimentos mais nobres,
E se as expressões são pobres,
Os seus moveis grandes são !

Ella sai dos nossos peitos,
Como os perfumes das flôres,
Vibrando os vivos ardores
De mil almas juvenis ;
Aceitai-a, vós que fostes
Um vulto na heroica lida,
Sagrando a Patria querida,
Um grande e livre paiz !

. . . . . .

A NOVA PALESTINA

— Segundo noticias publicadas pelos diarios europeus, sabe-se que mediante algumas concessões financeiras um syndicato de banqueiros israelitas obteve do Sultão da Turquia licença para fundar na provincia da Syria, antiga Palestina, colonias povoadas com os de sua raça. Este projecto não soffre mais, como soffrera, a opposição das principaes nações.

E' mui possivel, pois, que se vão estabelecendo pouco a pouco nesse territorio numerosas familias judias de toda a Europa, especialmente as que habitam em paizes onde são mal tratadas, como em Russia, Roumania e Austria, as quaes aggregando-se ás que já ali habitam e que se calcula serem umas 200.000 almas, constituirão, num prazo não mui longo, uma nação florescente; o Israel cosmopolita, composto dos descendentes das tribus de Israel esparsas em todo o mundo, cuja cifra se eleva a dez milhões.

Será curioso vêr, em meiados deste seculo, os agentes das nações precisadas de dinheiro dirigindo-se á praça de Jerusalém em procura de capitaes, e vêr cotisados naquella bolsa os fundos publicos e as acções das emprezas financeiras do mundo, tal como succede hoje em Paris e Londres.

Uma só parte da collectividade judaica actual poderia, transladando-se para ali, formar uma nação poderosa, rica, civilisada, provida de todos os elementos economicos e organicos modernos, aberta a todo o progresso, ás iniciativas mais audazes, e a dar ao mundo o espectaculo mais extraordinario

encontraria o quadro inteiro de sua vida terrestre e que tambem poderia ver em cada homem a sua propria physionomia. Porem, hoje não é mais assim.

A via-férrea que vae de Jaffa a Jerusalém, tem sido como que a porta que abriu o caminho á civilisação moderna.

Actualmente outras linhas que atravessam o valle do Jordão já se ligam áquella. Jerusalém está em caminho de chegar a ser, debaixo de certos pontos de vista, uma cidade moderna.

A luz electrica, os telephones, os phonographos, a canalisação e systema de irrigar, os grandes armazens, todos os recursos da vida civilisada ali se encontram actualmente.

Em breve se poderá ir em tramway de Jerusalém a Bethania, a Belém, ao lago de Tiberiades, a Jericó, a Nazareth, e a muitas outras localidades de interesse historico.

Um consul americano disse que recentemente se tem despachado na Palestina mais de duzentos phonographos, dos quaes a metade foram para Damasco e o resto para Jerusalém e diversas villas. Poderia perguntar-se talvez o que se pretende fazer com tantos phonographos nesse paiz; porem, a admiração augmenta quando se sabe que esses instrumentos são mui procurados pelos musulmanos de Beyruth, de Jerusalém e de Damasco, que os compram para as mulheres de seus harens.

Muitos moinhos de vento de construcção americana e apetrechos de irrigação, tem sido importados na Palestina. Egualmente se têm introduzido grandes quantidades de outros productos dos Estados Unidos, mercadorias de algodão, velocipedes, cordame, talabarteria, calçado, relogios, cravos e pontas, pinturas, machinas perfuradoras para poços, instrumentos de agricultura e toda a classe de instrumentos conservas, farinha de milho, etc.

Pode-se dizer que tudo está concorrendo para transformar os valles, outr'ora tão ferteis, da Terra Santa e a de novo fazer "um paiz manando leite e mel".

Parece que os que estão na direcção do movimento são filhos de Sião, cuja ambição intensa é restaurar os judeus á posse de sua antiga herança.

Não será este "*um signal dos tempos?*"

Estejamos pois álerta para que a vinda do Senhor não nos ache desprevenidos.

A MEDICINA DO ORIENTE

Nos paizes cultos da America e Europa a sciencia medica é a mais desenvolvida e adiantada. Os nossos medicos mais eminentes, se fossem clinicar entre os povos da Asia, seriam por estes tidos na conta de verdadeiros milagrosos. A divina arte de curar doenças e alliviar dôres, que tantas e tamanhas bençãos tem trazido á humanidade soffredora é, pode-se dizer, de todo desconhecida nos paizes do Oriente, dominados pelo triste paganismo. Emquanto que não ha nesses paizes *medicos*, ha comtudo curandeiros aos milhares, cujos methodos de tratar as infermidades são os mais rudes e barbaros.

Talvez o paiz mais atrazado do Oriente, onde por consequencia o povo é mais ignorante e mais supersticioso, seja a Coréa, uma dependencia da China. Ahi a epidemia da variola é universal, sendo rarissima a familia que não conte uma ou mais victimas.

Os Coreanos julgam que essa molestia seja devida a um mau espirito que li-

um cavallinho de páu, o qual é carregado de arroz e outros mantimentos, e em seguida levado para um campo onde se deixa na espectativa de que o tal espirito fique aplacado com tal mimo. Mas quanto melhor procedem os Catholicos Romanos, quando grassa entre elles esse terrivel flagello, que, em vez de empregarem meios sensatos, recommendados pela sciencia, recorrem ao seu *São Sebastião*, a quem fazem promessas, e a quem conduzem em passeata pela zona afflicta !

Uma outra molestia muitissimo commum na Coréa, é a indigestão; e quaes julgaes ser os meios pelos quaes os Coreanos combatem essa molestia ? — Deitam duas colheres de enxofre de misturas com outras drogas nas costas do doente e depois ateam-lhe fogo. Livra ! !

Eis o que elles receitam para molestias em geral:

Ossos de cobras	2	partes
Maribondos, com suas casas	1	"
Centipedes	6	"
Lacraus	20	"
Sapos	4	"

Depois de tudo bem fusionado, ajunta-se-lhe mel e se fazem umas pillulas das quaes tomam 4 por dia. Ui !

HISTORIA DE UM SINO

Na torre da pequena cidade de Grosslantz, ao norte da Allemanha, encontra-se um sino sobre o qual está gravada uma haste de trigo com seis espigas, e com a dacta de 15 de Outubro de 1729.

Eis a explicação deste enigma. Havia necessidade de um novo sino. O antigo estava tão rachado que não se ouvia no extremo da povoação. Os aldeões eram pobres; onde obteriam elles dinheiro para comprar um sino?

A subscripção feita pelo povo attingiu apenas uma pequena somma.

Num domingo o mestre-escola da aldeia, ao dirigir-se para a egreja, viu no cemiterio uma haste de trigo, semeada sem duvida por algum passarinho. Esperou algumas semanas; quando o trigo amadureceu, recolheu-o e semeou os grãos no seu proprio jardim. No anno seguinte fez a sua pequena colheta e continuou da mesma maneira, até que no fim de alguns annos, não tendo lugar para a sementeira repartiu por um certo numero de aldeões que continuaram a semear, até que no fim de oito annos a colheita foi tão abundante, que produziu dinheiro sufficiente para comprar um sino novo. E elle lá está, tendo a dacta do seu nascimento, com a imagem da espiga, que multiplicada pela natureza e pelo trabalho do homem, produziu dinheiro para o comprar.

Fonte: Arquivo da Convenção Batista Brasileira

Nos dois primeiros anos de *O Jornal Baptista* sua forma era bastante simples. Era impresso no formato 24x34, comparado ao tamanho *in folio*, isto é, quase o tamanho das folhas sem dobradura e, assim, permaneceu de 1901 a 1906. A partir do ano de 1903 o periódico passou a publicar o jornal com oito folhas. Seu formato segue a seguinte diferenciação: De 1901 a 1906 era impresso em 24x34, tendo de 1901 a 1902 quatro folhas e de 1903 a 1915 oito folhas. De 1907 a 1915 seu formato foi de 25x33 e de 1915 a 1919 teve o formato de 27x36. Já em 1920 ele passa a ter o formato de 22x32 até 1940.

Não há como precisar o porquê de o Dr. Entzminger escolher o número de quatro folhas para iniciar a publicação do periódico. O que se pode saber é que no século XIX,

jornais de grande circulação no período contavam quatro páginas, mas alguns jornais voltados para públicos específicos, como o público feminino, poderiam conter oito folhas (JINZENJI, 2010).

O Jornal Baptista era publicado inicialmente três vezes ao mês. Em 1901, de janeiro a dezembro, foi editado nos dias 10, 20 e 30 de cada mês, sofrendo algumas alterações esporadicamente. A partir de janeiro de 1902, o periódico passa a ser publicado semanalmente, ou seja, uma vez mais do que se publicava até então. O aumento da produção aumentava também a quantidade de material a ser gasto.

Segundo Jinzenji (2010), o papel era o maior custo da produção de impressos ainda no século XIX, somando 75% do custo total para o periódico (JINZENJI, 2010). Sendo assim, se o jornal tivesse grandes dimensões, seu custo seria muito mais alto e possivelmente sua produção seria reduzida, caso não tivesse grande recursos de sustento.

No caso de *O Jornal Baptista,* essa questão serve para pensar o seu alcance em seus primeiros momentos. Enquanto se publicou com quatro folhas, pode não ter alcançado grande número de leitores, visto que os recursos destinados à manutenção do jornal eram limitados: a participação financeira para o sustento do periódico vinha, basicamente, das assinaturas dos fiéis das igrejas espalhadas pelo país. Muitos dos que assinavam não eram assíduos no pagamento a ponto de o Redactor do periódico confessar essa dificuldade numa das edições em 23 de dezembro de 1902:

> Admira-nos sobremodo que batistas não comprehendam o seu dever de assignar, pagar e até, quando possível, arranjar assignaturas pagas. Nós não trabalhamos para nós mesmos, mas para os irmãos e para o mundo, por isso julgamo-nos com direito de que os irmãos baptistas, mais do que ninguém, trabalhem para nós, pois que assim fazendo trabalham para si e para o mundo, o que quer dizer, para Jesus. (JORNAL BAPTISTA, anno II, nº48, 1902).

Quando finda seu primeiro ano de publicação, *O Jornal Baptista* percebe que não tem a quantidade de leitores que esperava. Com certa frustração, o redator-chefe, o Dr. Entzminger, coloca a necessidade de somar novos leitores, pois, ao final de 1901, no dia 20 de dezembro, ele afirma que há até aquele momento somente "1500 e desses, bastantes que não tem pago a insignificante importância de sua assignatura" (O JORNAL BAPTISTA, 20 de dezembro, 1901, p. 2). Não há como saber se esse número correspondia à realidade, mas, se Crabetree (1962) estiver correto, o número de fiéis nesse período contava mais de 2000 e,

desses somente, 1500 eram leitores. No entanto, alguns dados que não correspondem e até são contraditórios deixam dúvidas sobre a real quantidade de leitores nesse período[121].

O próprio redator sugere o perfil dos leitores até aquele momento: batistas, protestantes de outras vertentes, simpatizantes – possivelmente pessoas que se interessavam pelo discurso, mas não se comprometiam publicamente com a fé batista – e até mesmo católicos. Sobre esses últimos lemos a descrição peculiar do redator:

> Durante o anno recebemos apenas dois exemplares da nossa folha devolvidos, sendo que um foi por um padre cathólico e outro por algum adepto da batina. Talvez que sejamos demasiado intolerante para com a egreja de Roma, porem quem poderá fazer por menos ao lembrar-se do mal que ela tem causado ao mundo e a santa causa do Senhor? (O JORNAL BAPTISTA, 20 de dezembro, 1910, p. 2)

A devolução de "nossas folhas" se refere mais precisamente ao *O Jornal Baptista.* A devolução do texto parece demonstrar uma discordância do leitor que, possivelmente, queria deixar clara sua insatisfação com o periódico. De outro modo, o relato dos fatos pelo redator parece supervalorizar a suposta indignação dos "adeptos da batina", podendo significar um motivo para a crítica do catolicismo. Isso fica mais claro na continuação da narrativa, quando o redator assume a postura "intolerante" para com os católicos aproveitando para propagandear a suposta "maldade" da religião que fora oficial no país.

Esses dados documentais parecem implicar em uma estratégia que será utilizada pelo jornal: construir um tipo de representação da religião católica a fim de convencer seus leitores, a tomar em uma decisão a favor do protestantismo, estabelecendo conexões entre a igreja romana e uma série de problemas sociais, políticos e religiosos no país[122].

Em 1902, os exemplares anunciavam a publicação às sextas-feiras, portanto, sendo publicada uma edição mensal a mais do que no ano anterior. Quando o próprio redator-chefe, o Dr. Entzminger, deseja publicar o jornal em oito folhas, o fato poderia indicar um possível aumento na quantidade de leitores, ou, uma tentativa de sofisticação do impresso para atender melhor a demanda dos fiéis e dos leitores em geral. A partir de 1903, as páginas aumentam para oito e a regularidade de impressão passa a ser três vezes por mês.

---

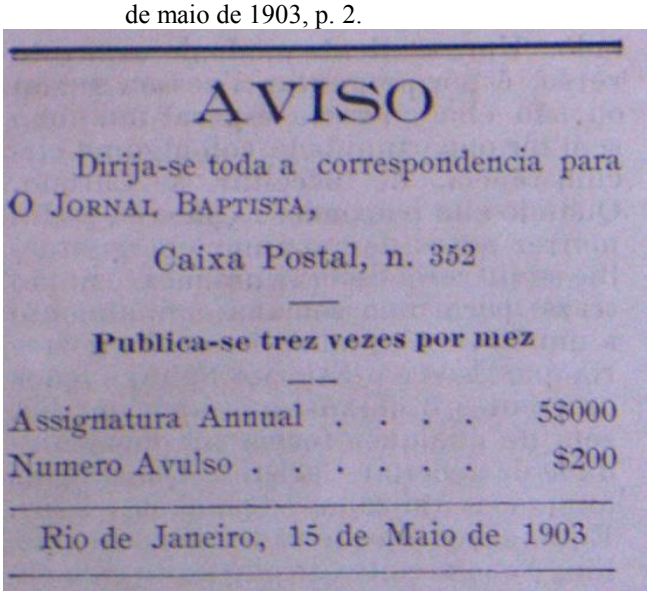
[121] A tiragem em 1901 era de 300 exemplares para uma população de 2.542 fiéis segundo Crabtree (1962) - apesar de constar no último exemplar de dezembro de 1901 a quantidade de 1500 leitores, entre pagantes e não pagantes.

[122] Segundo estudiosos do protestantismo no Brasil, essa foi a principal e inicial maneira de os protestantes se estabelecerem no cenário religioso, cultural, social e político no fim do século XIX e início do XX: caricaturando a religião oficial em função de sua própria. cf. AZEVEDO, 2004; SILVA, 1998; ADAMOVCZ, 2008; SANTANA, 2007; MENDONÇA, 1995; NASCIMENTO, 2005.

A assinatura do jornal, inicialmente, demandava o custo anual de 5.000 Réis[123] e poderia ser obtida em contato com líderes responsáveis em alguns estados do país: São Paulo, Bahia, Alagoas, Pernambuco, Recife, Rio Grande do Norte, Amazonas e Pará, além do Rio de Janeiro. Após alguns anos, os principais revendedores de assinaturas, assim como de jornais avulsos, seriam os pastores das igrejas locais, além de colportores e membros das próprias igrejas.

O valor do periódico era de $200[124], mais do que o valor de alguns jornais de grande circulação na época como a *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, que custava $100 cada exemplar avulso em 1901[125]. Os assinantes deveriam pagar adiantado, conforme consta em um informativo exposto no próprio jornal.

Figura 20 - Recorte do aviso de O JORNAL BATISTA, 15 de maio de 1903, p. 2.



AVISO

Dirija-se toda a correspondencia para O JORNAL BAPTISTA,

Caixa Postal, n. 352

Publica-se trez vezes por mez

Assignatura Annual . . . . 5$000

Numero Avulso $200

Rio de Janeiro, 15 de Maio de 1903

Fonte: Arquivo da Convenção Batista Brasileira.

Não era incomum a venda de jornais por meio de assinaturas. Outros jornais, ainda no século XIX, sobreviviam, ao menos em parte, pelo compromisso de seus leitores assumidos por períodos: alguns propunham assinaturas trimestrais, outros semestrais ou anuais. O jornal

[123] Para que se tenha uma referência do valor dessa assinatura, com esse valor poderia se comprar na época uma coleção de livros: a primavera e obras completas de Casimiro de Abreu e ainda sobrariam 1$000. Se compraria uma caixa de sabonetes glicerinado para tratamento de pele sobrando 1$000. Com o valor da assinatura se compraria também uma máquina para ralar coco; duas coleiras para cachorros; uma manteigueira de cristal. cf. GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 1 de janeiro de 1901.

[124] Com esse valor se comprava, à época, um litro de feijão preto, novo. cf. O Paiz, 1 de janeiro de 1900, p. 7.

[125] O valor, tanto da assinatura quanto jornal avulso, eram estampados no cabeçalho da primeira página do jornal.

mineiro destinado ao público feminino *O Mentor das brasileiras,* por exemplo, tinha sua assinatura trimestral ao preço de $800[126].

Apesar de se caracterizar como jornal semanário, variou em sua publicação, tendo uma média de três a quatro publicações por mês. Se acaso o trabalho para a manutenção de toda a feitura do jornal fosse somente de uma pessoa, o esforço seria descomunal. No século XIX, os trabalhadores das tipografias eram acometidos por vários problemas físicos devido aos esforços excessivos para produzir periódicos com o número maior de páginas. O Dr. Entzminger possivelmente não trabalhava sozinho tendo o apoio de outros missionários que trabalhavam juntamente com ele na Casa Editora[127].

O aumento da quantidade de fiéis sugere o aumento da tiragem. Já salientei em nota anterior que em seu primeiro ano o jornal teve a tiragem de 300 exemplares. Uma informação difícil de determinar com exatidão. E o que se pode dizer dos anos subsequentes que nos importam analisar aqui ainda são menos precisos. Dados mais específicos só podemos ter a partir dos anos 1908 quando a Convenção Batista Brasileira é instituída e os relatórios da Casa Publicadora passam a ser dispostos em assembleia anual. Em 1908 o relatório da Junta de Publicações[128] para a assembleia da Convenção Batista Brasileira produzido pelo Rev. A. L. Dunstan – um dos redatores-chefes do jornal posteriormente - indica a publicação de 1500 exemplares nessa época. Como esses relatórios só começaram a ser escritos depois do período aqui analisado, não foi possível saber a tiragem do jornal.

A forma do jornal em seus dois primeiros anos modificou-se pouco. Como era comum na época, o jornal se organizar em três colunas basicamente. No entanto, os textos, às vezes extensos, se estendiam para a página seguinte, criando certo acúmulo de informações. O cabeçalho, no ano de 1901, continha o título do jornal, com tipos maiores. Abaixo, uma inscrição em grego, mais abaixo um subtítulo contendo a data da publicação e a demarcação do lugar de publicação; a Capital Federal. Do lado esquerdo, o ano, e, do lado direito, a numeração do exemplar:

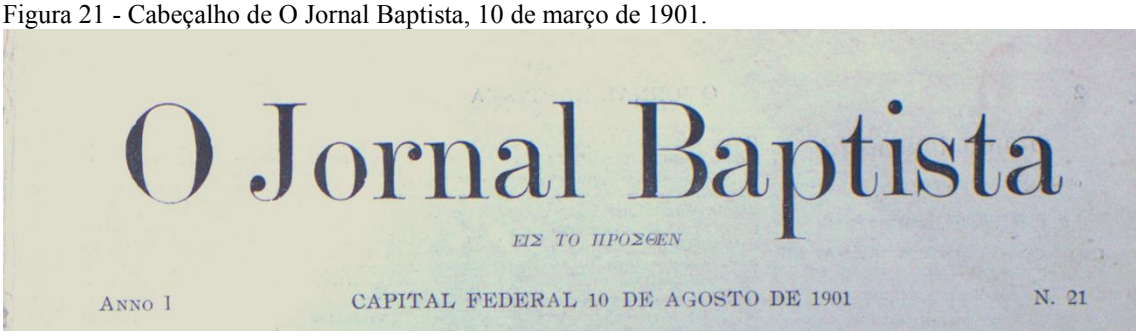
---

[126] Esse valor correspondia a uma garrafa de vinho virgem e um litro de feijão preto. cf. O Paiz, 1 de janeiro de 1900, p. 7.

[127] Em um relatório direcionado à assembleia da Convenção Batista Brasileira, na primeira reunião em 1907, consta a assinatura de dois outros participantes, além do Dr. Entzminger, são eles J. F. Lessa e Fernando V. Drumond. O senhor Lessa era um dos que contribuíam com os escritos do periódico, mas não consegui encontrar documentos que pudessem indicar quem eram os trabalhadores da tipografia, isto é, quem eram os que operavam as máquinas e os demais serviços necessários à produção da casa.

[128] Um grupo de líderes batistas responsáveis pela administração da Casa Publicadora Batista nomeados em assembleia da Convenção Batista Brasileira em 1907. O mandato desses era limitado por tempo determinado e sua posição era ser representantes de todos os fiéis batistas na administração do bom funcionamento da Casa Publicadora, bem como a prestação de contas a toda assembleia da Convenção.

Figura 21 - Cabeçalho de O Jornal Baptista, 10 de março de 1901.


O Jornal Baptista

ΕΙΣ ΤΟ ΠΡΟΣΘΕΝ

ANNO I CAPITAL FEDERAL 10 DE AGOSTO DE 1901 N. 21

Fonte: Arquivo da Convenção Batista Brasileira.

O cabeçalho será um espaço de tentativas, pois algumas mudanças se darão ao longo do tempo. Em 1902 alguns aspectos são modificados: o título permanece escrito com os mesmos tipos, do mesmo tamanho. A inscrição em grego, no entanto, é modificada e essa modificação se faz bastante significativa. Nesse ano, abaixo do título em letras maiores, vem a declaração de pertença "Órgão oficial das Igrejas Batistas", o que demonstra a representatividade do jornal em relação às igrejas espalhadas pelo território nacional.

Sabe-se que na Primeira República o jornalismo se profissionaliza e uma série de novas tecnologias vão se incorporando no fazer editorial (MARTINS; LUCA, 2006). Nesse sentido, a preocupação dos editores de *O Jornal Batista* não poderia ser outra que não fosse a de acompanhar a transformação da imprensa geral. No cabeçalho de 1902, além da declaração de "órgão oficial das igrejas" o título vem acompanhado de uma gravura emblemática. A figura de uma máquina de tipos – que permanece nas publicações até o ano de 1905 – no centro de um círculo e os dizeres em latim, acima, "PRO VERITATE" (pela verdade) e abaixo "PRO CHRISTO" (por Cristo).

Figura 22 - Cabeçalho de O JORNAL BAPTISTA, 10 de janeiro de 1902, p.1.

Fonte: Arquivo da Convenção Batista Brasileira.

A figura carrega uma densidade de sentido para os batistas. Usar a imprensa, representada pela máquina de tipos, como canal da verdade e de Cristo é o objetivo maior dos batistas. A verdade aqui está relacionada ao sentido religioso e o Cristo anunciado é conforme a concepção protestante batista. A imprensa é o instrumento, o meio pelo qual esses religiosos vão tentar convencer pessoas a se converterem à sua verdade e ao seu Cristo.

As partes do jornal são limitadas em poucas seções, principalmente em seu primeiro ano. Em 1901 as seções principais eram: Capa; Editorias, Variedades; Echos da campanha; Por entre as Igrejas. Basicamente seus conteúdos eram:

Tabela 6 - Seções de O Jornal Baptista, ano de 1901.

***O Jornal Baptista* em 1901**	**Visão geral dos conteúdos das seções**
Capa	Ao lado esquerdo, no canto superior, sempre eram impressas letras de hinos temáticos com o nome de seus autores. Continha textos doutrinários de personalidades estrangeiras voltados à piedade, textos apologéticos e textos voltados à vida prática.
Segunda folha	Essa página dava continuidade as matérias anteriores em uma coluna e inseria notícias e curiosidade de toda a parte (nacionais e internacionais) nas outras duas colunas, as vezes sob o título *Variedades*.
Terceira Folha	Também sem um título compunha-se de textos devocionais e sermões de missionários americanos e brasileiros além de notícias do mundo religioso (nacional e internacional) e muitas dessas notícias diziam respeito aos católicos.
Quarta Folha	Geralmente sob o título "Echos da Campanha", trazia notícias tanto do desenvolvimento e avanço do trabalho batista no brasil e exterior como as notícias das igrejas a partir das correspondências dos próprios assinantes.

No primeiro ano, com quatro páginas, talvez não se pudesse fazer mais do que isso, isto é, não se podia preencher as páginas com muitas informações ou com muitas colunas, pois demandaria uma maior quantidade de páginas. As mudanças mais significativas ocorrem a partir de 1903.

De 1901 a 1902, tendo ainda quatro páginas, as seções não variam o conteúdo necessariamente e às vezes um título como "Variedade" poderia ser mudado, mas nada que fosse estruturalmente significativo. Em 1903 a edição do jornal era feita na rua San"Anna, nº 25, contudo, o escritório da Casa Publicadora passa a se estabelecer na rua São José a partir de julho de 1903. As três colunas por páginas permanecem. Também sobre as seções poucas mudanças podem ser notadas. Parece que, com o número maior de páginas a partir de 1903, mais conteúdo o jornal pode comportar.

Tabela 7 - Seções de O Jornal Baptista de 1903.

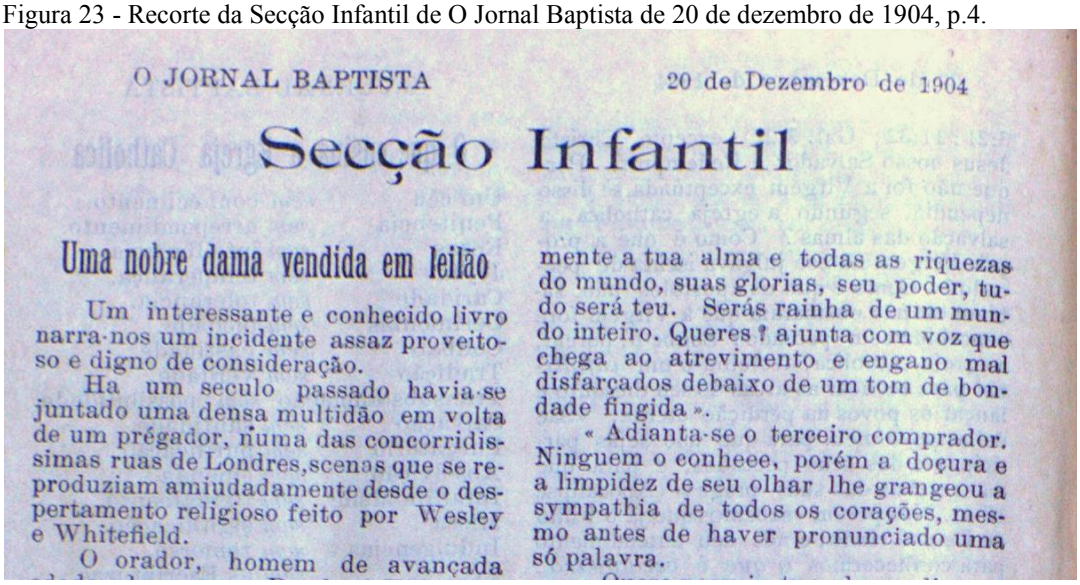
***O Jornal Baptista* em 1903**	**Visão geral dos conteúdos das seções**
Coluna: "Variedade" ou "Actualidade"	Noticiário que trazia notícias de assuntos variados.
Coluna: "O que vai por aí"	Seção que traz notícias de cunho religioso, polêmicas sobre a Igreja Católica no Mundo
A Escola Dominical	Seção designada para a publicação de textos e estudos para ajudar professores e estudantes das Escolas Bíblicas Dominicais
Coluna: Correspondência	Criada para divulgar os trabalhos dos missionários e membros de igrejas por todo o país, a fim de motivar a expansão do trabalho batista. Constituía-se de relatos de sucessos, e dificuldades no desempenho do proselitismo no país.
Coluna: Entre as Igrejas	Trazia relatos sobre a vida das comunidades batistas em todo o país. Trazia notícias de nascimentos, mortes e do progresso das igrejas.
Coluna: Editoriais	Trazia reflexões da redação do jornal, conselhos e reflexões sobre a realidade social, política, religiosa do país e do mundo.
Coluna: Seção Feminina	Inaugurada em agosto de 1903, essa seção é direcionada às mulheres e moças. Seu primeiro artigo foi escrito por Archimínia Barreto.
Coluna: Perguntas e respostas	Seção inaugurada em dezembro de 1903, sob a direção de A. B. Deter. Era voltada ao esclarecimento de dúvidas sobre a bíblia enviadas pelos crentes à redação do jornal. Era respondida pelo próprio colunista.

Alguns jornais eram publicados com numerações ordenadas de forma a possibilitarem a compilação em volumes, uma espécie de coleção dos números publicados no ano, ou em períodos menores ou maiores (JINZENJI, 2010). Pude perceber, no próprio documento, que o ano de 1903 parece ter sido um período em que o jornal podia ser reunido em um volume. Havia ao lado das numerações no alto da página uma numeração entre parênteses a qual permanece até o último volume de 30 de dezembro de 1903. Em um exemplar de 1903 vinha a seguinte sugestão: "*O Jornal Baptista* encadernado, do ano de 1902, vendemos a 6$000[129] pelo correio mais 500 réis" (O JORNAL BAPTISTA, 28 de fevereiro de 1903, p. 1).

Transformar os exemplares de *O Jornal Baptista* em volumes, colecionando cada exemplar, sugere a necessidade de preservar os conteúdos veiculados pelo jornal. O jornal deixa de ser um texto de vida efêmera, por relatar a notícia do dia ou o fato ocorrido. Uma outra conotação se coloca, pois, o jornal passa a ser um objeto de preservação, uma vez que seu conteúdo trata de assuntos que podem ser revistos, repensados: esse é o caso de *O Jornal Baptista*, um periódico comprometido com doutrinas e ensinamentos a serem absorvidos.

Em 1904 mudanças significativas na estrutura do jornal não houve, a não ser a inserção de uma nova coluna, voltada para as crianças denominada *Secção Infantil:*

Figura 23 - Recorte da Secção Infantil de O Jornal Baptista de 20 de dezembro de 1904, p.4.



O JORNAL BAPTISTA 20 de Dezembro de 1904

Secção Infantil

Uma nobre dama vendida em leilão

Um interessante e conhecido livro narra-nos um incidente assaz proveitoso e digno de consideração.

Ha um seculo passado havia-se juntado uma densa multidão em volta de um prégador, numa das concorridissimas ruas de Londres, scenas que se reproduziam amiudadamente desde o despertamento religioso feito por Wesley e Whitefield.

O orador, homem de avançada

mente a tua alma e todas as riquezas do mundo, suas glorias, seu poder, tudo será teu. Serás rainha de um mundo inteiro. Queres? ajunta com voz que chega ao atrevimento e engano mal disfarçados debaixo de um tom de bondade fingida».

« Adianta-se o terceiro comprador. Ninguem o conheee, porém a doçura e a limpidez de seu olhar lhe grangeou a sympathia de todos os corações, mesmo antes de haver pronunciado uma só palavra.

Fonte: Arquivo da convenção Batista Brasileira

Nessa "secção", a preocupação do redator é proporcionar para as crianças, a partir de histórias, um ensinamento religioso e moral, mas principalmente religioso. Essa era uma preocupação comum do jornal. Sobre os anos que se seguem, pouca coisa muda na estrutura

[129] Com essa quantia quase se podia alugar uma casa no bairro de Vila Isabel, zona norte da cidade Rio de Janeiro, na mesma época, que custava 7$000. cf. O Paiz, janeiro de 1900, p. 7.

do jornal. Sua estrutura simples, apesar das oito folhas, era comum entre jornais que não faziam parte da "grande imprensa", como afirmava Nelson Werneck Sodré (1999). As seções permaneceram as mesmas até o período em questão neste trabalho, o ano de 1905.

O uso de imagens fora pouco explorado nesse período, o que não significa que elas não se fizeram presentes. Em um país de grande maioria analfabeta[130], as imagens seriam um meio eficaz de comunicação e um recurso eficaz de doutrinação[131]. O Dr. Entzminger certamente não fora um tipo de especialista gráfico e com ele, em sua equipe, não havia nenhuma Tarsila do Amaral ou um Di Cavalcante, ambos artistas aderentes ao mercado impresso à época[132].

Em um momento em que não havia muito rigor na regulamentação de usos de imagens na imprensa de uma forma geral (MARTINS; LUCA, 2006), as que foram usadas para ilustrar as páginas de *O Jornal Baptista* poderiam ser cópias de ilustrações de outros impressos, tanto nacionais, como internacionais, tanto não-religiosos como religiosos.

Figura 24 - Imagem do edifício da Casa Publicadora Baptista em Philadelphia, EUA.O Jornal Baptista, 15 de julho de 1905.

Fonte: Arquivo da Convenção Batista Brasileira.

[130] Como fora dito anteriormente, no período em que o periódico começa a ser divulgado, havia cerca de 12.599.382 analfabetos no país. cf. Rescenciamento de 1900, IBGE.

[131] A palavra tem a ver com a inculcação das doutrinas defendidas pelos protestantes.

[132] Martins e Luca sinalizam a participação de artistas plásticos e pintores no *boom* da imprensa na primeira República. O nome de Tarsila Amaral (1886-1973), pintora e desenhista e figura de destaque no movimento modernista no Brasil, aparece bem como o de Di Cavalcante (1897-1976), pintor modernista, desenhista, ilustrador, muralista e caricaturista brasileiro.

Figura 25 - Reunião do *Rei Davi* com seus conselheiros.O Jornal Baptista, 10 de outubro de 1903, p. 2 (198).

Fonte: Arquivo da Convenção Batista Brasileira.

Não foi possível rastrear quem fora o ilustrador entre 1901 e 1905, período em que a Casa Publicadora Baptista não tinha estrutura suficiente para elaborações profissionais no ramo editorial. Contudo, não somente ilustrações eram impressas no jornal. Fotografias fizeram parte do repertório comunicativo de *O Jornal Baptista* desde seu início. Boa parte das fotos publicadas se referia a personalidades importantes no mundo religioso tanto protestantes como católicas.

Figura 26 - Imagem de James Gibbons, Cardeal Católico. JORNAL BAPTISTA, 20 de abril de 1901, p.1.

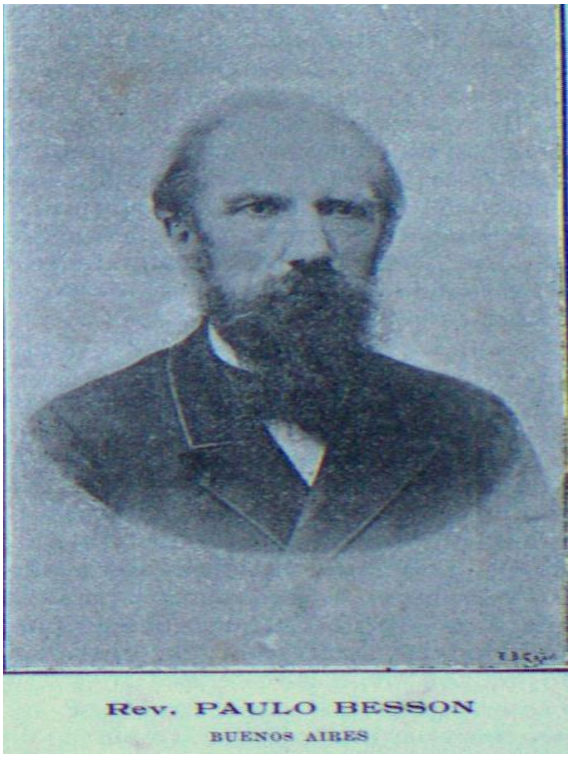
Fonte: Arquivo da Convenção Batista Brasileira.

As fotografias, como a do Cardeal James Gibbons[133], devem ter sido copiadas de alguma revista ou periódico norte-americano, o que não seria impossível, visto que seu redator e boa parte dos que escreviam artigos para o jornal eram norte-americanos e podiam facilmente ter acesso a publicações estrangeiras.

As fotografias de protestantes, no entanto, eram tanto de personalidades estrangeiras como de pessoas relacionadas ao trabalho batista no Brasil.

[133] O Cardeal James Gibbons serviu como bispo católico em Richmond (1872-1877), cidade onde se encontrava a sede da instituição missionária que sustentava os missionários norte-americanos no Brasil. Sua foto aparece na Capa do jornal, relacionada à notícia internacional, na qual um ex-padre, James A. O"Connor polemiza com o referido arcebispo sobre a questão da diferença entre protestantes e católicos no EUA.

Figura 27 - Fotografia do Rv. Batista Paulo Besson. O JORNAL BAPTISTA, 10 de fevereiro de 1901.



Fonte: Arquivo da Convenção Batista Brasileira.

Figura 28 - Alunos do Colégio Batista Egídio, O JORNAL BAPTISTA, 20 de março de 1901, p.1.

Fonte: Arquivo da convenção Batista Brasileira

Apesar de usar tanto imagens como fotografias, *O Jornal Baptista* não se apropriou com intensidade desse recurso, pois muitos de seus exemplares não continham imagens.

O que se faz importante pensar diante da estrutura desse periódico religioso é a sua função na constituição e no estabelecimento de um grupo social com características a serem delimitadas, com posições religiosas que tencionavam a ordem estabelecida, posto que tanto sua concepção de cristianismo como seus princípios e seu posicionamento político faziam frente às instituições que ora se faziam dominantes.

As representações que eram feitas a partir de cada narrativa do jornal, as que se faziam sobre a sociedade, sobre a esfera religiosa e sobre a identidade do próprio grupo, foram expostas nas páginas de *O Jornal Baptista* a fim de que cada leitor batista aprendesse a "verdade segundo o evangelho" e que cada leitor em geral pudesse alcançar uma "educação evangélica" (JORNAL BAPTISTA, 1901, nº1, p. 1)

3 *POR UMA ALMA COMPETENTE:* REPRESENTAÇÕES NOS DISCURSOS DE *O JORNAL BAPTISTA* E SEU VIÉS PEDAGÓGICO

3.1 Um jornal educativo

"Para que instrua", dizia um dos articulistas sobre *O Jornal Baptistas*, e que "provoque conclusões com lógica tal que não possam ser contraditas" (O JORNAL BAPTISTA, 10 de janeiro de 1901, p.3). Parecia ser esse o principal objetivo dos líderes batistas: fazer com que os leitores apreendessem os conteúdos expostos de forma a anuírem ao discurso expostos nas páginas do periódico.

A imprensa e o protestantismo se uniram desde a Reforma protestante no século XVI. Com o protesto de Lutero, e com seus princípios de livre interpretação da Bíblia, as pessoas teriam então condições de acessar o texto sagrado, algo antes impossível, visto que a Igreja mantinha a exclusividade da interpretação e da leitura. Nesse sentido, como pontua Nascimento (2002), um impulso em função da educação se instala em várias regiões da Europa e os analfabetos passam a buscar as escolas. Os livros passam a fazer parte das reuniões de família e a bíblia se torna símbolo da cultura popular (NASCIMENTO, 2002).

O trabalho dos missionários batistas, bem como dos protestantes em geral no Brasil, a partir de seu intento proselitista, isto é, de sua intenção de trazer adeptos à sua religião, possibilitou o que Vasconcelos (2014) chamou de cultura impressa, na qual e pela qual se tentou construir a identidade dos grupos, difundir suas ideias e difusão de seu credo, além de estabelecer um campo de disputa com grupos considerados opositores (VASCONCELOS, 2014).

Os que se convertiam pela prédica dos missionários protestantes se alinhavam nas fileiras das congregações que iam se formando. Todos esses necessitavam de apreender os ensinos da religião. Uma necessidade de fazer com que a cultura protestante, isto é, seus valores, seus costumes, seus hábitos, sua visão de mundo, fosse aprendida demandou da imprensa uma posição pedagógica.

Ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ensinado, palavras ditas por Jesus e registradas no Evangelho de Mateus[134] são tomadas pelos batistas como mandamento

[134] Cf. Evangelho de Mateus 28; 20. cf. BIBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1758.

inquestionável. Ora afeitos à missão de converter brasileiros à fé evangélica de acordo com a perspectiva de seu grupo, os batistas reconheceram que as folhas impressas seriam uma ferramenta precisa para o alcance das populações para além das barreiras geográficas, políticas e culturais.

3.1.1 "Ensinando-os a guardar todas as coisas": a dimensão pedagógica de O Jornal Baptista

Para se compreender a dimensão educativa dos impressos, em especial dos impressos periódicos, faz-se necessário ampliar o sentido de educação para além do ambiente escolar. Como argumenta Franc Morandi (2002), a educação é algo extremamente elementar na vida humana, ela "se inscreve como princípio de uma sociedade e do desenvolvimento dos indivíduos". (MORANDI, 2002, p.19). Sendo assim, poder-se-ia compreender como algo fundamental nas relações sociais a veiculação das normas, padrões, costumes, visões de mundo e formas de existência que, de geração em geração, são transmitidas nos grupamentos humanos.

A educação, por sua vez, se insere nessa dinâmica mesma do humano, de transmissão, manutenção e preservação dos indivíduos e da sociedade. Ela é o "princípio por meio do qual a comunidade humana conserva e transmite a sua peculiaridade física e espiritual." (JAEGER, 1994, p.3)

Tomo, portanto, essa compreensão mais ampla do conceito de educação, a qual se inseria no que os gregos denominavam Paideia e cuja dimensão está para além da compreensão moderna de educação escolar. Sendo assim, infiro, corroborado com o que aponta José C. S. Araújo sobre a História da Educação, ser esse fazer histórico um auxílio no resgate do "modo pelo qual os homens produziram sua existência, seja ensinando ou aprendendo aquilo que circula na cultura" (ARAUJO, 2002, p.59), isto é, seja produzindo, reproduzindo, criando ou recriando a cultura.

Se considerarmos com Araújo (2002) que a educação é uma prática social para além da escola, para além de concepções e ideias pedagógicas, ou da educação formal-escolar, que se "estrutura a partir do que é veiculado pela cultura" (ARAÚJO, 2002, p.59), podemos dizer que a imprensa periódica, isto é, o jornal periódico, pode ser considerado como uma agência informal, no seu veio mais cultural, do processo de transmissão da própria cultura, tornando-se, por sua vez, "agente de cultura, mobilizadora de opiniões e propagadora de ideias."

(PALLARES-BURKE, 1998, p. 146). Assim, a educação perpassa o jornal, autorizando-o como veículo de educação.

A importância dada ao papel educativo da imprensa periódica pode ser constatada desde o fim do século XVIII e início do XIX na Europa. Tornou-se expressão pungente do pensamento iluminista europeu, com seus ideais de aprimoramento da sociedade, civilização, moralização, sob a crença de que o jornalismo poderia operar como grande veículo de ideias para educar o público transformando mentalidades "arcaicas" em "ilustradas" (PALLARES-BURKE, 1998, p. 147).

Muitos dos periódicos europeus, impulsionados pelo espírito iluminista, foram referências para os que, no século XIX, surgiram na América Latina. Fortemente penetrados pelo ideal de ilustração, os periódicos brasileiros, muitos deles com títulos que realçavam seus propósitos "Faróis", "Lanternas", "Auroras"[135], fomentaram projetos políticos e visões de mundo, tornando-se veículo educativo, pedagógico, em um país que não possuía bem delineados sistemas educacionais públicos[136]. Isabel Lustosa nos informa que:

> Os Jornais surgidos no Brasil entre 1821 e 1823, período de intenso debate político, declaravam logo em seus primeiros números uma intenção pedagógica. Os jornalistas acreditavam nas virtudes mágicas do saber e confiavam na educação como alavanca principal de transformação da sociedade (LUSTOSA, 2005, p. 259).

Na França revolucionária, os jornais foram, junto aos espaços de discussão política, como as assembleias legislativas, os principais propulsores da constituição da cultura política francesa nesse período. O jornalismo se constituiu em uma instituição pela qual se tornaram possíveis as lutas revolucionárias pela legitimidade política dos partidos. Popkin (1996) percebeu que:

> A imprensa era o único meio de instituir a soberania popular num país grande demais para copiar as instituições das cidades-estado clássicas como Atena e Roma. Os jornais iriam permitir a condução do debate público numa escala nacional, iriam tornar possível a transmissão contínua das opiniões do público para seus representantes eleitos, e iriam possibilitar o esclarecimento dos eleitores por parte dos líderes intelectuais[...] (POPKIN, 1996, p. 199).

---

[135] Como exemplo, podemos citar *O Farol Paulistano* que circulou até 1839; O jornal paraibano *A Lanterna* (1870-1879) e *A Aurora* que circulou no Rio de Janeiro de 1890 a 1899. Esses nomes, que faziam alusão às "Luzes" do pensamento moderno eram muito comuns nas transformações políticas do século XIX. cf. JINZENJI 2010.

[136] Sobre a emergência dos projetos de construção das formas escolares e o estabelecimento da instrução pública no país, Gondra e Schueler (2008) destacam, mais efetivamente após a Independência do país, ocorreram em direção a um projeto de "formação do povo" surgindo como um dos direitos fundamentais de garantia individual dos cidadãos brasileiros. cf. (GONDRA; SCHUELER, 2008).

Popkin, ao tentar desvelar a função do jornal impresso no ambiente revolucionário francês do século XVIII, cita uma afirmação do político revolucionário girondino Jaques-Pierre Brissot, a qual ilustra ainda melhor a percepção que se tinha do jornal à época "Pode-se ensinar a mesma verdade no mesmo momento para milhões de pessoas; através da imprensa, elas a discutirão sem tumulto, decidirão com calma e darão sua opinião" (POPKIN, 1996, p. 199). A importância dos periódicos não se limitou aos tempos revolucionários da França do século XVIII, mas refletiu em lugares e tempos diferentes.

Alguns intelectuais e educadores, já no Brasil do início do século XX, exaltavam a imprensa periódica como meio de educação da sociedade. Eles fizeram constante e intenso uso das mídias impressas para divulgar ideias, posições políticas e perspectivas educacionais. Mas o fato é que perceberam o próprio jornal como potencial instituição pedagógica. Intelectuais como Machado de Assis, Fernando de Azevedo[137] e outros proferiram elogios, em seus escritos, aos jornais.

Fernando de Azevedo, quando de seus escritos no Manifesto do Pioneiros[138], afirmou que:

---

[137] Fernando de Azevedo (1894-1974, mineiro de São Gonçalo do Sapucai, educador, ensaísta e sociólogo, foi um dos integrantes dos reformadores da educação pública do Brasil na década de 1920. Promoveu uma ampla reforma na então capital federal do Rio de Janeiro entre os anos de 1927-1930 estendendo o alcance do ensino a todas as crianças em idade escolar. Uma de suas mais reconhecidas ações é a redação e o lançamento, junto com outros 25 educadores, do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. De acordo com Penna (2010), seu pensamento sobre educação se relacionava estreitamente com uma espécie de intervenção política que se desdobrava em uma transformação da estrutura social. Isso significaria uma reforma na educação brasileira que pressuporia uma influência na própria sociedade. Assim, estabelece-se uma relação entre educação e transformação social. A autora ainda destaca o fato de Azevedo ser uma pensador da educação - um filósofo da educação como ela sugere – cujos propósitos para a reforma da educação brasileira perpassava questões como "a educação das massas e a formação das elites, seu papel, a questão dos vínculos entre educação e sociedade, a ação recíproca de uma sobre a outra, a correlação entre pedagogia clássica e velho humanismo e deste, enfim, com o que qualificou de neo-humanismo." (PENNA, 2010, p.12). Parece que Fernando de Azevedo, como pensador da educação, buscou reorientar os caminhos da educação brasileira em direção a um "neo-humanismo pedagógico" colocando no centro da prática educativa o "humano" acrescentando à compreensão clássica do humanismo a noção de progresso. Foi um "intelectual de uma época de transição" refletindo em seu pensamento as transformações, turbulências e contradições de seu tempo. Situado entre duas épocas – das "velhas tradições" e da modernização advindas pós-guerra – Fernando de Azevedo buscou, de acordo com Penna (2010), como promulgador de uma transformação radical do sistema educacional brasileiro, portanto, foi "procurou pensar "cada um dos problemas que lhe pareciam essenciais de modo completo, relacionando tudo com tudo, não omitindo quaisquer aspectos das questões educacionais do seu tempo" (PENNA, 2010, p. 15).

[138] O documento, redigido por Fernando de Azevedo e assinado por mais 25 educadores e intelectuais brasileiros, *O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, foi escrito em 1932 e reivindica a direção do movimento de renovação educacional brasileiro. De acordo com Vidal (2013), o documento vinha a público no "âmago das disputas pela condução das políticas do recém-criado Ministério de educação e Saúde (1930). De acordo com a pesquisadora, três propósitos se destacam no documento: 1) A defesa de princípios gerais de modernização da escola pública, quais sejam, a laicidade, gratuidade, obrigatoriedade e a coeducação, em função de instituir uma organização científica da escola; 2) a instituição de um "personagem coletivo", isto é, um personagem denominado "pioneiros da educação" que, por sua vez, constituiriam a fonte de princípios para a educação no país; 3) O texto se constituiu um marco fundador da Escola Nova e conferiu aos escritos de seus signatários o *status* de referencialidade, como, por exemplo, os escritos de Fernando de Azevedo como a *A Cultura*

> A consciência do verdadeiro papel da escola na sociedade impõe o dever de concentrar a ofensiva educacional sobre os núcleos sociais, como a família, os agrupamentos profissionais e a imprensa, para que o esforço da escola se possa realizar em convergência, numa obra solidária, com as outras instituições da comunidade. Mas, além de atrair para a obra comum as instituições que são destinadas, no sistema social geral, a fortificar-se mutuamente, a escola deve utilizar, em seu proveito, com a maior amplitude possível, todos os recursos formidáveis, como a imprensa, o disco, o cinema e o rádio, com que a ciência, multiplicando-lhe a eficácia, acudiu à obra de educação e cultura e que assumem, em face das condições geográficas e da extensão territorial do país, uma importância capital. (MANIFESTO DOS PIONEIROS, 2006, p.15).

Pode-se perceber que Azevedo reconhece no jornalismo impresso o potencial educativo e instrutivo de "importância capital" para o país, uma vez que seu território, de grande extensão, necessita de "recursos formidáveis" para o alcance da obra educativa.

Da mesma forma, mas em situações distintas, os missionários batistas pretenderam fazer com que seus jornais ensinassem “a verdade sempre, toda a verdade evangélica” (O JORNAL BAPTISTA, 10 janeiro, 1901, p. 3). Com seus impressos poderiam alcançar muitas pessoas, talvez bem mais do que as pregações em praças públicas, em salões alugados. Talvez *O Jornal Baptista*, órgão representativo das igrejas batistas do Brasil, pudesse alcançar bem mais leitores que seus precursores *As Boas Novas, Echo da Verdade* e *A Nova Vida*.

O jornal impresso na condição de texto escrito, tem em si um valor coercitivo que busca de diversas formas convencer o leitor e lapidar sua opinião, quando não é o próprio construtor de opiniões. Isso pode nos levar a inferir que, em alguma medida, o texto jornalístico é um educador, na medida em que intenciona mudanças ao influenciar o leitor (CAMPOS, 2009).

Contudo, cabe salientar que o leitor, seja qual for sua condição intelectual, social ou econômica, que se coloca diante de um jornal, não é passivo. Apesar de uma folha de jornal se dispor a prescrever os caminhos da leitura por meio de suas marcas, de sua organização, de suas prescrições – modos de ler corretamente, orientações dos editores – de suas figuras e imagens, o leitor se coloca também como agente, como interprete, como construtor de sentidos, sentidos esses que podem até mesmo subverter o sentido do próprio texto, isto é, pode compreender de forma distinta daquelas que os autores dos textos tencionam veicular (CHARTIER, 2004)

Brasileira. (VIDAL, 2013). Os participantes que assinaram o documento foram: Fernando de Azevedo, Afrânio Peixoto, A. de Sampaio Dória, Anísio Spínola Teixeira, M. Bergstrom Lourenço Filho, Roquette Pinto, J. G. Frota Pessôa, Julio de Mesquita Filho, Raul Briquet, Mário Casassanta, C. Delgado de Carvalho, A. Ferreira de Almeida Jr., J. P. Fontenelle, Roldão Lopes de Barros, Noemy M. da Silveira, Hermes Lima, Attilio Vivacqua, Francisco Venancio Filho, Paulo Maranhão, Cecília Meirelles, Edgar Sussekind de Mendonça, Armanda Alvaro Alberto, Garcia de Rezende, Nobrega da Cunha, Paschoal Lemme, Rau Gomes.

Em seus discursos, *O Jornal Baptista* parece querer convencer o leitor com o que um de seus articulistas chamou de "verdade do evangelho" (O JORNAL BAPTISTA, 10 janeiro, 1901, p. 3). O discurso que se enquadra nesse propósito do jornal vai além de questões religiosas. Parece que, além de discorrer e se propor a "evangelizar por meio dum jornal" (O JORNAL BAPTISTA, 10 janeiro, 1901, p. 3), seus redatores, editores, articulistas, se propõem a difundir, de forma específica, uma exibição de modos de ser no mundo, uma espécie de *status,* ou ainda, uma "categoria social", por meio de representações, como sugere Chartier (2011, p.20):

> O conceito de representação foi e é um precioso apoio para que se pudessem assinalar e articular, sem dúvida, melhor do que nos permitia a noção de mentalidade, as diversas relações que os indivíduos ou grupos mantêm com o mundo social: em primeiro lugar, as operações de classificação e hierarquização que produzem as configurações múltiplas mediante as quais se percebe e representa a realidade; em seguida, as práticas e os signos que visam a fazer reconhecer uma identidade social a exibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um status, uma categoria social, um poder; por último, as formas institucionalizadas pelas quais uns "representantes" (indivíduos singulares ou instâncias coletivas) encarnam de maneira visível, "presentificam" a coerência de uma comunidade, a força de uma identidade, ou a permanência de um poder.

Uma série de elementos se coloca nas palavras de Chartier e, alguns deles, podem ajudar na condução das reflexões desse capítulo. Por meio de O Jornal Baptista pretendemos entrever as nuances de alguns de seus artigos, sejam eles notícias do cotidiano brasileiro ou internacional, sejam alguns de seus editoriais ou sermões – e nesse sentido elegi alguns textos, dentro do recorte temporal estabelecido para a pesquisa, que entendi serem exemplos que permitiam visualizar as questões levantadas – os quais nos podem permitir identificar as hierarquizações e classificações da realidade social; signos e práticas identitárias e, possivelmente, as institucionalizações que possibilitam a coerência discursiva da comunidade protestante batista no Brasil.

Como são muitos exemplares desde 1901 até 1905, uma vez que o periódico funcionou como semanário nesse período, busquei definir alguns aspectos dos discursos que funcionaram como base para compreender as representações. Esses aspectos funcionarão aqui como categorias de análise.

No cristianismo protestante pode-se constatar uma presença marcante do discurso moral como um desses elementos. A religião estava estritamente ligada à moralidade e, no século XIX, era vista como esteio da sociedade (ABREU, 1996). Em *O Jornal Baptista* a palavra moral será usada irrestritamente, como fundamento do comportamento esperado na

esfera da fé batista e, não bastasse, projetada para a sociedade com finalidade de uma sociedade encaminhada ao progresso.

O progresso da nação também é um elemento marcante no discurso de *O Jornal Baptista*. Como são norte-americanos os principais redatores e editores dos textos, a marca de uma concepção anglo-saxã pragmática de trabalho surge como esteio do progresso. Uma nação que se quer liberal e democrática precisa ter no trabalho a fonte de seu sucesso.

Esse sucesso parece ser obstaculizado, segundo o periódico, pela Igreja Católica. Ao discorrer sobre sua fé, boa parte dos textos se referem à igreja católica como atraso ao progresso da nação e principal empecilho à liberdade religiosa no país, causa fundamental dos batistas. A liberdade religiosa e os supostos erros doutrinários do catolicismo tornam-se as diretrizes dos embates e das disputas jornalísticas como veremos adiante.

Uma certa concepção liberal – do ponto de vista ideológico, político – que visivelmente se faz presente, configura os textos, e forja os meandros dos comentários às notícias, podendo, também, nos fazer perceber as representações que *O Jornal Baptista* constrói. Essas representações que o jornal faz de si e dos outros, isto é, de seu grupo social e da sociedade que o circunda, parecem possibilitar a compreensão da dimensão pedagógica desse periódico.

3.2 **Uma "Boa Nova" moral**

Talvez a questão da moral seja uma das questões mais difundidas pelos batistas desde sua acomodação em terras brasileiras. O valor do comportamento correto, da moralidade, está, de modo recorrente, presente nos sermões, nos discursos em praças públicas, nos livros publicados e traduzidos e também nos artigos de *O Jornal Baptista* (AZEVEDO, 2004). A moral tem um sentido próprio para o pensamento batista, uma vez que tem relação com a condição existencial do indivíduo crente[139]: aquele que alcançou a *plenitude existencial da salvação* está convocado a ser um exemplo de moralidade.

> Existe uma revelação [relação?] vital entre a salvação e a moral – vital e inevitável. Mas não é o que o legalista supõe. A salvação vem primeiro. É precioso ser salvo

[139] O termo *crente* é usado na linguagem religiosa própria dos artigos de O Jornal Baptista e das demais literaturas protestantes desse grupo religioso. Uso-a aqui para me referir a todos os convertidos à fé batista e participantes da lista de membros das igrejas.

> para ser moral no coração. Somos salvos para ser santos. A salvação frue na moral. Somos salvos sem boas obras por uma fé que produz boas obras. Deus faz a árvore boa, então há esperança de colher bons frutos. [...] Uma vez em Cristo pela fé, o crente encontra, nos mandamentos morais de Jesus, a norma de sua vida, o alvo de seu esforço, a vontade clara e imperativa de seu Senhor. Portanto somos salvos, não pela moral, mas sim para a moral. [...] Jesus não se contenta, pois, com um alvo baixo, com umas medidas parciais. Ele nos obriga moralmente a ser perfeitos. "Sede vós, pois, perfeitos como o vosso Pai celestial é perfeito" Mateus 5;48. A única moral que poderia salvar seria a moral perfeita. [...] Embora a moral não salve, Deus dá prêmios nesta vida e galardão na vida além, para os que com perseverança prosseguem na carreira, rumando sempre ao alvo de sua divina vocação (TAYLOR, 1942, p. 67-68)

A exposição de Willian Carey Taylor[140], um dos principais escritores entre os batistas na primeira metade do século XX, demonstra um pouco o pensamento que se perpetua desde os primeiros escritos de missionários norte-americanos para os leitores brasileiros. A perspectiva sobre a moral enaltecida por Taylor – mesmo que em um outro momento histórico, isto é, algumas décadas após o período em questão nesse trabalho, todavia, pode funcionar para se traçar uma continuidade desse discurso nos períodos subsequentes – tem, no fundo, um sentido profundamente religioso.

Para os batistas, a moral era a prova objetiva da salvação e da regeneração proporcionada pela fé em Jesus Cristo. Ela não funda a condição de estar salvo, mas, sim, dá prova de que um salvo está realmente salvo. Jesus Cristo foi, para o pensamento batista, a "moral perfeita" que primeiro funda a possibilidade de seus seguidores andarem "perfeitamente". Isso aponta, por sua vez, para a impossibilidade de aquiescência de um comportamento que não se fundamente sobre o discurso religioso e acena para a insuficiência de qualquer moral que não seja, antes, resultado da fé. A compreensão que os batistas têm de si mesmos é a de que são salvos para as "boas obras" e isso significa que uma vida moral é algo identitário para eles.

É possível tecer uma relação sinalizando a moral protestante como uma atualização da ética do antigo profetismo ético do judaísmo[141]. Esse, por sua vez, se exprimia por sua lógica dualista segundo a qual todas as esferas da vida mundana deveriam se submeter aos padrões do discurso religioso e ser ordenado por ele. Uma distinção entre a vida prática religiosa (moral) e a vida mundana (SOUZA, 1998).

Esse comportamento negativo em relação ao mundo, configurando um certo ascetismo, pode ter sido uma herança trazida pelos missionários do sul dos EUA. Nesse contexto os batistas se constituíram como um grupo profundamente sectário, em favor da preservação de

---

[140] Willian Carey Taylor foi pastor batista e escritor.

[141] Nos referimos aqui ao movimento de crítica social, econômica, ética, política e religiosa empreendida por alguns indivíduos judeus no século VIII a.C.. Esses se entendiam interpelados por sua divindade para anunciar os erros do povo e do governo vigente e por isso foram denominados profetas. cf. SMITH, 2006.

sua própria identidade, desde o século XVIII, num ambiente de grande conturbação político-religiosa. Essa postura, incorporada pelos missionários que vieram em missão, refletiu entre os batistas brasileiros (TEIXEIRA, 1987).

Um tipo de cristianismo que se caracterizou por um comportamento fortemente ascético foi estudado por Weber (1981) quando apontou a vertente calvinista do protestantismo[142]. Esse comportamento ascético seria a razão do desenvolvimento racionalista do capitalismo no Ocidente e a moral protestante é tomada como uma ética que retira do mundo sua condição mágica[143]. O resultado de não se conceber mais nenhuma mediação para a salvação e confiar totalmente na escolha divina de seus eleitos permitiu o surgimento de crentes "autoconfiantes" que deveriam demonstrar sua condição de escolhido em seus afazeres cotidianos. A pureza da conduta e a prosperidade de cada atividade cotidiana poderia refletir, segundo a visão calvinista de mundo, a escolha por Deus e ao mesmo tempo ser um tipo de culto à sua glória (WEBER, 1981, p. 76-79).

Os batistas, em certa medida, se aproximam de alguns elementos calvinistas[144], mas o próprio Weber faz questão de diferenciá-los. Uma certa alienação do mundo se faz presente como marca dos batistas, além de seu apego incondicional às Escrituras, fonte única de revelação de Deus e o único conteúdo realmente sagrado.

> A estrita alienação do mundo, ou seja, de todo o intercurso desnecessário com pessoas leigas, juntamente com a mais estrita bibliocracia, no sentido de se tomar a vida das primeiras gerações de cristãos como modelo foram, os resultados para as primeiras comunidades batistas, este princípio de alienação do mundo nunca desapareceu inteiramente, enquanto permaneceu vivo o velho espírito (WEBER,1981, p. 103).

É preciso entender o que Weber afirma aqui. Primeiro, essa alienação do mundo não significa uma fuga total das relações cotidianas como se um batista não pudesse se comunicar com o padeiro ou o ferreiro próximo a seu vilarejo. Significava, sim, uma limitação dessa

---

[142] O Protestantismo Calvinista, segundo Weber, foi a "fé entorno da qual giraram os países capitalistas desenvolvidos – Países Baixos, Inglaterra e França. Os calvinistas foram os seguidores das doutrinas de Calvino e segundo Weber os principais responsáveis pela racionalização do capitalismo no Ocidente. Cf. WEBER, 1981.

[143] A condição mágica do mundo, na concepção weberiana, ilustra a cultura religiosa própria do contexto medieval, na qual o mundo dos homens é repleto de artifícios, de meios para alcançar a coisa mais importante para um indivíduo dos tempos da reforma: a salvação de sua alma. O protestante, na concepção calvinista, deve eliminar todo tipo de mediação para alcançar sua salvação e, assim, estar solitário e dependente da escolha divina, para a salvação ou para a perdição.

[144] Há uma proximidade entre batistas e a tradição calvinista a qual pode ser rastreada, principalmente, na Inglaterra do século XVII. Algumas de suas doutrinas foram incorporadas, como a doutrina da eleição – doutrina essa que afirma Deus ter escolhido pessoas para a salvação e outras para perdição – o que fez com que fossem identificados como Batistas Particulares. Cf. PEREIRA, 1994.

relação, uma vez que as relações sociais mais genuínas se dariam entre os cristãos, por sua vez, na comunhão que se estabelecia entre a comunidade batista. Em segundo, a ideia de uma "bibliocracia" indica justamente a fonte de toda a vida prática dos batistas. Todos os comportamentos devem ser regidos estritamente sob os limites postos pelos textos do Antigo e, principalmente, do Novo Testamento bíblicos. Nesses dois compêndios da bíblia, Antigo e Novo Testamento, se encontra toda a fonte do regime comportamental dos batistas. Deve-se considerar que Weber (1981) está relacionando o comportamento das primeiras comunidades batistas com esse tipo de cosmovisão. Todavia, a tradição dos antigos batistas percorreu os tempos e, podemos inferir, nesse caso, há permanências, mais do que rupturas, com relação à fundamentação da vida prática desse grupo religioso.

Quer isto dizer que os batistas norte-americanos mantinham vivos muitos aspectos das primeiras comunidades batistas do século XVII na Inglaterra e XVIII nos EUA. Em um texto publicado em *O Jornal Baptista* a 30 de março de 1901, possivelmente escrito pelo redator, o Dr. Entzminger, pode-se perceber a preocupação batista de viver de acordo com os padrões das escrituras:

> Diz o apóstolo: "Obrae a vossa salvação" [...] O trabalhar, o obrar não é para crear a salvação, mas sim para desenvolver o princípio de vida nova que já deve existir implantado na alma de todo aquelle que crêr. Descuidar dos exercícios píos destinados a obrar a salvação e tornar-se um christo pygmeu um crente lliliputiano. "Obrae a vossa salvação, ajuntando a vossa fé a virtude, e á virtude á sciencia, e á sciencia a temperança, e a paciência, e á paciência a piedade, e á piedade o amor de vossos irmãos, e ao amor de vossos irmãos a caridade. Porque si estas coisas se acharem e abundarem em vós, ellas vos não deixarão vazios, nem infrutuosos no conhecimento de nosso Senhor Jesus Christo." II Pe 1; 5-8 (O JORNAL BAPTISTA, 30 de março, 1901, p. 2).

O escritor, com tom imperativo e ao mesmo tempo irônico, aludindo aos contos de Jonathan Swift[145], *A Viagem de Gulliver*, quer deixar de antemão algo claro: um cristão que se comporta com piedade – o que não está longe de vida moral para o batista em fins do século XIX, como veremos – não está à estatura de Cristo, é pequeno, mesquinho. Quem lesse esse texto, possivelmente procuraria medir sua vida, seu comportamento. Há um paradigma a ser seguido: Cristo. Esse Cristo, no entanto, não pode ser um "christo pygmeu", o que indica duas coisas; a primeira é que o cristão batista deve se assemelhar a Cristo, o das Escrituras Sagradas; a segunda: ele não deve fazer da imagem de Cristo menos do que ela dever ser, isto é, seu comportamento não pode, de forma alguma, diminuir a imagem de seu Deus.

---

[145] Jonathan Swift (1667-1745) foi um escritor anglo-irlandês autor de clássicos como As Viagens de Gulliver (1726); História de um tonel (1704); Argumento contra a abolição do cristianismo (1706).

A salvação, algo recebido por dádiva de Deus, não deve ser um porto no qual poderia ancorar de forma passível. A salvação deve ser "obrada", "trabalhada", deve-se agir adequadamente à "vida nova" que se tem em meio a fé. Um tipo de comportamento padrão é exigido para um tipo de vida específica, a vida de fé. A intenção clara do discurso é proporcionar ao leitor um fundamento que oriente suas práticas as quais identificariam os crentes, os batistas que realmente se comprometem com o viver em piedade.

Um dos principais missionários batistas atuantes no início do século XX, Salomão Ginsburg, repete essa mesma lógica em seus sermões. Ademais, essa era uma das principais estratégias de *O Jornal Baptista*: publicar sermões dos líderes batistas a fim de transmitir os valores creditados pelo grupo. Nos sermões escritos, o discurso moral é a fonte da orientação da vida e está misturado ao discurso religioso. Ginsbusrg, tratando da importância da obediência afirmava que:

> Ainda que a melhor obediência que prestemos seja imperfeita, sendo não do escravo que tem servilmente de obedecer a seu senhor, mas, do filho que se compraz em obedecer seu pae. Semelhante obediência é agradável a Deus e é a evidência de que o Espírito Santo está encaminhando a alma para fazer, e para querer as coisas de Deus. Tal obediência é melhor do que sacrifício. Obedecer é prepararmo-nos para aquelle mundo onde a obediência será perfeita [...] É facto que cada acção que praticamos produz um efeito, ou seja para o bem, ou para o mal. As almas animadas por motivos puros e santos, e habituadas a submetterem-se a Deus, subirão, naturalmente, na escala da excellencia moral, e mais e mais se conformarão a imagem divina... A obediência ou submissão a Deus, subjuga preconceitos; repele tentações, alcança triunfos, e dignifica o caráter humano ... Bemaventurada é a alma que se sente impulsionada pelo Espírito Santo a cumprir com a vontade divina e que possa afirmar: *Meu prazer está na lei do Senhor* (O JORNAL BAPTISTA, 10 de maio de 1901, p. 1).

A vinculação da obediência a lei de Deus com o comportamento moral ressoa nesse sermão. Cumprir os mandamentos significa ter uma "excellencia moral" e esta soma-se a um tipo de finalidade, qual seja, se conformar à imagem divina e se preparar para "aquelle mundo onde a obediência é perfeita". Um tipo de comportamento moral, portanto, era necessário para alcançar o céu e alcançar, um dia, a perfeição devida ao próprio Deus.

Nesse sentido, podemos perceber o peso emprestado ao comportamento do crente batista. A moral pregada por esse grupo não poderia ser a mesma moral pregada, por exemplo, pelos católicos. Desde que pisaram em terras brasileiras, os protestantes em geral e os batistas em particular procuraram marcar as diferenças entre a fé cristã romana (católica) e a fé cristã protestante. Uma dessas diferenciações estava tipificada no comportamento moral.

O modo de compreensão norte-americano (anglo-saxão) de moral, pode ser entendido como a-histórica e universalista. De acordo com o pensamento batista, há relação estreita

entre as doutrinas e a moralidade. Se as doutrinas são universais e a-históricas, logo a moral também o é. Como bem pontuou Teixeira (1987):

> A concepção de que a doutrina é uma e que se aplica igualmente, em qualquer tempo e em qualquer lugar, define a posição batista no campo da interpretação da história e da cultura. Tudo se passa como se os valores fossem universais, a moral fosse universal, as respostas aos estímulos sociais fossem redutíveis ao nível da fé e as soluções fossem únicas para diferentes situações (TEIXEIRA, 1987, p.6).

Essa compreensão se expressava muitas vezes nos discursos dos missionários que em muitos aspectos soavam superiores e etnocêntricos. Lia-se em um texto com o curioso título *"Desgraçado Paiz"* e com um mais curioso subtítulo "Grito de indignação", publicado em *O Jornal Baptista*, em 7 de março de 1902:

> Apezar da crise que nos devora, cresce, dia a dia, o amor aos jogos, as loterias, o *bicho,* as roletas, o *sete e meio*, a *banca campista*, verdadeiros cortiços, onde zumbe a immoralidade, a tresandar o azedume do paraty. Os moços não sabem respeitar as famílias, e todos riem quando um homem honesto procura chamal-os a ordem, mostrando que tudo isso provem da falta de religião, da incredulidade, nascida alias dos ensinamentos pouco racionaes da Egreja Romana. E não observamos taes costumes somente nos que nada enxergam, nos que nunca puderam abrir um livro e lêr, pensar, comparar, firmar sua opinião, mas em todas as classes. O brasileiro é systematicamente comodista, tem mêdo de desagradar (O JORNAL BATISTA, 7 de março de 1902, p. 1).

Elementos interessantes podem ser sinalizados nesse fragmento acima e indicam a superioridade cultural e moral com a qual os artigos do jornal visualizam e representam a cultura brasileira. A negativização moral dos jogos e das condições de certa parcela da população, como os moradores de cortiços ou os frequentadores de lugares como esses onde há "imoralidade" ao contrário da moralidade que habita o espaço familiar. É perceptível também a relação criada entre a falta de moral e a falta de religião. Ora, para o articulista protestante – não identificado no jornal – seguir os ensinamentos tidos como "irracionais" da "Igreja Romana" é o mesmo que não ter religião, logo, não ter moral, ou, de outro modo, não ter critérios válidos para a orientação do comportamento.

Outra questão que se faz perceptível é o olhar do protestante batista sobre os que "nunca puderam ler um livro, pensar, comparar e firmar sua opinião". Quem são esses? Se considerarmos que uma grande parcela da população, cerca de 80%, não sabia ler[146]

[146] Me refiro aqui ao período em que os batistas iniciaram seus projetos de promoção da fé protestante por meio dos jornais impressos. Nesse sentido, trata-se das últimas décadas do século XIX e início do XX. Conforme senso indicado em nota anteriormente, o número da população considerada, à época, analfabeta, atingia a marca dos 12.213.356, entre brasileiros e estrangeiros habitantes dos 21 Estados (recenseamento de 1890).

(BOMENY, 2003), os batistas se referem aqui a uma parcela da população que não tinha acesso a instrução. Nesse sentido, pode-se inferir que, sob a ótica desse grupo religioso no período em questão, a falta de instrução escolar, o não saber ler, pensar, e construir racionalmente suas opiniões, são também pontos negativos na cultura brasileira e propiciadores de comportamentos imorais.

Contudo, segundo o dizer do articulista, não somente os que não têm essas atribuições, mas os que fazem parte de "outras classes" sociais também estavam impossibilitados de posicionar-se corretamente de um ponto de vista moral. Para concluir a passagem, o autor do texto afirma: "o brasileiro é sistematicamente comodista". Sua acomodação e seu "medo de desagradar" são afirmações provocativas por parte do jornal. Sua intenção é provocar o fiel católico que ainda não teve coragem de romper com os laços religiosos com a Igreja Romana.

É possível perceber nesse sentido que, para as comunidades batistas que se formavam no início do século XX, a moralidade se constituía em algo sagrado e, portanto, indispensável à vida de fé. Esse grupo protestante, contudo, propusera-se a representar a moralidade católica como diminuta pois somente os batistas, supostamente, detinham a verdade sobre a fé cristã e sobre os reais e verdadeiros resultados dessa fé para a vida prática.

Deter a verdade da fé cristã era um dos aportes do discurso dos batistas. Em vários de seus artigos fica evidente que os católicos, a outra voz da fé cristã no Brasil, opera segundo o erro, principalmente, no que diz respeito às doutrinas da fé cristã. Ora, um indivíduo não crente, não protestante, não batista, não seria alguém regenerado e, por sua vez, não poderia ser o exemplo de moral.

Aqui parece se instalar uma disputa simbólica no campo religioso brasileiro, no que se refere às duas vertentes do cristianismo reconhecidas, até então, no Brasil no início do século XX, o catolicismo e o protestantismo. O desdém por parte dos protestantes batistas instaura um ambiente de polêmica, como já foi observado, uma vez que, também, nos espaços onde se veiculavam os discursos da Igreja Romana, se defendia veementemente uma concepção de moral.

O próprio jornal católico *O Apóstolo,* ao romper o ano de 1900, deixa clara sua função enquanto órgão representante da Igreja Católica quando, em sua primeira página, no dia 6 de janeiro, declara que

> Já quasi 6 mezes se passaram depois que fizemos o nosso reaparecimento como imprensa catholica destinada a propaganda dos bons princípios e da moral religiosa. Vamos começar o anno de 1900 bem firmes no proposito de continuar e observar o nosso programma, animando-nos a esperança a esperança de colhermos melhores resultados e mais assigualados fructos [...] A imprensa Catholica não se fez para

> sómente profligar o erro e combater o mal, ella serve também de despertador para os catholicos, de veichulo as ideias que lhes aproveitem e de meio emfim para que se fortaleçam a coragem e o espirito que vascillam [...] e mais do que tudo para que converjam ao aprisco do Bom Pastor as ovelhas desgarradas e julgadas perdidas nas tristes e emaranhadas selvas do erro e nos tormentosos embates desta vida (O APOSTOLO, 6 de janeiro de 1900, p. 1).

Ao retomar suas publicações, o jornal católico reinicia seus trabalhos e relembra a seus leitores os propósitos de suas páginas. É notória, imediatamente, a presença do discurso religioso ligado a uma concepção de moral. O jornal quer ajudar a reerguer aqueles que, por acaso, estejam vacilantes, aqueles que talvez tenham se perdido na "selva dos erros", as "ovelhas desgarradas" a corrigir seu caminho e retomar os "bons princípios da moral religiosa".

Havia, portanto, uma preocupação moralista no discurso católico, o que aponta para o fato de que não era um discurso privilegiado do protestantismo. Esse jornal, que fora uma voz representativa no século XIX, era contrário, desde então, ao que se denominava libertinagem. Esse periódico foi uma voz condenatória de festas populares como o carnaval, por exemplo.

Como ressaltou Abreu (1996), nesse período de muitas mudanças na esfera política, qual seja, a segunda metade do século XIX, o jornal católico era "antiliberal" (ABREU, 1996, p.352) e avesso às doutrinas modernistas e inclinadas ao liberalismo republicanista. As ideias filosóficas e políticas que circulavam no Brasil eram vistas pela Igreja Católica como subversivas e perigosas para a saúde espiritual do povo e da Igreja, pois essa se via ameaçada:

> Pelas transformações filosóficas e históricas dos últimos tempos o racionalismo, o naturalismo, o indiferentismo, o anticlericalismo e as revoluções burguesas e socialistas europeias. Além disso, rejeitavam as bases do pensamento liberal mundial: o progresso, a crença em que todo poder emana do povo, o monologo leigo da educação, a equivalência de todas as religiões, a concepção de que as sociedades modernas podem prescindir da religião, a criação de instituições laicas, como o registro e o casamento civil, a separação Estado-Igreja, o primado do poder civil sobre o religioso, a liberdade de culto e expressão (ABREU, 1996, p. 352).

Assim, o terror da Igreja se localizava sobre as transformações que ocorriam nas esferas públicas e, com isso, o movimento de preservar os valores católicos que pretendiam educar os cidadãos como "paciente, probo, respeitoso, cheio de dignidade e de submissão às leis" (ABREU, 1996, p. 352). Possivelmente, se deveria acrescentar a essas características a aversão ao liberalismo e toda sorte de modernidades, sejam comportamentais sejam ideológicas.

Havia algo em comum, em certa medida, entre católicos e protestantes. Eles defendiam a moral. O que não seria impossível, pois essas duas vertentes do cristianismo

coabitavam espacial e temporalmente e, nesse sentido, tinham temas latentes em comum, de forma a se caracterizar como pensamentos de uma época específica.

O jornal *O Apóstolo* traz orientações aos leitores que se aproximam muito das prescrições de *O Jornal Baptista* no que se refere à moral e aos bons costumes cristãos. Ao se referir ao tipo de leitura que deve circular entre uma "família honesta", *O Apostolo*, ao se referir aos livros do literata francês Émile Zola[147], narra uma situação em que um pai de família, em Viena, questiona o próprio autor sobre a qualidade moral de seus livros:

> O Sr. Fuchs, antes de entregar a sua filha de 19 annos, os romances de Zola, teve a precaução de escrever ao indecente escritor, perguntando-lhe se o podia fazer sem ofender a innocencia e a moral da mesma. Desta vez Zola foi honesto e repondeu ao bom pae, que seus romances não podiam ser entregues e nem lidos por uma menina. Registremos e chegue ao conhecimento das famílias honestas (O APÓSTOLO, 13 de janeiro de 1900, p. 2).

Famílias "honestas", pressupõe-se, não leem literatura moralmente comprometida. Zola, um escritor de romances naturalistas é exemplo de rejeição moral por parte do catolicismo. Mesmo que o exemplo dado pelo jornal se refira a uma família de Viena – o que talvez possa significar retirar exemplos de países os quais o jornal busca representar como conservadores da moral católica – o fato é que Zola é visto como um escritor "indecente" do qual as famílias católicas devem se abster.

No caso dos batistas, a compreensão de que o fiel, agora participante de uma comunidade, uma igreja batista mais precisamente – a partir do batismo e da profissão de fé pública[148] - se tornava um indivíduo regenerado, pressupunha um rompimento com os valores do mundo, como bem esboçou Mendonça (1995):

> A regeneração seria a passagem da esfera do profano, do material e do mal, ou seja, do mundo, para a esfera do sagrado, do espiritual e do bem, isto é, do Reino de Deus. Esse Reino de Deus, para o qual o ser humano se dirige, já existe aqui no mundo, em forma visível. É o protestantismo! Mas não qualquer protestantismo, e sim o conversionista, trazido pelos missionários norte-americanos. O chamado protestantismo de imigração (particularmente luteranos e anglicanos), bem como católicos romanos e seitas de origem protestante não fazem parte dessa sinalização do Reino. Muito menos os espíritas, os cultos orientais e os que formavam grupos separados das Igrejas tradicionais (MENDENÇA, 1995, p. 218).

---

[147] Émile Zola (1840-1902) foi um escritor francês e expressivo representante do movimento naturalista no século XIX.

[148] A pública profissão de fé constitui-se numa espécie de rito iniciático para os batistas. O fiel que crê na doutrina pregada e deseja ser batizado, precisa afirmar crer nelas a partir de um discurso público, perante a igreja da qual fará parte. Essa prática é feita pela tradição batista desde seu início e permanece até os dias atuais em muitas congregações. cf. AZEVEDO, 2004;

Essa ruptura com a vida profana, que segundo Mendonça (1995) denomina-se, na linguagem teológica, "regeneração" é, de fato, provado pelo comportamento, a aceitação de valores outros que se seguiam antes da conversão. Significa que quaisquer valores que não os valores propagados pelo protestantismo devem ser recusados e, assim, se provará que a conversão e a regeneração realmente se deram na vida do indivíduo crente.

Mundanas ou profanas eram a embriaguez, o vício das jogatinas ou jogos de azar, a considerada promiscuidade das relações extraconjugais, a preguiça e toda sorte de prazeres que satisfazem os desejos do corpo e não alimentam a alma, muito menos glorificam a Deus. A esfera profana não pode de forma alguma imiscuir-se na esfera sagrada e cada indivíduo deve, por sua vez, ser responsável, individualmente, por restringir-se ao comportamento moral recomendado pelos líderes batistas.

Alguns discursos eram veementes em suas colocações. Os vícios, associados quase sempre ao conceito teológico de pecado[149] eram constantemente atacados pelos pregadores que escreviam para *O Jornal Baptista,* tanto norte-americanos como brasileiros. Teodoro Rodrigues Teixeira repreende o leitor com tom de ameaça em um de seus textos que se constituíram numa série de artigos publicados em 1905:

> Ora se tú, presado leitor, não queres deixar teus prazeres sensuaes, as vanalidades mundanas, e as prefere a Christo Jesus, o teu céu está feito aqui na terra; aqui tens o ponto culminante de tuas aspirações, aqui tens a tua recompensa, e não te vale apena pensar num céu imaginário. O porco não aspira a um céu mais elevado que sua pia e o seu chiqueiro, pois nelles acha satisfação de suas mais *altas* aspirações. Egualmente o homem carnal encontra seu céu nos prazeres mundanos (O JORNAL BAPTISTA, 10 de março de 1905, p. 3).

Encontrar "o céu" nos "prazeres mundanos" é a verdadeira desdita de todo ser humano que não segue os caminhos de Jesus e o tem como mais "alta aspiração". Preferir a Jesus Cristo, para o pregador, significa comportar-se de acordo com o código de conduta prescrito pela voz da igreja. Ao contrário, os que desejam permanecer em uma vida de prazeres são considerados homens "carnais" e esse, certamente, não é o perfil de um crente batista.

Outros vícios são explicitamente rejeitados pelos protestantes batistas, os quais eram muito comuns entre os brasileiros, como o tabagismo e o alcoolismo. Uma representação

---

[149] Apesar de vícios como a jogatina ou a embriaguez estarem, muitas vezes, associados ao conceito teológico de pecado, os batistas pensavam (e pensam) o mesmo conceito como um mal que habita a interioridade dos seres humanos. Os pecados não são as más ações exteriores, mas essas são o resultado do pecado que está na alma humana. Portanto, a imoralidade da ação humana, pecados visíveis, são fruto "do pecado" na alma. cf. LANGSTON, 1933.

negativizada dessas práticas, quais sejam, do alcoolismo e do tabagismo, foi registrada em O Jornal Baptista, a 10 de abril de 1905 com a seguinte notícia:

> Um telegrama de hoje, procedente de Varsovia, capital da Polônia Russa, nos diz que os operários revolucionários numa reunião realizada deliberaram adoptarar como meio de hostilizar o governo a abstenção completa do uso do tabaco e do *vodki*, bebida acoolica. Augmentarão desse modo as suas economias, elevarão seu methodo de vida evitando a embriaguez e prejudicarão as finanças do império russo diminuindo os recursos precedentes da venda do fumo e do alcool. Ora, se operários mundanos, como medida de oposição ao governo, se podem abster do nefasto uso do fumo e da bebida alcoolica, como é que um crente em Jesus, com um motivo tão mais alto, um incentivo tão mais forte, pode dizer que não pode deixar o uso do fumo? Nós francamente nunca acreditamos semelhante coisa, e o desmentido formal que os operários russos nos offerecem deveriam fazer enrubescer todo e qualquer crente que diz não poder deixar aquelles vícios (O JORNAL BAPTISTA, 10 abril de 1905, p.8).

Não foi possível mapear a notícia veiculada acima, no sentido de saber que tipo de "telegrama" era o citado pelo jornal, o que ele realmente informou. Nesse sentido, não se pode ter um parâmetro para medir o modo como os mesmos fatos foram descritos pelo redator de *O Jornal Baptista*. O que se pode perceber, no entanto, é uma certa postura de enviesar os fatos narrados a fim de que eles coadunem com a intenção e com as propostas normativas da moral batista.

Segundo o comentário que o texto faz da deliberação dos revolucionários da Polônia Russa, um ganho pessoal seria o resultado da "abstenção", uma vez que eles ganhariam mais ao deixar os vícios. Aumentariam, pois, sua "economia" e elevariam seu "methodo de vida". Um modo de vida próprio do protestante, portanto, orienta-se por manter-se longe dos vícios que podem inebriar a consciência e trazer a preguiça – pecado, aliás, criticado também pelo jornal – e, por sua vez, longe dos gastos desnecessários de uma vida sob a tutela dos "nefastos" vícios, acumular riqueza para glorificar a Deus (MENDONÇA, 1995).

Outra questão que aparece nesse texto é a diferença traçada entre o "crente em Jesus" e o "mundano". Aqui se dá a clara intenção distintiva que sugere o discurso. Os limites que identificam o grupo religioso, a partir de um comportamento que inclui o não uso de bebidas alcoólicas e fumo. Também marca a instituição de práticas que conduz e identifica o grupo. Nesse sentido, estão em exibição as formas e os signos que permitem perceber a identificação social de um grupo (CHARTIER, 2011).

Essas representações criadas pelo jornal têm sua energia própria, sua força persuasiva e não são simplesmente imagens do mundo social. Como afirmou Chartier (2011), essas representações coletivas querem convencer seus leitores e seus espectadores de que "o real

corresponde efetivamente ao que elas dizem ou mostram" (CHARTIER, 2011, 27). Assim, a imagem de um homem ou mulher "mundanos" tem sua caracterização, bem como o "crente em Jesus" tem a sua.

Assim, o "mundano", o não-cristão, o não-batista, é capaz de concorrer para as práticas viciosas, como se pressupõe na colocação do texto citado acima. Os cristãos, batistas, isto é, aqueles que fazem parte desse grupo, se diferenciam dessas pessoas por seu comportamento. Não são e nem podem ser inclinados aos vícios comuns, portanto, são portadores de uma moral que, por sua vez, os identifica.

O indivíduo, crente batista, tem onde se orientar moralmente. A Bíblia é seu lugar de orientação da vida prática. No entantoas publicações de livros, lições e, principalmente, do jornal, são consideradas tão importantes quanto a bíblia. Contudo, o texto que representa o âmago da vida moral do batista era a bíblia.

Em um texto voltado à vida prática, Salomão Ginsburg envia, de Recife, suas ideias sobre a vida e a moral cristã a partir de sua compreensão do primeiro livro dos Salmos[150]. Nele, o missionário pioneiro aponta algumas "bênçãos" que o salmo oferece para aqueles que o observam. São seis as impressões e leituras do missionário e delas destaco algumas que nos ajudam a compreender mais um pouco o pensamento batista a partir das representações do jornal:

> Outra benção é a de avançar na ESTRADA MORAL, augmentar na firmeza de caracter, em honra e nobreza. O caminho do justo está na frente, é só avançar. Quanto melhor se pratica mais nobre se torna o homem. Cada acto de abnegação, cada ato virtuoso fal-o mais digno, mais honrado, fal-o crescer "qual arvore plantada a beira de levadas" (O JORNAL BAPTISTA, 10 de novembro de 1903, p. 2).

Parece ficar claro que, para um crente batista, há uma "estrada moral" a ser seguida. O discurso é sempre reforçado nos sermões publicados nas páginas do jornal e nos demais artigos. Esse é o objetivo, a finalidade. Para alcançar esse objetivo, Ginsburg ainda acrescenta a necessidade de se juntar àqueles que são uma "companhia mais santa";

> Outra bem-aventurança que o crente gosa e que este psalmo indica, é a da SOCIEDADE MAIS NOBRE, da companhia mais santa. Si, quando regenerado, o crente perde a companhia dos "ímpios", dos "pecadores" e dos "escarnecedores", pensae na santa irmandade de que eles entram a fazer parte; Os santos tornam-se nossos irmãos, os anjos nossos ministros, e Christo nosso amigo e mais do que irmão (O JORNAL BAPTISTA, 10 de novembro de 1903, p. 2).

[150] O Livro de Salmos é uma composição de textos em estilo poético e fazem parte da coleção de livros chamados Antigo Testamento, encontrados nas bíblias católicas e protestantes.

Uma “sociedade mais nobre” só pode acontecer em relação a pessoas da mesma fé. Aparece aqui um certo sentimento sectário na proposta de Ginsburg, o que não seria simples digressão da posição dos batistas do início do século, pois havia entre eles um privilégio em relação aos seus iguais, isto é, a relação entre batistas, irmãos da “santa irmandade”. Isso significa não conviver com “pecadores” e “escarnecedores”, pessoas fora de seu círculo religioso. O leitor do periódico era convidado a fazer uma opção seletiva de tal convivência social.

Se acaso o leitor aderisse a esses ensinamentos poderíamos ter a ideia das dificuldades sociais que enfrentaria. Um frequentador de botequins, alguém que apreciasse bebidas ou algum tipo de fumo, quando convertido, deixava seu hábito e, com isso, toda a convivência social seria interrompida. Se seus familiares fossem simpatizantes dessas práticas, certamente, seu vínculo seria prejudicado.

O Jornal Baptista, como um veículo de informação, aparece no início do século XX como um produtor de sistemas simbólicos que estruturam a realidade a partir e por meio da forma por meio do qual constrói representações. Bourdieu (1974) afirma que a religião é justamente o lugar onde se forja um sistema simbólico que estrutura e constrói a experiência ou as práticas, os comportamentos, a partir de axiomas indiscutíveis e inquestionáveis. Esses sistemas são construídos com o reconhecimento dos próprios fiéis a partir de uma dinâmica própria que inclui processos como os de *consagração*, isto é, uma espécie de legitimação (BOURDIEU, 1974).

O problema que o pensador francês coloca sobre a religião e suas construções simbólicas e representações traz uma luz sobre a força ideológica que pode haver nos discursos religiosos. Para ele:

> Em sua qualidade de sistema simbólico estruturado, a religião funciona como princípio de estruturação que 1) constrói a experiência (ao mesmo tempo que a expressa) em termos de lógica em estado prático, condição impensada de qualquer pensamento, e em termos de problemática implícita, ou seja, de um sistema de questões indiscutíveis delimitando o campo do que merece ser discutido em oposição ao que está fora de discussão (logo, admitido sem discussão) (BOURDIEU, 1974, p.46).

Ora, o que assinala Bourdieu (1974) é a dinâmica em que se inscreve a religião, ao estabelecer modos de ser, ou seja, as práticas de um grupo a partir de estruturas construídas por uma lógica de proposições inquestionáveis. Essas proposições, só se legitimam em uma condição de não-pensamento dos que participam dessa dinâmica. A anuência dos

participantes do grupo de modo passivo pode se dar por um esquema de legitimação, ou consagração, próprio ao campo religioso cujo efeito:

> [...] realizado pelo simples fato da explicitação, consegue submeter o sistema de disposições em relação ao mundo natural e ao mundo social (disposições inculcadas pelas condições de existência) a uma *mudança de natureza*, em especial convertendo o *ethos* enquanto sistema de esquemas implícitos de ação e de apreciação em *ética* enquanto conjunto sistematizado e racionalizado de normas explícitas. Por todas essas razões, a religião está predisposta a assumir uma *função ideológica*, função *prática e política de absolutização do relativo e de legitimação do arbitrário,* que só poderá cumprir na medida que possa suprir uma função lógica e gnosiológica consistente em reforçar a força material ou simbólica possível de ser mobilizada por um grupo ou classe, assegurando a legitimação de tudo que define socialmente este grupo ou esta classe (BOURDIEU, 1974, p. 46).

Deste modo, a religião parece instituir proposições absolutizadas e universais, como são os conselhos morais – conceituações relativas, uma vez que são uma leitura específica de um grupo específico – impressos nas páginas de *O Jornal Baptista*. Suas representações de uma moral cristã baseada em compreensões dos textos bíblicos são transformadas arbitrariamente em normas que, pertencentes a uma visão de mundo religiosa específica, se torna ética universalizada.

Necessário, no entanto, perguntar se os leitores de *O Jornal Baptistas* foram capturados ideologicamente por seus discursos de forma pacífica, isto é, cabe perguntar se as estratégias de submissão a que o jornal recorria não sofreram resistência pelos leitores. A questão da apropriação entra em cena para se pensar essas relações e, nesse sentido, de antemão, pode-se afirmar que nem todos os leitores recebiam as orientações da mesma forma.

Para se ter uma ideia de como alguns dos leitores do jornal e membros de igrejas não se adequavam ao discurso moral dos batistas, temos os relatos de exclusão que eram impressos na sessão *Echos da Campanha* de *O Jornal Baptista.* Nessa sessão, eram publicadas notícias das atividades dos missionários em todos o Brasil e da situação das igrejas que iam se formando. As exclusões aconteciam no ambiente das igrejas, principalmente. Não seguir as normas poderia ser entendido como "infidelidade" o que era motivo suficiente para a exclusão. Na sessão *Echo da Campanha* de 1901 já se podia ver essa postura:

> Além da sessão regular, tivemos uma extraordinária e outra solemne para o expediente d"este mez. Foram recebidos oito membros, vindos de Macahé, e dadas as cartas de passagem a três para o Recife. Um foi eliminado por infidelidade. A sessão solemne realisou se para empossar o Pastor e tornou se uma reunião muito importante, quer pelo número de pessoas presentes, quer pela solenimdade do acto, como pelo que n"elle colaboraram. Os três diáconos da Egreja dirigirão a sessão sobre a presidência do ancião Bernardino Guimarães, havendo confeccionado um ritual especial para o acto. (O JORNAL BAPTISTA, 9 de março de 1901, p. 4).

Em uma assembleia, dirigida por *diáconos*[151], uma igreja decide receber membros em sua lista de membros, mas, também, em assembleia, decide excluí-los. O excluído recebe um adjetivo, "infiel". Por quê? Só se poderia supor que este tal "infiel" não seguiu as normas da comunidade. Isso pode ser o indício de que havia leituras e interpretações divergentes do modo estabelecido e veiculado pelos batistas.

Ter uma posição divergente das normas de uma comunidade batista, isto é, uma igreja batista, era discordar dos discursos e ensinos dos missionários que trouxeram sua concepção de cristianismo, sua concepção de comportamento moral. A medida para aferir a fidelidade de um crente era perceber sua adequação à moral pregada, por sua vez, a um comportamento moral adequado.

A leitura do jornal poderia construir sentidos distintos para cada leitor. As instruções morais podiam ter impactos variados no comportamento de quem lia. Seria impossível medir essa prática, todavia, cabe salientar com Goulemot (2011) que "seja popular ou erudita, ou letrada, a leitura é sempre produção de sentido" (GOULEMONT, 2011, p. 107).

Assim só podemos apontar a possibilidade de sentidos outros dados pelos leitores, diferente dos pretendidos pelos autores, os pregadores, os editores e redatores. Esses podiam se dar no cotidiano de cada leitor, crente ou não, batista ou não. As escolhas dos elementos textuais que seriam recebidos, rejeitados ou submetidos, podiam variar, uma vez que questões *fora-do-texto* se colocam em jogo (GOULEMONT, 2011, p. 107). Essas questões têm a ver com o lugar histórico de cada leitor, com seu modo de ler – no caso de um protestante, uma leitura mais individual do que coletiva, visto que o protestantismo desenvolveu a cultura da leitura silenciosa e individual[152]- e com o arcabouço cultural de cada leitor[153].

Assim, a anuência de cada leitor ao discurso normativo e moral poderia ser variável, se considerarmos as condições a que esses leitores, no caso dos jornais, e ouvintes, no caso das igrejas, estavam inseridos. Nem todos os que viveram uma vida de aparente imoralidade

---

[151] *Diácono* são aqueles membros de uma igreja que são destacados para o serviço de apoio ao trabalho do pastor. Eles são os responsáveis por servir a comunhão (ou ceia, que é a partilha do pão e do vinho, como simbolismo do corpo e do sangue de Cristo) aos membros da comunidade; visitam os enfermos e cooperam com questões administrativas e pastorais da igreja.

[152] Tanto Lebrun como Chartier (2009) indicam a prática individual da leitura entre protestantes do século XVI e XVII como algo peculiar do movimento religioso. cf. CHARTIER, 2009, p. 106-122.

[153] Jean Marie Goulemot chama de "fora-do-texto" as condições nas quais são possíveis a leitura de um texto. Segundo o pesquisador, "o leitor, nessa relação com o texto, define-se por uma fisiologia, uma história e uma biblioteca [...] o sentido, aquele que se constitui por uma leitura historicamente datada, empregado por um indivíduo que tem um destino singular, nasce, portanto, do trabalho que esse *fora-do-texto* assim definido opera, para além do sentido das palavras, do agrupamento das frases, sobre o texto" (GOULEMOT, 2011, p.108).

queriam, subitamente, se tornarem exemplos de moralidade e, talvez por essa resistência, muitas vezes, eram excluídos de sua comunidade.

Ora, a representação que os batistas construíram de um comportamento moral demonstra a elaboração mesma de um dos aspectos de sua identidade. Soma-se a isso o fato de que a moral é entendida como uma das bases para o desenvolvimento e melhoria da sociedade brasileira e como ponto de partida para uma sociedade civilizada e moderna. Aspiravam por libertar o país de todo ranço do antigo regime, no qual, sob a perspectiva batista, a Igreja Católica estava estritamente ligada ao poder imperial e, por isso, mantinha a nação no atraso, na intolerância religiosa e longe do progresso e da modernidade. Proclamar a liberdade, portanto, constituía-se em uma das missões de *O Jornal Baptista*.

3.3 **Um Evangelho da liberdade?**

Como já foi pontuado anteriormente, os missionários que trouxeram a lume o periódico protestante *O Jornal Baptista* eram naturais do sul dos EUA. Norte-americanos e protestantes, estavam intimamente ligados ao ideal de liberdade. A concepção de liberdade que os batistas assumiam possuía uma arquitetura fundada em bases teológicas que se expressava de maneiras específicas, se desdobrando em um ideal de liberdade de consciência, liberdade religiosa e em uma certa compreensão delimitada de liberalismo político. Para entendermos esses desdobramentos, é necessário entender um pouco do pensamento batista sobre a fundamentação teológico-religiosa do conceito de liberdade

A compreensão teológica de liberdade para o pensamento batista inicia-se com sua compreensão de criação do homem, pela qual se deduz que, sendo o ser humano criado à imagem e semelhança de Deus[154], e esse um ser pessoal, isto é, uma pessoa que pensa sente e quer, criou uma personalidade infinita, o homem, que também sente, pensa e quer (LANGSTON, 1933).

O Dr. Langston (1933), teólogo batista, defendia a ideia de que a semelhança que há entre Deus e o ser humano é o fato de este ser consciente de si mesmo e dirigir-se como o faz aquele e, sendo assim, se manifestam do mesmo modo. O ser humano, dentro de si mesmo, "no íntimo de sua alma", é capaz, competente, é "livre e soberano" (LANGSTON, 1933, p.

[154] No primeiro livro da bíblia se encontra a narrativa mítica da criação na qual Deus (Javeh) cria o homem "sua imagem e semelhança", em Gênesis 1, 26-27. cf. BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 34.

22). A essa capacidade de dirigir-se está relacionada ideia de competência da alma humana e a de responsabilidade. O referido teólogo explicita essa compreensão batista da seguinte forma:

> A Bíblia nos apresenta Christo de pé á porta, batendo. „Eis que estou á porta e bato. Se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa, e cearei com ele, e ele commigo.‟ (Apoc. 3:20). O homem é um soberano dentro dos limites da sua própria alma. Esta soberania define o termo liberdade, na presente discussão. No centro mais intimo do eu somente o homem domina. É elle o único agente dentro de si mesmo. É elle o mestre, é que determina seu próprio destino. Liberdade é o reinado do homem dentro da própria alma. É a soberania do homem dentro do centro dos centros da sua personalidade. Responsabilidade é o verso de liberdade. Se, dentro dos limites deste ponto central só existe uma pessoa, claro está, neste caso, que o que ali ocorre só é attribuível a uma pessoa, a saber, a que nelle habita [...] É o próprio individuo que determina o que ele mesmo deve fazer. Não há, portanto, desculpas para o homem de nenhum de seus actos. Elle, e somente ele, age. Pode não agir isoladamente, pois há innumeras influencias externas, mas é elle mesmo quem age. É sua, portanto, a responsabilidade, e isto resulta da própria natureza do caso. O homem é não somente responsável pelo que se passa na sua personalidade, como também o é por todas as consequencias que decorram dos actos de sua alma [...] Competência é a capacidade do homem para agir. É parte inherente da personalidade [...] é a capacidade dada por Deus ao homem, para agir por si mesmo e comsigo mesmo em todas as relações da vida [...] Deus, ao outorgar liberdade ao homem, fazendo-o responsável pelo uso que dela faz, deu-lhe também a capacidade necessária para alcançar o máximo dessa mesma liberdade (LANGSTON, 1933, p. 20-24).

Essa é a compreensão que os batistas têm de liberdade o que para eles se torna um princípio fundamental que Langston denomina "princípio de individualismo" e que, segundo ele, é um princípio que pode ser encontrado em toda a Bíblia, "de Genesis a Apocalypse" e, ainda, na compreensão do teólogo – e dos missionários norte-americanos em geral e dos pastores e missionários brasileiros que os seguiram – o princípio de individualismo "fora de qualquer dúvida é um princípio bíblico" (LANGSTON, 1933, p. 26).

Reconhecer que seus princípios são bíblicos é de extrema importância para o batista, uma vez que o livro é a fonte principal de sua religiosidade. A importância da bíblia era frisada em muitos artigos de *O Jornal Baptista*. Um exemplo que se pode ter da importância dada a bíblia pelo periódico está registrada em uma querela entre o missionário norte-americano Zacharias Clay Taylor e o cônego Dom Vanderillo[155] na qual Zacharias pretende "ensinar a Bíblia" ao eclesiástico, posto que Dom Vanderillo lhe havia desafiado a "dar lições de catecismo":

[155] Dom Vanderillo era o principal redator do periódico *Estandarte Cathólico* um periódico que parece ter circulado no Cerará. Não consegui registros sobre o referido padre, somente o fato de o próprio Jornal Baptista o vincular a esse periódico e reconhece-lo como autoridade da Igreja Católica.

> Passo, pois, a dar-lhe a primeira lição. A Bíblia Sagrada tem Deus como auctor. De nenhum outro livro se pode dizer isso: Toda escriptura, divinamente inspirada, é útil para reprehender,para corrigir para instruir na justiça: a fim de que o homem de Deus seja perfeito, estando preparado para toda boa obra. II Timóteo 3:16. [...] Como a Jesus foi a encarnação de Deus Bíblia é a encarnação de Jesus. Obedecer a Bíblia, pois, é obedecer a Jesus. Deus tem se revelado em dois grandes livros: uma é a natureza, o outro é a Bíblia. Como a naturza é perfeita em tudo quanto respeita á matéria, a Bíblia é perfeita em tudo quanto toca a vida espiritual, ou á salvação (O JORNAL BAPTISTA, 20 de outubro de 1901, p. 2).

Mais uma criativa representação se faz ver na escrita polêmica do missionário Zacharias Taylor. O leitor deveria compreender que a Bíblia, um livro que fala a respeito das experiências religiosas de povos antigos em situações específicas é inquestionavel, tem como autoria o próprio Deus. Esse Deus, na ótica batista, se revela em Jesus. A bíblia é um livro que narra a história de Jesus. Mas isso não é suficiente para a fé do missionário. Segundo ele, a Bíblia deve ser vista como a "encarnação de Jesus", emprestando a ela uma autoridade suprema e inquestionável, visto que Jesus, para um batista, é o próprio Deus. Logo, comprometer-se com o que diz a bíblia é o mesmo que se comprometer com Deus.

A questão, no entanto, é que se a bíblia registra a ideia de liberdade do ser humano, essa, por sua vez, é garantida e chancelada pelo próprio Deus. Nesse sentido, observa-se a seriedade com que os articulistas de *O Jornal Baptista* se valem da ideia de liberdade, ou o princípio de individualismo, a partir de uma compreensão fundamentada na Bíblia, logo, profundamente religiosa.

Como os batistas devem ser reconhecidos mais pelos seus princípios do que por suas doutrinas, uma vez que "o princípio é que dá forma e força à doutrina" (LANGSTON, 1933, p.18), esses princípios são o que os diferenciam de outras denominações protestantes (LANGSTON, 1933, p.17) – mesmo que esses princípios sejam derivados de leituras religiosas de textos religiosos – a presença desse poderia ser um meio de construir uma identidade para o grupo em que cada membro tivesse a consciência de sua liberdade e se apegasse a esse princípio individualista.

Parece que desde sua chegada ao Brasil, não somente os batistas, mas outros grupos protestantes levantaram a bandeira do individualismo que mais se expressou na reivindicação da liberdade religiosa. Os batistas sabiam que defender a radicalidade da liberdade custaria má compreensão de alguns e, por isso, em seu próprio discurso delimitavam os contornos do raio de ação dessa mesma liberdade, sendo esta refém da obediência aos ensinamentos bíblicos. Eram de fato livres aqueles que dispunham a crer e a "obedecer a bíblia, pois, obedecer a Jesus" (LANGSTON, 1933, p.17).

A mentalidade batista brasileira dos primeiros anos do século XX parece ter herdado o ufanismo dos batistas norte-americanos no que se refere a serem os principais promotores da liberdade. Eles se entendiam como os primeiros a trazerem à luz as concepções sobre a liberdade. Um dos principais nomes do pensamento batista no século XIX e início do XX, Edgar Young Mullins afirmou em uma de suas obras:

> Ora, a liberdade tardou tanto em vir ao mundo porque os homens não sabiam onde brotam todas as suas variadas fórmulas, até ao momento em que os baptistas a desvendaram ao mundo. A liberdade religiosa é, por assim dizer, a mãe de todas as liberdades. Sem ella todas as outras fórmulas de liberdade murcham e morrem. Os baptistas tiveram desde o princípio uma verdadeira concepção da liberdade. Esta doutrina e outras que com ella se relacionam brilham nas primeiras Cofissões de Fé baptista entre os credos contemporâneos, como uma constellação no límpido firmamento vista através de uma abertura nas densas nuvens que a circundam [...] Whitelaw Reid diz que o maior facto da história moderna foi o surgimento da nação americana. Está em erro. O maior facto da história moderna foi a descoberta da ideia da liberdade, e essa descoberta foi feita pelos baptistas (MULLINS, 1925, p. 284-285).

É nítido que o pensamento batista do fim do século XIX e início do século XX tem a autocompreensão de que são os fiéis escudeiros da liberdade. Isso transparece também pelas páginas de seus periódicos, logo, em *O Jornal Baptista*. Toda sua prática política, social, econômica, religiosa deve ser vista a partir desse princípio chamado individualismo, este, pois, é o fundamento da ação dos batistas. E para ser coerente com sua própria fé, esse princípio tem o respaldo bíblico (LANGSTON, 1933).

A liberdade para os batistas está ligada diretamente aos seus pressupostos religiosos. Não há liberdade genuína fora da fé cristã batista. Parece que uma visão de mundo maniqueísta[156] permeia todo o discurso e quer isso dizer que fora da compreensão de fé batista sobre liberdade não há possibilidade de se alcançar genuinamente a liberdade. A verdadeira liberdade só pode existir na esfera da relação com o Cristo, segundo a fé batista, porque, segundo creem, é dele que provem "nossos poderes naturaes de razão, vontade, consciencia e emoção" (LANGSTON, 1933, p. 34).

O eixo central da prática e da fé batista gira em torno do princípio de individualismo que é a referência máxima de sua compreensão de liberdade. Na percepção de Azevedo (2004), o individualismo afirmado pelos batistas perpassa sua moralidade e sua ética, como também sua religiosidade e sua teoria política. Este princípio, segundo o estudioso, "subjaz à

[156] Doutrina que consistia em afirmar uma luta cósmica entre a Luz (Bem) e as sombras (Mal). Tinha forte inclinação ao ascetismo e considerava que o corpo tinha seu lugar ao lado das sombras. Em suma, essa doutrina, que tem suas raízes na Pérsia e foi difundida na Roma Antiga nos séculos III e IV d. C., compreende a realidade como uma luta de forças opostas. cf. COSTA; DE BONI, 2004.

valorização do esforço próprio, da liberdade de consciência e do acesso direto a Deus" (AZEVEDO, 2004, p. 304).

Nesse sentido, se confirma o pressuposto que sustento como hipótese no presente trabalho: o eixo que sustenta a visão de mundo do grupo religioso é o princípio de individualismo o qual cria laços com o liberalismo republicano dos primeiros anos do século XX. Tem-se de fato que pontuar suas proximidades e distanciamentos como o fez Azevedo (2004):

> O individualismo é um valor de convergência plena. A afirmação do indivíduo é radical e chega mesmo à soteriologia (doutrina da salvação), ao estabelecer a competência exclusiva da alma na aceitação da oferta divina [...] Lido sob as luzes do liberalismo primitivo (inglês), o pensamento batista brasileiro não comunga com ele a ideia da soberania da razão, própria mas não exclusiva do liberalismo, mas também não acha que a negue [...] Mais ainda, o pensamento batista, como o protestante em geral não aceita o otimismo antropológico do liberalismo, com a subjacente crença no progresso humano [...] a democracia, que os batistas propugnam, é uma forma de crença no homem. Os batistas começaram defendendo a tolerância religiosa, mas a desenvolveram para alcançar a liberdade de consciência e incorporar a ideia de um governo constitucional. A revolução inglesa de 1688, em cuja gênese os batistas estiveram, foi o primeiro levante que conseguiu derrotar um governo despótico e estabelecer um novo sistema de governo construindo um Estado liberal. No auto-elogio dos batistas, eles são os campeões da democracia representativa e se orgulham de a praticar no dia-a-dia da sua igreja [...] os batistas organizam seu pensamento a partir do grande movimento liberal europeu. Os desdobramentos posteriores (como a interação com a experiência colonizatória norte-americana e dos seus embates com o catolicismo nos Estados Unidos e no Brasil) se deram no interior deste quadro geral. A posição da experiência religiosa individual como balizadora da vida como um todo e aferidora da reflexão e da ação é uma decorrência da afirmação liberal do indivíduo. O modo protestante batista de pensar, portanto, é um modo majoritariamente liberal de pensar [...] A celebração do indivíduo, no pensamento protestante em geral e do protestantismo batista em particular, é uma resposta moderna ao problema do lugar do homem na sociedade. No entanto, esta resposta convive com valores pré-modernos. Entre os batistas, a autonomia (rejeição a qualquer axiologia de origem exterior e transcendente) convive com a teonomia e mesmo com a eclisionomia. O individualismo batista é uma afirmação da soberania do indivíduo e, ao mesmo tempo, a afirmação da soberania de Deus, que criou o indivíduo (AZEVEDO, 2004, p. 304-309).

Mesmo tendo de olhar criticamente para as afirmações de Azevedo (2004), um pesquisador que também é um protestante batista, é possível ter um panorama, mesmo que não exato, mas, com certa verossimilhança, sobre o pensamento batista que se instalou no Brasil no início do século XX. *O Jornal Baptista* está em sintonia com esse pensamento explicita ou implicitamente, visto que se tornou o órgão oficial dos batistas brasileiros.

O individualismo, como apontado acima, parece realmente permear todas as áreas da vida de um protestante batista. Em seu entender, para alcançar a salvação e a recompensa no céu, o indivíduo deve decidir por ela, o que mostra a autonomia e liberdade do indivíduo. E, em uma igreja compostas por indivíduos livres e autônomos, somente a democracia pode ser o

regime de governo, pois por meio da representatividade, garante a liberdade e respeita a autonomia de cada um.

Toda coerção externa tende a não ser bem aceita pelos batistas, a não ser a coerção de Deus (teonomia), o único que tem autoridade suprema sobre sua própria criação. Sendo assim, a forma com que os articulistas de *O Jornal Baptista* perceberam a realidade religiosa, social e política brasileira passa pelo crivo de sua indignação com qualquer forma de autoridade que não respeite o princípio de individualismo assumido por eles.

3.4 **Sou batista: individualista e liberal**

O que os batistas anunciavam por meio de seu impresso era uma fé evangélica que não prescindia de uma aderência individual e responsável. Um evangelho liberal. Isto é, uma mensagem cristã, protestante, que requer de seus ouvintes uma decisão consciente, livre e individual. O leitor de *O Jornal Baptista*, ao mesmo tempo que se detém diante de um instrumento que tenta convencê-lo, é convidado a estar diante do mesmo de forma consciente, fazendo uso do princípio de livre exame e a partir da competência própria de suas faculdades, isto é, racionalmente.

Não é mera coincidência que os primeiros articulistas afirmaram em o primeiro volume do periódico que o jornal deveria "provocar conclusões com lógica tal, que não possam ser contraditas". Mas, ao mesmo tempo, reconheciam que haveria leitores que "não acceitam as suas crenças" como reconhecimento de que os indivíduos podem aceitar ou rejeitar seus argumentos (O JORNAL BAPTISTA, 10 de janeiro de 1901, p.3).

Tratava-se de uma religião que por alguns fora vista como democrática, promotora da civilização moderna e da liberdade de consciência[157] e, por outros, uma intrusa que se propunha ser emissária do imperialismo norte-americano. Em meio a essas opiniões, elogios e críticas, os batistas buscavam construir sua própria identidade e fazer sua própria leitura da realidade brasileira. No que tange ao seu ideal de liberdade, eles, por meio de seu jornal, construíram representações a respeito daqueles que se colocavam contra esse ideal; louvando quem o defendia; mas mantendo-se na retaguarda de sua própria identidade: um grupo religioso singular, que buscava suas bases em seu livro sagrado, a bíblia.

[157] Assim pensava, por exemplo, Rui Barbosa que via o protestantismo como um profeta da modernidade e do progresso. cf. BARBOSA, 1950.

3.4.1 "Dai a Deus o que é de Deus e a Cezar o que é de Cezar": a liberdade religiosa e as representações do "romanismo ultramontano"

Majoritariamente, as críticas e polêmicas nas páginas de *O Jornal Baptista* são direcionadas à Igreja Católica, constituída sua arquirrival. Seria melhor dizer que, sob a ótica dos batistas, a Igreja Católica romana era a inimiga da nação brasileira e a principal razão de suas maiores mazelas. À Igreja Católica, os batistas atribuíam, além da perversão da doutrina cristã, o exercício do poder sobre o Estado.

Para os batistas, a relação entre Igreja e Estado nunca fora rompida mesmo com o advento da República. Muitas críticas foram estampadas no periódico da denominação e não eram veladas.

> É bem conhecida a santa aliança, do throno e do altar, para calcar aos pés o povo que reclamava os seus direitos de cidadãos livres contra os monarchas autocratas. Agora mesmo quando todo o mundo intelectual, todas as populações de nobre sentimentos liberais se põe ao lado dos patriotas russos contra aquele governo tyrano, *L' Osserbatore Romano*, jornal official do papa, escreve censurando acremente os promotores da revolução [...] Nem se podia esperar de Roma outra coisa. „cada um dá o que tem"(O JORNAL BAPTISTA, 10 de fevereiro de 1905, p. 7).

Como supostamente defensores da liberdade que se realiza na cidadania dos indivíduos das sociedades vistas como modernas, os batistas se põem a criticar a igreja católica, acusando-a de manter alianças com os monarcas. No trecho acima, que se referiu à questão dos primeiros movimentos revolucionários na Rússia contra o Czar absolutista Nicolau II que reprimiu os movimentos de oposição a seu governo de forma violenta[158], o jornal se coloca a favor dos revolucionários – não necessariamente da revolução - e contra a Igreja. Isto porque o apoio ao absolutismo, a um regime "tirano", por parte da igreja, seria intolerável para os batistas.

O Jornal Baptista, em diversas de suas publicações, insistia em criar a imagem da Igreja Católica, da posição dos Papas, dos padres, bispos, do clero em geral, como algo perverso e deveras recusável. Entretanto, a reação católica não foi em menor medida.

---

[158] De acordo com Reis Filho (2003) a polícia política encarregava-se, nesse período, de controlar, silenciar, desarticular, prender, exilar, e, em casos extremos, matar oposicionistas de qualquer natureza. cf. REIS FILHO, 2003, p. 34.

Figura 29 - *O Jornal Baptista*, 10 de março de 1902, p. 3.

O JORNAL BAPTISTA 3

Os Missionarios Americanos e o Governo Brazileiro

E' preciso cuidado, diz o redactor do *Leituras Religiosas, com os missionarios americanos, emissarios do governo americano para fins politicos*; acabando com o seguinte appello ao governo: *E' bom que o governo faça as necessarias investigações e tome providencias.*

Quem isto escreve é conego; e por certo, deve ser um homem illustrado, pelo que não deve ser tachado de ignorante; neste caso só pode haver má fé da parte do tal snr. *conego*.

Mas, como elle arrojou se a tal commettimento em despertar o publico nesse sentido, suggiro que, elle mesmo, seja nomeado, pelo governo, investigador plenipotenciario, e que pelos jornaes seja manifesto o resultado de suas pesquisas.

Recommendo que vá primeiramente ao consul americano nesta cidade e verifique se alli existem correspondencias de missionarios ou pagamentos a elles feitos. Se por acaso não ficar satisfeito com esse exame poderá escrever ao dr. Assis Brazil em Washington, nos Estados Unidos, pedindo-lhe esclarecimentos.

Os padres pensam que por elles receberem dinheiro do governo para sua propaganda religiosa, as outras religiões fazem a mesma coisa.

Mas, certissimo de que o conego Ildefonso não póde provar sua asserção feita para indispor o povo ignaro contra o Evangelho, informo que entre os dois paizes existe a mais cordial amizade e fraternidade. O governo brazileiro não teme os Americanos, antes teme os emissarios de Roma. Acredito que o snr. conego aprecia a industria, as invenções, progresso nas lettras ,etc., dos Americanos—só do que não gosta é da sua religião. Mas se não fosse a sua religião não estariam os Americanos na altura em que se acham hoje. E, ao Brasil só falta esta religião da Biblia, para fazel-o brilhar entre as primeiras nações do mundo.

Ha oito mil missionarios americanos espalhados pelo mundo, evangelisando, dos quaes nem 50 estão no Brazil. O primeiro missionario evangelico que veio ao Brazil (1858) foi um inglez, dr. Kalley. O pastor actual da egreja baptista na Bahia, é tambem inglez.

Agora pergunto ao snr. conego Ildefonso: Quantos padres são intendentes no Estado da Bahia? Menos de dez? Quantos deputados? Menos de 5? E quantos senadores? —Para que então, tantos padres mettidos na *politica?* Não é por mão desses padres que se extrahem dos cofres publicos quantias avultadas para a propaganda de sua religião intolerante?! Pois não passa de 280:000$000 que o governo Federal dá aos padres?! E os favores e as sommas sahidas dos cofres estadoaes! Ainda nestes dias conseguiram os padres, do governo do Estado do Pará, uma verba annual de 48 contos.

Pergunto mais: póde o sr. conego apontar no Brazil um só ministro evangelico occupando cargo official? —Póde tambem provar que durante o tempo em que estão trabalhando no Brazil tenham recebido, a mais insignificante somma siquer do governo, para suas egrejas, escholas ou propaganda?

Não. Elles nunca pediram.

Crêmos em Deus e em sua Palavra que diz assim, snr. conego: "*Dae a Deus o que é de Deus e a Cesar o que é de Cesar.*" A religião de Jesus Christo não se liga com o governo secular, não obstante obdecermos a este em coisas civis; em religião, porem, ha o livre arbitrio e tudo se faz por espontaneidade individual. Nos E. Unidos o governo não subsidia religião alguma, e portanto está livre da fricção, da guerra que existe em todos os paizes onde aos padres ou religiosos é permittido immiscuirem-se na politica. Mas os padres são fieis a seu mestre o papa-rei, o qual lhes mandou que se mettessem na politica de todos os paizes.

Como bem disse o snr. Waldeck Rosseu, *Premier* da França, recentemente num discurso na Camara dos Deputados, discutindo a educação pelo Estado: *A questão é se o poder civil ou a autoridade religiosa terá a supremacia.* E o papa continua, por meio de seus subalternos em todos os paizes, a procurar rehaver o poder temporal. Emquanto os governos forem fornecendo e sustentando a egreja romana com privilegios e dinheiros continuarão se expondo pouco a pouco, a ser governados pelo despotismo do papa. Este já dominou reis e imperadores. O papa Alexandre III pisou no pescoço de Frederico I, imperador da Allemanha; o papa Gregorio VII obrigou Henrique IV, da Allemanha, com esposa e filhos, a esperar tres dias descalço sobre a neve, no inverno, antes de admittil-o á audiencia. E isso são dois exemplos tirados de milhares eguaes ou peores. Quando o papa reinava como senhor absoluto, maçons, espiritas, scientistas, anabaptistas e protestantes, serviam de alimento aos animaes ferozes do seu Jardim Zoologico e de combustivel ás fogueiras. Não faria o mesmo, se elle tivesse o poder hoje?

O passado está registrado na Historia Universal: para o presente e para o futuro temos a Biblia.

Leiam no Apocalypse, cf. 17, 18 e 19, onde está retratada a egreja romana inclusive a sorte que soffrerá ás mãos dos governos que ella tanto tem perseguido.

O papa se faz rei temporal, quer o tratamento de rei, e continua esforçando-se para obter o dominio de todo o mundo, esperando fazer—um reino de trevas, um reino de terror.

Os padres com suas idéas de celibato e moral, de casamento, de escolas e de governo proprio e os mormons com sua polygamia não podem viver em paz, nem combinar com os governos livres, independentes, modernos. Medram só nos paizes atrazados, como na edade média.

A actual agitação anti-catholica em todo o mundo é o resultado da politica dos padres em fazer propaganda á custa dos governos para mais tarde dominarem seus protectores.

Nenhum governo faz questão da religião que seus governados professem uma vez que obedeçam ás leis civis.

Os protestantes não sómente são accordes com os governos como tambem são o seu mais fiel sustentaculo. Os padres são os que se oppoem ao casamento civil, ao ensino leigo, á autoridade do governo civil.

Quem é que, com justa razão, deve o governo brazileiro temer, snr. conego?

Z. C. Taylor.

(Do *Diario da Bahia*)

A invasão clerical estrangeira.

(Do *Jornal do Commercio* do Rio)

Tenho resistido silencioso a constantes interpellações que me tem sido feitas sobre a abstenção por mim guardada ultimamente ácerca deste assumpto.

Tenho presente a ultima e, reputando-a de subida gravidade, sou forçado a dar-lhe uma resposta publica, para que do meu silencio não se conclua concordar eu com a transformação de uma Ordem terceira *nacional* em Congregação *estrangeira*.

Não recebi pedido algum de padre regular brazileiro, afim de que me conforme com a entrega de bens das ordens regulares *nacionaes* a frades *estrangeiros*, que se a elles *não poderam pertencer no regimem de união do Estado e da Igreja*, muito menos o podem no de separação, em que os institutos religiosos só estão em contacto com o poder publico *como pessoas ou entidades juridicas*.

Não contesto que ordens estrangeiras possão vir estabelecer se no Brazil, desde que obtenhão acto de admissão para *adquirirem* patrimonio como pessoas juridicas.

Nego, porém, que ordens *estrangeiras* possão *succeder* nos beus que pertencem ás ordens *nacionaes*, e o nego—*ainda que se naturalisem* brazileiros os frades que as compuzerem.

E aquelles que conhecerem a doutrina corrente sobre individualidade juridica, perceberão immediatamente a procedencia desta negativa.

Se tal pedido tivesse recebido, salvando a estima pessoal a quem o houvesse feito, recusar-me-hia a attende-lo.

Estou guardando sómente a discussão de um projecto de lei que alguns Deputados federaes me disserão que será ainda este anno apresentado na Camara dos Deputados, para accrescentar mais algumas notas ao que já tenho escripto.

Mantenho, pois, tudo quanto tenho affirmado, salvo, uma asseveração que fiz ha annos passados, devido a uma informação inexacta que me derão.

Com a experiencia que adquiri não attribuo este movimento invasor clerical e estrangeiro á iniciativa da Companhia dos Jesuitas, que já no tempo do regimen de união existia entre nós.

Attribuo esta humilhação acintosa da soberania nacional á intervenção anti-canonica dos Internuncios Apostolicos, e actualmente Nuncio, na vida das Dioceses e do Episcopado brazileiro e á fraqueza e condescendencia dos governos republicanos, que se têm relevado pouco seguros nos principios que regem o systema de separação do Estado e da Igreja.

Aceitando o repto atirado aos Monarchistas, pela então Internunciatura Apostolica, na Pastoral Collectiva, demonstrei durante onze annos que o regimen ahi endeusado com o incenso das objurgatorias fulminadas contra o regimem deposto, não é o da Constituição de 24 de Fevereiro, mas o da Supremacia da Igreja sobre o Estado, restaurado assim o direito politico da idéa média.

Este attributo de *catholicidade*, que pertence ao dogma ou missão doutrinaria *ampliado* agora á propriedade, corresponde á plenitude do Poder Temporal exercido na idéa média pelo Pontificado.

Esta invasão clerical estrangeira, de que estamos sendo victima, é a negação da soberania dos Estados, e o anniquillamento do direito positivo dos diversos povos, que têm por caracteres ser *nacional e especifico*.

O que se está passando entre nós é a execução do programma do partido ultramontano, que estabelece o poder territoral do Papado, em todo o mundo e por isso *anniquilla a idéa de patria* e longamente o demonstra Bluuntseli no seu Tratado de Politica.

Folgo, pois, de ver que a penosa tarefa durante tantos annos desempenhada isoladamente, foi agora abraçada por distinctos e numerosos republicanos, e em tempo opportuno concorrerei com o meu contingente para a manutenção da dignidade desta desgraçada patria e desafronta dos brios da soberania nacional.

José Fernandes Coelho.

S. Paulo, 23 de Outubro de 1901.

Fonte: Arquivo da Convenção Batista Brasileira.

Os missionários protestantes, não somente os batistas, mas também metodistas e presbiterianos, receberam a réplica de suas críticas também por meio de jornais.

Figura 30 - Recorte de O Apóstolo, 26 de janeiro de 1901.

Ora, senhores protestantes, deixem-se de fumaças, conheçam que poderão enganar, illudir, explorar a bôa fé, mas fiquem sabendo que não só nós, mas qualquer menino de cathecismo os confundirá entrando em discussão sobre qualquer ponto da Escriptura tantas vezes citada *ad usum proprium*.

Respondam ao que perguntamos e então venham discutir. Digam a origem do protestantismo e como foi elle investido da missão de ensinar, e então lhe daremos fóros de religião digna da nossa consideração.

Não discutiremos a religião com protestantes. Nosso dever é ensinar e instruir e é o que fazemos, quer com relação aos protestantes de bôa fé, quer com os catholicos ignorantes, que se deixam colher nas redes do protestantismo.

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Como se pode ver no texto acima, O Apóstolo, jornal de vertente católica e um dos porta-vozes do clero da cidade do Rio de Janeiro, responde aos protestantes, a quem o periódico se refere como "enganadores" e "exploradores da boa fé", cujo discurso é como uma "fumaça" e qualquer criança, a partir de seus ensinamentos obtidos no catecismo católico, estaria apto a refutá-lo.

O agravante é que a Igreja Católica, ou o romanismo - como foi chamado pelos batistas – se reportou, algumas vezes, a sua relação com o poder público. Relação essa que os batistas constantemente criticavam. Sendo assim, os protestantes foram tomados como "emissários do governo americano para fins políticos".

Duas coisas, dentre muitos outros aspectos, devem ser destacadas no artigo presente na figura acima: a dinâmica e a articulação jornalística que os redatores e editores de *O Jornal Baptista* exercem em seus artigos e a representação que constroem de si mesmo como defensores da liberdade. Eles não publicam toda a exposição do argumento do tal "conego" católico. Expõe somente uma afirmação e, a partir dela, – recortada, possivelmente, e escolhida propositalmente para polemizar – construir toda uma defesa do protestantismo e uma insinuosa crítica ao catolicismo. Uma representação que os batistas parecem fazer de um

catolicismo que é contra a liberdade dos cidadãos e a favor do controle político por parte do clero.

Todavia, a posição dos batistas, conforme exposto acima no artigo do jornal, é efetivamente e enfaticamente auto afirmativa enquanto cria uma imagem de religião da liberdade.

> A religião de Jesus Christo não se liga com o governo secular, não obstante obedecermos a este em coisas civis; em religião porém, há o livre arbítrio e tudo se faz por espontaneidade individual. Nos E. Unidos, o governo não subsidia religião alguma, e portanto está livre de fricção, da guerra que existe em todos os paizes onde aos padres e religiosos é permittido immiscuirem-se na política. Mas os padres são fieis a seu mestre o papa-rei, o qual lhes mandou que se mettessem na política de todos os paizes (O JORNAL BAPTISTA, 10 março de 1902, p. 3).

Ao negar que a fé cristã se vincula ao Estado, o que atribui ao catolicismo, os batistas parecem se isentar como religião que "não se liga ao governo secular". A construção da imagem protestante e da imagem católica, no sentido das representações discursivas que o periódico batista elaborava, de forma consideravelmente maniqueísta, tenciona convencer o leitor de que o catolicismo é uma religião que procura manter o país sob o domínio político do Papa, ao contrário dos protestantes. Esses, como afirmava Mendonça (2005), são uma religião individual e de "consciência" e "sua racionalidade procura manter a distância a interferência do extraordinário no cotidiano, assim como sua individualidade o situa nos limites mínimos do poder sacerdotal ou eclesiástico" (MENDONÇA, 2005, p. 52).

O leitor de *O Jornal Baptista* estará diante de um conteúdo que lhe quer fazer crer no mal – nesse caso político - que a Igreja Católica oferece ao país. Suas colocações dão ares de que, ao lado dos protestantes, o leitor, o fiel batista, o recém convertido, o simpatizante, pode experimentar um lugar social que o aproxima da civilização moderna, do progresso e da democracia (AZEVEDO, 2004).

Desde sua chegada, os batistas interpretaram a Igreja Católica como contrária à liberdade, principalmente, religiosa. Na secunda metade do século XIX, principalmente após os editos papais que levaram ao momento da história religiosa brasileira chamado *Questão Religiosa.* De acordo com Mendonça (1995):

> Anos antes da deflagração do conflito entre bispos e Imperador, o episcopado brasileiro vinha tendo confrontos com o pensamento liberal e o realismo imperial. No entanto, se a ala tradicional, conservadora e romanista da Igreja assimilava mal o avanço das ideias liberais, os intelectuais e políticos liberais do Império não estavam muito preocupados com a Igreja. Afinal, o chefe da Igreja no Brasil era o Imperador e sem o seu *placet* nenhuma decisão ou instrução de Roma teria andamento. No entanto, como acontecia frequentemente, a acalorada controvérsia entre

> ultramontanos e o galicanismo que se desenrolava na Europa repercutiu no Brasil com grande preocupação e desagrado por parte da corrente liberal. Progressivas atitudes do Papa Pio IX, como a condenação das ideias liberais através do Sílabo de 1864 e da maçonaria, lançada pela *Quanta Cura*, que, aliás, confirmou a posição da Igreja em outras encíclicas anteriores. (MENDONÇA, 1995, p 71).

Como se lê, ainda no Império, a igreja católica se posicionava contrária a qualquer aspecto liberal, aspectos que já faziam parte do ambiente político imperial. Os batistas iniciam efetivamente seu trabalho missionário nos últimos momentos do império. Nesse contexto, a intepretação que fizeram não somente no âmbito doutrinário mas também da situação político-religiosa do Brasil levou-os a concluir e a apregoar que, mesmo em regime político republicano, o Brasil era um os países onde a Igreja era "venerada, coberta de auxílios e mais cercada de prestígios" (O JORNAL BPTISTA, 10 de setembro de 1901, p. 3).

O movimento ultramontano, que os batistas entenderam como a riligiosidade mais absurda da Igreja Católica, foi o maior opositor dos protestantes e, segundo os articulistas de *O Jornal Baptista*, o maior opositor da liberdade religiosa e de consciência no país. Ao reproduzir o texto de um "pasquim" católico *O Jornal Baptista* denomina "ultramontana" a reação católica a uma assembleia evangélica ocorrida na cidade de São Paulo:

> Preparae-vos contra a investida do lobo protestante que começa a nos assaltar.Desmascarae-os tirae-lhes a pelle de ovelha. Lembrai dos estragos, das destruições, dos morticínios e dos actos de vandalismo que eles praticaram na Alemanha, Suissa, Inglaterra e etc. So neste ultimo paiz, eles fizeram setenta e duas mil victimas, para a confirmação do schisma. Quem sabe se o mesmo não procura a nossa pátria? Não praticam elles, desde já, os maiores absurdos? Não se pode acreditar que chegariam ao excesso se algum dia fosse dominadores? Catholicos, alerta! Mas escutae commigo, o povo catholico, escutae commigo a pregação destes homens.
> - Que é que eles vos dizem?
> - Que pregam a bíblia?
> Mas vós sabeis que isso não é verdade, e, tendo os protestantes lançado mãos sacrílegas sobre este livro da Egreja Catholica, a que pertencemos, alteram-na e pretendem agora dar regras aquelles que os iniciaram na Fé (O JORNAL BAPTISTA, 10 de agosto de 1903, p. 4).

Nessa reprodução feita pelo *O Jornal Baptista* sobre as ideias veiculadas em tal "pasquim" nada podemos saber, uma vez que o editor não cita a fonte. Não há como saber nem mesmo o que, da referida matéria, foi ocultada. Sabemos que a mão do redator e principalmente a do editor pode fazer com que um texto escrito se mostre condicionado, e, de acordo com o pesquisador Roger Chartier (2011, p. 89), "o impresso frequentemente manuseado, recortado, colado, transcrito, modelo da expressão mais pessoal, impõe sua definição de verdade, organiza os esquemas de percepção e apreciação do mundo exterior".

A ênfase que desejo dar aqui recai sobre o tipo de pronunciamento e posicionamento católico a que os batistas chamaram de "ultramontanismo". O movimento católico Ultramontano era uma das ideologias que, na segunda metade do século XIX, haviam chegado ao país, além do positivismo e do liberalismo político. O argumento fundamental dos ultramontanos, movimento que almejava a manutenção da relação entre Igreja e Estado, sustentava que o Estado é o responsável pela felicidade temporal da nação, cabendo à Igreja propiciar a felicidade eterna. Desta maneira, o Estado deveria se submeter à Igreja, posto que se estabelece uma hierarquia (MARTINS, 2008).

Sob o olhar do ultramontanismo, toda a reivindicação que se instalou desde a Revolução Francesa, sobre uma sociedade civil, um Estado laico, e a secularização das demais instituições, como o casamento, eram, para o pensamento católico dessa vertente, uma profanação das coisas sagradas e uma insubmissão às coisas de Deus (MARTINS, 2008).

Todos aqueles que apoiavam as liberdades civis, a laicização do Estado, como os liberais, os materialistas, os darwinistas, os socialistas, os positivistas, os espiritas, os maçons, eram, todos, rotulados com o mais vil dos xingamentos nos lábios de católicos convictos, "filhos do protestantismo e do diabo" (ABREU, 1996, p. 374). Esse ultramontanismo católico, uma vertente radical e profundamente antiliberal, criara um hiato entre o Estado, que se pretendia liberal já no fim do Império e início da República e a Igreja que, nesse período, recrudescia em relação ao liberalismo (MENDONÇA, 1995).

No periódico batista, entretanto, vociferavam louvores à liberdade, principalmente à liberdade religiosa. O ultramontanismo era motivo de mote e recusa pelo jornal e ao *O Jornal Baptista* cabia o ofício de demonstrar, caricatamente, como essa "falsa cristandade" impedia a realização individual dos cidadãos

> Não, isso nunca! Jamais nos trasmudaremos de um povo de christãos, que somos e queremos ser, num vil rebanho de ultramontanos. O Brazil jamais deixará de ser o que é – uma nação profunda e conscienciosamente christan – para tornar-se um enorme e lugubre Paraguay, talado pelo fanatismo jesuítico, que esteriliza nas rígidas formas de seu código as expressões generosas da doutrina christan; que cresta a espontaneidade da fé na estufa insupportavel de sua moral de garrote; que ceifa no coração da juventude, essa eterna dominadora do mundo, o ideal de uma pátria melhor, que extingue na alma das virgens o nobre e castíssimo instincto da fecundidade materna; que nos quer arrancar, a nos outros creaturas Moraes, a liberdade de fabricarmos com as nossas próprias mãos esse favo de mel da felicidade pessoal, esse tecido de illusões expontanea que é a essência do ideal humano, nessa ascenção continua em que vamos realisando, na face do planeta, a victória jamais completa da racionalidade sobre a animalidade! (O JORNAL BAPTISTA, 10 de setembro de 1901, p. 3).

Além da caricaturada imagem dos ultramontanos, visto aqui como fanáticos e de moral duvidosa, como de "garrote", os batistas compreendem que eles, como "dominadores do mundo", querem roubar do povo a possibilidade de construir uma "pátria melhor" – e o detalhe que importa – "a liberdade de fabricarmos com nossas próprias mãos". A apologia dos batistas, mais uma vez, se encontra sobre a liberdade. Está sempre vinculada ao discurso batista, em detrimento da posição católica que é representada como contrária à liberdade.

No que se refere propriamente ao ideal de liberdade religiosa, ou liberdade de cultos, como se referiam à época, é preciso considerar que não são os batistas os únicos a reivindicarem esse direito. Já em 1859, período que começam a chegar protestantes de missão ao país, o Dr. Robert Kalley, médico escocês que veio ao país como missionário, começa a se movimentar em favor de uma mais clara concepção de liberdade religiosa.

Tendo sido convidado a se retirar de sua residência em Petrópolis, supostamente acusado, pelo governo Imperial, de que sua atuação religiosa sobressaía à tolerância religiosa garantida pela constituição brasileira, o Dr. Kalley tratou de consultar os melhores juristas do Império sobre a situação. Cônscio das possibilidades de refutar as supostas acusações, o missionário se põe a formular alguns argumentos a seu favor:

> 1º Os cidadãos brasileiros adultos têm ou não têm liberdade perfeita de seguirem a religião que quiserem?
> 2º Se algum deles consultar alguma pessoa que não segue a religião do Estado e essa pessoa lhe explicar sua crença, será um ou outro incurso em qualquer pena legal?
> 3º Será criminoso aquele que nesse caso aconselhar o cidadão brasileiro a adotar uma religião que não seja a do Estado?
> 4º O caso será o mesmo, estando a pessoa em sua casa ou fora dela, em público ou em particular?
> 5º Se um cidadão brasileiro unir-se a qualquer outra comunhão que não seja a do Estado, será por isso incurso em qualquer pena, seja debaixo do título de apóstata, blasfemo ou outro qualquer?
> 6º Os membros da Comunhão que o receberam (ou qualquer deles) serão por isso incursos em qualquer pena da lei?
> 7º É lícito aos estrangeiros seguir o seu culto doméstico em suas casas particulares?
> 8º Se algum dos seus amigos brasileiros quisesse estar presente com eles, torna-se-ia por isso o seu culto criminoso?
> 9º Se o culto estrangeiro estivesse em uma casa sem forma alguma de templo, mas com a entrada franqueada àquela que quisesse – sem limitar-se aos amigos do morador – seria criminoso?
> 10º Um estrangeiro pode ser obrigado a sair do sitio onde mora, ou ser deportado do país à vontade do governo, sem culpa formada?
> 11º O que se deve entender pelas palavras *publicamente e reuniões públicas,* nos arts. 276 e 277 da Carta Constitucional? (REILY, 2003, p. 117-118).

As perguntas de Kalley enviadas aos juristas permitiram que eles elaborassem respostas convincentes e, com elas, o missionário redigiu uma carta em sua defesa. Ele a direcionou à Legação Britâmica, órgão que havia expedido formalmente um "despacho" em

função das acusações do império[159]. Suas perguntas parecem se fixar no intuito de refutar as acusações, com a logicidade própria à tradição protestante anglo-saxã. Sua carta pode ser considerada o símbolo da luta protestante pela liberdade religiosa no século XIX (REILY, 2003).

Nesta mesma esteira, os batistas permanecem no ataque contra a intolerância religiosa dos católicos, afirmando a necessidade de o Estado reconhecer a importância da liberdade religiosa em um país que se queria republicano. As principais reclamações dos batistas surgiam de situações nas quais os missionários, tanto norte-americanos como brasileiros, sofriam perseguição. O peso que as representações que *O Jornal Baptista* construía sobre o absurdo das perseguições realizadas e motivadas pela Igreja Católica, possivelmente, funcionava como um bom instrumento retórico para convencer os leitores.

Para os articulistas e para aqueles que enviavam notícias dos trabalhos missionários pelo Brasil ao *O Jornal Baptista*, os líderes católicos – padres, freis, bispos – eram não somente fanáticos e violentos, mas também incitavam seus fiéis ao mesmo fanatismo:

> A Religião sem Christo facilmente converte-se em fanatismo, ismo este que compõe-se de amor a si próprio e ódio ao próximo. Os fanáticos da seita romana, ainda sem provocação, comettem extravagancias que excedem o crível... Nestes últimos tempos o espírito perseguidor está-se apoderando de tal maneira dos muitos "catholicos" que leva as mulheres entre eles a esquecerem-se do seu sexo.
> A proposito nos escreve de Manaos o irmão Erico Nelson: ontem (24 de abril) quando minha senhora passava por uma rua dessa cidade, levando nos braços seu filhinho de poucos meses de idade, uma moça brasileira atirou com um pedaço de madeira para a cabeça de minha senhora, o qual attingiu: porem felizmente sem gravidade (O JORNAL BAPTISTA, 20 de maio de 1901, p. 4).

Cenas como essas se repetiam em várias partes do país e muitas delas foram narradas por missionários em *O Jornal Baptista*. Haveria, pois, melhor argumento para descrever - como intentavam os articulistas e o redator do referido periódico – e representar a suposta malignidade da Igreja Católica contra os batistas e protestantes em geral e contra, principalmente, a liberdade religiosa, do que esses fatos?

---

[159] A Legação Britânica acolheu a acusação do Império e expediu um documento que convida o missionário a se retirar da cidade de Petrópolis, denominado *despacho,* no qual constava, dentre outra coisas, as seguintes colocações: "E, visto que o Sr. Paranhos, informando que a Tolerância Religiosa garantida pela Constituição Brasileira não é tão plena que admita a propaganda de doutrinas contrárias à religião do Estado, me pede que vos aconselhe a retirar-vos de Petrópolis, ou a desistir dos atos acima atribuídos a vós – fazei-me o obséquio de mandar: em primeiro lugar, quaisquer esclarecimentos que queirais oferecer a Sua Excelência, em justificação de vossa conduta: e de declarar-me se desejais evitar no futuro atentar a conversão de católicos romanos à fé protestante, durante a vossa residência em Petrópolis. Também me será de proveito saber até que ponto o Sr. Paranhos está corretamente informado sobre alegadas expulsões da Trindade e Madeira". cf. REILY, 2003, p. 117.

O Jornal Baptista, em seus artigos, em seus comentários, refratava a realidade; a construía e a desconstruía; a perpetuava, a fim de fazer valer sua cosmovisão, convidando o público leitor a aceitar algumas coisas e a rechaçar outras, a se interessar pelo protestantismo batista – vale frisar – e a rejeitar o romanismo. O conteúdo do jornal se apresentava como um parâmetro para medir, diferenciar, consagrar e rejeitar (CAMPOS, 2009).

Assim, os responsáveis por produzir o noticiário do principal periódico dos batistas brasileiros não deixavam de, em todas as oportunidades, reproduzir seus princípios, principalmente quando podiam comparar-se com a Igreja Católica. A liberdade religiosa, "a mãe de todas as liberdades" como afirmou o pensador batista E. Y. Mullins (MULLINS, 1925, p. 173).

Parece que, para os batistas, a tolerância religiosa, que, para eles, era o que demonstrava o Estado, não era o mesmo que liberdade religiosa. O indivíduo, seriamente valorizado nos princípios batistas, é o ponto fundamental da teologia batista. Mas, parece que o projeto dos batistas vai além de converter e educar o leitor para uma fé batista e evangélica. Sua percepção se ampliava, uma vez que suas instruções primavam por regular toda a vida social e política (AZEVEDO, 2004).

3.4.2 "Como os irmãos americanos": modernidade, progresso e protestantismo

As práticas protestantes revelam algo que destoa consideravelmente do catolicismo e os aproxima mais dos movimentos modernistas que se alinhavam às expectativas republicanas no Brasil. O levantar da bandeira da liberdade religiosa era um desses aspectos. Mas havia outros. Como a centralidade do indivíduo é a questão fundamental para o protestante, principalmente, para os batistas, algumas práticas também podem chamar a atenção, pois dizem muito sobre o sentido que os batistas dão ao regime republicano e à democracia. Mostra também possíveis porquês de o protestantismo chamar a atenção de alguns liberais, antes e durante a Primeira República.

Sobre algumas práticas internas dos protestantes, isto é, que se referiam à dinâmica das igrejas, e que traçava a diferença entre protestantes e católicos, bem como sua relação com o Estado, ou com a política, Mendonça (1995) destacou que:

> Um dos aspectos do protestantismo que possivelmente o tornaram muito atraente

> diante das circunstâncias da relação conflituosa entre Igreja e Estado era sua eclesiologia. O sentido de Igreja era, para os protestantes, muito diferente do que era para os católicos. Os protestantes vinham chegando com suas múltiplas denominações, situando-se lado a lado e em pequenas comunidades as quais, apesar da aparente unidade de fé, na realidade apresentavam características de concorrência. Ao contrário do monolitismo católico, os protestantes já chegavam divididos. O denominacionalismo norte-americano que os missionários traziam era forte quanto à coesão interna dos grupos, mas fraco enquanto presença na sociedade. Desse modo, jamais disputaria o poder com o Estado (MENDONÇA, 1995, p. 75).

A característica denominacionalista que os missionários mantiveram como princípio das igrejas protestantes não seria, portanto, um problema para o Estado, pois não havia unidade entre as várias vertentes protestantes. Nesse sentido, sua relação com o Estado era simplesmente esperar dele o resguardo de suas liberdades civis, de cada indivíduo pertencente a sua comunidade de fé. Dois outros aspectos ressaltados ainda por Mendonça (1995) são a conotação individualista da fé e a tendência a estabelecer vínculos voluntários constituindo sociedades cívis. Segundo ele:

> A religião protestante repousa na fé e prática individuais e independentes, em boa parte, dos sacramentos, pelo menos a que foi trazida pelos missionários norte-americanos. É mais uma religião da mente convencida e do coração aquecido, cujos reflexos se dão na ética individual. É uma religião que não predispõe para rebeldia de massa [...] último aspecto era a tendência histórica de tolerância religiosa dos protestantes e sua tendência para formar sociedades voluntárias que, para funcionar, tinham necessariamente de se registrar como sociedades civis sujeitas às leis do pais, o que era bem diferente do que acontecia com a Igreja Católica, que chegara junto com o conquistador e colonizador e tinha, por essa razão, direitos difíceis de contestar (MENDONÇA, 1995, p. 75).

A questão levantada por Mendonça (1995) permite pensar as relações que os protestantes se permitem construir com a vida social, cultural e política do país: eles partem de seu próprio modo de ser, sua visão religiosa de mundo somados aos princípios liberais norte-americanos. O individualismo das denominações (batistas, presbiterianos, metodistas, congregacionais) que se enclausuravam entre si; a relação com o Estado era encurtada e definida pelo simples cumprimento das leis civis e, no caso dos batistas, a reunião voluntária e o governo democrático de cada igreja.

Poderíamos reafirmar, assim, características das denominações protestantes, quais sejam, o individualismo, o apego à democracia, aos interesses individuais, às liberdades civis, somando-se a seu ideal religioso-político-cultural de, a partir da conversão dos brasileiros, levar a nação ao progresso à prosperidade e ao engrandecimento (AZEVEDO, 2004; MENDONÇA, 1995).

O Jornal Baptista, como instrumento de formação de opinião, parece representar o protestantismo batista como um caminho seguro a conduzir a nação brasileira ao progresso e à

modernidade, como já foi salientado. Era a propaganda de uma religião individualista que via as relações sociais a partir de uma ótica utilitarista[160].

Em alguns textos, o periódico expressou o desejo de que a nação brasileira se equiparasse às "grandes nações civilizadas", se acaso seguisse os princípios protestantes. Em janeiro de 1901, ainda em suas primeiras publicações, o periódico batista estampa uma imagem que sustenta um discurso bastante característico.

Figura 31 - *O Jornal Baptista*, 21 de janeiro de 1901, p. 1.

Fonte: Arquivo da Convenção Batista Brasileira.

[160] O utilitarismo era uma das bases filosóficas do liberalismo clássico a que se vincula a tradição protestante batista. Era uma doutrina defendida pelo filósofo Davi Hume e consistia, grosso modo, na ideia de que a condição humana pressupõe a busca do prazer próprio. Nesse sentido, a sociedade e suas instituições devem se ordenar de tal forma a conseguir o maior saldo de satisfação de cada indivíduo membros dessa mesma sociedade. Essa parece ter sido também a fundamentação dos liberais no período da Primeira República. cf. AZEVEDO, 2004; CARVALHO, 1990.

Aparentemente, a imagem parece nos conduzir à ideia de que os batistas sustentavam o discurso sobre a importância da família somente. Mas a questão é um pouco mais ampla. De acordo com essa primeira página, o matrimônio, somando-se ao "dia do descanso", isto é, o sábado são duas instituições que sustentam as nações *civilizadas.* Os países que sustentam essas instituições são "os fundadores da civilização moderna e dominadores do mundo" (O JORNAL BAPTISTA, 21 de janeiro de 1901, p.1).

Essas duas instituições são constituídas ou representadas aqui como sustentáculo de uma sociedade que tende à prosperidade. Seu discurso é enfático é quer convencer o leitor da necessidade de aderir exemplo de outros países:

> A bíblia aberta, a liberdade civil e de consciência, a religião pura e fervorosa, a educação em geral, o progresso nas sciências, artes e industrias, só se encontram onde vigoram essas duas instituições. A nação que menospreza a observância do sábbado [dia de descanso] e do matrimônio, ainda que esta se chame christã (como por exemplo a França e a Hespanha), é de uma civilização retrograda e corrupta [...] (O JORNAL BAPTISTA, 21 de janeiro de 1901, p.1).

Os EUA são o principal modelo, veiculado pelo *O Jornal Baptista,* de nação moderna, próspera, civilizada e símbolo da liberdade religiosa e de consciência. O Dr. Entzminguer, como *redator-chefe* e como um bom norte-americano, sabia muito bem escolher os textos que eram extraídos de outras fontes bem como os tipos de artigos a serem publicados. Havia um certo espírito messiânico, próprio ao modo protestante norte-americano de ser, que sabia ter uma missão redentora para o Brasil (MENDONÇA, 1995).

A intenção de, por meio das palavras impressas, conduzir o leitor a não somente pensar no que países como os EUA significavam para a modernidade e o bem viver de seu modo de vida proporciona, mas também imaginar a possibilidade de construção de um novo Brasil.

> As nações do Occidente christão tem tudo a aprender, não só da velha Europa, senão principalmente dos Estados Unidos da America que no momento actual já exerce a hegemonia no mundo por sua superioridade econômica. A história não oferece exemplo algum do passado de uma nação que atingisse a um tal gráo de aperfeiçoamento e riqueza. A hegemonia era alcançada pela superioridade guerreira; taes foram os impérios Assyrios, Persa, Hellenico, Romano, Britannico, etc. Hoje vemos aquella poderosa e admirável nação Americana surgir no conceto da civilização christan, soberana dos mares, respeitada e obedecida so pelo triumpho industrial, so pela força econômica (O JORNAL BAPTISTA, 20 de junho de 1901, p. 7).

As nações, que antes "guerreavam" para manter sua hegemonia agora precisam aprender com a "superior" nação protestante. Em tempos em que a nação estava sendo

imaginada, os jornais faziam o papel de indicadores. Nesse sentido, a voz de *O Jornal Baptista* era mais uma dentre muitas outras, religiosas e não religiosas, que queriam imaginar a nação brasileira de acordo com seus ideais. Como sugere Anderson (2008):

> O que tornou possível imaginar as novas comunidades, num sentido positivo, foi uma interação mais ou menos casual, porém explosiva, entre um modo de produção e de relações de produção (o capitalismo), uma tecnologia de comunicação (a imprensa) e a fatalidade da diversidade linguística humana (ANDERSON, 2008, p. 78).

Na pontuação que faz o estudioso, importa perceber o lugar da imprensa em um momento em que se vão formando os estados nacionais, principalmente na América Latina, isto é, no século XIX em diante. A tecnologia da comunicação é um instrumento poderosa para construir as "imaginações" de uma nação e, desde os primeiros momentos da Reforma Protestante, fora o meio pelo qual seus líderes e seguidores usaram para fazer mobilizações políticas e religiosas[161].

Poderia se levantar aqui a hipótese de que o periódico batista teve seu lugar de atuação no processo de imaginação de um estado-nação brasileiro, nos moldes esperados de uma república. O princípio de individualismo que percorria as páginas do referido jornal buscava não somente construir representações que identificavam os batistas – como promotores dos interesses do indivíduo e de um governo liberal – , mas também apontavam para um tipo de sociedade e de governo ideais. Nesse sentido, o discurso liberal – emergia nas páginas da pequena ou grande imprensa[162] - e em seus pronunciadores, que também imaginavam e queriam estabelecer um governo republicano.

---

[161] Anderson afirma ainda que: "A aliança entre o protestantismo e o capitalismo editorial, explorando edições populares baratas, logo criou novos e vastos públicos leitores – entre eles, de importância nada pequena, comerciantes e mulheres, que geralmente sabiam pouco ou nada de latim -, ao mesmo tempo que os mobilizava para finalidades político-religiosas. Inevitavelmente, não foi apenas a Igreja que se viu abalada no seu próprio cerne. O mesmo terremoto gerou os primeiros estados não dinásticos europeus [...]. cf. ANDERSON, 2008, p.75.

[162] A grande imprensa e a pequena imprensa é uma diferenciação que o estudioso Nelson Werneck Sodré faz dos jornais que surge no fim do século XIX. Grande imprensa se refere aos jornais como o *Jornal do Brasil*, que surge em 1891. Os pequenos jornais eram panfletos de vida efêmera e em sua maioria de intenção política. cf. WERNECK, 1999, p. 251

3.5 **Republicanismo e liberdade: aproximações e distanciamentos**

Na constituição da Primeira República haviam três correntes ideológicas de justificação racional e de organização do poder que concorriam como forças de condução do governo. De acordo com Carvalho (2009), os que disputam a definição da natureza do novo regime eram o "liberalismo à americana; o jacobinismo à francesa e o positivismo" (CARVALHO, 1990, p. 9).

Se essas classificações permaneceram ligadas ao processo de formação da República, podemos dizer que *O Jornal Baptista* se relacionava melhor, do ponto de vista de seus princípios, com uma ideologia liberal americana. Apesar de classificações fixas serem problemáticas, uma vez que uniformizam aspectos que podem ser, no interior de um grupo social, consideravelmente variáveis, o teor dos artigos, sermões e modos de noticiar os fatos faz com que *O Jornal Baptista* seja um periódico comprometido com o liberalismo.

Enquanto no ideário da República recém-nascida a individualidade do vulgo, isto é, a participação dos indivíduos, do povo, de grande parte da população pobre, analfabeta, do sexo feminino ficara fora da participação política (CARVALHO, 1990, p. 9), os batistas divulgavam os valores da democracia em suas próprias congregações, lugar onde os indivíduos estão em uma suposta "igualdade espiritual". O significado dessa democracia nas igrejas ia além das paredes dos templos, pois se referia a uma idealização do governo civil.

> As egrejas baptistas possuem um governo republicano, onde a autoridade está nos membros que as constituem, tornam-as soberanas de seus ministros. Nellas salienta-se o individualismo de cada membro constituinte, de maneira que os ministros ficam ao nível de todos os membros. Esta igualdade espiritual tão sublime é ás vezes a causa dos ministros baptistas não serem considerados como é devido, segundo manda aos outros lugares, a Segrada Escriptura (O JORNAL BAPTISTA, 10 de maio de 1902, p. 2).

A descrição do regime de governo interno da igreja era a coroa dos batistas. Uma característica que o grupo religioso exaltou, mesmo para se diferenciar de outros grupos protestantes. O governo republicano – que poderia ser lido como democrata - das igrejas batistas, de acordo com o periódico, dissolvia a autoridade do ministro e líder da congregação dando a todo indivíduo "membro", diga-se de passagem, o mesmo peso nas decisões da igreja. Afirmando sua forma de governo, o jornal tenta dar visibilidade às práticas do grupo como ação que permite elaborar a identidade social do mesmo e exibir sua "maneira própria de ser no mundo" (CHARTIER, 2011, p. 20).

Não me parece ser despretensioso expor, nas páginas de seu periódico, a vida republicana das igrejas batistas. Além de demarcar a diferença de outras vertentes do protestantismo e, principalmente, do catolicismo, e traçar os limites de sua própria identidade, o uso da palavra república[163], sutilmente inserido, pode apontar para um tipo de percepção e representação da realidade (CHARTIER, 2011).

Azevedo (2004) consegue perceber uma ligação quase que ininterrupta entre a tradição batista inglesa; norte-americana e brasileira. Talvez, não tenha ele considerado possíveis rupturas históricas desse movimento. Todavia, com ele podemos concordar que vários elementos permanecem e são recorrentes no discurso dos batistas. Um deles é tender a afirmar ao mesmo tempo a separação entre Igreja e Estado, mas fazer da religião e de seus princípios a base da sociedade civil.

Observa-se que, nos EUA, de onde vieram os batistas, a valorização da ideia de liberdade religiosa parece ter aberto espaço para a constituição de uma religião civil, baseada na noção de *pacto*[164]. Nesse sentido, na perspectiva desse autor, o compromisso e a missão dos norte-americanos era estabelecer, no fundo, uma nação a partir de princípios cristão.

Ainda, para Azevedo (2004), esse tipo de religião civil de perspectiva protestante não teve peso no Brasil "em decorrência da colonização católica". No entanto, o que mais se vê em *O Jornal Baptista* são representações e valores que remetem a uma experiência norte-americana de uma religiosidade que abarca outras dimensões da vida social. Sobre a nação irmã do Norte, o periódico assim publicou:

> Espalha em torno della a vida, o pão, a luz, a justiça, a liberdade. Conquista pelo commercio em logar de o fazer pelas armas, impõe-se pelo amor – não pelo temor. Aceiamos no desejo de proclamar bem alto que esse deslumbrante milagre é a obra fecunda da sinceridade christan e das praticas virtuaes do Evangelho. (O JORNAL BAPTISTA, 20 de junho de 1901, p. 7).

A indicação de que os EUA são promotores do bem, espalhando "vida, o pão, a luz, a justiça, a liberdade", pois são "sinceros cristãos" pode ser uma forma religiosamente

---

[163] O termo *republica* não é comum nos textos que tratam do governo das igrejas batistas. O termo *democracia* aparece com frequência nos principais textos teológicos lidos pelos batistas brasileiros, como nos de A. B. Langston e E. Y. Mullins. Portanto, parece que o uso do termo, nesse sentido, é intencional. cf. LANGSTON, 1933; MULLINS, 1925.

[164] Segundo Azevedo "Desde a Nova Inglaterra, os colonos se entendiam como constituindo o novo Israel de Deus, cujo apoio seria o sustentáculo de uma nação a ser constituída sobre a colina, como fora a Jerusalém bíblica [...] a tarefa era um ato de obediência à uma comissão dada por Deus. A ideia perpassou a Colônia, sendo realçada na Guerra de Independência na Guerra de Secessão [...] esta autocompreensão tinha, ao mesmo tempo, um conteúdo social e coletivo, mas também um elemento individual e voluntarista, a partir da concepção de „um deus absoluto objetivo como revelado nas Escrituras‟". cf. AZEVEDO, 2004, p. 140.

escamoteada de afirmação do modo e da estrutura política e social norte-americana. Ademais, sua economia também era exemplar, segundo o periódico;

> Lá nos Estados Unidos o imposto é cobrado aos estranhos, não dos próprios filhos, na phrase sublime e transcendente do divino Jesus: isto é, ali pratica-se com sinceridade e convicção a política protecionista, taxando os productos estrangeiros nas Alfandegas da União e liberando os produtos do paiz de qualquer tributo de sahida para os mercados (O JORNAL BAPTISTA, 20 de junho de 1901, p. 7).

Mesclando o conteúdo religioso com os ideais da política econômica norte-americana, qual seja, a de livre comércio com a diminuição de encargos para a produção interna, o periódico pretende "significar simbolicamente um *status"* (CHARTIER, 2011, p. 20) e fazer dos EUA o lugar onde prevalece uma política econômica justa e logicamente de resultados concretos. O periódico ainda chega a ressaltar que:

> Porque elles guardam a palavra do divino Mestre, vencem sem combater; Deos permanece ao lado deles, convertendo os espinhos do trabalho em flôres de compensações brilhantes, e realisando para eles, mesmo neste mundo, um retalho do fabuloso Edem (O JORNAL BAPTISTA, 20 de junho de 1901, p. 7).

Talvez, o que se pode deixar de perceber no discurso de *O Jornal Baptista* é o fundamento religioso que estrutura sua visão de mundo. As referências que foram feitas até aqui sobre questões políticas, econômicas ou de outra dimensão qualquer da vida social sempre são vistas por um ponto de vista religioso. Nesse sentido, em alguns pontos pode haver aparente contradição. Ao mesmo tempo que os batistas radicalmente anunciavam a separação entre Igreja e Estado, tinham igualmente posição pacífica em relação às autoridades constituídas. Silva (1998) considera que os batistas:

> [...] defendiam a submissão às autoridades constituídas. O argumento principal em que se baseavam era o texto bíblico da carta de Paulo aos Romanos no capítulo 13, já analisado anteriormente. Segundo a visão batista, as autoridades eram constituídas por Deus e os fiéis enquanto servos de Deus deveriam em tudo obedecê-lo, inclusive no que concernia à ordem civil (SILVA, 1998, p. 94).

Isso mostra que a posição dos batistas era, se não toda, possivelmente boa parte, fundamentada na perspectiva religiosa, sob a compreensão do cristianismo. Mesmo que seus princípios fossem "anteriores a suas doutrinas", parece que às vezes suas doutrinas tinham peso igual aos princípios. As autoridades políticas não deveriam se intrometer nas coisas da fé – e vice-versa – mas, de acordo com o "texto bíblico", eles deveriam ser obedecidos

Outro aspecto que constantemente era exaltado como virtude pelo *O Jornal Baptista*, uma virtude própria e adequada a uma nação que é temente a Deus e anda segundo os mandamentos da fé cristã, é o trabalho. Ao tratar dessa categoria, não se quer aqui salientar discussões conceituais que há muito vem tomando a atenção dos pensadores das ciências humanas. Na presente abordagem cabe somente dar visibilidade à questão do trabalho como virtude pedagogicamente motivada pelo periódico.

O perfil da população atingida pelos batistas era composto por trabalhadores, em sua maioria, ligados a serviços manuais. Silva (1998) sinaliza que, no ambiente baiano, por exemplo, "a membrezia batista era formada basicamente de pobres e descendentes de negros". Deste modo, tudo indica que, nesse caso, a liderança teve que "enfrentar a questão, administrá-la de forma criativa e propiciar aos seus fiéis uma nova visão do problema, uma visão positiva e que se legitimava biblicamente" (SILVA, 1998, p. 247).

Sobre o trabalho, somando-se ao louvor à pátria norte-americana, o periódico declarou que:

> Ora, o amor ao trabalho é innegavelmente o distintivo da nação norte-americana. É esta a divisa de todas as classes e de todos os indivíduos. O afan louvável de cada cidadão dessa grande republica é cumprir com a ordenança de Deus, imposta a Adão e a sua descendência: "No suor do teu rosto comerás o teu pão" (O JORNAL BAPTISTA, 10 de fevereiro de 1901).

Ora, mais uma vez aparece o fundamento religioso que legitima uma prática social e a exalta em nível de excelência, haja vista ser Deus o sentido nobre do trabalho. Ademais, os textos insinuam que os EUA se instituíram como uma nação na qual todos os indivíduos eram amantes do trabalho. Poderíamos nos perguntar se isso corresponde ao fato. Todavia, não é o intento nesse trabalho.

O que parece ser mais importante é perceber como o discurso tem um modo pedagógico de se articular. Descrever a forma com que os norte-americanos significam o trabalho não deveria ser entendida simplesmente como narrativa neutra. Contudo, é importante pensar que a proximidade com os ideais republicanos não faz dos batistas fiéis representantes do republicanismo.

A ideia de liberdade, por exemplo, comum às diferentes formas de liberalismo republicanos no Brasil (CARVALHO, 1990), é, para os batistas, algo mais complexo. Segundo Silva (1998), a ideia de liberdade tem considerável intercessão com seus pressupostos religiosos e, nesse sentido, se segue que entre batistas e liberais há certo distanciamento. A pesquisadora afirma que:

> [...] os batistas admitiam que havia limites para a liberdade individual. Preocupados com a interpretação extremada que alguns fiéis pudessem dar para a sua própria visão de liberdade, delimitaram os contornos do raio de ação com a obediência aos princípios evangélicos. Como pensamento áureo o Jornal Batista dizia que: "*estamos no goso da verdadeira liberdade quando podemos recusar de fazer qualquer coisa que deshonre a Jesus.*" Evidentemente que a desonra de Jesus identificava-se necessariamente como o não-cumprimento das doutrinas batistas. Honrar a Deus era seguir fielmente os postulados cristãos concebidos pela ótica batista e a instituição encarregava-se de estabelecer o conteúdo da honra e da desonra, do certo e do errado como norma de vida para os fiéis. Liberdade individual sim, mas dentro dos limites previamente estabelecidos institucionalmente (SILVA, 1998, p. 191).

Vê-se que a concepção de liberdade para os batistas se faz refém de sua concepção religiosa de mundo. "Coerentemente com as representações maniqueístas que faziam da realidade, a primazia necessariamente era dada ao ponto de vista religioso e espiritual, nascedouro de todas as outras formas ou concepções de liberdade" (SILVA, 1998, p. 191).

Isso leva a deduzir que, para os batistas, a defesa do republicanismo e a propaganda de uma certa concepção liberal tem maior relação com os objetivos religiosos do que políticos, necessariamente. O distanciamento entre liberalismo político na Primeira República e liberalismo religioso dos batistas pode ser constatado no fato de que está em primeiro plano a preocupação espiritual com o país, em salvá-lo. Como se pode notar seus princípios, os quais também eram veiculados junto à proposta salvacionista, estão imersos em uma dimensão política. Mas isto estava, consciente, ou não, em segundo plano. Silva (1998) no diz que:

> Embora dessem primazia ao aspecto religioso da liberdade, a Denominação Batista, de forma secundária, é verdade, desenvolveu uma visão da liberdade que também se identificava com a esfera política. [...] mesmo de forma secundada os batistas vincularam a liberdade à dimensão política, mantendo é claro, o primado da visão espiritual. Nessa perspectiva, a finalidade dos governos e de toda autoridade é resguardar o princípio da liberdade (SILVA, 1998, p. 194).

É claro que é difícil compreender até que ponto a primazia pela liberdade, no sentido político, é secundária para os batistas, principalmente para os missionários norte-americanos, os principais articulistas de *O Jornal Baptista*. Tudo indica que a preocupação com uma transformação religiosa da nação promoveria, segundo eles, uma transformação social, cultural e política no país. Mas, será que poderíamos dissociar o discurso religioso e seus princípios ditos religiosos de sua cultura e visão de mundo? Talvez seja uma questão para subsequentes pesquisas sobre o tema.

O que podemos inferir, no entanto, é a possibilidade de *O Jornal Baptista* ter funcionado como um instrumento de produção cultural, religiosa e, porque não dizer, política,

no intuito de construir práticas de um grupo social. Sendo assim, funcionou como um meio educativo a partir das representações que construía discursivamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornal impresso tem sido alvo de um considerável número de pesquisas nos campos da História, bem como na História da Educação. No entanto, a pergunta que impulsionou a pesquisa que resultou no presente texto é: os jornais são instrumentos pedagógicos enquanto tal? Trata-se de uma questão que não percebi na grande maioria das pesquisas em História da Educação sobre impressos periódicos como o jornal. É possível notar que nessas pesquisas, em sua maioria, o jornal não é visto necessariamente como mais do que um registro de discursos que tratam de questões voltadas para a educação.

Quando iniciei a leitura de *O Jornal Baptista* ainda no período de graduação, percebi que o jornal servia como meio de não somente comunicar as doutrinas batistas, mas também parecia funcionar como meio de persuasão, de formação de opinião e também de construção de representações coletivas, como observou Campos (2009).

Essa dissertação teve a intenção de lançar luz sobre a função da imprensa periódica em uma possível dimensão educativa a partir dos discursos nela contidos e das representações que constrói do mundo circundante. A questão sobre a possibilidade de o jornal periódico ser uma ferramenta pedagógica foi aplicada sobre a realidade e sobre as práticas de um grupo religioso que tinha claras intenções proselitistas e se utilizava do impresso para atingir seus intentos.

Os batistas, considerados protestantes de missão, uma vez que vieram ao Brasil para atrair adeptos à fé e estabelecer sua igreja a partir da conversão dos brasileiros, mobilizaram-se em torno de três campos de atuação: a praça pública, lugar da pregação dos missionários que intentavam, a partir da exposição de seus sermões e entonação de seus hinos, convencer os ouvintes; as igrejas, lugar que identifica de modo espacial, isto é, o lugar de encontro do grupo e permite efetivar as relações comunitárias; e o prelo, ou, a produção editorial que além de panfletos, traduções de livros importados de cunho religioso, lançou jornais que tornaram-se um meio de difundir as crenças, doutrinas e pensamento dos batistas.

Somando-se a esses três pontos fundamentais da promoção da fé protestante, podemos considerar também o estabelecimento de escolas e hospitais. O primeiro, por sua vez, de grande importância no projeto proselitista, tanto dos batistas como de outras denominações protestantes.

Essas instituições: igreja, hospitais, escola e impressos, refletem boa parte da cultura protestante. Abordar, portanto, as práticas culturais do protestantismo, substancializadas principalmente em seus impressos, bem como na construção de igrejas e escolas, permite

acessar parte da cultura protestante que se inseriu no Brasil mais efetivamente no século XIX. Isso significa refletir sobre os projetos de catequese e proselitismo desses grupos religiosos e os múltiplos modos como esses projetos foram sendo realizados no país, sinalizando, por sua vez, para as práticas educativas desse grupo social, expressão mesma de sua cultura religiosa.

Material editado, planejado intencionalmente para ser um doutrinador, ou ainda um "agente de cultura" e um "mobilizador de opiniões" (PALLARES-BURKE, 1998, p. 146), os impressos estabelecem também seus protocolos de leitura. A importância dos processos de produção de textos escritos, em especial de jornais periódicos chama a atenção pela multiplicidade de elementos que estabelecem a relação estrita entre autor, editor e leitor. Esse foi o ambiente que se pretendeu explorar na pesquisa desenvolvida.

Para esse fim, os protestantes e em especial os batistas, desejaram fazer com que seu discurso fosse compreendido, aceito e experienciado. Se os sermões eram uma via de comunicação de modos de ser e agir e a escola um espaço para fazer do discurso propriamente um ensino, a imprensa unia as duas possibilidades de forma mais ampla, pois, o que tudo indica, poderia atingir maiores proporções, posto que, os jornais poderiam alcançar leitores adeptos ou não da fé protestante, como pode ser observado no presente texto.

Nesse sentido, penso que essa dissertação busca contribuir com a visibilidade das práticas culturais e educativas protestantes. Sem desprezar as práticas escolares, buscou-se dar ênfase às que vão para além das instituições educativas formais, como as que se podem perceber no uso de impressos.

Assim, no primeiro capítulo, sob o título *"Obedientes à visão celestial": a inserção do protestantismo batista no Brasil do século XIX,* foi possível observar que a inserção do protestantismo no Brasil se deu, principalmente, em dois momentos distintos nos quais as intenções eram também distintas. Os protestantes, em um primeiro momento, se tornaram imigrantes sem pretensões necessariamente proselitistas. Destes, pode-se destacar os de tradição anglicana e Luterana.

Em um segundo momento, os protestantes identificados como missionários vieram ao Brasil a fim de propagar sua mensagem e converter a população à sua fé, a partir de algumas estratégias. Sobre os protestantes de missão, podemos destacar os presbiterianos, metodistas, batistas e congregacionais.

Destacou-se, ainda, as estratégias usadas pelos protestantes de missão: a pregação nas praças e nos locais de culto, as igrejas; as escolas, que tinham não somente o intuito de promover um nível mais alto de educação, mas também promover a mensagem de fé protestante; e o prelo, isto é, os materiais impressos, em especial, a imprensa jornalística, com

a qual os protestantes difundiram sua fé, polemizaram com o catolicismo e construíram representações sobre seu próprio grupo e sobre a realidade.

Em sequência, podemos compreender a partir do segundo capítulo, intitulado *"A instrucção é o melhor amigo de um povo": O Jornal Baptista como meio de difusão e ensino da fé e dos princípios batistas* como se deu o surgimento dos impressos protestantes, em especial as investidas dos batistas. Além de mapear os primeiros projetos jornalísticos realizados no então norte do país, a partir dos esforços de Zacharias Taylor, e no sul do país, a partir de Salomão Luis Ginsburg, podemos ver que o periódico *O Jornal Baptista* foi o centro do jornalismo batista, uma vez que significou a união dos dois esforços anteriores. O Dr. Willian Edwin Entzminger foi seu idealizador e o principal responsável pela identidade do jornal, bem como pela direção dada a seu discurso.

Vimos como se deu a produção, edição e circulação do periódico: a materialidade do jornal de forma geral que nos levou a inferir que os batistas usavam intencionalmente o periódico para difundir sua mensagem e seu princípios. Foi pontuado a relação com outros periódicos, católico e protestante, como redes de sociabilidade, a partir de citações presentes no jornal. Além disso, viu-se que o periódico buscava, também, a comunicação por meio das imagens e fotografias.

No capítulo três foram analisados os aspectos pedagógicos do impresso, em especial o jornal. Se acaso considerarmos a educação como uma prática social e cultural para além dos limites da instrução escolar, podemos ver como o jornal periódico pode funcionar como um instrumento educativo. De acordo com o que foi apresentado, a partir da documentação pesquisada, *O Jornal Baptista* se insere nessa dinâmica mesma do impresso que não somente é responsável por veicular informações, mas também formar opiniões, construir representações que, por sua vez, promovem novas práticas e visões de mundo.

Outra questão levantada no capítulo se refere às representações que o jornal construiu. O conceito de representação, que, nesse trabalho foi utilizado, principalmente, a partir da perspectiva de Roger Chartier (2011; 1991; 2009; 2004), possibilitou a análise dos jornais não somente como textos que registravam a história, mas como agentes da história.

Essas representações tiveram como alvo a Igreja Católica – sua principal rival do ponto de vista religioso – sobre vida moral, quando ao mesmo tempo criticava a moral católica também o fazia sobre a moral da sociedade brasileira em relação a seus supostos vícios, como alcoolismo e tabagismo. Construiu representações sobre a vida política, exaltando, por sua vez o liberalismo norte-americano, além do progresso, modernidade e sucesso econômico dessa país.

Sobre tudo, *O Jornal Baptista* construiu representações sobre a própria comunidade batista, salientando a positividade e grandeza de seus princípios, como liberdade religiosa, liberdade de consciência e democracia como sistema de governo da igreja. Esses princípios, no entanto, extrapolavam o ambiente religioso e, por vezes, se estendiam ao ambiente político, econômico e social do país.

Os batistas divulgavam o valor da democracia em suas próprias congregações, bem como nos textos de seu jornal. O significado dessa democracia nas igrejas, portanto, ia além das paredes dos templos, pois se referia a uma idealização do governo civil.

Deste modo, se confirma o pressuposto que sustento como hipótese no presente trabalho, de que o eixo que sustenta a visão de mundo do grupo religioso é o princípio de individualismo o qual cria laços com o liberalismo republicano dos primeiros anos do século XX. Não se pode descartar, também, o apontamento de que o periódico batista teve seu lugar de atuação no processo de imaginação de um estado-nação brasileiro, nos moldes esperados de uma república. O princípio de individualismo que percorria as páginas do referido jornal buscava não somente construir representações que identificavam os batistas – como promotores dos interesses do indivíduo e de um governo liberal –, mas também apontavam para um tipo de sociedade e de governo ideais.

Assim, admitimos aqui existirem práticas educativas que corroboraram com o desenvolvimento, crescimento e estabelecimento do protestantismo batista no Brasil. Cabe reconhecer, no entanto, que é limitador o fato de não sabermos quais os efeitos dessa ação pedagógica de um periódico como *O Jornal Baptista* no início do século XX.

Não se poderia tomar *O Jornal Baptista* como "inculcador soberano" de valores dos mais forte sobre os mais fracos (CAMPOS, 2009, p. 24). Há de se considerar a subversão dos leitores, aqueles que são grandes produtores de sentido, mas, também, nesse caso, o fato de os leitores serem parte do grupo social que publicava o jornal.

Essa abordagem, contudo, está para além dos limites dessa dissertação, que é produto final de uma pesquisa que quer tentar evidenciar um periódico como ferramenta pedagógica de um grupo religioso. Todavia, essa pode ser a abertura para o desenvolvimento de novas pesquisas.

REFERÊCIAS

ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson. *Cultura Letrada no Brasil: objetos e práticas.* Campinas (SP), Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 2005.

ABREU, Martha Campos. "*Império do Divino":* Festas religiosas e Cultura Popular no Rio de Janeiro 1830-1900. Tese (Doutorado) – São Paulo, Universidade Estadual de Campinas, 1996.

ADAMOVICZ, Anna Lúcia Collyer. *Imprensa Protestante na Primeira República:* Evangelismo, informação e produção cultural. O Jornal Baptista (1901-1922). Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras, História e Ciências. Universidade de São Paulo, 2008.

AMARAL, Othon Ávila; BARBOSA, Celso Aloísio Santos. *O Livro de Ouro da CBB:* epopéia de fé, lutas e vitórias. Rio de Janeiro; JUERP, 2007.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo.* São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANAIS DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. Rio de Janeiro, JUERP, 1901-1910.

ANJOS, Maria de Lurdes Porfirio Ramos Trindade dos; CARVALHO, Carlos Henrique de. Católicos e Protestantes no nordeste brasileiro do século XIX: a Educação em questão. *SAECULUM - Revista de História*. João Pessoa, n. 22, jan./jun. 2010.

ARAÚJO, José Carlos Sousa. A Imprensa, co-participe da Educação do Homem. *Cadernos de História da Educação*, v. 1, n. 1, p.25-28, jan./dez. 2002.

AZEVEDO, Israel. Belo. *A Celebração do indivíduo: a formação do pensamento Batista Brasileiro.* 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2004.

_____. *A Palavra Marcada: um estudo sobre a teologia política dos batistas brasileiros, de 1901 a 1964, segundo O Jornal Batista.* Dissertação (Mestrado) – Rio de Janeiro, Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, 1983.

_____. *As cruzadas inacabadas:* introdução à história da Igreja na América Latina. Rio de Janeiro: Gômeos, 1980.

AZEVEDO, Thales de. *O Catolicismo no Brasil: Um Campo para a pesquisa social.* Salvador: EDUFBA, 2002.

BARBOSA, Luciane Muniz Ribeiro. *Estado e Educação em Martinho Lutero: reflexões sobre a origem do direito à educação.* Disponível em:<http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT05-4118--Res.pdf>. Acesso em 23/05/2012.

BARBOSA, Rui. Secularização dos Cemitérios. In: _____. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1950, v. 7, t.1.

BARRETO, Archimínia. *Mitologia dupla: ou religião católica e sua marca.* Rio de Janeiro, JUERP, 1969.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém.* ed. ver. amp. São Paulo: Paulus, 2002.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o Ofício do historiador.* Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas.* São Paulo: Perspectiva, 1984.

BRASIL. Constituição Política do Império do Brazil, 1824.

BRATCHER, Lewis Malen. *Francisco Fulgêncio Soren: intérprete de Cristo em muitas terras.* Rio de Janeiro: JUERP, 1985.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989):* a Revolução Francesa da historiografia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

CRABTREE, A. R. *História dos Baptistas do Brasil: até o anno de 1906.* Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista do Rio de Janeiro, 1962.

CAMPOS, Raquel Discini de. *Mulheres e crianças na imprensa paulista (1920-1940): Educação e História.* São Paulo: Editora UNESP, 2009.

_____. No Rastro de velhos de Jornais: considerações sobre a imprensa não pedagógica como fonte para a escrita da História da Educação. *Revista Brasileira de História da Educação,* Campinas, v. 12, n. 1, p. 45-70. Jan./abr., 2012.

CARVALHO, Carlos Henrique de. Os discursos Educacionais presentes na Imprensa Urbelandense (1920-1950). *Cadernos de História da Educação*, v. 1, n. 1, p. 19-24, jan./dez. 2009.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das Almas: o imaginário da República no Brasil.* São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

CESAR, Euben M. Lenz. *História da evangelização do Brasil: dos jesuítas aos neopentecostais.* Viçosa: Ultimato, 2000.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. As práticas de Escrita, In: _____. *História da vida privada: da Renascença ao Século das Luzes.* São Paulo: Companhia das Letras, 2009. v. 3.

_____. Defesa e ilustração da noção de representação. *Educação e Fronteiras,* Dourados, MS, v. 13, n. 24, p. 15-29, jul./dez. 2011.

_____. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime.* São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

_____. O Mundo como representação. *Estudos Avançados,* n. 11, vl. 5. 1991.

_____. (Org.). *Práticas de Leitura.* São Paulo: Estação Liberdade, 2011

CHIARELI, Clarice Pavan. A Imprensa como fonte histórica para o estudo da escola na República. *Educação e Fronteiras*, Dourados, MS, v. I, n. 2, p. 118-136, jul./dez. 2007.

CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. *Constituição, atas e pareceres da Convenção Batista Brasileira*. Rio de Janeiro, Typographia da Casa Publicadora Brasileira, 1907 - . Anual.

COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República.* São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

COSTA, Marcos Roberto N.; DE BONI, Luis A. *A ética medieval face aos desafios contemporâneos da Modernidade.* Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

CRESPIN, Jean. A tragédia da Guanabara ou História dos protomartyres do christianismo no Brasil, Rio de Janeiro: Typo-Lith Pimenta de Mello & C., 1917

DARTON, Robert; ROCHE, Daniel. *A Revolução Impressa: A imprensa na França, 1775-1800.* São Paulo: EdUSP, 1996.

DAVIES, Natalie. *Culturas do Povo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: uma história dos costumes.* Rio de Janeiro: Zahar, 2011. v. I.

FEITOSA, Pedro Barbosa de Souza. *A "Imprensa Evangélica" como estratégia para a inserção do protestantismo no Brasil Imperial.* Disponível em: <www.encontro2010.rj.anpuh.or/resources/anais/8/1276743612_ARQUIVO_AImprensaEvangelica-ANPUH.pdf>. Acesso em 11/9/2014.

FERRARO, Alceu R. *Analfabetismo e níveis de letramento no Brasil*: o que dizem os sensos? Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13930.pdf>. Acesso em 04/11/2015.

FERREIRA, Ebenézer Soares. *História dos Batistas Fluminenses: 1891-1991.* Rio de Janeiro, JUERP, 2001.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do Discurso: aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970.* São Paulo: Loyola, 2010.

GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, Hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional, 1900 - .

GOULEMONT, J. M. *Da leitura como produção de sentido.* In: CHARTIER, Roger. (Org.) *Práticas de Leitura.* São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

HILSDORF, Maria Lúcia S. Educadoras metodistas do século XIX: uma abordagem do ponto de vista da História da Educação. *Revista de Educação do Cogeime*, ano 11, n. 20, jun. 2002. Disponível em <http://www.cogeime.org.br/revista/cap1020.pdf >. Acesso em: 04/05/2015.

HILL, Christopher. *A Bíblia Inglesa e as revoluções do século XVII.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil.* Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1975.

IBGE. *Relatório.* Rio de Janeiro, 1908. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv16677.pdf>. Acesso em 12/01/2015.

JAEGER, Werner. *Paidéia: a formação do homem grego.* São Paulo: Martins Fontes, 1994.

JARDILINO, José Rubens L. *Lutero e a Educação.* Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

JENKINS, K. *A História repensada*. São Paulo: Contexto, 2001.

JINZENJI, Mônica Yumi. *Cultura impressa e educação da mulher no século XIX.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

JORNAL DO RECIFE. Rio de Janeiro, Hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional.

KARNAL, Leandro. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI.* 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

LANGSTON, A. B. *O Princípio de Individualismo em suas expressões doutrinárias: ou Um exame dos alicerces das crenças baptistas.* Rio de Janeiro: Casa Publicadora Baptista, 1933.

LATOURETTE, Scott L. *Historia del Cristianismo.* Buenos Aires: Casa Bautista de Publicaciones, 1977.

LEITE, Márcia Maria da Silva Barreiros. EDUCAÇÃO FEMININA NA BAHIA: HISTÓRIA E MEMÓRIA (SÉCULOS XIX E XX). *Anais do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação.* Disponível em: <http://www2.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/428MarciaMariaLeite.pdf>. Acesso em 22/09/2015.

LEONARD, Émile G. *O Protestantismo brasileiro.* São Paulo: Aste, 1963.

LESSA, Mônica Leite; FONSECA, Silvia Carla P. B. *Entre a Monarquia e a República: imprensa, pensamento político e historiografia (1822-1889).* Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

LINDBERG, Carter. *As Reformas na Europa.* São Leopoldo: Sinodal, 2001.

LUCA DE, T. História dos, nos e por meio dos periódicos: trajetórias e perspectivas analíticas. In: PINSKY, C. (Org). *Fontes históricas.* São Paulo: Contexto, 2006. p. 111-153.

LUSTOSA, Isabel. *O Macaco Brasileiro:* um jornal popular na Independência. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/58/05-isabel.pdf>. Acesso em: 03/04/2015.

LUTERO, Martinho. *Nascido Escravo,* São Paulo: Editora Fiel, 2001.

_____. Carta aos prefeitos e conselheiros de todas as cidades da Alemanha em prol das escolas cristãs. In: HEIMANN, Leopoldo (Org.) *Lutero o Educador: fórum UBRA de teologia.* São Leopoldo: Ed. da ULBRA, 2009.

MACHADO, José Nemésio. *A contribuição batista para a educação brasileira.* Rio de Janeiro: JUERP, 1994.

MANIFESTO DOS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO NOVA (1932). Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/22e/doc1_22e.pdf>. Acesso em 21/12/2015.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA DE, T. *Imprensa e Cidade.* Ed. UNESP, 2006.

MARTINS, Gabriela Pereira. Ultramontanos, positivistas e liberais: reflexões a partir da separação Igreja-Estado. *SACRILEGENS*, Juiz de Fora, v. 5, n. 1, p. 53-73, 2008. Disponível em: <www.ufjf.br/sacrilegens/files/2009/06/5-4.pdf>. Acesso em 05/09/2015.

MATTOS, Hebe. Vida política. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). *A abertura para o mundo: 1889-1930.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. v. 3.

MÁXIMO, Círian G.; COSTA, Márcia F.; NETO, Wenceslau G. Educação, imprensa e disciplina: As escolas profissionais em Uberlândia, MG (1936-1950). *Cadernos de História da Educação*, v. 1, n. 1, janeiro/dezembro, 2002.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa; FILHO, Prócoro Velasquez. *Introdução ao Protestantismo no Brasil.* São Paulo; Edições Loyola, 1990.

_____. *O Celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil.* São Paulo: Aste, 1995.

_____. Protestantismo no Brasil: um caso de religião e cultura. *Revista USP*, São Paulo, n. 74, p. 160-173, jun./ago. 2007. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/74/12-antoniogouvea.pdf>. Acesso em: 14/05/2015.

MORANDI, Franc. *Filosofia da Educação.* São Paulo: EDUSC, 2002.

MOREL, Marco; BARROS, Mariana Monteiro. *Palavra, Imagem e Poder:* o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MESQUIDA, Peri. *Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil* (um estudo de caso). Juiz de Fora: Edufjf; São Bernardo do Campo: Editeo, 1994.

MESQUITA, Antônio Neves de. *História dos Batistas do Brasil: de 1907 até 1935.* Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1940.

MULLINS, E. Y. *Os Axiomas da Religião: uma nova interpretação da fé baptista.* Rio de Janeiro: Casa Publicadora Baptista, 1925.

NASCIMENTO, Ester F. V. C. *A palavra impressa como estratégia de difusão do protestantismo no Brasil nas décadas 50 e 60 do século XIX.* Atas do II Congresso Brasileiro de História da Educação 2002. Disponível em: <www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema7/0776.pdf>. Acesso em: 15/04/201

_____. *Educar, Curar e Salvar: uma ilha de civilização no Brasil tropical.* Tese (Doutorado) – São Paulo, PUC, 2005.

_____. *Educar, Curar e Salvar: uma ilha de civilização no Brasil tropical.* Maceió: EDUFAL, 2007.

NASCIMENTO, Luis do. *História da Imprensa de Pernambuco (1821-1954)*: Diários do Recife. Pernambuco, Imprensa Universitária, 1966

O APÓSTOLO, Rio de Janeiro, Hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional , 1900 -.

O INFANTIL, Rio de Janeiro, Hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional, 1915 -.

O JORNAL BAPTISTA. Rio de Janeiro, Casa Publicadora Batista, 1901 - . Semanal.

OLIVEIRA, Betty Antunes. *Centelha em Restolho Seco:* uma contribuição para os primórdios da história do trabalho batista no Brasil. Rio de Janeiro: Editora do autor, 1985.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda. *Cinco estudos em História e Historiografia da Educação.* Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

PALLARES-BURKE, Maria Lucia Garcia. *A imprensa periódica como uma empresa educativa no século XIX. Caderno de Pesquisa*, n. 104, p. 144-161, 1998. Disponível em:

<http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S010015741998000200009&script=sci_abstract>. Acesso em: 15/11/2014.

PASCHE, Aline de Marais Limeira. *Entre o trono e o altar*: sujeito, saberes e instituições escolares na capital do Império brasileiro (1860 a1880). Tese (Doutorado) –UERJ, Rio de Janeiro,2014.

PENNA, Maria Luiza. *Fernando de Azevedo.* Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massngana, 2010.

PEREIRA, Jonathan D. *Proselitismo e Educação:* O Jornal Baptista como instrumento pedagógico no início do século XX. 2013. Monografia em Pedagogia. UERJ, 2013.

PEREIRA, José dos Reis. *Breve História dos Batistas.* Rio de Janeiro: JUERP, 1994.

_____. *História do Batistas no Brasil (1882-1982).* Rio de Janeiro, Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1985.

PINHEIRO, Martins. *Das cavernas à sala de aula: estudo sobre história, cultura e educação.* Rio de Janeiro: Estudantil, 2006.

POPIKIN, Jeremy D. *Jornais: A nova face das notícias.* In: DARTON, Robert; ROCHE, Daniel. *A Revolução Impressa: A imprensa na França, 1775-1800.* São Paulo: EdUSP, 1996.

RAMALHO, Jether Pereira. *Prática Educativa e Sociedade: um estudo de sociologia da Educação.* Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

REILY, Duncan Alexander. *História documental do protestantismo no Brasil.* São Paulo: Aste, 2003.

_____. *História documental do Protestantismo no Brasil.* São Paulo: Aste, 1984.

REIS FILHO, Daniel Aarão. *As revoluções russas e o socialismo soviético.* São Paulo: Editora UNESP, 2003.

RIO, João. *As religiões do Rio.* 1905. Disponível em: <https://play.google.com/store/books/details/Jo%C3%A3o_do_Rio_As_Religi%C3%B5es_no_Rio?id=IclcAAAAQBAJ>. Acesso em: 12/08/2015.

ROUSSO, Henry. O Arquivo ou o indício de uma falta. *Revista Estudos Histórico*s, Rio de Janeiro, n.17, 1996.

SANTANA, Jair Gomes de. *Embates da fé:* católicos e protestantes no Recife (1860-1880). 2007. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Pernambuco, 2007.

SANTOS, Lyndo de Araújo. O protestantismo no advento da república no brasil: discursos, estratégias e conflitos. *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, ano III, n. 8, set., 2010.

SANTOS, Regma Maria. Práticas Culturais: as tipografias, os jornais e as livrarias de Uberlândia (1897-1950). Uberlândia, *História & Perspectivas,* jan./jun. 2009.

SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). *A abertura para o mundo: 1889-1930.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. v. 3.

SHEPARD, J. W. Visão do futuro. in *O Jornal Baptista*, Rio de Janeiro: 07/07/1921.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil.* Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA, Jessé. *Ética protestante e a ideologia do atraso brasileiro.* Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v13n38/38jesst.pdf>. Acesso em 12/10/2015.

SILVA, Elizete da. Cidadãos de outra pátria: Anglicanos e Batistas na Bahia. Tese (Doutorado) – São Paulo, USP, 1998.

_____. *William Buck Bagby; um pioneiro Batista nas terras do Cruzeiro do Sul.* Rio de Janeiro: Novos diálogos, 2011.

_____. Protestantismo e Cultura Brasileira: tensões e acomodações. Disponível em: <http://www.snh2004.anpuh.org/resources/anais/14/1307643592_ARQUIVO_SIMPOSIO__NACIONAL__ANPUH_2.pdf>. Acesso em: 17/07/2015.

SILVA, Marcos José Diniz. Do espiritococus à fábrica de loucos: o Espiritismo sob a retórica da aniquilação na imprensa católica cearense. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais - RBHCS* v. 7 n. 13, jul. 2015.

SMITH, Mark. *O memorial de Deus.* São Paulo: Paulus, 2006.

TAMMONE, Natália. Relações econômicas entre Brasil e Estados Unidos na primeira metade do século XIX. *SAECULUM Revista de História.* João Pessoa, n.29, jul./dez. 2013.

TAYLOR, Willian Carey. *Os mandamentos de Jesus.* Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1942.

TEIXEIRA, Anísio. *Aspectos americanos de educação; anotações de viagem aos Estados Unidos em 1927.* Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

TEIXEIRA, Marli Geralda. Valores morais e liberalismo no protestantismo batista da Bahia no século XIX. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/1219/1174>. Acesso em: 09/02/2015.

TERUYA, Teresa Kazuko. A ética puritana, a educação, a ciência e a tecnologia na Inglaterra do século XVII. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHuman SocSci/article/view/1567/920>. Acesso em 14/08/2015.

TILLICH, Paul. *Hsitória do pensamento cristão.* São Paulo: Aste, 1988.

VASCONCELOS, Micheline Reinaux. Imprensa protestante e imigração: a distribuição de textos religiosos aos imigrantes no Brasil (1850-1930). *Histórica-Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo.* São Paulo, n. 50, 2014.

VIDAL, Diana Gonçalves. 80 anos do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova: questões para debate. Diponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v39n3/aop1177.pdf>. Acesso em: 12/01/2016.

VEDDER, Henry C. *Breve História dos Baptistas.* Recife: Faculdade Theologica Baptista do Recife, 1934.

VELASQUES, Prócoro. *Celebrando a Vida.* São Paulo: Record, 1983.

VIEIRA, Daivd Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil.* UnB, 1980.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo.* Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Pioneira, 1981.

WOITOWICZ, Karina Janz. Marcos históricos da inserção das mulheres na imprensa: a conquista da escrita feminina. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/jornal-alcar-no-4-outubro-de2012/ Marcos% 20historicos%20da%20insercao%20das%20mulheres% 20na%20imprensa.pdf>. Acesso em 16/10/2015.